

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LUCIVANDO RIBEIRO MARTINS

**ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRAQUES: a produção de doces sobre as
experiências de educadoras Trans do projeto TRANS FORMAÇÃO**

DETERMINADA
VALENTE
CORAJOSA
FELIZ
INTELGENTE
LINDA
HUMANITÁRIA
DIVERSA
ACOLHEDORA
OUSADA
TRABALHADORA
CAPACITADA
SOLIDARIA

TERESINA – PIAUÍ
2016

LUCIVANDO RIBEIRO MARTINS

**ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRAQUES: a produção de confetos sobre as
experiências de educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas

TERESINA – PIAUÍ
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processamento Técnico

M386e Martins, Lucivando Ribeiro

Entre ocós, truques e ataques [manuscrito]: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO / Lucivando Ribeiro Martins. – 2016.

218 f. : il.

Cópia de computador (printout).

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, 2016.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Shara Jane Holanda Costa Adad.

1. Gênero e Sexualidade. 2. Transexualidade.
3. Sociopoética. I. Título.

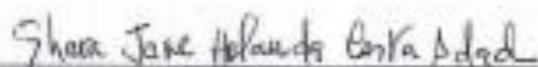
CDD: 392.6

LUCIVANDO RIBEIRO MARTINS

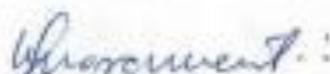
ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRACQUES: a produção de confetos sobre as
experiências de educadoras sociais Trans do projeto TRANS FORMAÇÃO

Teresina, 29 / 02 / 2016

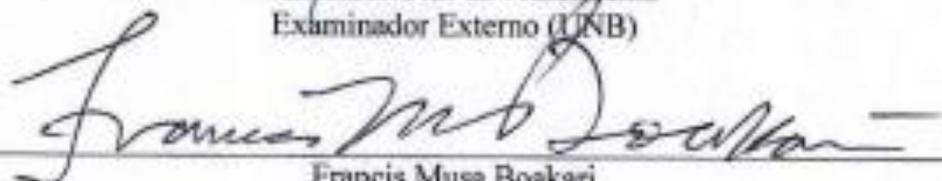
Aprovada em 29 / 02 / 2016



Prof.ª Drª Shara Jane Holanda Costa Adad
Orientadora (UFPI)



Wanderson Flor do Nascimento
Examinador Externo (UNB)



Francis Musa Boakari
Examinador Interno (UFPI)

DEDICATÓRIA

Dedico essa vitória à minha amada mãe Antônia Martins que sempre me apoiou nas minhas escolhas. Ao meu amor Pedro Victor pelo cuidado, pelo amor e pelas contribuições diretas na construção desta pesquisa.

Às copesquisadoras e co-autoras deste trabalho, Maria Laura, Joseane, Guta, Zanelly e Dérika, pelas contribuições que permitiram a consolidação dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Disse o poeta Fernando Pessoa: “[...] aos que nada espera. Tudo que vem é grato”. Desta forma, os agradecimentos aqui expostos serão manifestos acerca dos acontecimentos que surgiram no fluxo e que intensamente se materializaram por meio do afeto, cuidado, amor e energia a mim disponibilizados. E todos estes acontecimentos foram capazes de mobilizar a construção e realização deste desejo. A isso sou muito grato.

Agradeço primeiramente aos/às Deuses e Deusas imanes-transcendentes que foram o gancho de minha espiritualidade e também minha bússola nas encruzilhadas do labirinto que foi a experiência acadêmica. Desse modo, exerço minha gratidão pelos ensinamentos vividos com essa espiritualidade e pela forma como ela potencializou minha vida de modo a crer nos percalços como pistas para aprendizagens e por acreditar que o gozo da vida está no amor.

Demonstro minha extrema gratidão à minha guerreira de pés descalços, à minha educadora da vida, ao meu exemplo de resistência e potencialidade, minha **Mãe Antônia Martins**. Não sei tudo isso aconteceria dessa forma sem os seus apoios, sem suas rezas, seus mimos, seu amor e cuidado. Um beijo minha linda mãe e obrigado por me ensinar sempre diante da melodia dos pássaros, da água do poço, debaixo do seu pé de faveira, em meio aos grãos de areia de seu terreiro e em sua linda casinha que me deixa tão à vontade.

Sou grato ao **Amor**, esse sentimento que é performatizado pelo companheirismo, pela parceria, pela presença, pelo cuidado e sorriso que energiza minha vida. **Pedro Victor**, meu amor que ousou gritar o nome, que me ensina que ao amar não devemos calar nunca, obrigado por existir e por me apoiar sempre nesta luta. Obrigado por não desistir e por me ensinar a ser resiliente diante dos obstáculos! Te amo meu nego. Com você sou todo amor!

Ao meu Pai (*In memorian*), meu Irmão Luzivaldo (*In memorian*), meu Tio Raimundo Filho (*In memorian*) e à minha vó (*In memorian*), meus guias e minhas proteções que mesmo em outros planos, em outros universos olham por mim e me permitem ser capaz sempre.

Às minhas irmãs Marivalda, Marivanda, Marinalva e Marinalda e ao meu irmão Lucivaldo, que, mesmo diante das divergências e contratempos, são alicerces e cuidado. Amo vocês!

Aos meus sobrinhos e sobrinhas Ellen, Marília, Suelen, Silvestre, Sirlany, Silvania, Beatriz, Maria Vitória, João Victor, Sara, Luzivaldo, Gabriel, Maria Grabrielen, Pedro e Liz Eduarda que tornam alegres, aos risos, brigas(risos) e músicas nossos raros encontros em família.

À minha família: àqueles mais próximos e aos mais distantes.

Às amigas-irmãs e companheiras de diversão Poliana, Naiara, Nádia, Rutiele, Lana Christina, que tornam melhor desbravar e viver na selva de concreto que é nossa Teresina. Amo Vocês!

Ao meu aconchego de existência, sem o qual eu, também, não teria me tornado resiliente, sábio, e feliz: Suzy, Savanya Shell, Fabiane, Layane, Laurinha, Pedro Victor e Lorena, obrigado por existirem em minha vida meus amores! Sem vocês eu seria apenas mais um, com vocês sou estrela que brilha!

À minha (des)orientadora, vetor inexplicável em minha vida, minha amiga, meu afeto, minha passarinha, minha rainha dos raios, obrigado por me ensinar a inventar, a criar e a resistir. Sou extremamente grato por me fazer ver o caos de outro modo e nele me (re) inventar. Obrigado por me mapear em suas errâncias e por fazer com que eu acreditasse em minhas potencialidades. Muito obrigado! Amo você!

Aos queridos professores que compuseram a banca de defesa dessa dissertação: Prof^o Wanderson Flor, Prof^o Francis Musa, Prof^o Francisco Junior e Prof^a Ana Valéria, minha imensa gratidão diante do tempo que vocês disponibilizaram para estar junto de mim na construção dessa pesquisa desde a qualificação. Obrigado!

Aos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGEI, pelos bons encontros e pelas lindas aprendizagens, meus agradecimentos. Agradeço em especial à pessoa da professora Maria do Carmo Bonfim que tornou possível as intervenções e discussões acerca das questões minoritárias no contexto da Pedagogia no Centro de Ciências da Educação da UFPI. Obrigado professora!

À querida amiga Edmara, que várias vezes destinou um pouco do seu tempo para me ouvir. Obrigado amiga, por ser sempre essa pessoa solícita e que me fortalece sempre. Muito Obrigado!

À minha amiga Krícia, muito obrigado por ser essa energia jovem em minha vida. Você tem a vitalidade dos jovens de sua pesquisa. Obrigado minha amiga! Que você nunca perca essa força que te movimenta sempre.

Às minhas amigas Adriana, Dona Auri, Betinha, Kika Batista, Socorro, Carol, Leticia e Leudênia minha eterna gratidão por todo o amor que aprendi ao lado de vocês. Obrigado sempre!

Às meninas invenções, Thaysa, Thais, Mayara e Francisca, obrigado por estarem comigo, implicadas, envolvidas e encarnadas nos caminhos de minha pesquisa. Adoro vocês meninas lindas.

Às minhas estimadas copesquisadoras Maria Laura, Joseane Borges, Derika Souca, Guta e Zanelly, obrigado por terem me permitido transitar por suas experiências. Sem vocês esse trabalho não existiria.

À minha amiga andarilha, historiadora e educadora, Socorro Borges! Obrigado por me ensinar com seus tons, com seus gestos, com sua força vital. Amo você minha amiga!

À 23ª turma do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, meus agradecimentos por vocês existirem enquanto lugar de apoio, de cuidado, de esperança, de ensinamentos. Obrigado a vocês, minhas amigas e amigos, que me fizeram crer que a singularidade de nossa turma é a segurança que estabelecemos de confiar um no outro. Somos a água que nunca seca e a árvore que nunca morre, de onde sempre poderemos beber e comer. Que nossa unidade se permaneça sempre! Amo vocês!

Ao Lar doce Lar, meu cantinho, meu lugar de insanidades e intensidades, de amor junto às pessoas que neles estão. Suzy, Monikelly, Pedro Victor, Obama Luis e Felicia Maria, amo vocês! Obrigado por todos os dias junto de vocês!

À Belita e Ana, pelos dias salvos do calor pelos seus geladíssimos e saborosos sucos, bem como por sua amizade e cuidado durante esta jornada acadêmica.

Às minhas amigas desde a graduação Maria Claudia, Anna Vanessa, Andrea, Renata e Jasmine, meus agradecimentos, pois sei que minha felicidade é a de vocês, assim como a de vocês é a minha. Obrigado pelo lindo amor que construímos juntos!

À Cilene, Sergio, Chico, Sheila Valdeci, menin@s das cópias que por meio de seu labor fizeram possível meus estudos e a construção dos meus saberes.

À tia Rosa pelos seus chás, cafés e histórias de vida que muito me fizeram aprender nesta vida acadêmica.

Ao meu amigo-professor-trans errante e meu exemplo de existência Romário, minha bicha linda, obrigado por me ensinar sempre e por circuitar meu mundo.

À Minha amiga, irmã e protetora Valdênia Sampaio, obrigado por meu entrelugar nesta vida louca. Obrigado também, por ser linda, por ser essa pessoa que derrama lágrimas no mundo deixando seu solo fértil de amor. Amo você, sempre!

À minha amiga Agda Brandão por ser exemplo de amor, cuidado e afeto.

À Serra da Ibiapaba, em especial, Viçosa do Ceará, com seu frio, seu alento, e às pessoas que lá aprendi a amar, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ao mar de Luis Correia e a minha querida cidade de Parnaíba, que me acolheram e me permitiram, por meio de sua brisa, surfar nas inspirações finais deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**), que me confiou a importante tarefa de pesquisar com o desejo de contribuir para a realidade social da educação brasileira. Obrigado pelos recursos disponibilizados que foram primordiais para a consolidação deste trabalho.

À Universidade Federal do Piauí, em especial ao Programa de pós-graduação em educação, obrigado por me acolherem dando-me oportunidade de experienciar novamente o papel de pesquisador nesta casa onde me graduei em Pedagogia. Obrigado querido PPGED!

*Quando eu nasci
um anjo louco muito louco
veio ler a minha mão
não era um anjo barroco
era um anjo muito louco, torto
com asas de avião
eis que esse anjo me disse
apertando a minha mão
com um sorriso entre dentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes.*

(Let's Play That- Torquato Neto)

RESUMO

Tomando como disparador a relação entre educação e as existências Trans, esta pesquisa direciona-se a analisar o pensamento das educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO por meio dos confetos produzidos sobre suas experiências educativas. Neste sentido, este trabalho deu vazão às seguintes questões que o nortearam: Quais conceitos e problemas mobilizam as educadoras Trans sobre suas experiências educativas neste projeto? Que outras formas de pensar os processos sexopolíticos Trans esta educação promove? Que disparadores educativos são criados pelas educadoras neste projeto? Quais os saberes elaboram sobre suas experiências enquanto educadoras Trans? No processo, estas questões dialogaram com os seguintes autores/as: Foucault (2013; 2010; 1988), Leite Jr. (2008), Bento(2012), Le Goff (2006), Miskolci (2012) Delemeau (2009), Kant(1985), Preciado (2011) e outros. Fizemos uso do método de pesquisa da sociopoética permeado pelas leituras de Gauthier (2012;2003;1998), Adad (2014) e Petit (2014) dentre outros. Este método norteia-se por cinco princípios, quais sejam: pesquisar entre as pessoas de um grupo; pesquisar com as culturas de resistência, das categorias e dos conceitos que produzem; pesquisar com o corpo todo; pesquisar utilizando técnicas artísticas; a importância da responsabilidade ética, noética e espiritual do grupo-pesquisador no momento do processo de pesquisa. A produção coletiva das experiências deram vazão a confetos acerca do tema-gerador: O educar na relação com o gênero. As experiências estéticas deram-se por meio de duas técnicas artísticas: Estandarte do educar na relação com o gênero e o Corpo do Educar na Relação com o gênero. Após as análises e de posse dos confetos cartografou-se a filosofia do grupo-pesquisador que deu origem linha de pensamento: **A Pedagogia Trans: Tipos de educadora, Problemas e Táticas-dispositivos**. Esta linha de pensamento se expressa por meio dos seguintes confetos, **Educadora corpo trans saia de chita, Educadora trans calçada de sorte, Corpo Educação Travesti, Educar saia de chita para a diversidade na relação de gênero, Educar travesti na relação com o gênero, Educar Dérika calçado de sorte na relação com o gênero**. Os confetos em questão mostram que as diferenças, as multiplicidades agenciadas pelas educadoras Trans em suas experiências educativas problematizam as concepções instituídas de gênero para que se pense em outras formas de existir na educação. E também operam modos de educar que estão ligados às práticas cotidianas das Educadoras Trans frente à heteronormatividade. Portanto, as educadoras Trans e seus saberes e experiências educativas atuam como disparadores/agenciadores que mobilizam pensar outros modos de educar na contemporaneidade ao inserir um aprendizado para/com/pelas diferenças.

Palavras-Chave: Aprendizado para/com/pelas diferenças. Pedagogia Trans. Educadoras. Transexuais e Travestis. Sociopoética.

ABSTRACT

Taking as trigger the relationship between education and the Trans existences, this research is directed to analyze the thoughts of Trans educators in the TRANS FORMA AÇÃO project through concept-affection produced on their educational experiences. Thus, this work raised the following questions that guided it: what concepts and problems mobilize Trans educators about their educational experiences in this project? What are the other ways of thinking about the Trans sex-political processes promotes this education? What educational triggers are created by the educators in this project? Which knowledge they elaborate on their experiences as Trans educators? In the process, these questions dialogue with the following authors: Foucault (2013; 2010; 1988), Leite Jr. (2008), Bento(2012), Le Goff (2006), Miskolci (2012) Delemeau (2009), Kant(1985), Preciado(2011), among others. We did use the Sociopoética research method permeated by readings of Gauthier (2012; 2003; 1998), Adad (2014) and Petit (2014). This method is guided by five principles, namely: research among people of a group; search with the cultures of resistance, the categories and concepts they produce; search with the whole body; search using artistic techniques; importance of ethical, noetic and spiritual responsibility of the researcher-group at the moment of researching process. The collective experiences production gave vent to concepts on the subject-generator: The education in relation to gender. The aesthetic experiences occurred through two artistic techniques: Standard of education in relation to gender and the Body of Education in relation to gender. After analysis and possession of concept-affection, we mapped the philosophy of the researcher-group who gave rise to the line of thought: **The Trans Pedagogy: Types of educator, Problems and Tactics-devices**. This line of thought is expressed by the following concepts, **Trans Educator calico skirt body, Trans Educator dressed of lucky, Transvestite Education Body, Educate calico skirt for diversity in gender relations, educate transvestite in relation to gender, education Dérika dressed of lucky in relation to gender**. The concept-affection in question show that the differences, multiplicities agencied by the Trans educators in their educational experiences problematize the established concepts of gender so that we think other ways to exist in education. Also operate modes of education that are linked to the daily practices of Trans Educators front of heteronormativity. Therefore, Trans educators and their knowledge and educational experiences act as triggers/ mediators that mobilize to think other ways of educate in contemporaneity when introducing a learning experience for/with/by differences.

Keywords: learning experience for/with/by differences. Trans Pedagogy. Educators. Transsexual and Transvestites. Genre. Sociopoética.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Movimento #somostodosveronica	34
Figura 2- Viviany Beleboni – Trans crucificada na Parada diversidade em São Paulo	36
Figura 3 - Produção Plástica - Corpo Inesperado e fugaz	55
Figura 4- Produção plástica: Explosão	56
Figura 5- Prédio do Centro de Referência para a Promoção da Cidadania Homossexual Raimundo Pereira	59
Figura 6- Apresentação do Método Sociopoético	67
Figura 7- Exercício de alongamento do corpo I	67
Figura 8- Exercício de alongamento do corpo II	68
Figura 9- Produção plástica:apresentação de si.....	68
Figura 10- Produção plástica	70
Figura 11- Produção plástica	72
Figura 12- Produção plástica	73
Figura 13- Produção plástica	74
Figura 14- Produção plástica do corpo coletivo FLOR TRANSFORMADORA	76
Figura 15- Arthur Bispo do Rosário e o Estandarte	80
Figura 16- Atividade de consciência corporal	82
Figura 17- Atividade de consciência corporal	82
Figura 18- Momento do relaxamento	82
Figura 19- Experimentação da lona no corpo.....	84
Figura 20- Produção Plástica Individual	85
Figura 21- Circuitando	86
Figura 22- Identidade de Gênero	88
Figura 23- Cidadania	89
Figura 24- O tempo	91
Figura 25- Auto afirmação e diversidade	93
Figura 26- Produção do estandarte do educar na relação com o Gênero	94

Figura 27- Estandarte do educar na relação com o gênero	95
Figura 28- Dança com o estandarte do educar na relação com o gênero	97
Figura 29- Dança com o estandarte do educar na relação com o gênero	97
Figura 30- Brincadeira da montagem e desmontagem do corpo	123
Figura 31- Brincadeira da montagem e desmontagem do corpo	123
Figura 32- Brincadeira do vampiro	124
Figura 33- Brincadeira do vampiro	124
Figura 34- Momento do relaxamento	125
Figura 35- Produção Plástica do corpo do educar na relação com o gênero	126
Figura 36- Produção Plástica do corpo do educar na relação com o gênero	126
Figura 37- Produção Plástica do corpo do educar na relação com o gênero	126
Figura 38- Corpo Sabedoria	128
Figura 39- Corpo Momento Black	130
Figura 40- Corpo diversidade	132
Figura 41- Corpo educação	127
Figura 42- Produção Plástica do corpo do educar na relação com o gênero	134
Figura 43- Movimento dos corpos do Educar	136

SUMÁRIO

ATRAQUES DISPARADORES - VETORES INICIAIS DE UMA PESQUISA ENCARNADA	16
ATRAQUE II – A INVENÇÃO DAS EXISTÊNCIAS TRANS: MONSTRUOSIDADES SEXOPOLÍTICAS NA EDUCAÇÃO	23
2.1 Quem são os monstros da história? entre práticas e discursos	24
2.2 A captura da existência Trans: a patologização e suas ressonâncias na educação	30
2.3 Dispositivos sexopolíticos, despatologização e resistências: Pedagogia Trans e a desconstrução das identidades	39
ATRAQUE III – AS ENCRUZILHADAS DA SOCIOPOÉTICA: CONSTITUIÇÃO METODOLÓGICAS E DESEJANTES DE UMA EXPERIÊNCIA ENCARNADA DE MUITO PÉS..	49
3.1 Abre alas que as TRANS querem passar: GPTRANS e o Projeto TRANS FORMA AÇÃO	58
3.2 Com quantos corpos se faz uma pesquisa?: negociação do grupo-pesquisador, do personagem, das paisagens e do tema-gerador	61
ATRAQUE IV – ALINHAVAR DE SABERES NO ESTANDARTE DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO	78
4. 1 A dois metros do chão: delírios com Arthur bispo do rosário	79
4. 2 Tecendo o estandarte do Educar na Relação com o Gênero.....	80
4.3 Análise plástica, classificatórias e estudos transversais do estandarte do educar na relação com o gênero	97
4.3.1 Análise das produções plásticas dos retalhos do estandarte do educar na relação com o gênero	99
4.3.2 Resultados da contra-análise das análises das produções plásticas do estandarte do educar na relação com o gênero	100
4.4 O gaguejar da língua do facilitador: análise classificatória e estudos transversais entre as categorias classificadas.....	103
4.4.1 Análise classificatória	103
4.4.2 Contra-análise do texto transversal: Com quantas questões se inventa uma Pedagogia Trans? Flor Transformadora e o Bando Inventivo da Chapada do Corisco ”	107
4.4.3 Resultados da contra análise do texto transversal: Com quantas questões se inventa uma Pedagogia Trans? Flor Transformadora e o Bando Inventivo da Chapada do Corisco	112
ATRAQUE V – ENTRE MONTAGENS E DESMONTAGENS: CORPOS DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO	120
5.1 Corpos do educar na relação com o gênero.....	121

5.2. Análise plástica, classificatórias e estudos transversais do corpo do educar na relação com o gênero”	137
5.2.1 - Análise das produções plásticas dos corpos do educar na relação com o gênero	137
5.2.2. Resultados da contra-análise das análises das produções plásticas dos corpos do educar na relação com o gênero	138
5.3 O gaguejar na língua do facilitador II: análise classificatória e estudos transversais dos relatos orais	139
5.3.1 Análise classificatória	139
5.3.2 Contra-análise do texto transversal: Madame Charlot e o leque que respira: Performance-Manifesto dos Corpos na Escola.....	140
5.3.3 Resultados da contra análise do texto transversal: Madame Charlot e o leque que respira: Performance-Manifesto dos Corpos na Escola...142	
ATRAQUE VI – O FIO DA VACUIDADE: FLUXOS E INTENSIDADES DA PEDAGOGIA TRANS	149
6.1 Linha de Pensamento - A Pedagogia Trans: Tipos de educadora, Problemas e Táticas-dispositivos	150
6.1.1 Tipos de educadora	152
6.1.2 Os problemas da Pedagogia Trans.....	156
6.1.3 Táticas - dispositivos da Pedagogia Trans no educar na relação com o gênero	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS –	165
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICES	176

ATRAQUES DISPARADORES: VETORES INICIAIS DE UMA PESQUISA ENCARNADA

*Não sei por onde começar, nem sei o que
dizer. É uma vontade de não ir...uma
vontade de parar. Mas preciso
continuar...invento o que para continuar?
Eu nem sei mais o que fazer, nem o que
dizer, estou vazia...tudo entornou.
Shara Jane Costa Adad*

*A arte de pensar sem riscos. Não fossem os caminhos da emoção a
que leva o pensamento, pensar já teria sido catalogado como um dos
modos de se divertir. Não se convida amigos para o jogo por causa da
cerimônia que se tem em pensar, o melhor modo é convidar apenas
para uma visita, e como quem não quer nada, pensa-se junto, no
disfarçado das palavras.
Clarice Lispector*

Desde que entrei¹ no mestrado em educação, foram, praticamente, quase duas voltas ao sol que a terra deu para que eu pudesse chegar ao momento em que me encontro, escrevendo a introdução de minha dissertação. Na maioria das vezes, durante minha vida acadêmica, via as pessoas começarem as escritas de seus textos (artigos, tcc's, dissertações), a priori, pela introdução. Ainda não me habituei a escrever assim, de certo não sei o porquê. O que sei é que até hoje resisto e insisto em começar pelo caminho do meio, pela linha entre os extremos que se opõem.

Neste momento, sou um navegante à deriva na nau dos/as² insólitos/as e dissidentes jogados em alto mar. Lanço-me nos caminhos ao sentir os atravessamentos e o desterritório das vivências que me tornaram pesquisador. As implicações foram várias: o desejo de parar, de seguir, de gritar, de chorar, de rasgar o tempo, o verbo e a

¹ Este texto configura-se como uma escrita de primeira pessoa devido o ato de pesquisar ser um processo que surge das experiências, das implicações, das entranhas, das paixões, das forças libidinais e políticas que orientam o meu desejo de estudar o tema deste texto.

² A princípio meu intuito neste texto era desfazer o gênero, para além dos recortes binários do feminino/masculino, com o pressuposto de não valorizar um gênero em detrimento do outro. Mas em relação à escrita do texto torna-se complexo posto que desfazer o gênero na escrita propõe-se, ainda, como tarefa difícil. A exemplo, em expressões como seus professorxs, suas professorxs, embora a palavra professor ou professora tenham sido neutralizadas na relação com o gênero, elas ainda evidenciam o recorte de gênero devido ao pronome predominante na gramática. Neste sentido, no texto será realizado recorte de gênero(o/a), para valorizar as duas formas (masculino e feminino) quando me referir à situações de gênero de um modo geral. E quando me referir às copesquisadoras desta pesquisa, tratarei no feminino para evidenciar sua luta política por sua condição feminina.

linguagem que fizeram de mim quem sou: o pedagogo simulacro. O louco das horas como o coelho de Alice. Aquele que se olha no espelho e não consegue se enxergar enquanto cópia bem assemelhada de sua formação pedagógica.

De onde veio o desejo de transbordar na minha formação? Superficialmente não saberia responder de modo algum, porém, intensificado pelos vetores das produções de sentido, dos fluxos que agora me compõem na figura de um pesquisador, por uma espécie de atravessamento entre passado e presente, sei que meu desejo de transbordar está nos sufocamentos que vivi durante toda minha vida, visto que, exalava minha dissidência como uma cadela no cio, o que, inevitavelmente, chamava atenção daqueles/as que não concordavam com meu estilo de vida. Na escola, por exemplo, a minha simples presença que desafiava sua lógica normativa, gerava verbetes como “veado”, “boiolo”, “bicha” e aquilo me envergonhava naquele momento, pois na minha veia era injetada a certeza de que eu era culpado por minha condição. Pois, eles/as defendiam “[...] uma ideologia naturalista e religiosa, da qual conhecemos os princípios. Sua hegemonia heterossexual sempre repousou no direito de oprimir as minorias sexuais e de gênero. Já nos acostumamos a vê-los brandir seus machados patriarcais” (PRECIADO, 2013, p.1).

Diante dos acontecimentos, os recuos foram os mais variados possíveis, porém o mais emblemático de todos foi não demonstrar as feridas que me causavam a linguagem do outro que me julgava. Embora doesse, o que me restou foi anestesiador e aceitar calado toda a situação como uma forma de proteger-me. Infelizmente, vi-me jogando contra a hostilidade da heterossexualidade compulsória, desta pedagogia heteronormativa que condenava as sutilezas que minha existência homossexual externava. Capturado por esta pedagogia da masculinidade, a qual eu não me adequava, com o passar dos anos, envolvido pelo sentimento moralmente construído de culpa e erro acerca de minha sexualidade, falar dela, praticá-la enquanto modo de existência, constituía-se como tabu. Sentia-me um corpo sem eira, nem beira, nem lei. Sentia-me sem verbo, negado, reduzido ao meu silêncio, pois olhava por todos os lados e não me sentia acolhido enquanto diferença (FOUCAULT, 1988).

Dessa forma, existiam práticas discursivas, portanto, educativas que operavam e operam sobre mim com o intuito de me governar e me assear das supostas contaminações da homossexualidade que me constitui. Isso se manifestava e manifesta por meio do discurso heterossexista que habitam os espaços por onde eu circulava e círculo, seja na escola, no contexto familiar, na convivência com os amigos e etc..

Encontrar-me envolvido por estas experiências despertou em mim, enquanto acadêmico do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, o desejo em estudar a sexualidade, em particular na perspectiva da teoria *queer*. Foi entre 2011-2012, na Iniciação Científica Voluntária - ICV³, que comecei a estudar a temática do corpo *queer* com jovens da escola pública. O resultado desta pesquisa permitiu-me perceber que entre os corpos estranhos selecionados pelos/as jovens no *facebook* não haviam homossexuais, pois no fluxo de suas condições de existência os estranhos⁴ se restringiram a aspectos estéticos ligados a aparência do corpo que permitiam ora aversão ou identificação entre eles.

Esta experiência de pesquisa ampliou minha compreensão de que as existências dissidentes nas tramas do gênero e da sexualidade, na contemporaneidade, têm tomado uma importante dimensão cultural, social e política no que diz respeito a algumas discussões como: uniões entre pessoas do mesmo sexo, relações poligâmicas⁵, adoções de crianças por casais homoafetivos, de pessoas que passaram por redesignação sexual⁶, dentre outras.

A partir de Louro compreende-se que,

Desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos gays e de lésbicas e sustentando, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. Novas identidades sexuais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação social novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como políticas de identidades (2001, p. 09-10).

Assim sendo, a necessidade de intensificar estas discussões manifestam-se porque, ao longo da história ocidental, as relações afetivas, sexuais e gênero que se distanciavam do padrão monogâmico e cis-heterossexual foram concebidas como pecado, numa ótica moralista-cristã. E também como doença, na percepção dos saberes médicos e *psi's* (Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise). Na conjuntura atual, tanto o discurso médico-psiquiátrico como o discurso moralista-cristão têm passado por

³ O resultado final desta pesquisa culminou no meu Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação em Pedagogia.

⁴ Entende-se o estranho, a partir perspectiva teórica *queer*, os corpos dissonantes, que fogem à sinfonia dos corpos imposta pela norma.

⁵ Como na discussão do poliamor: que é a prática, o desejo, ou a aceitação de ter mais de um relacionamento íntimo simultaneamente com o conhecimento e consentimento de todos os envolvidos.

⁶ É o procedimento pelo qual a aparência física de uma pessoa e a função de suas características sexuais são mudadas para aquelas do sexo oposto por meio de intervenções cirúrgicas.

transformações na medida em que sujeitos de diferentes espaços culturais têm assumido discursos e práticas que ultrapassam, desviam e subvertem o modelo heteromonogâmico de sexualidade.

Com isto, aprendi que as questões que envolvem o campo do gênero e da sexualidade constituem-se pelo campo dos desejos, dos prazeres, das relações de poder, das linhas de fuga, dos preconceitos e subversões que atravessam os processos de construção das existências contemporâneas, produzindo diferentes tipos de sujeitos da sexualidade. Nisto, cabe destacar que compreendo-as como uma dimensão cultural do ser humano, ou seja, não nasce com gênero e sexualidade definidos, estes são construídas a partir de suas experiências sociais e culturais.

Diante das experiências citadas acima e, a partir das experiências no ICV, pude ampliar minhas ideias acerca da corpo, da teoria *queer*, do gênero e da sexualidade. Essa equação culminou com o desejo de estudar a relação entre corpos Travestis e a Educação Informal. Estabelecer esta relação permitiu-me elaborar o projeto de pesquisa intitulado de *Corpografias Urbanas e Educação: cartografando a subjetividade de Travestis prostitutas na cidade de Teresina/PI*, para submeter ao processo de seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para o qual fui selecionado, em 2014.

Assim, ao longo do meu processo enquanto aluno do PPGED/UFPI, por meio de revisão bibliográfica e da pesquisa exploratória em campo, reestruturei meu projeto inicial, definindo o campo e os sujeitos de modo a dar origem a esta pesquisa que investigou as experiências educativas de educadoras Trans⁷ do Projeto Social TRANS FORMA AÇÃO. Projeto este que se encontra vinculado ao Grupo de Piauiense de Travestis e Transexuais do Piauí – GPTRANS.

Ao adentrar o espaço do Centro de Referência para a Promoção da Cidadania Homossexual – Raimundo Pereira, em especial às reuniões do GPTRANS, defrontei-me com outras práticas do educar que desterritorializaram minhas representações de

⁷ Quando utilizo o termo Trans, estou referindo-me às categorias Transexuais e Travestis juntamente. Neste sentido compreende-se que a Transexualidade: é uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa, não é uma benção nem uma maldição, é apenas uma condição, como tantas outras.[...]. E Travestis: são as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultuoso serem adjetivadas no masculino (JESUS, 2012, p. 7-9). Por fim, educadoras Trans definem-se como aquelas que transgridem em direção de seus desejos, vontades e produção de novos modos de ser (PEDRINI;RODRIGUES; ROCON, 2015, p. 24).

educação, de educador, de Trans. Naquele momento de exploração da pesquisa para delimitação do meu projeto, me surpreendi com experiências que agenciavam, disparavam e problematizavam discursos e práticas instituídas acerca do que se pensa comumente sobre as Trans nos espaços educativos institucionais. Uma das experiências que me chamou atenção e me surpreendeu foi a prática educativa realizada no projeto TRANS FORMA AÇÃO. A meu ver, este projeto funciona como disparador/problematizador do campo enrijecido da educação no qual fui formado.

Assim, ao me aproximar e conhecer este projeto e sua prática educativa, me desterritorializei de meus contornos de pedagogo, permitindo-me a invenção de outra forma de pensar a educação, próxima das marcas de vida, dos gestos singulares e dos adereços que constituem as educadoras Trans.

Percebi algo inédito naquele Projeto! A transgressão permeava normatividades imperadas nos contextos institucionais, problematizando as formas de vida institucionalizadas pelos discursos heteronormativos. Não à toa, redefini minhas questões iniciais ao ser provocado, desterritorializado,, fazendo-me pensar outras questões⁸ em meio a estas práticas educativas inusitadas para mim, a saber: Quais conceitos e problemas mobilizam as educadoras Trans sobre suas experiências educativas neste projeto? Que outras formas de pensar os processos sexopolíticos Trans esta educação promove? Que disparadores educativos são criados pelas educadoras neste projeto? Quais os saberes elaboram sobre suas experiências enquanto educadoras Trans?

Esses questionamentos me permitiram problematizar os espaços normativos que, em sua grande maioria, segregam essas existências, muitas vezes silenciando-as e outras vezes agenciando-as para o caminho da luta e da resistência por meio da criação e da manifestação de seus saberes, levando-me a elaborar a seguinte problemática: O que pensam as educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO sobre suas experiências educativas?

Assim, diante do campo de forças, oriundo de relações sociais, culturais e libidinais, penso as Trans como produtoras de diversas rachaduras nas estruturas normativas instituindo outros caminhos e modos de existência para si e para os demais. Como exemplo, temos as educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO, pois,

⁸ As questões aqui mencionadas são os norteadores teóricos e metodológicos desta pesquisa. Portanto, as preferi em relação aos objetivos, tendo em vista que não busco atingir metas nesta pesquisa, mas chegar às respostas ou outras problematizações em torno de minhas indagações.

estas agenciam outros modos de pensar a educação e as práticas educativas nos espaços por onde circulam.

Por fim, este trabalho ecoa como um dispositivo de resistência contra aos preconceitos, às violências físicas e simbólicas contra as Trans. E ao ouvi-las em seus conceitos sobre o educar na relação com o gênero, me permitiu dar visibilidade às travestis e transexuais de modo que sejam vistas como vidas possíveis, como potência nos lugares em que circulam. Ademais, me possibilitou pensar as educadoras Trans como disparadores/agenciadores de pensamentos que mobilizam novos modos de educar na contemporaneidade ao problematizar uma educação para/com/pelas diferenças.

Por isso, este texto, caro leitor, fratura, fricciona e desestabiliza, principalmente a partir do que dizem as Trans e a cis-heteronormatividade imperialista, que captura os discursos da educação e exclui as existências disformes à esta lógica. Portanto, o ataque⁹ aqui é forte e acontece em cada capítulo como uma forma de problematizar e de desordenar o que se pensa na relação existente entre as Trans e a educação.

Conforme a explicação acima, denomino os seis capítulos desta dissertação, conferindo com esta introdução, de ATRAQUES, a seguir demonstrados.

Discutir a invenção da categoria Trans, é o que proponho no **ATRAQUE II: A INVENÇÃO DAS EXISTÊNCIAS TRANS: monstrosidades sexopolíticas na educação**. Neste ataque, realizei estudos bibliográficos e na internet no sentido de problematizar como a categoria Trans foi constituída na lógica da monstrosidade devido ser diferente à lógica imposta pelo discurso moralista-cristão hegemônico. Também, na contramão da concepção mencionada anteriormente, destacarei os processos de resistência e despatologização das existências Trans e suas ressonâncias no campo da educação.

Faz parte do **ATRAQUE III - AS ENCRUZILHADAS DA SOCIOPOÉTICA: constituição metodológicas e desejantes de uma experiência encarnada de muito pés**, trazer os princípios do método sociopoético e minha constituição enquanto pesquisador-sociopoeta. Ademais, descrevo meu processo de inserção no contexto da pesquisa e a negociação junto às Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO, na qual emergiu, a partir do desejo das educadoras, o tema gerador desta pesquisa: **O educar na relação com o gênero**.

⁹ Segundo o glossário LGBT quer dizer confusão, babado, chique, desordem.

No **ATRAQUE IV – O ALINHAVAR DE SABERES NO ESTANDARTE DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO**, trago a forma como as Trans, por meio da técnica *Estandarte do educar na relação com o gênero*, produziram saberes no coletivo e problematizaram as formas instituídas de pensar o educar na relação com o gênero, os processos de análise e contra-análise das narrativas advindas das experiências produzidas na pesquisa.

Por conseguinte, o **ATRAQUE V – ENTRE MONTAGENS E DESMONTAGENS: corpos do educar na relação com o gênero**, trago outra técnica intitulada de: *O corpo do educar na relação com o gênero*, que permitiu a produção de saberes sobre o corpo e o educar na relação com o gênero propostos pelas Trans. Ademais pontuo as análises e contra-análise das narrativas produzidas nas experiências referentes a este processo.

No **ATRAQUE VI – O FIO DA VACUIDADE: intensidades e fluxos pedagogia trans**, trato exercício de pensamento que, neste caso, opera como momento de diálogo entre a linha de pensamento cartografada nas análises e os teóricos de referência que convergem ou divergem, numa relação recíproca, da referida linha. Vale ressaltar, é o pensamento do grupo-pesquisador que potencializa este momento na pesquisa sociopoética.

Para finalizar, apresento esta pesquisa como uma problematização das formas dadas de se pensar existência Trans no âmbito da educação. Portanto, ela colabora, com base nos dispositivos teóricos, metodológicos e experienciais desta, para que pensemos outros modos de educar no contemporâneo.

ATRAQUE II

A INVENÇÃO DAS EXISTÊNCIAS TRANS: monstruosidades sexopolíticas na educação

Eu, pobre mortal, equidistante de tudo, eu RG 20.598.061. Eu, primeiro filho da mãe que depois fui velha, aluno dessa escola dos suplícios. Amazona do meu desejo, cadela de guarda do meu sonho vermelho. Eu reivindico o meu direito de ser monstro, nem homem, nem mulher, nem XXY, nem H2O. Eu, monstro do meu desejo, carne de cada uma de minhas pinceladas, lenço azul do meu corpo, pintora do meu andar, não quero mais títulos para encaixar, não quero mais cargos, nem armários, nem o nome exato que me reserve nenhuma ciência. Eu, borboleta alheia à modernidade, à pós-modernidade, à normalidade...Oblíqua, Silvestre, Vesga, Artesanal, Poeta da barbárie, com o húmus do meu cantar, com o arco-íris do meu cantar, e com meu esvoaçar: reivindico o meu direito de ser um monstro e que os outros sejam o Normal. O Vaticano normal, o credo em Deus e a virgíssima normal, os pastores e o rebanho normal, o honorável congresso das leis do normal, o velho Larousse do normal. Eu só levo as coisas que me iluminam, o rosto do meu olhar, o tato do escutado e o gesto vespa de beijar. E terei uma teta obscena da lua mais cachorra em minha cintura, e o pênis ereto das cotovias desobedientes e sete pintas, 77 pintas, o que eu estou falando: 777 pintas do meu endiabrado sinal de criar minha bela monstruosidade, meu exercício de inventora, de rameira dos pombos, meu ser eu, meu ser eu, entretanto parecido, entretanto domesticado, entretanto metido até os cabelos em algo, outro novo título para carregar, banheiro: de Damas? ou de Cavalheiros? ou novos cantos para inventar...Eu Trans...pirada, molhada, nauseabunda, germe da aurora encantada, a que não pede mais licença e está furiosa de luzes maias, luzes épicas, luzes párias, Menstruais Marlenes Bizarras sem Bíblias, sem tabelas, sem geografias, sem nada, só o meu direito vital de ser um monstro, ou como me chame, ou como me saia, como me possa o desejo e a fucking vontade do meu direito de explorar-me, de reinventar-me, fazer de minha mutação o meu nobre exercício, veranear-me, outonar-me, invernar-me, os hormônios, as idéias, os punhos, e toda a alma! Amém! (Susy Shock – Eu monstro meu – Tradução de: Gibran Teixeira)

Tomar a categoria Trans (Travestis e Transexuais) como alvo de pesquisa me levou ao desejo de saber como esta foi inventada. Quais verdades foram produzidas sobre esta de modo que fossem disparados práticas e discursos ora aceitáveis, ora excludentes? Nesse sentido, esta escrita tem direcionamento para problematizar as práticas e discursos que produziram as Trans enquanto sujeito. Busca-se assim, traçar uma escrita que aja como ferramenta problematizadora das verdades instituídas sobre a categoria em questão. Trata-se, portanto, de uma escrita cinza, meticulosa, embaralhada, riscada e várias vezes reescrita, que opera em ziguezague e atravessamentos, em vez de traçar uma linearidade histórica acerca das existências Trans (FOUCAULT, 2010). Posto isto, faz-se necessário

[...] um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda a finalidade monótona; espreita-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento que eles não aconteceram (FOUCAULT, 2010, p. 15).

Portanto, para compreender as idas, vindas, redemoinhos, voos altos e mergulhos profundos que constituíram os modos de existências *Trans*, deter-me-ei às produções de saber-poder que inventaram as *Trans* enquanto monstruosas, perversas e aterrorizantes dentro de práticas e discursos científicos e moralistas-religiosos bem como suas ressignificações para o campo da educação.

2.1 Quem são os monstros da história? Entre práticas e discursos

*Cada qual considera bárbaro o que
não se prática em sua terra
Montaigne*

No interesse de problematizar o campo prático-teórico que produz as existências *trans*, trago um acontecimento. Este, veiculado na mídia, retrata um ato de violência contra uma Travesti, em Teresina –Piauí, onde relata que:

O corpo de uma Travesti foi encontrado por populares no início da manhã desta sexta-feira (18) na Rua E do Distrito Industrial na Zona Sul de Teresina. Segundo a polícia, a vítima estava vestida apenas com uma calcinha e apresentava algumas marcas roxas pelo corpo. A identidade da travesti ainda é desconhecida porque ela não portava documentos (G1, 2014).

Esse trecho da reportagem retrata o cenário do assassinato de uma Travesti, no dia 18 de julho de 2014, onde esta foi submetida a violências físicas que a levaram a óbito. Embora este contexto demonstre a realidade de uma violência praticada contra uma Travesti, me utilizo desta situação para problematizar as noções, as ações e as investidas direcionadas às *Trans*, no contemporâneo: O que são existências *Trans* na nossa sociedade contemporânea? São homens que querem ser mulheres ou mulheres que querem ser homens com o desejo de afrontar a “noção” normativa de homem e de mulher? Que mecanismos de monstruosidade externam as *Trans* a ponto de terem suas vidas como alvo de uma atrocidade “justificada”?

Considerando esses questionamentos pude refletir sobre as trans enquanto monstros/as produzidos/as na sociedade contemporânea. Para além disso, me levaram a perceber como muitas práticas de violências extremadas ao público LGBT, sobretudo as Travestis e Transexuais, são “justificáveis” a partir de uma noção padronizada de sujeito, principalmente de homem e de mulher. Esta monstruosidade socialmente construída ao dar um passo para dentro da margem deste ideal torna-se alvo de formas atroz de violência.

Tais práticas emergem a partir de uma verdade única sobre o público Trans. Histórias únicas são contadas sobre elas. Desta forma, criam-se estereótipos sobre essas existências e verdades forjadas sobre as mesmas. Esta é uma forma perigosa de pensar sobre o mundo e a vida no qual elas se encontram. Pois, os estereótipos são histórias parciais e únicas (ADICHIE, 2009). E

Enquadrar, rotular, estigmatizar, estereotipar, são verbos que envolvem atitudes que permeiam as relações sociais no cotidiano de todos os grupos. O preconceito, em suas vias duplas, desvela as ambiguidades e contradições de todos nós que, em maior ou menor intensidade, manifestamos posturas preconceituosas mesmo que sejamos por elas vitimados em determinadas situações (BARROS JUNIOR, 2008, p.33).

O autor acima referido nos faz refletir que o preconceito vem de todos os lados, visto que todos os grupos sociais estão sujeitos a esta ação. Desta forma, as verdades únicas e instituídas, que versam histórias enviesadas sobre as diferenças, lançam-se a todo instante numa ofensiva àqueles que escapam.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) nos fala do perigo de uma história única que produz uma verdade única permeada pelo preconceito, por uma construção negativa do outro. Adichie evidencia como a sua história foi forjada por uma visão colonizadora, posto que, a partir de suas experiências e dos sentidos construídos, por meio das literaturas que mantinha contato, imaginava seu povo dentro de uma cultura branca e eurocentrada. Mas, vale pensar, que este outro único, criado por aquele que o coloniza, possui várias histórias que fazem dele o que ele é. E que àquela única história, vista pelo colonizador, é somente uma das verdades.

Quais histórias são contadas sobre as existências Trans? E quais histórias forjam estas existências? Quem contam suas histórias? Vale frisar que as histórias narradas sobre as existências de Travestis e Transexuais não geraram bons tons, porque vários discursos

[...] colonizavam os livros biomédicos, os textos das ciências da psique, os debates militantes, a mídia e o imaginário social. Coroando o ápice do reconhecimento social de patologias, em 1980, o Código Internacional de Doenças (CID), organizado pela Organização Mundial de Saúde inclui pela primeira vez o ‘transexualismo’. (LEITE JUNIOR, 2008,179.)

Desta forma, os saberes biomédicos, as militâncias, a mídia e o imaginário social contribuíram para a construção das Trans enquanto patológicas, perversas, tidas como doença.

Nadando contra a corrente, os modos de existir das pessoas Travestis e Transexuais extrapola a lógica e, por isso, se constituía como monstruosa no imaginário das pessoas estabelecidas por uma cis-heteronormatividade. Neste sentido, meu exercício de pensamento está em torno das práticas e discursos que inventaram o conceito de monstruosidade, bem como, constituíram uma existência Trans enquanto patológica por meio da ciência, do cristianismo e suas ressonâncias no campo da educação.

O que seriam vidas monstros na contemporaneidade? Seriam todas as formas de vida que frente às normas estabelecidas buscam transgredi-las; seja pela ordem do biológico, a exemplo, o corpo do “deficiente”; seja por uma ordem do social ou cultural, a exemplo os homossexuais. Assim, Romper o padrão é a lógica do sentido que constitui o sujeito da monstruosidade. Ao tomar como questão a monstruosidade, penso nas Trans como aquelas que trazem consigo uma monstruosidade instituída pelo fato de transgredirem os padrões da heteronormatividade estabelecida; pela forma como colocam seu gênero, seu corpo, seus gestos, sua sexualidade. Essa monstruosidade fratura o contexto normatizado e constitui-se na multidão das diferenças.

Considerando essa perspectiva, é interessante pontuar que o imaginário sobre os monstros tem significativa manifestação na sociedade medieval,

[...] alguns provém da Bíblia, como o Leviatã, outros da mitologia greco-romana, como a hidra, e muitos são “importados” do Oriente. No imaginário da Índia, que foi um reservatório onírico do Ocidente medieval, existe uma profusão de monstros que, segundo uma etimologia manipulada, mostra a capacidade de Deus em criar uma infinidade de seres além do homem [...]. (LE GOFF, TRUONG 2006, p.147-148)

Assim, é possível perceber que a ideia de monstruosidade é vista como aquilo que está para além do nosso território; o que nos é desconhecido, pois

Os monstros provêm de uma mistura de gêneros (vegetal e humano, por exemplo, como a mandrágora), cujas raízes têm forma humana, (homem ou mulher), [...] são muitos os monstros por hibridismo, humanos com cabeça de animal, animais com cabeça ou tronco humanos, tais como as sereias, as esfinges, os centauros e a melusina. (LE GOFF, TRUONG, 2006, p. 148).

Isso reforça o quanto, no imaginário medieval, a monstrosidade era marcante no aspecto mitológico e geralmente associado àquilo que não era comum àquele contexto, como ver homens plantas e grandes monstros marítimos, metade homem e metade animal. Os monstros, para alguns, também se apresentavam enquanto divindade, bela e criatura sagrada. Neste sentido, a monstrosidade constrói-se no contexto moralizante e sagrado, onde a ideia do monstro tinha outro sentido, que era o do imaginário da salvação, ligada à imagem divina. E este sentido Eco nos mostra no seguinte exemplo,

O unicórnio é um pequeno animal semelhante ao cabrito, mas ferocíssimo. O caçador não consegue se aproximar dele por causa de sua extraordinária força. Tem um só chifre no meio da cabeça. Como fazem para caçá-lo? Expõe uma virgem imaculada, o animal pula em seu regaço e ela o amamenta e o conduz ao palácio do rei. O unicórnio é a imagem do salvador de fato, ele faz morada no ventre da verdadeira imaculada Virgem Maria (2007, p.115).

Ainda, a exemplo, na idade média, podemos citar os bárbaros que, pelos romanos, foram vistos como sujeitos hostis e monstruosos, frente às suas práticas sociais e culturais. “O bárbaro posto como monstro humano, ser que invade as fronteiras (não respeita regras) representa o embrutecimento do gênero humano, homem incompleto pagão que deve ser excluído (SILVA, 2013, p.133.)”. Nesse sentido, podemos citar outra referência sobre a qual o imaginário de monstrosidade foi constituída: a do Judeu. Estes, foram estigmatizados e perseguidos durante a idade média na Europa pelo povo cristão. Com isso, todos os males existentes naquele contexto eram atribuídos à imagem dos Judeus, que se desenhava da seguinte forma:

Desastres naturais e epidemias eram atribuídos aos judeus, os bodes expiatórios de todos os males que ocorriam na Europa, assim como assassinatos de crianças. Também eram acusados de negociar com o diabo e de trocar os corpos das crianças por conhecimentos e mercadorias. Foram proibidos de frequentar universidades e cuidar dos cristãos doentes visto que eram acusados de adquirirem seus conhecimentos diretamente do diabo. (LUI, 2013, p.23.).

Considerando a ideia acima, podemos observar que o sujeito Judeu, visto como fonte dos males acontecidos na Europa medieval, era visto como marginal; como a maçã podre do ambiente ‘asséptico’ daquele contexto da idade média..

Le Goff, ao tratar da ideia em questão, nos mostra as marcas que desenharam a monstruosidade ao nos dizer que,

Existem monstros aos quais falta algo de essencial (cabeça, olhos, nariz, língua etc.), existem aqueles nos quais certos órgãos (orelhas, pescoço, um pé, lábio inferior, órgãos sexuais) são hipertrofiados, reduzidos à unidade (ciclope) ou, ao contrário, multiplicados (duas cabeças, dois corpos, vários olhos, braços, dedos ou artelhos). Existem monstros cujo o corpo é de uma grandeza ou pequenez excepcionais: gigantes e anões. (2006, p.148).

Nesse sentido, o ser monstruoso passa a ser visto como aquele o qual sua “extravagância [...] ameaça desafiar o costume e ordem da natureza. (LOBO, 2008, p.28). Dessa maneira, o que rompe ao território habitado pela normalidade passa a ser monstruoso e vira alvo de perseguição, caça e massacre como foi o caso dos judeus, das bruxas, dos homossexuais, dos hereges que foram queimados vivos, por sua monstruosidade moral, pois feriam preceitos impostos pelas instituições (como a igreja por exemplo) entre os períodos do século X-XV.

No sentido de afunilar a discussão da categoria monstro, desta concepção que cria modos de ser e modos de nos relacionarmos com os outros e com o mundo, coube-me pensar também sobre como esse conceito de monstro ressoou na modernidade, sobretudo na dimensão do sujeito social, moral e cultural. Pois, sabemos que a modernidade carregava consigo uma noção de sujeito indivisível, ontológico; um sujeito que tinha que encontrar-se nos quadrantes padronizáveis desta modernidade (FERRE, 2001).

Considerando essa noção, dialogo com Foucault (2010) que ao realizar um estudo deste sujeito na modernidade, percebe-o dentro de um processo de objetivação, de um sujeito dividido no seu interior e na sua relação com os outros; a exemplo o louco e o são, o doente e o sadio, ou seja, os monstros e os que não são monstros.

Assim, podemos pensar como monstros/as da modernidade, aqueles/as que ultrapassam a linha da normalidade imposta. Estes/as foram historicamente categorizados por suas extravagâncias físicas e mentais rejeitados por terem sua anatomia fora dos padrões eurocêntricos, como os/as deficientes físicos e mentais, os/as surdo/as-mudos/as, os/as cegos/as e os/as monstros/as morais - homossexuais, negros, bêbados e prostitutas, a exemplo. (DELUMEAU, 2009).

O monstro é a hibridização do impossível com o proibido, o qual aparece como um fenômeno que dispara no outro ao mesmo tempo a curiosidade, o medo, o terror, ou

melhor, o estranhamento. É também o que está dentro e o que está fora da norma, pois muitas vezes camufla-se em vestes do padrão, outras deixa-se transitar em sua monstrosidade. Posto isto, percebo a existência do sujeito monstro estabelecida numa perturbação da ordem (FOUCAULT, 2001).

O sujeito monstruoso situa-se no limite da existência da relação com o outro normalizado e opera como manifestação necessária para a afirmação desta normalidade (GIL, 2000). Isto torna o monstro um atrativo, visto que

[...] situa-se numa fronteira indecisa entre humanidade e a não-humanidade.[...] o nascimento monstruoso mostraria como potencialmente a humanidade do homem, configurada no corpo normal, contém os germes da sua inumanidade (GIL, 2000, p. 176).

A questão acima tratada funciona como parâmetro para que os sujeitos conformados controlem o germe de sua inumanidade. Eles precisam desta régua para que não se institua sua dissolução e o caos na sua existência.

Ademais, entende-se o monstro como aquilo que transgride os limites da natureza, como algo anormal a esta. Conforme Foucault “só há monstrosidade onde a desordem da lei natural vem tocar, abalar, inquietar o direito, seja o direito civil, o direito canônico ou o direito religioso” (2001, p.79). Monstro, portanto, é aquilo que estava para além do continente europeu, seja ele geográfico, quando estamos falando dos monstros que habitam mares e terras conhecidos ou desconhecidos, espaços físicos, onde o corpo asseado, normalizado não ousa transitar; seja do continente subjetivo, daquele que se institui por identidades fixas, que não ousa em uma mistura subjetiva daquilo que está para além das fronteiras da normalidade; ou mesmo dentro da própria fronteira, daquele monstro que para inserir-se em dado contexto nega sua diferença, sua monstrosidade, e busca normatizar-se.

Compreender o movimento da existência do sujeito monstro nos faz perceber como este resistiu aos poderes dominantes ao longo da história. Posto isso, outros questionamentos me interpelaram: Quem são os monstros que transitam pela lógica da normalidade? Que marcas carregam estes monstros, social e culturalmente construídos? Em que lógica opera a monstrosidade no meio social?

Anteriormente citamos, a exemplo, monstros que fizeram parte da história da nossa humanidade, monstros mitológicos (Hídras, Leviatãs) e os monstros sociais instituídos pela ciência moderna e os morais fruto do cristianismo (Judeus, Homossexuais, Negros, Deficientes, etc.). Entretanto, irei me deter sobre os monstros vistos como sociais e morais, estes que foram alijados por seus comportamentos numa

dada sociedade e cultura. Neste caso especificamente sobre as monstruosidades Trans na educação.

2.2 A captura da existência Trans: a patologização e suas ressonâncias na educação

Não há existências Trans livres de práticas e discursos que a constroem como monstruosa. Mas, estas existências estão na iminência da captura, da nomeação, do encaixamento e na insistência da fuga destas capturas. Portanto, elas expressam em seus corpos, que,

Não há corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos. A materialidade do corpo deve ser analisada como efeito de um poder e o sexo não é aquilo que alguém tem ou uma descrição estática. O sexo é uma das normas pelas quais o "alguém" se torna viável, que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade. Há uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, pois são analisadas como identidades "transtornadas" pelo saber médico (BENTO, 2014, p. 205).

Sabe-se que nem sempre as existências ditas transtornadas, desviantes e não qualificadas para a humanidade foram capturadas para serem nomeadas e classificadas como nos referenda a autora acima. Pois, ao não se encaixarem na lógica hegemônica, eram alvo de um poder soberano que tinham plena decisão sobre a vida destas. Este poder punia-as por meio da flagelação, da mortificação, do suplício da carne desmedida, no qual eram “aplicadas receitas, terapêuticas como eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes” (FOUCAULT, 1979, p.145).

A exemplo deste exercício de poder sobre os desviantes, trago o Livro V das Ordenações Filipinas, documento legal que vigorou no Brasil por mais de 220 (1603-1830) anos e que contextualiza a criminalização de determinadas atitudes e suas devidas punições. Neste caso, a punição acerca da sodomia acontece da seguinte forma,

Toda pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado e feito por fogo em pó, para que nunca seu corpo e sepultura possa haver memória, e todos os seus bens sejam confiscados para a Coroa de nossos Reinos, posto que tenha descendência; e pelos mesmos caso seus filhos e netos ficarão inabilitados e infames, assim como os daqueles que cometem crime de lesa Majestade (QUINTO LIVRO DAS ORDENAÇÕES FILIPINAS, 1603, p.1612).

Este exemplo mostra que formas de existir que não se enquadram no conjunto de leis que regem as ações do sujeito de uma dada sociedade, são julgadas por suas práticas. que são capturadas por um discurso que não o vê como aceitável e o qual tem como solução a punição, o suplício) e o flagelamento das existências. Nesse sentido, o suplício funciona como ostentação do poder soberano e forma de controlar o outro.

Conforme Foucault,

[...] o suplício faz parte de um ritual. É um elemento na liturgia punitiva, e que obedece a duas exigências. Em relação à vítima, ele deve ser marcante: destina-se ou pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima; o suplício, mesmo se tem como função purgar o crime, não reconcilia; traça em torno, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar; a memória dos homens, em todo caso, guardará a lembrança da exposição, da roda, da tortura ou do sofrimento devidamente constatados. E pelo lado da justiça que o impõe o suplício deve ser ostentoso, deve ser constatado por todos, um pouco como seu triunfo. O próprio excesso de violências cometidas é uma das peças de sua glória: o fato de o culpado gemer ou gritar com os golpes não constitui algo de acessório e vergonhoso, mas é o próprio cerimonial da justiça que se manifesta em sua força. Por isso sem dúvida é que os suplícios se prologam ainda depois da morte: cadáveres queimados, cinzas jogadas ao vento, corpos arrastados na grade, expostos à beira das estradas. A justiça persegue o corpo além de qualquer sofrimento possível. (FOUCAULT, 2013, p. 36)

Desloca-se essa concepção soberana de exercício de poder sobre o outro, para compreender que a existência que não se enquadra, diferente da dominante, é exterminável e utilizada como modelo para o disciplinamento de outros corpos que estão fora do discurso que domina e os quais queiram vir à tona.

Desse modo, as instituições disciplinam essas existências, seus corpos, seus gestos, suas “rebeldias” ao poder hegemônico. Os sujeitos que circuitam por fora das linhas do discurso útil e inteligível são docilizados de modo a controlá-los. As instituições como a família, a escola, as militares e religiosas buscam selar todas as formas de existências dissidentes, que fogem a uma lógica moralista-cristã, em uma caixa compacta da heteronormatividade, pois “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2013, p. 132).

Para além desta prática soberana e disciplinar sobre as existências transviadas, há outra forma de exercício de poder em torno destas, que arvora o sentido da assepsia, da moralização do corpo social, o controle das taras, dos degenerados da população em

nome de uma concepção biológica, moralista e cristã que regem os diferentes (FOUCAULT, 1988). Cria-se então um contexto científico que busca compreender e classificar o sujeito da sexualidade, o qual Foucault conceitua de *Scientia Sexualis* que caracteriza-se como uma

ciência feita de esquivas já que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, referia-se sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas.[...] essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas(FOUCAULT, 1988, p.61).

Dentro dessa lógica de produção da verdade sobre o sujeito, tomo como referência a sexualidade que, à luz das compreensões do autor supracitado, reverbera e condiciona sua forma de existir em sociedade, na qual aqueles que se enquadravam dentro os padrões morais, contido e sem extravagâncias, eram aceitos socialmente. Assim, aqueles que ressoavam suas dissidências, sobretudo, aquelas que questionavam o modelo vigente, eram segregados.

Na esteira das teorizações sobre as existências Trans, partindo dos dois modelos de poder trazidos acima (soberano e disciplinar), sobre os sujeitos desviantes, compreendo o processo de patologização dessa existência como uma construção histórica advinda das duas formas de poder acima citadas e culminando no campo do biopoder.

A partir do pensamento foucaultiano, o biopoder, que surge por volta do século XVIII,

[...]centrou-se no corpo-espécie, no copo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: **uma biopolítica da população.**(FOUCAULT, 1988, p. 152) [grifo do autor]

A patologização à luz do biopoder foi uma forma em que o estado e suas instituições (setor saúde, da escola, do jurídico) se utilizaram para nomear, controlar e classificar as populações desviantes. Neste sentido, as existência Trans, embora saiam de uma condição marginal e excluída, tem seu estigma legitimado e nomeado, visto que é por meio do conceito de patologização que nasce a ideia de inversão sexual da qual “[...] origina gradativamente as identidades homossexuais, bissexuais, gays, lésbicas,

travestis, transexuais, *crossdressers*, intersexos e toda a futura explosão político-identitária” (LEITE JUNIOR. 2008, p. 55).

Desta forma, o discurso científico busca capturar as práticas das existências Trans e diagnosticá-las como patológicas a partir de um referencial que a pensa, em sociedade, como normativa, higienizada e simétrica. A legitimação das Travestis e Transexuais em sua condição patológica, como foi possível notar no documento anteriormente citado, nos faz perceber a forma como a sociedade lida com estas. Para ilustrar, trago o caso de Verônica Bolina, que foi detida pela acusação de agredir uma idosa de 73 anos. No processo várias práticas foram exercidas sobre a existência de Verônica no intuito de puní-la, como é ilustrado no artigo de jornal abaixo descrito,

Verônica Bolina, Travesti, negra, 25 anos, presa pela Polícia Militar de São Paulo no último dia 12, tem o cabelo cortado, o rosto desfigurado a chutes, socos e pontapés, é exposta nua e fotografada. Essas fotos, que logo ganharam a rede, me levaram a pensar em nada além do suplício citado do século XVII. Parece que a necessidade de espetacularizar a violência, como forma de aniquilar, antes da morte física, o sujeito continua a mesma, pois a imagem de Verônica despida, desfigurada e nua *viajou* pela internet. A cena de sua humilhação repercutiu imensamente. (VIEIRA, 2015)

Não me deterei aqui em trabalhar na defesa da Trans em questão. Mas tomarei seu caso como vetor para que pensemos a forma como esta foi tratada, pois a violência extremada foi o pré-julgamento desta. Com que intuito? Essa é uma prática comum da polícia (serviço ligado ao Estado) com todos os detidos? Foi pelo crime que cometeu ou por suas condições de existência? Sabe-se que os tratamentos dados às pessoas LGBT's, em especial às pessoas Trans, por policiais, são diferenciados, sobretudo no que diz respeito às práticas de violência. Como é possível notar, no caso Verônica, a mesma passou por situações de violência que estavam relacionadas à desmontagem de sua existência física, subjetiva, racial e sexual.

E a pergunta que não quer calar: como, neste contexto em que há uma política de valorização da vida e da segurança das pessoas, existem formas de negação de uma dada existência a ponto de supliciá-la? Que soberania é esta que decide sobre a vida ou a morte das pessoas no contexto em que existem políticas para a valorização destas?

Não tenho respostas para minhas questões, mas sei que é possível problematizar estas estruturas, morais, jurídicas e políticas as quais ainda estamos inseridos, visto que ainda somos e nos deixamos ser capturados por essas formas de discursos nos considerando sujeitos endividados diante destas. Portanto, há um padrão para ser cidadão frente a esses discursos, onde o

[...] ser inquietante que rompe a continuidade entre o homem e o cidadão, entre o nascimento e a nacionalidade, faz surgir por um átimo na cena política aquela vida nua que constitui seu secreto pressuposto. [...] sua primeira e única aparição real e fora da máscara do cidadão que constantemente o cobre. Mas, justamente por isto, a sua figura é tão difícil de definir politicamente (AGAMBEN, 2010, p 130).

Figura 1: Movimento #somostodosveronica



FONTE: Revista Forum/2015

Nesse sentido, para as estruturas biopolíticas, Verônica passa a ser a existência difícil de ser definida politicamente, pois foge às amarrações e controles biopolíticos, onde a única saída para o estado é desmontar essa existência dissonante dos discursos instituídos.

Outro contexto em que as formas de vidas deslocadas são alvo de correção, portanto vista de forma negativa, é o contexto religioso, em especial do cristianismo. As instituições, orientadas pela ideologia moralista-cristã, como a igreja católica, controla pela lógica pastoral o pensamento e as práticas dos indivíduos (CASTELO BRANCO, 2015). Desta feita, “a individualização é uma das características mais marcantes do poder pastoral, incorporada em práticas de governo da vida, dos corpos, e das condutas que se formam no limiar da nossa modernidade” (PRADO FILHO, 2012, p. 111).

Assim, o movimento em torno desse processo de individualização é pastorear o rebanho, o todo, “[...] governar cada um de forma capilar e individualizada”(PRADO FILHO, 2012, 113), de modo que nenhuma ovelha se desvie do seu caminho. Assim,

individualizar as existências no cristianismo “implica uma forma de conhecimento entre o pastor e cada uma de suas ovelhas que as individualiza”(PRADO FILHO, 2012, 114).

Dentre este modo de poder sobre as constituições do outro percebe-se que na figura do pastor, aquele que gerencia a vida das pessoas, há a necessidade de se conhecer o que se passa na cabeça destas, de modo a revelarem seus segredos, seus pecados, suas angústias, para que assim sejam construídas existências conformadas (PRADO FILHO, 2012; BRANCO 2015).

E que tipo de sujeito o cristianismo quer individualizar? Seguramente não é o sujeito desviante, visto que para as ovelhas pastoradas os “delitos” da carne são infrutíferos, não são permitidos. Pensar assim implica dizer que a lógica pastoral

atribui cada vez mais importância na penitência [...] a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe no jogo da confissão e da direção espiritual (FOUCAULT, 1988, p.25).

Desta forma, nota-se o tom negativo que se dá à presença das insinuações da carne no contexto cristão. Tudo isso agora é motivo de correção e direção espiritual para que a ovelha retorne ao rebanho. Mas o que acontece com as ovelhas que não querem ser pastoradas e preferem viver os prazeres da carne sem negar sua existência, ao invés de seguir a linha normalizadora do rebanho?

O cristianismo nega a existência sem direção espiritual por ela instituída. A igreja, por exemplo, diverge com a ideia da união homoafetiva, da existência de Travestis e Transexuais, pois, segundo ela, existe aí uma afronta às leis de Deus. Com base nessa premissa, dois homens não podem procriar, homens não podem ser mulheres e mulheres não podem ser homens. Uma evidência disso foi outro acontecimento que me permitiu pensar as atitudes cristãs frente a outras formas de existir, sobretudo no que diz respeito às Travestis e Transexuais. Em junho deste ano durante a 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2015, uma mulher Trans performatizou durante o desfile da parada crucificada.

Figura 2: Viviany Belebony – Trans crucificada na Parada diversidade em São Paulo



FONTE: G1/2015

A proposta da performance durante a parada da diversidade era mostrar o processo de violência e desrespeito pelo qual as pessoas Trans passam, os julgamentos à sua existência e, também, suas crucificações. A crítica concebida pela sociedade, inclusive pelas pessoas cristãs, foi de ofensa, blasfêmia e cristofobia. Deste modo, é notório que a ideia de ofensa e desrespeito direcionado à prática da Trans não advém, somente, da performatização da crucificação, mas o agravante foi o fato de uma Trans, uma sexualidade fora dos padrões dados pelo cristianismo estar exercendo esta performance. Pode-se perceber isso por meio da fala de um pastor acerca do acontecido durante a Parada da Diversidade de São Paulo

estou indignado por pegarem o símbolo da minha fé e terem exposto publicamente em um ato de completa falta de respeito. Estou falando de pessoas que acham que o direito deles é maior que o meu direito (DANTAS, 2015).

Este caso citado, anteriormente, ilustra como as Trans são pensadas. Diante da atuação destas e dos discursos e práticas que as circundam e atravessam: como as existências Trans acontecem na educação? A educação é território livre para estes modos de existência? As Trans são sujeitos possíveis para a educação? Como os discursos acima tratados ressoam sobre estas no campo da educação?

Para pensarmos a existência em questão no contexto da Educação, é preciso referenciar o lugar da educação na constituição do sujeito moderno visto que,

Os múltiplos discursos educacionais baseiam-se num núcleo de práticas e pressupostos ortodoxos próprios da modernidade e derivados da fé iluminista na capacidade da razão para iluminar, transformar e melhorar a natureza e a sociedade. [...] os discursos educacionais supõem sujeitos unitários autoconscientemente engajados numa busca racional da verdade e dos limites de uma realidade que pode ser descoberta. (DEACON; PARKER, 2002, p. 98)

Compreende-se então, a partir do que foi referenciado acima, um regime educacional, uma educabilidade humana que busca formar o sujeito numa modalidade única, de forma racional e capturando-o por meio de práticas e discursos que enquadram o sujeito indefinido. Neste sentido, o sujeito da educação deve ser universal e se constituir por meio de uma progressão que sai de sua condição de menoridade para uma condição de esclarecimento, a saber:

[...] saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer do seu entendimento sem a direção do outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem direção a outrem (KANT, 1985, p.100).

Assim, a formação do sujeito da educação acontece por meio da disciplina e da coação deste, pois estas práticas são elementos fundamentais para sua liberdade e moral (PINHEIRO, 2007). Este modo de educação provoca o sujeito a sair de sua menoridade, pois considera que,

É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes do meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc. então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregaram em meu lugar dos negócios desagradáveis. (KANT, 1985, p. 101 – 102).

Nesse sentido, a disciplina e a coação são dispositivos que permitem uma modelagem do sujeito contra sua acomodação em sua menoridade. Este, ao sair da sua menoridade poderá fazer uso da razão, permitindo que se encontre membro do sistema social, político, jurídico e educativo maior.

Como essa educação que busca a moral, o disciplinamento e a coação como forma de educar para uma maioria age diante das existências dissidentes? O que fazem com os que não querem se esclarecer e entrar na roda da vida moralizada? Como as Trans que rompem com as normativas da existência humana, estabelecida por uma heterossexualidade compulsória, são pensadas por essa educação?

Seguramente, não é comum o campo educacional problematizar essas questões, visto que as temáticas que envolvem gênero e sexualidade, sobretudo aquelas que não estão no repertório normativo, são temas tabus para serem discutidos e aceitos. Quando isto acontece é no sentido de expurgar do contexto institucional os que não se adequam aos temas e problemas educacionais. A respeito disso, trago o exemplo de Luiza que foi demitida de seu emprego de professora após assumir-se enquanto Transexual,

Para Luiza, a perda do emprego foi um entre outros obstáculos que enfrentou após sua transição de gênero. Sair da posição de homem branco de classe média para a de mulher trans, conta, foi como “sair do topo da cadeia alimentar do capital e ir para o último lugar da escala”. Seu cotidiano passou a se povoar de medos e limites que muitos homens nem imaginam que existam, embora sejam bem conhecidos das mulheres (SALVADORI FILHO, 2015).

Isto mostra que as ambiguidades das Trans não são aceitas no Território da educação. Vê-se que a atitude da instituição na qual a professora estava inserida referenda o tipo de sujeito da educação os quais eles aspiram. Desta forma, o sujeito da educação deve ser conformado diante dos modelos estabelecidos, “um modo de vida impulsionado pelo desejo de integração aos valores constitutivos da cultura dominante.” (MISKOLCI, 2006, p.682).

Contra esse modo de pensar, é preciso ampliar a noção de sujeito da educação. E pensá-los como fabricados, inventados das mais diversas formas no encontro com as mais diversas sociabilidades. Deste modo, concebe-se o sujeito como histórico, inacabado, sempre em processo de construção, que passa por capturas e recusas no seu processo de existência.

E nesse sentido as existências transgressoras, patologizadas por uma lógica dominante, inclusive no campo da educação, permitem um exercício filosófico de indagar o outro capturado pela lógica do poder dominante. Podemos então, a princípio,

dizer precisamente que é necessário recusar tudo o que poderia se apresentar sob a forma de uma alternativa simplista e autoritária: ou vocês aceitam a *Aufklärung*, e permanecem na tradição de seu racionalismo [...]; ou vocês criticam a *Aufklärung*, e tentam escapar desses princípios de racionalidade (FOUCAULT, 2000, p. 345).

O pensamento supracitado leva-me a pensar que a educabilidade humana onde o sujeito da educação é unitário e universal – fruto de uma pedagogia simplista e autoritária - é conceito a ser ultrapassado. A educação precisa ser desenvolvida para pensar nos sujeitos ditos impossíveis, que se encontram à margem, nas bordas do espaço

e do tempo e com eles aprender a pensar um sujeito da educação livre das amarras da normatividade.

Concordo com Foucault ao dizer que devemos “escapar à alternativa do fora e do dentro; é preciso situar-se nas fronteiras. A crítica é realmente a análise dos limites e a reflexão sobre eles” (FOUCAULT, 2000, p. 348.). Por isso, é prudente, notar que o sujeito da educação se constitui nas relações com as fronteiras, na experiência produzida dos encontros e atravessamentos entre as dissidências, da produção de sentido, da abertura para o desconhecido, do toque mais sensível que produz uma educação pelas diferenças (GALLO, 2008; BONDIA, 2002).

Pois, é importante destacar uma nova educação que reme entre as diferenças é necessária. Dessa forma, lancemo-nos à deriva, atravessados por uma educação transgressora, que nos permite

Desconfiar de qualquer nostalgia por uma origem perdida: subjetividades inteiriças, consciências lúcidas, saberes imaculados, comunidades solidárias, sociedades integradas. Não existe nenhuma origem perdida a ser recuperada, nenhum passado mítico ao qual regressar, nenhum tempo feliz a ser revivido. Resistir a qualquer anseio por um estado de graça antes da queda- no capitalismo, no patriarcado, no Nome-do-Pai. Renunciar a qualquer ilusão de regresso a um estado de idílica inocência, de edênica virtude, de universal comunhão. Nenhuma fantasia de restauração de uma união rompida – com cosmo, com a natureza, com o Eu e com o outro (CORAZZA; TADEU,2003).

Assim, para que criemos uma educabilidade humana, resistente, transgressora, livre de assujeitamentos aos poderes instituídos que pretendem enquadrar, mascarar e matar as singularidades das vidas na educação: é preciso desconfiar!

2.3 Dispositivos sexopolíticos, despatologização e resistências: Pedagogia Trans e a desconstrução das identidades

Voltar a atenção para as questões Trans é habitar o território das identidades. A identidade é “aquilo que os outros nos dá e que toma parte do mais externo de cada um, ou seja, de sua função social” (FERRE, 2001, p. 213.). É marca que define o sujeito como parte de um todo, como se tivéssemos um quebra cabeça onde as peças encaixam-se em sua igualdade. Assim, a identidade é representativa, visto que existe um modelo específico de sujeito que precisa ser orientado, um sujeito que se reproduz no reflexo do espelho e não se estranha de modo a ver-se enquanto semelhança e igualdade do outro.

Conforme Foucault, o sujeito nesta perspectiva, “[...] constitui-se através do controle e da dependência, ligado à sua própria identidade através de uma consciência ou do autoconhecimento” (2010, p, 278.).

A modernidade foi conclusiva na constituição de um sujeito identitário, pois esta,

[...] construiu, neste sentido, várias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, só em princípio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa. Entre elas a demonização do outro: sua transformação em sujeito ausente, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura; a delimitação e limitação de suas perturbações; sua invenção, para que dependa das traduções oficiais; sua permanente e perversa localização do lado externo e do lado interno dos discursos e práticas institucionais estabelecidas, vigiando permanentemente as fronteiras – isto é, a ética perversa da relação inclusão/exclusão -; sua oposição a totalidades de normalidade através de uma lógica binária; sua imersão e sujeição aos estereótipos; sua fabricação e sua utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas, homogêneas, estáveis, etc. (SKLIAR; DUSCHATZKY, 2001, p.121).

Em contrapartida, tudo que destoia de uma forma de identidade, de uma representação do ser, é diferente, causa medo, horror e estranhamento. Assim a diferença, “o desvio, a inclinação até o não idêntico que conforma a intimidade de cada um, nos afasta da identidade que os outros nos dão e, no mais íntimo de cada qual, talvez todos saibamos que não somos ninguém” (FERRE, 2001, p.196). Por isso, não há uma forma de conceber o outro como algo indivisível, incontaminável, inabalável como nos constata a identidade fruto de um concepção moderna de sujeito. Há formas e formas de nos concebermos sujeitos, que nos leva não a uma identidade, mas várias formas de ser, não idênticas.

Na lógica do discurso da identidade indivisível, a Trans é construída como identidade negativa que resulta por uma exclusão; uma não identificação. Isso ocorre por esta ser vista como uma peça não se encaixa com as demais peças do quebra-cabeça e por esta não refletir no espelho a forma unitária e indivisível, semelhante, igual aos demais de um dado grupo identitário. E assim, a diferença do outro é negada, mas esta passa a existir, não junto ao grupo, misturado, mas fora, segregada, exilada no entrelugar de sua diferença (BHABHA, 1998)

Portanto, cabe aqui refletirmos sobre o conceito das identidades Trans em uma relação inclusão-exclusão. Na qual esta identidade ou é excluída por sua extravagância

ou é incluída pela mesma, sobretudo, no sentido de normatizá-la, de readequá-la como opera o discurso da tolerância. E neste sentido

[...] a tolerância consagra a ruptura de toda contaminação e revalida os guetos, ignorando os mecanismos através dos quais foram construídos historicamente. A tolerância não põe em questão um modelo social de exclusão; quando muito, ela trata de ampliar as regras da urbanidade com a recomendação de tolerar o que é perturbador. (SKLIAR; DUSCHATZKY, 2001, p.136.)

Posto isto, a diferença é aceita e tolerada por uma diversidade bem intencionada, que não permite misturar-se com ela. Este modo de conceber o diferente o compartimentaliza, o rotula em relação ao outro (MISKOLCI, 2012). É necessário, dessa forma, que não se veja o outro como imagem e semelhança da identidade representativa por uma diversidade retórica, pela lógica da “espelhização” do outro, na qual usa-se como referências modelos prontos, para se relacionar com o outro de modo a querer formatá-lo também. Nesta concepção, o outro é um espelho, no qual deve ser refletida as características dos comportamentos instituídos. E quando isto não acontece, o outro é excluído desta esquematização.

O espelho enquanto metáfora disparadora, a qual utilizo para problematizar a forma como se constrói a identidade, conhecimento e o reconhecimento de si no outro. Foucault, ao pensar sobre o conhecimento de si, questiona,

Sob que condições um olho pode se ver? Pois bem, quando percebe sua imagem que lhe é devolvida por um espelho. Mas o espelho não é a única superfície de reflexo para um olho que quer olhar-se a si mesmo. Afinal, quando um olho de alguém se olha em um outro olho que lhe é inteiramente semelhante, o que vê ele no olho do outro? Vê-se a si mesmo. Portanto, uma identidade de natureza é a condição para que um indivíduo, possa conhecer o que ele é. A identidade de natureza é, se quisermos, a superfície do reflexo onde o indivíduo pode reconhecer-se, conhecer o que ele é (FOUCAULT, 2004, p. 88).

Com base nesta concepção, pode-se dizer que, esta metáfora do espelho permite a compreensão da relação entre os conceitos de identidade e da diferença. Por meio de reflexões feitas em discussões teóricas e com uso de diários produzidos na disciplina Educação e Diversidades do mestrado em educação, cheguei a pensar:

O espelho abriga a diferença? Será que no espelho, olhando para ele, é possível observar os outros que nos habitam? No espelho vejo-me na minha suposta indivisibilidade, como se eu fosse um sujeito ontológico. Aquele sujeito cartesiano que é medido pelos quadrantes que o cercam. Olho, falo e grito, tentativa de me encontrar de outros modos, mas no espelho, estático, vejo-me repetido várias vezes (DIÁRIO DE AULA, Segunda – Feira, 13 de outubro de 2014).

A partir deste dispositivo metafórico, compreendi a identidade como território geometricamente delimitado diante das identidades flutuantes cujos significados se estabelecem discursivamente em processos que criam n-modos de existir (VEIGANETO, 2001).

Esta delimitação do espelho nos induz a uma ideia representacional de que o indivíduo possui uma essência, um único modo de existir uma identidade estática e refletida. Quem nunca ouviu falar a frase: é preciso se espelhar em fulano ou é preciso se espelhar em algo? Por isso o menino do espelho perguntava-se:

Por que diabo eu queria encontrar alguém igual a mim? É o que ficava pensando, a olhar a minha própria figura refletida no espelho. Eu não achava graça nenhuma em mim, confesso que desde então eu já não era o meu tipo. Mas era comigo mesmo que eu tinha de viver e, neste caso, um menino feito aquele ali diante de mim é que eu gostaria de encontrar, sem tirar nem pôr. Um menino que, em tudo e por tudo, fosse absolutamente igual a mim — porque do contrário não tinha graça. Que falasse como eu, se vestisse como eu, andasse como eu, pensasse e sentisse como eu. Juntos, nós dois seríamos capazes de tudo, das melhores brincadeiras, e até mesmo conquistar o mundo (SABINO, 2006, p. 74).

Por sua vez, essa figura repetida e reconhecida que buscamos refletidas no território do espelho permite-se rachar e nos faz ver o que está para além do espelho. E quando digo para além, não digo apenas por trás; mas nas suas bordas, nos seus entornos, nas suas rachaduras, nas suas micropartículas. A partir deste ensejo:

Precisamos desconstruir o espelho, não destruir, mas desmontar, quebrar e criar outros modos de usá-lo. Precisamos borrar este espelho com o caos, visto que este é uma condição necessária à ordem; essa só é ela mesma, isso é, ela só se identifica com ela mesma se for colocada frente a frente com seu outro, que é o caos. Sobretudo este caos não encolhe-se frente à imagem da ordem, ele contamina, o caos contamina a ordem do espelho (DIÁRIO DE AULA, Segunda – Feira, 13 de outubro de 2014).

O espelho, enquanto metáfora para tratar da identidade e da diferença, precisa ser caotizado para nos contaminarmos a outros modos de existir junto à multidão, junto às diferenças que nos constituem e na qual estamos inseridos. Assim, precisamos nos ver de outros modos, em outros territórios. Desta forma, os dispositivos sexopolíticos operam na fratura e desestabilização destas identidades, fixas, espelhadas, refletidas e representadas. Para compreendermos o acontecimento destes dispositivos na desconstrução das identidades cabem alguns encontros teóricos que seguem abaixo.

O dispositivo cunhado por Foucault atua como,

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (1979, p.144.).

Desta forma, “dispositivo” nessa perspectiva é aquilo que produz sentidos acerca do dito ou do não-dito, que opera sobre as subjetividades dos indivíduos. Por exemplo, pensemos a organização das carteiras da sala de aula de uma determinada escola; tal arquitetura funciona como um dispositivo de organização e disciplinarização dos corpos naquele espaço e opera nos corpos dos indivíduos de modo a objetivá-lo, discipliná-lo, a normatizá-lo.

De outro modo, Deleuze aponta o dispositivo como,

[...] uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio e essas linhas tanto se aproximam como se afastam umas das outras. Cada uma está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como vetores ou tensores (1990 p.55.).

Nesta ótica, o dispositivo opera por meio de linhas vetoriais disparando modos variados de ser nas pessoas. Assim, a partir deste conceito de dispositivo, percebo a criação de outros modos de existir nas práticas culturais, sociais, morais, sexuais dos indivíduos.

Tomado pela discussão dos conceitos de dispositivos acima referidos, proponho pensarmos acerca dos dispositivos sexopolíticos de modo a problematizar sobre as questões que envolvem as existências Trans.

A princípio define-se sexopolítica como,

[...] uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida (PRECIADO, 2011, p.11.).

Os que ousam externar sua sexualidade, seu gênero, diferente dos legitimados, entram na trama do poder que o regula e o vigia e tornam-se alvo do poder:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 2013, p. 132).

Nesse sentido, aqueles/as que não se enquadravam nos ditames da heteronormatividade era,

[...] patologizado como um tipo perverso ou desviante, um caso de desenvolvimento interrompido, um caso passível de tratamento, em suma, uma aberração à norma heterossexual. Como tal, ele era sujeito aos efeitos disciplinadores, marginalizadores e subordinadores do controle social. (SPARGO, 2006, p. 19).

Desse modo, os dispositivos de poder operaram sobre os sujeitos diferentes, sobretudo as Trans, e as categorizaram como formas transgressoras de existir, aberração, patologia monstruosa que se instalaram de modo a ferir a moralidade da sociedade burguesa heterossexualista. Portanto, o sujeito desviante passa a ser categorizado como desvio da norma. Seu destino só pode ser o segredo ou a segregação – um lugar incômodo para permanecer (LOURO, 2004, p. 29)”. Desta forma, para garantir sua sobrevivência, ela assume outras formas, outros desejos, outros territórios; assim como os monstros medievais faziam para manterem suas existências.

Então, cabe pensar as Trans enquanto seres sociais que, historicamente, foram concebidas dentro do campo da marginalidade, do crime moral, da monstruosidade; pois, no confronto com as práticas e discursos hétero-hegemônicos, as Travestilidades e Transexualidades transpõem a ordem *natural* dos sexos, mobiliza os conceitos estabelecidos de gênero presentes nos discursos biologizantes (SANTOS, 2010; FOUCAULT, 1988). Neste sentido, romper com a ordem social do que nos é posto acerca da sexualidade é algo marcante na cultura Trans, visto que esta desafia a ordem natural dos gêneros e resiste contra a força da heteronormatividade que visa excluí-las devido a suas práticas e seus modos de existência, que se permitem existir, na sua ousadia, na sua monstruosidade socialmente construída.

Essa forma de existência dispensa uma ligação com concepções edificantes de sujeito, pensando o sujeito na sua singularidade, “traçando compromisso com mudanças que levam à criação de novos estilos de vida baseados em uma ética capaz de criar sexualidades mais libertárias, e a partir delas, novas formas de sociabilidade” (MISKOLCI, 2006). Portanto, nada de assujeitamento em torno das existências Trans.

O foco é a abertura para novas formas de existir que não estejam capturadas pelos discursos normativos e patologizantes.

Por isso, é preciso um movimento contrário ao assujeitamento das identidades Trans, de modo a dar consistência a uma vida “habitável fora dos referentes patologizantes e psicologizantes (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 571); pois, historicamente, há um modo de ver as Trans como vidas não habitáveis, não humanas, visto que estas põem em cheque valores morais imperativos do que venham a ser humanidade, menino-menina, homem-mulher, masculino-feminino.

Desta forma, as existências Trans, que deslocam conceitos engenhosos, reivindicam o seu direito de ser monstro, o seu direito de ser marginal. Estabelece o imperativo: tire o seu diagnóstico de mim! Não quero ser normalizada! Assim, em resistência à patologização dos gêneros, surge a partir dos/as ativistas misturados com as questões Trans, a campanha pela despatologização, em que

As mobilizações se organizam em torno de cinco pontos: 1) retirada do Transtorno de Identidade de Gênero (TIG) do DSM-V e do CID-11; 2) retirada da menção de sexo dos documentos oficiais; 3) abolição dos tratamentos de normalização binária para pessoas *intersexo*; 4) livre acesso aos tratamentos hormonais e às cirurgias (sem a tutela psiquiátrica); e 5) luta contra a transfobia, propiciando a educação e a inserção social e laboral das pessoas transexuais.(BENTO; PELÚCIO, 2012, 573).

A busca por uma despatologização das identidades Trans dialoga com os dispositivos sexopolíticos, nos quais

o corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*. Desterritorialização nos espaços. (PRECIADO, 2011, p.14.).

As Trans, dessa forma, criam-se na realidade opressora, estabelecem rupturas, fricções, fissuras, desterritorializações no tempo e no espaço. Por isso, não há uma identidade dos estranhos, dos *queer's*, e não há uma única diferença; mas multidões de diferenças, diversidades que potencializam vidas questionadoras às representações políticas, aos sistemas de produção de um sujeito normal, às instituições políticas, soberanas (PRECIADO, 2011).

Afunilando a discussão para a educação, tomado por minha formação enquanto pedagogo, sinto-me provocado com estas formas de ver e de agir sobre a questão das pessoas Trans, e ponho-me a pensar: Qual o lugar das monstruosidades Trans numa pedagogia do sujeito? Ao pensarmos numa sociedade disciplinar, onde a escola, os manicômios e as prisões tentam objetivar as existências, sobretudo as dissidentes, percebo que o lugar destas é o da existência outra que resiste, visto que as lutas contra os processos de objetivação destas me fazem pensar outras possibilidades do humano (FOUCAULT, 2013).

Nesse sentido, falar de uma Pedagogia Trans é perceber a potencialidade de uma pedagogia sexopolítica que não busca pedagogizar o outro dentro de uma fôrma, de uma identidade forjada, produzidas por tecnologias de subjetivação à base da “medicalização e tratamento de crianças intersexos, gestão cirúrgica da transexualidade, reconstrução e “aumento” da masculinidade e da feminilidade normativas, regulação do trabalho sexual pelo Estado, e o pelo *boom* das indústrias pornográficas [...] (PRECIADO, 2011, p.7.).

As instituições operam na lógica destas tecnologias, pois para o capitalismo contemporâneo faz-se necessário fomentar situações de produção de indivíduos enquadrados para o “crescimento” e “progresso” social. Neste sentido, os espaços de formação do indivíduo, como a escola, por exemplo, buscam pedagogizar as existências dissidentes de modo a “incluir-las” nesta máquina de produção e consumo de indivíduos em massa. Esta não é uma perspectiva generalizante, visto que há escolas possíveis e que buscam novos possíveis dentro de um contexto nocivo às multidões. Mas, este caso ainda é uma minoria que resiste aos podres poderes que dominam a ordem que homogeneízam os sujeitos.

Portanto, é preciso refletir sobre a educação e as normalizações que transitam nos espaços educativos, pois estes espaços exigem um modelo de sujeito e os dispositivos sexopolíticos as presenteiam com outros que destoam, friccionam e diferenciam-se do projeto de sujeito que ela exige. Assim, é preciso que os lugares da educação proponham ações não normatizadoras e não conteudistas, que foquem na experiência da aprendizagem, naquilo que toca, que produz sentido. Numa educação em que

As palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou a nos soar irremediavelmente falsas e vazias. E, cada vez mais, temos a

sensação de que temos que aprender de novo a pensar e escrever, ainda que para isso tenhamos de nos separar da segurança dos saberes, dos métodos e das linguagens que já possuímos (e que nos possuem)(LARROSA, 2015,p7).

Trata-se aqui de uma pedagogia profana que pratique heresias contra a sagrada e irrompível educação, para que nesses contextos as diferenças se tornem dispositivos para pensar novos modos de existir e de educar; pois, no campo teórico-prático das políticas das diferenças, as ditas monstruosidades - e aqui me refiro em especial às monstruosidades Trans - são “[...] pura cultura [...] descolamento; elas habitam, sempre o intervalo entre o momento da convulsão que as criaram e o momento no qual elas são recebidas – para nascer outra vez (COHEN, 2000, p. 25.). As monstruosidades dançam no território das normatizações que tentam dissecá-las, curá-las, educá-las para saírem da condição de existência; visto que elas ferem, deixam marcas e rastros a uma ortopedia pedagógica do sujeito que buscam disciplinarizar ou mesmo dizimar os corpos monstros.

Portanto, os dispositivos sexopolíticos não agem passivamente sobre as existências Trans, mas funcionam como disparadores para que estas acionem outros modos de existência, estabelecendo resistências ao controle que tenta discipliná-lo, como um processo de invenção e reinvenção de si e do mundo em que vive. Provocado por estas leituras e por minha formação, enquanto pedagogo que sou, questiono: por que não há na escola lugares para os sujeitos monstros? Se os monstros habitam a escola, por que eles não transitam livremente por ela?

A partir desta questão, sugiro que precisamos olhar bem para aqueles que habitam a escola. Seguindo essa concepção, parafraseio Ferre (2001), no sentido de aprendermos a olhar bem o outro para dar vazão às mil diferenças, realidades e possibilidades existentes nele, pois

O homem se faz ao se desfazer: não há mais do que risco, o desconhecido que volta a começar. O homem se diz ao se desdizer: no gesto de apagar o que acaba de ser dito, para que a página continue em branco. Frente à autoconsciência como repouso, como verdade, como instalação definitiva na certeza de si, prende a atenção ao que inquieta, recorda que a verdade costuma ser a arma dos poderosos e pensa que a certeza impede a transformação. Perde-te na tua biblioteca. Exercita-te no escutar. Aprenda a ler a escrever de novo. Conta-te a ti mesmo a tua própria história. E queima-a logo que tenha escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também ser de outra maneira. Recorda-te do teu futuro e caminha até tua infância. E não me perguntes quem és aquele que sabe a resposta, nem mesmo a essa

parte de ti mesmo que sabe a resposta, por que a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. Sê tu mesmo a pergunta (LARROSA, 2015, p. 41).

Chegado o fim, este foi um dos aprendizados que me contaminou neste Atrique:
Eu me faço, ao me desfazer!

ATRAQUE III

AS ENCRUZILHADAS DA SOCIOPOÉTICA: constituição metodológicas e desejanter de uma experiência encarnada de muito pés



FONTE: Martins/2015

Pesquisamos para aprender, e não para educar nem cuidar. Na dialogicidade, no encontro com outros mundos, outros códigos, quem tem prioritariamente de se conscientizar dos seus limites somos nós.

(Jacques Gauthier)

A encruzilhada é o lugar do encantamento, o paradoxo é um dos seus "fins", a vertigem é própria da encruzilhada, o desconstruir, re-construir, equilibrar, desequilibrar... é o paradoxo impelindo à ação
(Aldibênia Machado)

A sociopoética é um método de pesquisa instrumentalizado pela potência do coletivo porque permite a produção coletiva do conhecimento entrelaçada por muitos corpos, intuições e sensibilidades (GAUTHIER, 2010). Portanto, trato de caminhada de muitos pés, vibração do corpo todo que faz falar visto que não falo de modo abstrato, como alguém que se restringiu a teorizações, mas como me constitui e encarnei em meu corpo e em minhas práticas nesta abordagem. Preciso falar dos labirintos que criei, dos buracos que cai, das pontes que atravessei, das encruzilhadas que enfrentei e vivi na produção do conhecimento, constituindo-me pesquisador neste método.

A sociopoética foi um acaso significativo em minha vida. Na época quando a descobri, estava em busca de coisas que a princípio não eram este método de pesquisa. Em meados de 2009, ainda na graduação em Pedagogia, estava me inserindo nas discussões da Teoria *Queer* e Educação, e em busca de saber mais dirigi-me ao Observatório de Juventudes e Violências na Escola – OBJUVE¹⁰ em procura de bibliografia para me informar sobre esta teoria que estava aprendendo. Ao entrar na sala, logo encontro a profa. Dra. Shara Jane Costa Adad, uma das coordenadoras do OBJUVE, e questioneei-a se havia no acervo daquele espaço bibliografia sobre Teoria *Queer*. A professora replicou com uma pergunta acerca do meu interesse no tema.

Ao responder sobre meu interesse acerca da teoria em questão, a coordenadora do OBJUVE, chamou-me para participar de uma aula sobre o *Queer* na disciplina Antropologia do corpo no mestrado em Antropologia, ao tempo que me convidou para participar da reunião do grupo de estudos que compunha e onde tais questões seriam abordadas.

Até então não sabia nada sobre aquela mulher que me convidara, a não ser que a mesma era recém chegada no curso de pedagogia, sobretudo achei muito interessante e solícita sua atitude. Então, conforme ao convite, dirigi-me à reunião, que era a primeira do grupo de orientandas da professora em questão, neste momento discutimos o plano e as metodologias de estudo do grupo, bem como as pesquisas que iriam ser executadas por meio de orientação da professora. O que me marcou no dia desta reunião foi a simples e significativa palavra sociopoética. Em meio a minha timidez de perguntar mais sobre aquela palavra deixei-me aprender no fluxo das experiências do núcleo junto com o coletivo que formávamos.

¹⁰ Observatório que desenvolve pesquisas e ações acerca de temas relacionados às Juventudes, sobretudo no que diz respeito às violências e a escola.

Neste processo, em leituras, trocas de experiências e conversas entre o grupo, descobri que a “[...] sociopoética é uma abordagem de pesquisa em ciências do ser humano e da sociedade, enfermagem e educação, com possibilidade de aplicação no ensino e na aprendizagem.” (GAUTHIER, 2010, p. 5).

Este método pensado pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier, “é um novo método de construção coletiva do conhecimento que tem como pressupostos básicos que todos os saberes são iguais em direito e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento poético (do grego *poiesis*= criação)” (PETIT, 2014, p. 24).

É portanto, uma prática filosófica,

[...] uma passagem obrigatória para quem quer transformar as práticas sociais, por paradoxalmente não visar a transformação social e ainda menos a conscientização, e sim o conhecimento do inconsciente, através do descobrimento das Américas (negras, brancas, indígenas e mestiças) do pensamento dos grupos-pesquisadores. Por que uma filosofia? Por que ela: descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais (GAUTHIER, 2003, p.20).

Percebi então a dimensão da sociopoética, a sua magia e suas possibilidades enquanto método de pesquisa que permite desterritorializações e reterritorializações. Assim, permiti-me vivenciar este método, das mais diversas formas, enquanto metodologia pedagógica propícia a invenção de estratégias no processo ensino e aprendizagem, especialmente no estágio de docência, no mestrado, com minha orientadora. Outras vezes, nas pesquisas de iniciação científica, de graduação ou mesmo auxiliando no processo das oficinas enquanto co-facilitador¹¹. Noutras oportunidades, experimentei tal método enquanto copesquisador¹² nas experimentações dos dispositivos artísticos para a produção de dados propostas pelos pesquisadores oficiais de pesquisas de cunho sociopoético.

¹¹ Figura que compõe a pesquisa e modo a ajudar o facilitador.

¹² Define-se como um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo sujeito do seu devir. Gostamos de dizer que na pesquisa ele age como se fosse um único pensador, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem (GAUTHIER, 2012, p.79).

Ao escolher trabalhar com a sociopoética na pesquisa de mestrado, detive-me em um dos seus princípios¹³, que é pesquisar com técnicas artísticas, pois esta “ênfatiza a necessidade da arte e da imaginação como dispositivos para estranhar o mundo” (ADAD, 2014, p. 52). Assim, foi desafiador pensar as técnicas de produção de dados e os dispositivos artísticos que permitem agenciamentos que descongelam os corpos enrijecidos e mobilizam as estruturas do inconsciente para a produção dos dados. Neste sentido, as técnicas de produção de dados “[...] cumprem o objetivo de abrir para a produção de um ambiente que proporcione a multiplicação e a invenção de novas forças ou novas armas para afirmar o acaso, a potência do grupo” (ADAD, 2014, p. 43).

Nas experimentações dos dispositivos artísticos de pesquisa, permiti-me viver no corpo outro de seus princípios, o que diz respeito a pesquisar entre as pessoas de um grupo e isto implica dizer não “falar em nome, nem no lugar dos outros, de não ser juiz, nem de atribuir culpas ou mesmo sentir culpas” (ADAD, 2014, p. 44), mas de permitir condição para o diálogo, para relação entre os saberes que existem e que são produzidos entre as pessoas do grupo-pesquisador. É

[...] propiciar o aflorar das dúvidas, do pensamento e das questões dos próprios/as copesquisadores/as e experienciar, por meio das oficinas, o gozo de ser bando [...] é multiplicar os lados da visão, da audição, do tato, do paladar e da razão (ADAD, 2014, p.45).

E pesquisar entre as pessoas de um grupo fez-me perceber que neste modo de pesquisar as experiências não são “[...] “coletadas”, como se estivessem nos esperando numa cesta, mas produzidas pelas condições de realização da pesquisa, nas quais a interferência do pesquisador e suas técnicas são uma implicação inegável” (PETIT, 2014, p.26). Portanto, mais do que produção de dados, há produção de experiências, emergentes daquilo que toca, que provoca, que afeta o grupo-pesquisador na imanência das oficinas (BONDIA, 2002)

Assim, aproximei-me da sociopoética compreendendo-o enquanto método que permite uma pesquisa de si em busca de vidas e ciências descolonizadas (GAUTHIER, 2012). Assim, afeiçoei-me por esta forma de pesquisar visto que possibilita ao mundo acadêmico compreender os,

[...] códigos por elas desconhecidos na maneira de se produzir o conhecimento. De fato, pretendemos mais transformar a academia que as comunidades em que pesquisamos. Até por questões éticas:

¹³No decorrer do texto, caro leitor, você encontrará menção aos princípios sociopoéticos possivelmente articulados com minha experiência junto a este método. Os mesmos não encontram-se em uma encadeamento lógico, pois os princípios não acontecem numa linearidade na pesquisa, mas misturados ao acontecimentos desta.

estamos atuando na academia e temos a responsabilidade de trazer o melhor para ela; do seu lado, as comunidades são donas do seu nariz e só elas podem decidir se (e até que ponto) elas querem se transformar durante e após o processo da pesquisa. (GAUTHIER, 2012, p. 76..).

Assim, perceber o ato de pesquisar como algo que descoloniza o pensamento (principalmente do pesquisador) em vez de colonizar as formas de vida, por meio da pesquisa acadêmica criando conceitos cristalizados acerca dos envolvidos na pesquisa, fez meu tesão pela sociopoética aumentar.

E este foi o outro encontro com este caminho, o de pensar as vidas que são colonizadas por uma academia e uma sociedade canônica, messiânica e jesuítica. Eis outra pista que sigo dentre os princípios do método sociopoético: pesquisar com as culturas de resistência, das categorias e dos conceitos que produzem. Desse modo, o conhecimento é produzido na relação que se estabelece com o outro, no encontro com as vozes silenciadas, com os saberes ditos marginais, subalternizados, que as vezes vivem a invisibilidade, mas em outras vivem a explosão em forma de resistências.

Desta forma, o/a pesquisador/a “[...] terá a tarefa difícil de aprender a encontrar os/as outros/as, e logo, de aprender com o povo, com os copesquisadores/as, que sabem muitas coisas e que nós facilitadores/as, aprendemos deles durante o processo da pesquisa” (ADAD, 2014, p. 46). Trata-se então, de pautar um diálogo intercultural de modo que o/a pesquisador/a perceba que seu saber é mais um diante da multiplicidade existente. Assim, ele/ela tem muito mais a aprender do que ensinar pensando a partir deste princípio.

Mas, ao tempo em que me encontrava encantado por esta forma de pesquisa, eu ainda não me sentia preparado para fazê-la. Estava consumido por um sentimento paradoxal entre o querer e o medo de fazer. O sintoma era perceptível, pois nas vezes que tive a oportunidade de me constituir um pesquisador sociopoeta sempre me escondia atrás de uma recusa implícita advinda do medo de executar a pesquisa, pois, considerava que ainda não tinha capacidade de realizá-la.

Para mim, este sentimento era inconsciente inicialmente, a exemplo, na pesquisa que desenvolvi para o Trabalho de Conclusão do Curso – TCC na graduação em Pedagogia (no ano de 2012), sobre o corpo estranho na contemporaneidade com jovens da Escola Pública, a qual tinha uma inspiração teórica-metodológica na Sociopoética. Depois, o meu desejo de fazer uso deste método foi postergado quando, para ingressar

no mestrado em educação, optei em utilizar o método cartográfico¹⁴.

Durante o mestrado alguns disparadores foram necessários para escolha da pesquisa com esta abordagem. Primeiramente, em agosto de 2014, final do semestre letivo, participar da defesa pública de dissertação de mestrado de Maria Dilma Andrade Vieira dos Santos e Romário Ráwlyson do Nascimento¹⁵, ambos utilizando o método aqui referido, foi relevante para escolha deste método por mim, pois diante daquela apresentação vi a potencialidade das produções de sentidos nos confetos¹⁶, nestes trabalhos. Esta potencialidade passou despercebida e só naquele momento entendi o quanto a sociopoética desconstrói as formas instituídas de pensar, nestes trabalhos.

Em particular, a segunda pesquisa com jovens de uma escola pública do litoral piauiense me chamou muita atenção devido se tratar de um tema que me instiga: a sexualidade. Na pesquisa em questão veio a tona experiências que permitiram descolonizar o currículo escolar no que diz respeito à sexualidade. Os/as jovens filósofos/as produziram outras formas de pensá-la. E pra mim isso foi preponderante para minha escolha de caminhar entre estas encruzilhadas. Essa singularidade que ela nos remete no que diz respeito tratamento das experiências e dos participante da pesquisa.

Outra experiência relevante, para a minha escolha está na minha participação em uma formação ofertada em janeiro de 2015, que teve como tema-gerador¹⁷ “O que é formar?” a qual juntamente com a minha orientadora e sua orientanda de iniciação científica Mayara Oliveira, cofacilitei. Esta formação é denominada de “Pescurso” (pesquisa + curso) porque se configura como um procedimento de formação onde a aprendizagem do método dá-se na prática. As oficinas foram pensadas e organizadas de modo a possibilitar, junto ao grupo-pesquisador, a produção de experiências. A formação aconteceu em forma de vivência propiciando intensas aprendizagens e novos sentidos em torno do tema-gerador: O Formar. O objetivo desta formação foi propiciar

¹⁴ É um método que acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes se tornaram obsoletos (ROLNIK, 2007, p.23).

¹⁵ “Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento” (ANDRADE, 2014) e “Descolonizando sexualidades e currículo na escola: confetos produzidos por jovens da ilha (NASCIMENTO, 2014)”, respectivamente.

¹⁶ Na pesquisa sociopoética entende-se por confeto as misturas íntimas de conceitos e afetos que o grupo-pesquisador vai criando. Portanto racionalidades e afetações são mobilizadas de modo a perceber “o corpo todo como produtor do conhecimento” (GAUTHIER, 2012, p. 77). Os confetos são produzidos pelo grupo-pesquisador em vivências no espaço e tempo das oficinas sociopoéticas. Eles são estudados¹⁶ pelo pesquisador/a propositor/a da mesma onde emergem conceitos desterritorializados.

¹⁷ É o tema da pesquisa, ou seja, uma noção – simples ou composta – a ser elaborada coletivamente GAUTHIER, 2012, p.79).

aos orientandos e interessados o conhecimento vivencial desta abordagem de pesquisa e foi pista introdutória no modo de pesquisar com tal método.

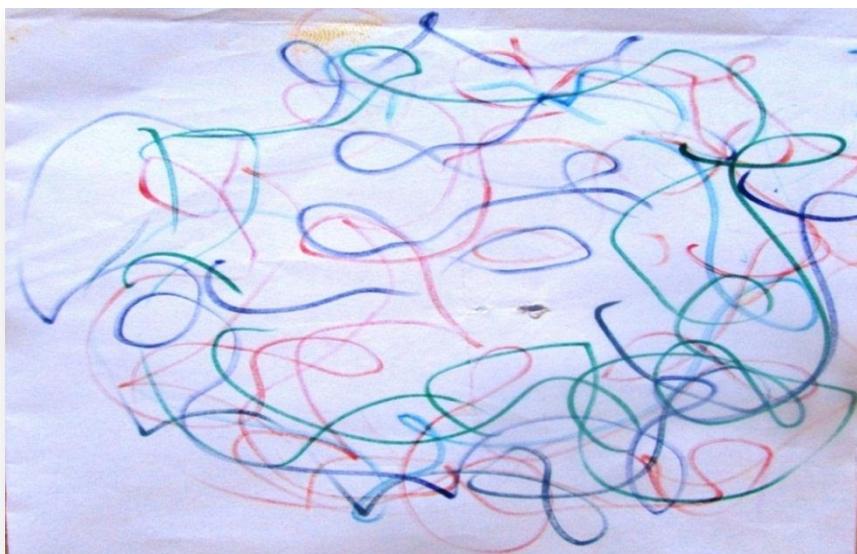
Ademais, no processo de minha constituição neste método, duas disciplinas de Sociologia da Educação, nas quais fui estagiário de docência superior, foram também significativas, pois inspirado no método em questão utilizamos aulas-disparadoras que articulavam teoria e vida. Os textos e as práticas de sala de aula possibilitavam leituras encarnadas, porque nas aulas os textos levados pela professora eram vividos no corpo, misturavam-se com este, possibilitando a fabricação de devires – de multiplicidades heterogêneas em fusão de modo a refutar o todo tipo essencialismo (PETIT, 2014).

Eis o exercício de outro princípio da sociopoética: o corpo como produtor do conhecimento. Neste princípio, diferente do pensamento primado pela ciência moderna, de perspectiva cartesiana que separa físico e intelectual, coloca-se que é por meio do corpo que ampliamos as possibilidades de sentir os saberes, de tocá-los, de cheirá-los, de olhá-los, de devorá-los. Dessa forma, o corpo “compõe um quebra-cabeças, com peças provenientes não de um mesmo jogo, mas de jogos diferentes que partem de muitos lugares, de muitas pessoas, de muitos fluxos e intensidades” (ADAD, 2014, p. 49).

Durante as aulas-disparadoras do mestrado, realizadas por minha orientadora, experimentei e constitui um devir-corpo da pesquisa que denominei de **corpo inesperado e fugaz**, a partir dele concebia que

A pesquisa é um território desconhecido. Inesperado. Fugaz. É um corpo que anda por vários becos e esquinas até chegar ao inesperado, ao inacabado, sempre deixando margens para outras margens.

Figura 3: Produção Plástica - Corpo Inesperado e fugaz



Tomar como disparador esta experiência, fez-me perceber o que se criava de novo em mim enquanto pesquisador envolvido por uma temática, por representações instituídas sobre o meu tema, pelo saber que achava ter sobre aquilo que propunha estudar. Um novo pesquisador surgia mobilizado pelas incertezas, pelo desconhecido, andarilho, inacabado, pois permitia-me viver os afetos que pediam passagem na relação com a pesquisa. (ROLNIK, 2007). Na pele de outro pesquisador, permiti-me viver as desconstruções, as explosões que ocorrem no processo, dando origem ao novo e construindo novos mapas, novas geografias.

A partir do devir **Explosão**, o qual criei em outra aula-disparadora, permiti-me pensar, também, a pesquisa e o método que utilizaria:

Pesquisar na explosão é colocar-se num campo minado. Num campo guerra onde estamos envolvidos na luta, no combate. Onde ouvimos estalos que nos dão ideias e explosões que mortificam nossas representações. É estar e não estar, pois muitas vezes não sabemos onde pisar. É ouvir gritos, dores, sabores, cheiros. É um campo de rupturas. É perder sentidos e encontrar outros.

Figura 4: Produção plástica: Explosão



FONTE: Martins/2014

As páginas acima mostraram como me constituí um sociopoeta: fugas, encontros e desencontros foram possibilidades que me mostraram outra forma de pensar a produção científica necessária ao pesquisador da diferença, que não busca essencializações, enquadramentos em categorias duras e que não vê os procedimentos técnicos de uma pesquisa “como universais e capazes de desvelar as essências e

verdades verdadeiras escondidas nas dobras da alma, no riso dos palhaços, nas artimanhas dos malandros e nos delírios dos insanos” (ARANTES, 2015, p. 93).

Nesta nova formação, aprendi que pesquisar em qualquer área de conhecimento exige muita cautela, muita engenhosidade e artesanaria. Mas, pesquisar na área das ciências humanas, principalmente em uma pesquisa qualitativa, requer manejo sensível aos toques, aos sons, às cores, aos movimentos que a relação com o campo e as pessoas que o compõem permitem estabelecer. Neste sentido,

[...] pesquisar, na área das ciências humanas e da sociedade, é um tecer-juntos, é a criação coletiva de um intertexto, de um tecido onde se cruzam os saberes, na esperança da emergência de uma roupa nova, nunca vista: de um conhecimento inovador (GAUTHIER, 2003, p. 3).

Desta feita, a sociopoética permite articular uma pesquisa que possibilite relações micropolíticas¹⁸ entre os envolvidos e cabe ao pesquisador percebê-la como interventiva, compreender que não é propósito deste método conscientizar as pessoas da pesquisa, mas com elas relacionar-se, criar condições de produções de saberes, tecer juntos, criar um intertexto onde as relações estabelecidas entre os componentes da pesquisa ecoem. A intervenção, neste sentido, acontece como um

Mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar de plano da experiência [...] acompanhando os efeitos (sobre objeto, pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. [...]. O ponto de apoio é a experiência como um saber-fazer, isto é, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico. (BARROS; PASSOS, 2010, p. 17-18).

Posto isto, a sociopoética é uma forma libertária de fazer ciência visto que rompe com os modelos duros da ciência tradicional presente no território acadêmico. Resiste ao

[...] não diálogo com as outras culturas, sobretudo as dominadas e/ou de resistência; o corte da cabeça do resto do corpo, sobretudo da sensibilidade e da sexualidade; a separação entre aprendizagem científica e desenvolvimento artístico; a consideração dos não especialistas como incapazes de participarem da produção do conhecimento; a separação entre o conhecimento e a espiritualidade (GAUTHIER, 1998, p. 174).

¹⁸ A questão micropolítica na sociopoética está relacionada “ao modo de como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas [...], com aquele que chamei de molecular” (GUATTARI; ROLNIK 1996, p.127.). Portanto como os devires, as subjetividades são produzidas frente a relações macropolíticas e micropolíticas.

Na trama do método sociopoético, não poderia deixar de fora o princípio que foca “na responsabilidade ética, política, noética e espiritual do grupo-pesquisador enquanto emergência de desejos e devires imprevisíveis” (GAUTHIER, p. 75, 2012). Este princípio atravessa toda a pesquisa quando possibilita ao grupo-pesquisador (copesquisadores + pesquisador oficial), enquanto produtor de conhecimento na pesquisa, levar em consideração as questões políticas que lhes permeiam.

A espiritualidade enquanto relação com a natureza e com o mundo, o cuidado consigo e com o outro e de perceber-se enquanto totalidade na relação com o mundo. Isto faz-se necessário para que no campo da pesquisa se garanta “[...] a democracia e autonomia dos pesquisadores como produtores do pensamento coletivo e particular capaz de expressar suas próprias convicções, e intervir na excessiva busca de certezas ao construir suas pontes para o futuro, sem medo das incertezas” (ADAD, 2014, p. 57).

Por fim, aprender e pesquisar com a sociopoética não é estabelecer amarras, edificar macro estruturas buscando padrões, métodos e técnicas que produzam o conhecimento hierárquico. Mas perceber como o conhecimento se produz no encontro entre as pessoas, que se dá por meio do imprevisível, das incertezas, dos agenciamentos que possibilitam a criação de devires potentes na imanência sociopoética.

3.1 Abre alas que as TRANS querem passar: GPTRANS e o Projeto TRANS FORMAÇÃO

Após minha proposta inicial de pesquisa passar pelas transformações das experiências da pós-graduação, por certo tempo fiquei sem território, sem chão, para marcar com meus pés de pesquisador. Minha organização, minha identidade enquanto pesquisador já não era mais a mesma. Fiquei desorientado, com medo do novo, com medo de me entregar à dissolução que se instaurava para dar forma as outras coisas (LISPECTOR, 1979).

Neste processo, um dos meus encontros em busca de delinear minha pesquisa, deu-se com o Grupo Piauiense de Travestis e Transexuais do Piauí – GPTRANS. Tal grupo

[...] é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, cuja missão principal é mobilizar travestis e transexuais do Piauí para defesa de direitos humanos, com destaque para as questões de respeito a identidade de gênero. Atua em rede com outras entidades. Integra o Fórum de ONG’s Trans do Piauí (APTTRA), Fórum LGBT do Piauí, Grupo de Trabalho da Secretaria Estadual de Saúde, Articulação

Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e Fórum ONG/AIDS/PI (PROJETO TRANS FORMA AÇÃO, 2012, p. 1).

O grupo em questão desenvolve as seguintes atividades: “fortalecimento da identidade de gênero e autoestima do segmento de Travestis e Transexuais; atividades com várias entidades parceiras (como o Coletivo Mirindiba, Grupo Matizes, Grupo Anjos, Fórum LBGT, Fórum de ONG’s Trans – APTTRA); Ações de advocacia” (PROJETO TRANS FORMA AÇÃO, 2012, p.3). Este grupo realiza suas atividades durante todas as segundas terças-feiras de cada mês durante o ano. O espaço em que realizam suas ações e reuniões localiza-se no Centro de Referência para promoção da Cidadania homossexual¹⁹.

Figura 5: Prédio do Centro de Referência para a Promoção da Cidadania Homossexual Raimundo Pereira



FONTE: Martins/2015

Neste contexto, o foco desta pesquisa, deu-se em torno do Projeto TRANS FORMA AÇÃO. O significado desta palavra segundo a justificativa exposta na cartilha do referido projeto concebe a expressão TRANS como termo alusivo ao público de Travestis e Transexuais e FORMA AÇÃO são as ações desenvolvidas no decorrer do projeto por suas educadoras.

Os objetivos deste projeto operam por meio da,

¹⁹ Unidade executora de políticas públicas de promoção e defesa dos direitos humanos das pessoas LGBT's. Este espaço é celebrado entre a União, através da Secretária Especial de Direitos Humanos da presidência da república e o Estado do Piauí, com a interveniência da Secretária de Assistência Social e Cidadania (SASC).

- Contribuição para o fortalecimento dos direitos de travestis e transexuais nos setores públicos do Piauí bem como o reconhecimento e autoafirmação de sua identidade de gênero;
- Promoção de ações educativas/informativas para o fortalecimento dos direitos humanos e de uma cultura de respeito a identidade de gênero de travestis e transexuais.
- Realização de ações/oficinas de sensibilização junto a servidores de órgãos públicos do estado do Piauí, contemplando a questão de direitos humanos e identidade de gênero PROJETO TRANS FORMA AÇÃO, 2012, p.1)

O projeto em questão é composto por cinco educadoras TRANS (Travestis e Transexuais) que desenvolvem ações e atividades educativas/informativas de sensibilização junto a servidores de órgãos públicos do estado do Piauí para o fortalecimento de respeito à identidade de gênero de Travestis e Transexuais.

As ações e atividades desenvolvidas pelas Trans do referido projeto ocorrem por meio de oficinas educativas junto aos diversos setores públicos da sociedade, dentre os quais podemos destacar os dispositivos da Secretária de Assistência Social – SASC, como os Centros de Referência da Assistência Social - CRAS e Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS. Concebe-se, também, como lugares de atuação das educadoras do projeto TRANS FORMA AÇÃO, os dispositivos da Secretária de Segurança Pública como as academias de formação de militares, as delegacias, os batalhões e os setores vinculados à Secretária de Educação do Estado do Piauí – SEDUC, como escolas e universidades.

Ainda, compõem as práticas dessas educadoras o apoio a eventos que tratam da temática LGBT, principalmente das questões Trans. Desta forma, pode-se citar a exemplo destes eventos o/a: IX Jornada Nordestina de Cidadania e Direitos Humanos, campanha: ninguém precisa ser trans, para lutar contra transfobia, as Conferências direitos humanos e LGBT's.

Tomando como exemplo as experiências aqui citadas, podemos concluir que o TRANS FORMA AÇÃO trabalha com empenho suas atividades de modo a promover educação que dilua as concepções moralistas e heteronormatizadas que fundamentam as formas de violência e desrespeito praticado contra as pessoas Trans. Portanto, este projeto contribui, por meio de suas práticas educativas, para o combate ao cerceamento de direitos de Travestias e Transexuais à livre orientação sexual e identidade de gênero.

3.2 Com quantos corpos se faz uma pesquisa?: negociação do grupo-pesquisador, do personagem, das paisagens e do tema-gerador

[...] A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, seria necessário também que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e icognitas da questão. Seria preciso formulá-la “entre amigos”, como uma confiança ou uma confiança, ou então face ao inimigo como um desafio, e ao mesmo tempo atingir esta hora, entre o cão e o lobo, em que se desconfia mesmo do amigo.

(Deleuze e Guatarri)

Pesquisar navegando pela sociopoética é construir territórios existenciais, fabricar conceitos, questões, paisagens e personagens. E neste caso naveguei entre os labirintos e encruzilhadas que me levaram à imanência desta negociação.

E aqui vale ressaltar que a imanência é,

[...] a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento.[...] é uma reversibilidade, uma troca imediata, um clarão. O movimento infinito é duplo, e não há senão uma dobra de um a outro. É neste sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa. (DELEUZE;GUATTARI, p. 1992, p. 53-53.).

E neste sentido negociar, adentrar o campo da pesquisa e relacionar-se com ele, é inserir-se no território da produção dos conceitos. A negociação de uma pesquisa acontece mesmo antes de você concretizá-la no ato de uma oficina²⁰. Ela acontece entre as idas e vindas na construção do seu território que nunca se constitui por completo; pelas leituras para fortalecer os instrumentos com os quais você adentra o território e nas situações que você se encontra a realizar e que a princípio não parecer ter nem um sentido: como o preparo de bolo. Estes processos acima referidos funcionam como dispositivo para a sedução, a criação do vínculo e para o acontecimento da pesquisa, neste caso a negociação. Pois construir uma relação de confiança, uma ligação minimamente estável com o grupo é o principal disparador para uma boa negociação.

²⁰ No caso das pesquisas sociopoéticas a produção das experiências, que dão origem às narrativas e produções plásticas durante a pesquisa, acontecem por meio de oficinas de produção de dados, conforme explicitarei mais a frente.

Diário de Itinerância – 24/10/2014

O Celular alarma. São mais ou menos 6h:30min, continuo deitado na cama. Pensando! Pensando sobre a vida, mas, pensando sobre o que tenho que fazer hoje: encontrar com Maria Laura do Centro de Referência LGBT para acompanhar a reunião do Grupo de Convivência TRANS²¹. Em torno de 6h:40min, levanto-me, organizo meu caos matinal(risos) e vou tomar banho. Tomo meu café e saio desnorteado, por medo de chegar atrasado. Corro para o ponto de ônibus e rapidamente este manifesta sua cor amarela no fluxo de carros da Avenida Barão de Castelo Branco. Entro no famoso Amarelão²² sento-me nas cadeiras do meio com ânsia para chegar logo ao centro de referência. O ônibus segue seu caminho, por entre as ruas movimentadas da zona sul de Teresina. E na terceira parada após a minha, o ônibus manifestou problemas em seu motor, e para meu desespero percebi que este iria quebrar ali, causando o possível atraso de minha visita ao Centro de Referência. Mas, o motorista insistiu e o ônibus seguiu duas paradas a frente e parou em um ponto de ônibus próximo ao Banco Brasil, da Av. Miguel Rosa, avenida localizada na zona sul da cidade de Teresina. Ainda tive que ir caminhando ao meu destino final. Foram 20 minutos de caminhada.

Dessa forma, a negociação é feita no espaço-tempo e nas derivas que são produzidas durante o caminhar inicial de uma pesquisa. Nesse sentido, o meu primeiro encontro, os acasos significativos oriundos daquele dia fazem parte do meu processo de negociação com o tempo, com o espaço e com minhas copesquisadoras. Assim, chego ao conhecimento de que negociar a pesquisa não acontece um único momento, mas em idas e vindas, harmonias e caos que fortalecem o elo construído entre o pesquisador/a propositor e as copesquisadores/as.

Após os encontros junto ao Grupo Piauiense de Travestis e Transexuais – GPTRANS agendei com Maria Laura (Secretaria Executiva do Grupo) e Joseane Borges (Presidente do Grupo) a primeira oficina de negociação junto às educadoras sociais do projeto Transformação, a data definida foi dia 27 de maio de 2015. Neste interim, negocieei com Krícia (amiga do curso de mestrado) para que ela co-facilitasse comigo este momento de negociação. De imediato a mesma aceitou.

²¹ Este grupo é constituído por Travestis e Transexuais que realizam rodas de conversas de temáticas diversas, para que as Trans possuam conhecimento de seus direitos e deveres perante a sociedade. Esse grupo acontece geralmente na segunda terça-feira do mês.

²² Como é conhecido o ônibus Universidade Circular I e II que atravessa a cidade da zona norte à zona sul passando pelas duas Universidades da cidade (UESPI e UFPI)

Diário de Itinerância – 27/05/2015

Diante desta itinerância, deste processo de pensamento e criação acerca de pensar a negociação da pesquisa, por fim chegou o dia da oficina. No dia anterior (26/05/2015) organizei previamente o material que utilizaria na oficina de negociação, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A)²³, planejamento de execução da oficina, aquisição de material para a oficina, conversa com Krícia para deixar tudo organizado para o dia seguinte. Entretanto, diante de toda essa preparação, dessa organização, a ansiedade, o medo colocou-me no labirinto. Num labirinto da pesquisa, que me permitia ter várias sensações que oscilavam entre o desejo latente de ver logo as coisas acontecerem e o desejo oculto de privar-se desta experiência, pois o medo também me acometia naquele instante. Percebo, que naquele momento, estava construindo um território para minha pesquisa, construo a passos de pés descalços e rachados, circunstâncias, paisagens e personagens para que minha pesquisa aconteça.

Lembro-me que o medo tomava conta de mim por pensar: será que daria tudo certo? O território da pesquisa é tão incerto, embora tenhamos uma longa preparação, um longo processo de negociação, acasos no caminho podem originar coisas totalmente diferentes do que havia sido planejado. Como lidar com o imprevisível na pesquisa? Acerca disto, estamos aptos a lidar com os imprevistos na pesquisa? Penso que, em pesquisas de cunho sociopoético estamos abertos aos acontecimentos porque entendemos o território, as experiências e os copesquisadores/as da pesquisa como um devir, um processo em construção e não como algo dado.

E como de costume, e isto parece um ritual que permeia a maioria das oficinas sociopoéticas, visto sempre haver um disparador que leva as oficinas acontecerem para além do planejado, eu não escapei desta imprevisibilidade, cheguei ao prédio onde localiza-se o Centro de Referência, subi rumo à sala de reuniões localizada no segundo pavimento do prédio e percebi um caos instalado, os moveis da sala encontravam-se fora do lugar no meio dos corredores, livros e arquivos empilhados, pessoas em movimento pelo recinto, percebia-se a olho nu que os departamentos situados naquele prédio encontrava-se em processo de mudança. Esta situação me preocupou, pois como iria fazer uma oficina de negociação naquelas condições?

Ainda calmo, pois achei que seria possível realizar a negociação naquele dia, cheguei na sala e encontrei duas das copesquisadoras à minha espera, desejei-lhes bom dia, entrei na sala e em seguida saí em busca da Joseane para mostrar que havia chegado. Retornei à sala e observei que ainda não haviam chegado todas as

²³ Documento que atesta o consentimento das copesquisadoras para participarem junto à pesquisa.

copesquisadoras conforme tínhamos combinado, neste instante sou tomado um pouco pela preocupação e nervosismo.

Diário de Itinerância – 27/05/2015

[...] fiquei aguardando as outras educadoras chegarem, pois não podia iniciar a oficina de negociação visto que tínhamos um número inferior ao mínimo de Educadoras Trans. Esperei por um pouco mais de tempo e chegou outra Educadora, de nome Guta. Iniciei uma conversa informal, aguardando enquanto chegava mais alguém. Comecei a preparar o espaço da sala de reunião para iniciar a pesquisa. E Joseane me perguntou quanto tempo duraria a reunião, eu disse a ela que levaria em torno de 01h:30min a 02h:00min. Percebi na expressão delas, em específico de Joseane que elas estavam preocupadas com a questão do tempo, tendo vista que elas ainda iriam planejar as oficinas de suas ações educativas e também pelo fato de o setor em que nos encontrávamos estar em situação de mudanças para outro prédio próximo ao Colégio Liceu Piauiense localizado no centro de Teresina.

Ao passar do tempo, o grupo estava composto com o quantitativo de quatro pessoas para iniciar uma negociação. Seria possível realizar uma pesquisa sociopoética com aquele número de pessoas? Algum posicionamento eu deveria tomar visto que não podia simplesmente desconsiderar a presença das que ali estavam. Então, vi-me na condição de fazer as coisas acontecerem de outro modo. Será que haviam entendido a proposta da pesquisa? Que a pesquisa era coparticipativa, e a responsabilidade não era apenas minha, mas do grupo? Que diferia das outras pesquisas convencionais ao não fazer usos de questionários e entrevistas?

Diante desta minha percepção, e do fato de haver apenas um número inferior ao mínimo para que eu pudesse iniciar a minha negociação, em acordo com Krícia, decidi estabelecer um diálogo para explicar um pouco sobre minha ideia de pesquisa, a Sociopoética, e o tempo que íamos demandar para a realização desta. Também, enquanto pedagogo, falei para elas da importância de construirmos um trabalho juntos/as que versasse sobre suas experiências em suas práticas educativas enquanto Travestis e Transexuais, visto que faz-se necessário discutir esta temática no campo da educação. As educadoras demonstraram compreender a importância de participarem da pesquisa bem como a dinâmica das oficinas sociopoéticas. E apontaram pleno interesse em participar da pesquisa. Posterior a este momento, negociamos as datas das próximas oficinas de pesquisa a serem realizadas no novo prédio.

Diário de Itinerância – 08/06/2015

Havia combinado com Krícia de encontrá-la no centro da cidade de Teresina no museu do Piauí, localizado na praça da Bandeira. Desta vez, diferente do outro lugar, fiquei meio preocupado pois Krícia não é da cidade e sabe andar muito pouco pelas localidades do centro desta. Mas, ela havia me dito que saberia chegar ao local pois já havia descido no mesmo ponto de ônibus com a Amanda nossa amiga de turma do mestrado). Encontrava-me muito ansioso neste dia, envolvido por frio na barriga com calor pelo corpo todo que tomava conta de mim como se eu estivesse absorvido pela maleabilidade desta imanência: a de saber que ia participar de um dos momentos mais importante de minha vida o disparar da minha pesquisa através do acontecimento da oficina de negociação, mas também pelo medo que tinha de que isso não viesse acontecer pois encontrava-me à beira de um colapso sabendo que encontrava-me com um grupo-pesquisador muito pequeno.

Tomado pelas forças que habitavam os territórios por onde passava naquele dia, pois tudo que tocava, tudo que via naquele instante me remetia à minha pesquisa, era como se eu tivesse ido dormir e no dia seguinte acordasse transformado numa coisa que respirava a pesquisa, que vivia a pesquisa na carne. Havia perdido minha organização, o que me era “essencial”, e voltei a ser uma pessoa que nunca fui que fazia de mim uma coisa encontrável em mim mesmo sem precisar me procurar em uma forma dada (LISPECTOR, 1979).

A sensação que eu tinha, era de que se minha pele rasgasse naquele instante outra coisa sairia ao invés de sangue, esta coisa seria a pesquisa, eu era outro. Ao passo em que me transformava saía em busca do território de minha pesquisa, que desta vez encontra-se num lugar diferente do último encontro. O Novo prédio localizado na Rua Barroso nº 732-Centro/Norte ao lado do Liceu Piauiense. Ainda não conhecia o novo prédio e não tinha um conhecimento de como seria o espaço onde realizaria a oficina, o que sabia era que seria no auditório localizado dentro do prédio.

Adentrei o novo prédio do centro de referência LGBT que encontrava-se aparentemente em processo do acabamento de sua construção. Subi os degraus rumo ao segundo pavimento onde localizava-se o auditório onde foi realizada a oficina de negociação, ao chegar no espaço em questão percebi que a sala encontrava-se vazia, o que para mim me deixava em situação de nervosismo, visto que estávamos próximo do início da oficina e até então não tínhamos nenhum sinal das copesquisadoras com as quais eu negociaria a pesquisa

Diante da ocasião, mesmo contaminado pelo nervosismo, comecei a organizar o espaço do auditório juntamente com Krícia para quando elas chegarem o território já

está constituído. Passados alguns minutos do momento em que eu e minha cofacilitadora chegamos ao local da pesquisa, as copesquisadoras, aos poucos, começaram a assinalar suas presenças,

Diário de Itinerância – 08/06/2015

Aos poucos as copesquisadoras chegavam ao auditório. Mas antes da oficina eu encontrava-me muito apreensivo. Embora estivesse acostumado em atuar nas oficinas sociopoéticas, encontrava-me mergulhado em uma atmosfera densa de não saber o que ia acontecer dali pra frente, é difícil prever o que virá em oficina sociopoética, principalmente numa oficina de negociação, pois o contato do grupo como os processos das oficinas ainda não tinham sido estabelecido. E se elas não vierem? E se faltar uma deste grupo que é tão pequeno?

Diante do que foi mencionado no diário, vieram para a oficina apenas quatro copesquisadoras, isto evidencia que o medo que me consumia havia se concretizado. O que fazer diante desta situação? Lembrei-me então das orientações com a minha orientadora Shara Jane que, caso o grupo estivesse incompleto a oficina não poderia deixar de acontecer tendo em vista que eu poderia negociar, mesmo com a ausência de uma copesquisadora. Desta forma, em conversa com Krícia, resolvi dar início à oficina falando da sociopoética, dos seus princípios, de seus procedimentos e também do tratos éticos da pesquisa em questão, por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Também, tratamos de marcar em momentos posteriores as oficinas de produção e análise dos dados, que ficaram dentro da seguinte organização:

- Duas oficinas de produção das experiências (narrativas do grupo e produção plástica);
- Duas oficinas de contra-análise.

Figura 6: Apresentação do Método Sociopoético



FONTE: Martins/2015

Em seguida iniciamos o procedimento da oficina de negociação com base no planejamento que havia sido elaborado para este momento. A negociação na pesquisa sociopoética tem como premissa a formação do grupo-pesquisador, negociação dos processos das oficinas e em alguns casos a escolha do tema gerador. A princípio fizemos exercícios de preparação do corpo com o intuito de quebrar o gelo na relação com o grupo e ao mesmo tempo favorecer o envolvimento das copesquisadoras na oficina.

Figura 7: Exercício de alongamento do corpo I



FONTE: Martins/2015

Figura 8: Exercício de alongamento do corpo II



FONTE: Martins/2015

Logo após a preparação, solicitei que as copesquisadoras sentassem-se a seu modo, para que ficassem confortáveis. Neste momento distribuí a elas uma superfície de papel e massa de modelar de cores variadas.

Figura 9: Produção plástica: apresentação de si



FONTE: Martins/2015

Ao entregar o material pedi a elas que com o uso da superfície de papel e da massa de modelar produzissem algo, mostrassem uma experiência de si. A partir desse pedido, percebi que houve um leve estranhamento, afinal: como se apresentar por meio de massas de modelar? Sobretudo elas se propuseram a fazer algo, que de início trouxeram muitos entraves em vista de não se considerarem ótimas “artistas”. Acerca disto expliquei a elas que não se preocupassem em fazer algo “perfeito”, mas que fizessem algo que trouxessem marcas de suas experiências.

Quando elas terminaram de produzir o solicitado pedi-as que trocassem de lugar com a pessoa que estava do seu lado direito assumindo a produção dessa pessoa. De posse do material da outra, pedi que elas intervissem de modo que trouxessem marcas suas para a produção. Novamente o estranhamento veio a tona, pois era difícil mexer na organização do outro, mas elas minimamente o fizeram. E assim elas continuaram o ciclo até chegarem à sua produção inicial já modificada na relação com o outro.

Ao término, solicitei que as mesmas relatassem acerca da experiência e de sua produção tendo em vista que esta técnica viabilizava a apresentação das copesquisadoras. Deste modo, abaixo seguem os depoimentos das quatro copesquisadoras bem como as imagens de suas produções plásticas para suas apresentações, visto elas serem heterogêneas, multifacetadas em suas concepções e modos de ver a vida. Ademais, as falas encontram-se presente no corpo do texto para que a reflexão sobre o tema, tanto por parte das copesquisadoras e do propositor da pesquisa, sejam considerados na mesma medida, visto que o diferencial da sociopoética, como aponta um de seus princípios anteriormente citado é valorizar os saberes das culturas de resistência (ADAD, 2011).

COPESQUISADORA GUTA

Figura 10: Produção plástica



FONTE: Martins/2015

Se eu começar a chorar aqui não se assuste, é porque eu sou extremamente emotiva, eu sei que isso tem um pouco de exercício de psicologia e quando eu vou falar de mim, as vezes eu me emociono, esse é meu natural. Então, pra mim isso aqui tudo tem uma simbologia: as cores, eu é por que eu fui educada assim, pra mim as coisas tem uma representação, falam de mim. Esse papel, mais ou menos, resume as coisas, a bandeira que eu carrego na vida, as coisas que eu acredito. A cruz representa minha fé, que eu sou assim, eu tenho muita fé

em deus. No meu credo, e eu acho que eu preciso extremamente dele, pra me sentir melhor, mais encorajada para enfrentar a vida. Representa o amor, esse coração, porque, pra mim também é o alicerce da minha vida, eu fui educada recebendo amor e eu acho que eu só consigo levar a vida dessa forma. Eu acho que todo mundo precisa de um pouco de amor, amor por alguma coisa, não precisa ser por pessoa, pode ser pelos sonhos, pelas coisas que a gente almeja, por aquilo que a gente quer muito, por outra pessoa, pela nossa mãe, por um familiar, por alguém por um irmão, por alguma coisa. A gente tem que ter amor, porque ele é a essência de tudo. A seta pra mim, como essa dupla seta, representa pra mim, como eu me sinto agora, por que eu tô num momento de extrema dificuldade pra escolher, eu me sinto um pouco confusa na vida e eu venho me sentindo assim a um tempo já. Eu sei que eu sou responsável por essa minha indecisão, essas minhas escolhas dúbias, mas vai chegar o momento que eu vou saber escolher da minha maneira e eu sei por que estou assim, de certa forma, com essa dificuldade pra escolher. Isso aqui é pra ser uma planta, nestes tons de verde e terroso, por que pra mim eu acho que a gente tem que ter um alicerce. E o verde pra mim tem a ver com esperança que eu acho que é essa vontade que a gente sempre tem que ter que melhorar para o futuro e amadurecer ao longo da vida. Isso aqui é pra ser uma lanterna, a mesma lâmpada que é tudo que eu também quero ser, eu queria ser uma pessoa mais racional, menos emotiva. Às vezes eu sou traída pelas minhas emoções, usar mais minha cabeça para tomar decisões, digamos sábias, pra minha vida, que vão fazer bem tanto pra mim, quanto para os que estão ao meu redor. E as vezes eu me deixo influenciar um pouco pelas coisas que eu sinto. Tá bom eu falei demais.

A copesquisadora em questão, além de educadora Trans, militante dos movimentos sociais é cabelereira na cidade de José de Freitas – PI, local de sua residência. Já fora professora na educação básica, onde lecionava para crianças e no momento está cursando Serviço Social em uma faculdade particular de Teresina.

Em sua apresentação, a copesquisadora trouxe aspectos que a atravessam quais sejam: fé, amor, esperança, as dificuldades de escolha, emotividade e racionalidade. Compreendo, que a Trans em questão considera estas sensações como forma de obter

um alicerce na vida que a potencializa para acreditar na sua existência dentro destas condições.

COPESQUISADORA JOSEANE

Figura 11: Produção Plástica



O meu, é a questão da família. Coloquei o pai, a mãe e a filha, Mas a família a gente sabe, que está no auge, a questão familiar, eu coloquei por que é a forma padrão, mas hoje a gente sabe que a família não é formada somente da mãe, do pai e do filho, hoje tem dois pais, tem duas mães. Eu sou a favor da família independente de orientação sexual e identidade de gênero, porque eu tenho companheiro, e eu quero ter também filhos, então eu sou defensora da família independente de suas identidades. E coloquei o amor, porque toda família tem que ter o amor. E quando eu falo em família, eu não falo família na

questão de morar juntos, eu falo família: nós aqui somos uma família, que todos os meses a gente se encontra, dialoga sobre nossas vidas, então pra mim é uma família. Eu me considero família das demais, e eu acho que as demais se consideram minha família. Eu achei até bom a amiga colocar aqui a questão do dinheiro que também precisa, todas precisam se manter na vida, e pra se manter na vida a gente necessita de recursos, recursos esses que só vem através do trabalho, e através do trabalho a gente consegue, é a questão financeira. Então é isso, a família, o amor e as desigualdades sociais. É basicamente isso. Do amor a família, e quando eu falo a família, eu já disse, eu e minha família lá em casa, as pessoas que me rodeiam frequentemente, essa é a família pra mim

A educadora Joseane, estudante do curso de Serviço Social em uma faculdade na cidade de Teresina, mesma cidade em que reside. A mesma é servidora pública comissionada no estado do Piauí e coordenadora do enfrentamento à homofobia na diretoria de direitos humanos da SASC. Nas horas vagas, adora ficar em casa, cuidar da família e estudar. Considera importante, ser educadora Trans, pelo fato de lutar pelos direitos humanos e construção da cidadania do coletivo de Trans. Ademais, considera importante porque fortalece e ergue a autoestima de Travestis e Transexuais.

A copesquisadora em questão aborda o conceito de família como aquilo que se expande para além da concepção tradicional. Pois acredita que a família abrange as multiplicidades existentes em nossa sociedade. É um conceito inerente às diferenças, pois as Trans, os Homossexuais, os Bissexuais e etc. possuem família, são família também independente de sua configuração.

COPESQUISADORA MARIA LAURA

Figura 12: Produção plástica



FONTE: Martins/2015

A minha arte está bem nítida. Pra mim representa essa diversidade de cores, porque estou no movimento LGBT e é o que nos representa realmente, que é ser diverso dentro dessa questão da igualdade. Então pra mim é muito importante, é isso que me move todo dia, é isso que eu penso, essa questão da categoria do direito desde quando eu acordo até quando eu vou dormir. Então pra mim, isso é muito importante, não sei até quando vai esse amor, dizem que o amor pelo movimento as vezes ele adormece, as vezes ele volta de novo, então por enquanto ele tá muito aceso, a chama tá

muito acesa. Então, eu só penso nisso diariamente. E tudo que eu faço é para poder dar a melhoria de vida para as companheiras Trans, enfrentando as violências. Embora, eu não tenha sofrido violência como a maioria, eu me identifico muito com a vivência delas, o que me faz lutar, por elas. É, então, pra nós somarmos. Aqui as meninas alteraram um pouco, eu entendi um pouco aqui dos corações, como um sentimento de carinho que elas sentem por mim. E a reciproca é verdadeira, embora a gente não fale muito abertamente “Eu gosto de ti”, mas em algumas atitudes, em alguns atos a gente percebe, que o carinho existe, que a gente consegue se respeitar e dessa forma fortalecer a nossa luta. Mas eu acho que é isso mesmo, quando a gente se propõe a uma missão, a gente tem que dar o seu melhor. Eu tento todo dia aprender mais um pouco, todo dia eu tento tá buscando novos rumos. E acho que a comunicação é uma forma bem importante de se fazer isso. Você está sempre comunicativa, você sempre saber expressar o que é que você quer. Então, não é você chegar num lugar, entrar muda e sair calada. Eu sempre aprendi isso: onde você for, no espaço que você for, você tem que dá contribuição, você tem que dá manifestações, você tem que dizer, o que é você, o que são suas demandas, o que você tá precisando, porque dessa forma as pessoas vão conseguir te ouvir. Você vai conseguir sair da invisibilidade, se você dizer o que você quer. Então isso me representa bastante. A diversidade de cores, o carinho das companheiras. E a questão da comunicação entre as pessoas. Pra mim isso é muito importante e é muito recorrente em toda minha vida, todas essas situações aqui colocadas.

A Trans Maria Laura, é secretária executiva do Centro de Referência em Teresina-PI, cidade onde reside. Nas horas vagas adora visitar amigos e ouvir musicas, possui ensino médio completo e curso técnico em logística. A mesma diz que ser educadora Trans é algo gratificante por se ter a oportunidade de multiplicar informações para pessoas que desconhecem as vivências de direitos das pessoas Trans.

Na sua apresentação, por meio da produção plástica, Maria Laura evidencia a importância de lutar pela diversidade, pela igualdade dos gêneros, pelo direito de se mostrar como realmente é. Deste modo a copesquisadora mostra o quanto ela encarna as lutas nos movimentos sociais pelo direito das pessoas Trans existirem livremente. Ela expressa sua intensidade na relação com o movimento. E reitera que a melhor maneira de lutar, de ter visibilidade é se comunicar, falar e jamais se silenciar.

COPEQUISADORA ZANELY

Figura 13: Produção plástica



FONTE: Martins/2015

Eu fiz um desenho de uma flor, por que acho que, particularmente me representa muito, por que é como se eu morresse todo dia e nascesse ao mesmo tempo de uma forma delicada, sensível e bonita, por que não?

A educadora Zanely possui ensino médio incompleto e reside em Teresina-PI, onde trabalha como profissional do sexo e realiza serviços paralelos como cabelereira e maquiadora. Também trabalha junto ao GPTRANS como tesoureira e educadora do projeto TRANS FORMA AÇÃO. A copesquisadora, quando não está no trabalho adora estar com a família, se divertir e se informar sobre as políticas públicas através de folhetos e livros. A mesma considera que ser educadora Trans permite a sua politização e a abertura para formar novas mentes sobre as pessoas Trans.

Na produção da copesquisadora, percebe-se uma potência que diz respeito ao que Trans passam no seu cotidiano, pelos diversos fatores que as atravessam, seja pela violência, pelos aprendizados, enfim, por aquilo que marca sua existência e a torna outra pessoa constantemente numa relação diária da nascer-morrer-nascer.

COPESQUISADORA DÉRIKA

Devido se integrar ao TRANS FORMA AÇÃO, somente, após a oficina de negociação, a educadora em questão não participou deste momento, não obtendo produção plástica e nem produzindo relato oral. Sobretudo, a mesma apareceu para as oficinas de produção das experiências contribuindo para o alinhavar desta pesquisa. Deste modo, faz-se necessário, minimamente, apresentá-la neste momento.

A copesquisadora Dérika, possui ensino médio completo e reside na cidade de Timon no estado do Maranhão, cidade fronteira com Teresina. Além de ser educadora Trans, trabalha com organização de eventos e nas horas vagas vende roupa, costura roupas e faz depilação. A Trans acredita que ser educadora Trans é algo versátil, de entrar em contato com vários seres humanos e compreender a diversidade de pessoas.

Após os relatos solicitei que as copesquisadoras com suas produções construíssem um corpo coletivo. Ao término da produção do corpo as mesmas tiveram que nomear este corpo, o qual denominaram de FLOR TRANSFORMADORA. Ainda em torno do corpo coletivo, as mesmas atribuíram adjetivos a este corpo, quais sejam: Determinada, Valente, Corajosa, Feliz, Inteligente, Linda, Humanitária, Diversa, Acolhedora, Ousada, Trabalhadora, Capacitada e Solidária. Muito importante, analisar as falas e como as informações de cada uma ajudaram a compor o personagem.

Expliquei às copesquisadoras que este corpo produzido por elas constituía-se enquanto personagem conceitual do grupo-pesquisador. Em pesquisas de cunho sociopoético a produção de personagens conceituais manifesta

“[...] territórios, desterritórios e reterritorializações absolutas do pensamento. Os personagens conceituais são pensadores, unicamente pensadores, e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e aos traços intensivos dos conceitos. Tal ou tal personagem pensa em nós, e talvez não nos preexista. Por exemplo, se dizemos que um personagem conceitual gagueja, não é mais um tipo que gagueja numa língua, mas um pensador que faz gaguejar toda a linguagem, e que faz da gagueira o traço do próprio pensamento enquanto linguagem [...] (DELEUZE; GUATARRI, p. 92, 1992).

Ao fim da criação da Flor Transformadora, indiquei que as copesquisadoras desta pesquisa levantassem perguntas, dúvidas e problemas do grupo para essa personagem ressaltando suas experiências enquanto educadoras sociais. As mesmas colocaram as seguintes questões: Qual a mais difícil tarefa em educar e informar pessoas sobre a Transexualidade? Qual seu objetivo na vida? Onde você quer chegar com o transformação? O que você faz para melhorar o mundo a sua volta?

Tendo em vista estas perguntas solicitei que as educadoras pensassem sobre elas na relação com suas experiências e escolhessem apenas uma questão para integrar a pesquisa enquanto tema gerador. Em conversa entre o grupo as mesmas chegaram à conclusão de que a questão não seria nenhuma das citadas anteriormente, mas o educar para o gênero. Por fim o tema gerador desta pesquisa ficou: O que é educar na relação com o gênero?²⁴

²⁴ É importante evidenciar, que este tema gerador surgiu das implicações das educadoras Trans. Portanto, não foi escolhido previamente pelo pesquisador propositor.

ATRAQUE IV

O ALINHAVAR DE SABERES NO ESTANDARTE DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO



FONTE: Martins/2015

*Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita,
pisa e mija em cima serve para poesia.*

Manoel de Barros

4.1 A dois metros do chão: delírios com Arthur Bispo do Rosário

Arthur Bispo do Rosário²⁵ nos diz que os “loucos são como beija-flores: nunca pousam, ficam a dois metros do chão”. Neste momento de criação do dispositivo artístico para as oficinas de produção de experiências na pesquisa sociopoética, entro em delírios e começo a voar sobre os mares de opções para a construção deste momento.

As pesquisas sociopoéticas requerem a criação de técnicas artísticas pensadas para mobilizar a criação de experiências junto aos copesquisadores/as. Mas, como são criadas as técnicas? Que crivo utilizo para escolher a técnica de uma dada pesquisa? Como percebo que uma técnica executada nas pesquisas sociopoéticas é potente para a produção das experiências? Tais questões me consumiam na época em que estava pensando os dispositivos artísticos para a pesquisa que iríamos constituir enquanto grupo-pesquisador.

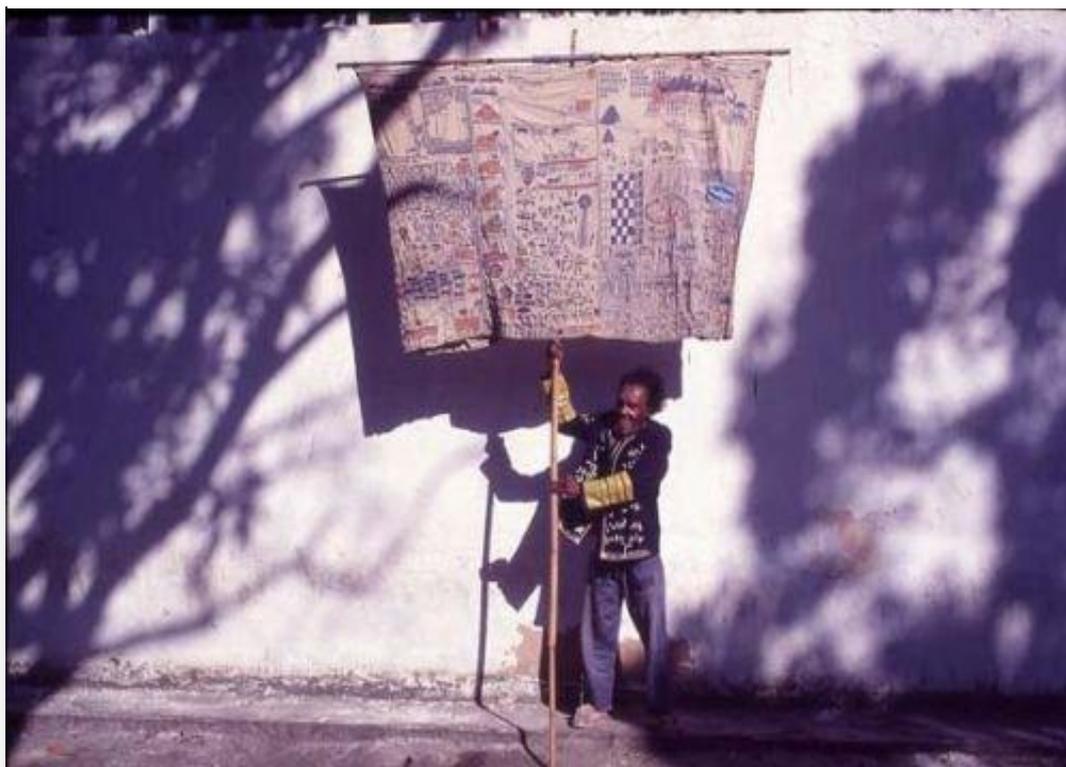
No desejo de encontrar respostas para minhas questões, descobri que não acharia facilmente as respostas dadas em livros, manuais ou relatórios da pesquisa. Assim me permiti burilar as pistas encontradas, sobretudo em outras técnicas desenvolvidas para pesquisas sociopoéticas. Nesta busca, encontrei o que estava para além das certezas ou talvez antes destas, encontrei o caminho do meio, e aprendi que as técnicas artísticas de produção das experiências na sociopoética não estavam prontas para serem apanhadas como frutos de uma árvore bem frondosa, mas para serem construídas, vivenciadas no corpo, por meio de experimentações, de afecções, roubos, de uma longa preparação e uma dupla captura (DELEUZE; PARNET, 1992).

Portanto, para a produção de experiências nesta pesquisa, fiz uso de uma técnica chamada “O Estandarte do Educar na relação com o gênero”. Esta técnica foi tecida a muitos corpos e movimentos para o percurso (pesquisa+curso) de formação em sociopoética facilitado pela professora Shara Jane e cofacilitado por mim e Mayara

²⁵ Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japarutuba - SE em 1909. Em 1925, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha na Marinha Brasileira e na Companhia de Energia Elétrica do Rio de Janeiro - Light. Após um surto psicótico em 22 de dezembro de 1938, em que acreditou ter visto Cristo, descendo à terra, rodeado por uma côrte de anjos azuis, e afirmar ter recebido a missão de recriar o universo para apresentar a Deus no dia do Juízo Final, Bispo se abriga em um monastério que o encaminha ao Hospital dos Alienados na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Sem recuperar-se e, diagnosticado esquizofrênico paranóide, foi internado na Colônia Juliano Moreira onde permaneceu até sua morte, em 1989. (CLAUS, 2006, p.1).

Oliveira. Esse percurso teve como inspiração a arte de Artur Bispo do Rosário, em especial a que performatiza o Estandarte. Essa arte opera enquanto espaço de memórias, diários de errâncias e marcas que permitem uma cartografia de si e das experiências que nos atravessam. Abaixo segue o estandarte produzido pelo artista aqui mencionado.

Figura 15: Arthur Bispo do Rosário e o Estandarte



Fonte: Obvious/2014

4.2 Tecendo o estandarte do Educar na Relação com o Gênero

Construía um caminho no qual meu corpo se contaminava com as coisas que vivia. Era assim que eu me sentia nos momentos que antecedia a primeira oficina de produção das experiências desta pesquisa. Eu era lona, aviamentos, tintas, lãs e as demais paisagens que constituíam aquele instante. Não conseguia pensar em outra coisa, nas vésperas, a não ser na tecedura do estandarte. Não conseguia desvincular meu corpo do que estava pensando e tecendo para aquele momento.

O dia de tecer juntos chegou! Às 8h: 00min, como fielmente faço, encontrava-me no Centro de Referência, junto com Krícia, que desde a oficina de negociação tem

contribuído enquanto cofacilitadora desta pesquisa. Subo em direção ao auditório, lugar reservado para as oficinas, com o propósito de organizar a sala para receber as educadoras, visto que a oficina havia sido marcada para as 9h:00min. Pois, na perspectiva de Maria Laura, este era o melhor horário devido a algumas das educadoras que trabalham na noite.

A julgar pela oficina anterior, foi possível prever que começaríamos, provavelmente, após o horário proposto por Maria Laura; pois as copesquisadoras chegavam aos poucos e eu não podia iniciar a pesquisa sem que o grupo estivesse completo. Pouco depois de minha chegada, já haviam chegado duas participantes ao auditório para integrarem a pesquisa. Logo em seguida chegou Dérika, que não havia participado da negociação, mas foi escolhida pelo grupo de copesquisadoras para substituir a educadora faltosa que não iria mais integrar o projeto TRANS FORMA AÇÃO devido a estar com outras obrigações.

Com três copesquisadoras na sala, aguardava a presença de Josiane e Maria Laura, que se encontravam no prédio; mas estavam envolvidas em outras atividades próprias do Centro de Referência, o que me deixava aflito e com medo de a oficina não acontecer. Mas, por volta das 10h:50min elas terminaram seus afazeres. Iniciamos o nosso processo de produção das experiências, realizando exercícios corporais da educação somática de modo que as copesquisadoras ativassem a consciência dos seus corpos para a produção das experiências.

Figuras 16 e 17: Atividade de consciência corporal

FONTE: Martins/2015

Após a preparação do corpo solicitei que as educadoras a seu modo deitassem no chão para iniciar o relaxamento – momento de diminuir as tensões externas – e ter abertura do corpo para o tema-gerador: **Educar na relação com o gênero.**

Figura 18: Momento do relaxamento

FONTE: Martins/2015

A seguir o roteiro utilizado para o relaxamento:

Deite-se no chão! Esparrame seu corpo no chão. Neste momento pense no educar, no educar na relação com o gênero. Prepare seu corpo para uma viagem pela imaginação. Respire profundamente pelo nariz percebendo o diafragma. O diafragma é essa região que se localiza na boca do estômago. Coloque a mão em cima da boca do seu estômago e sinta o ar entrar pelos seus pulmões. Deixe o ar entrar ao puxá-lo pelo nariz, deixe a barriga crescer. Sinta seu corpo, deixe seu corpo pesar. Neste momento, se aproxima do seu corpo uma grande bolha transparente. Seu corpo é sugado (Silêncio). Respire. A bolha de repente começa a se movimentar com você. Que movimentos faz a sua bolha? Preste atenção nos movimentos desta bolha. Como seu corpo se sente viajando dentro da bolha? De repente, você tenta pegar na bolha. Não consegue, a bolha fura. E você cai num buraco e chega a um lugar. Que lugar é esse? A energia da bolha permanece em você. Ela não lhe deixa. De início, você não enxerga nada. Aos poucos, a energia da bolha permite que seu corpo vá se acostumando com a escuridão. E você sente as coisas que estão ao seu redor, e percebe que seu corpo começa a se contaminar com tudo que está ao seu redor. De repente, seu corpo é levado a um lugar onde há muitos materiais espalhados pelo chão. Se aproxime. São restos. Resíduos. Coisas inúteis jogada fora. Materiais do educar na relação com o gênero. Subitamente algo atrai o seu olhar e lhe leva até um andarilho do educar na relação com o gênero. Ele está vagando num terreno de 10 x 20, sujo de mato e nele gorjeiam detritos, latas, folhas secas, resíduos, detritos, tudo aquilo que nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima. Se aproxime do andarilho. Perceba que ao redor do andarilho há tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado. Mas tudo isso serve para o andarilho. Perceba que o andarilho está tecendo algo. Ele tece pedaços de panos para compor o estandarte do educar na relação com o gênero. Ao tecer ele conta histórias dos loucos de água e estandarte. Tudo isto é matéria para o Andarilho. O Andarilho do educar na relação com o gênero. Como você se sente perto deste andarilho do educar na relação com o gênero? De repente seu corpo se mistura ao do andarilho. Agora você é o andarilho e seu corpo começa a se mover e topa em algo. São coisas jogadas fora. São panos do Educar na relação com gênero. E como num passe de mágica o pano começa a se movimentar com você, e você começa a se arrastar pelo chão junto com o seu pedaço de pano. O pano do educar na relação com o gênero se enrosca no seu pé direito e você faz movimentos circulares. O pé esquerdo magnetiza o pano do educar na relação com o gênero e com ele você faz movimentos circulares. Passe o pano pelo corpo todo. Sinta o movimento do seu corpo. Aos poucos, você vai voltar da viagem, vai mexendo os pés, as mãos, mexendo os olhos, lentamente.

Durante o relaxamento distribuí pedaços de panos para as educadoras e pedi que elas passassem os panos por seus corpos com a intenção de senti-los e de colocá-las em contato com a matéria de sua obra de arte.

Figura 19: Experimentação da lona no corpo



FONTE: Martins/2015

Ao termino do relaxamento, solicitei às educadoras que de posse do tecido e dos materiais diversos como: tinta, lã, agulha, pinceis, botões, folhas secas etc. bordassem no tecido as experiências do educar na relação com o gênero. Ao ouvirem minha solicitação, percebi testas franzidas e olhos se apertando como se tivessem estranhando o processo. Afinal, como falar do tema em questão utilizando panos, tintas e outros materiais?

Delimitei um tempo de 20 minutos para que elas pudessem criar sua produção plástica individual, com o foco nas suas experiências educativas na relação com gênero. A passos lentos como se estivessem tateando um território às escuras as educadoras passaram a tracejar suas experiências em um pedaço de lona amarelada.

Figura 20: Produção Plástica Individual

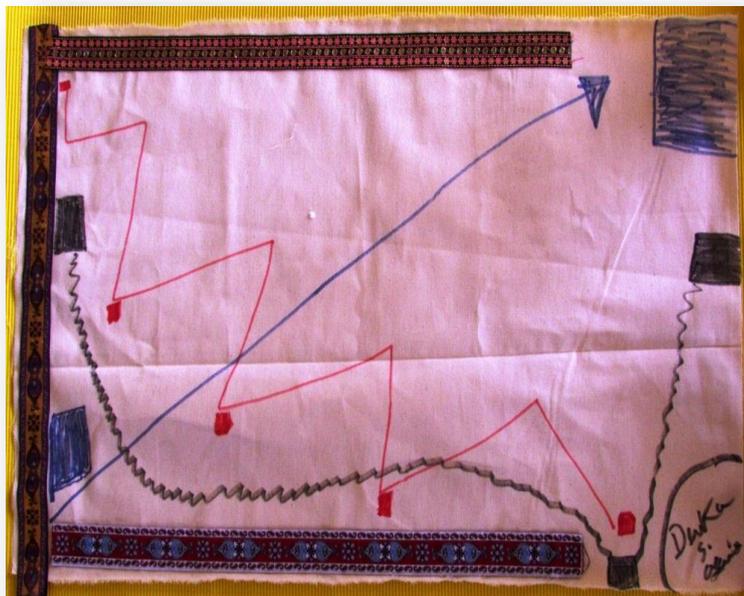


FONTE: Martins/2015

A partir de suas produções individuais, as copesquisadoras relataram sobre suas experiências no processo da oficina e da relação que faziam com o tema gerador. A seguir, as produções plásticas e os respectivos relatos das copesquisadoras.

COPESQUISADORA DÉRIKA – CIRCUITANDO

Figura 21: circuitando



FONTE: Martins/2015

Fui criada na ignorância, mas sempre tive um bom gosto e isso a gente não encontra, a gente já nasce mesmo com o bom gosto. Sempre minha vida foi ligada a uma tela artística, eu sempre adorei um bom quadro, um bom acervo cultural. E o que me traz, foi sempre os problemas que refletia, como o vermelho. Ele sempre representa pra mim a minha frivolidade, que era minhas batidas cardíacas. Sempre fui muito elétrica, sempre fui muito dinâmica, às vezes. E o azul pra mim, eu sonhava um dia ser feliz. Acho que minha felicidade tá aqui, que é o ponto maior. E sempre o medo também e junto a minha felicidade,

essa adrenalina, que é esses pontos pretos, pode ver que ele marca. E assim, eu sempre acreditei em raios. Aonde o raio cai, parte, essa coisa. Eu sempre acreditei! Inclusive, recentemente, um raio caiu próximo à minha casa. A minha casa, atualmente ela tá fechada, tá com uma sobrinha minha tomando de conta, porque eu tive assim depressão por não saber lidar com a solidão. Então, eu sempre fui assim ligada a raios, a pontos, a batidas de pontos, que vai e volta. Pra mim é isso! O vermelho é quando eu comecei a viadagem, assim, era muita felicidade. O mercado estava vendendo muito. Você chegava a algum lugar e era feliz, mas ai eu fui vendo que era um mercado mentiroso que você encontra muitas barreiras: dentro de casa, na rua. O preto ele sempre representou a escuridão, o problema. Essa produção no educar, na relação com o gênero, é o que eu passei. É escalas, de baixo, de cima, degraus, setas; então tá tudo aqui, da minha formação, do meu jeito. Eu fui formada, de setas, de escada. Eu vejo assim; pra mim eu vejo isso aqui da minha formação, com muito conflito, muito conflito mesmo. Enquanto educadora, vejo que tem que ser muito discutido ainda, às vezes o que um quadro representa pra um, pra outros é um problema né? Você tem que saber a linguagem, até mesmo do que se fala. É o corpo, as pessoas, as reações, então é tudo isso. Eu acho que tem que sobrepassar, sobre a base, a família, a escola; porque às vezes tem a oportunidade e você não pode desenvolver, existe já muito bloqueio. Você já foi massacrada, já foi até estuprada. Você já foi negada. Então, é todo um conflito que você poderia reverter. Seria menos dolorido porque você não tem certeza de nada, mas a morte ela é certa. Então pra que sofrer tanto, se pode ser menos? Daqui a 400 anos eu não vou tá mais viva, não vou ver mais. Então teria que ser no dia-a-dia. A ação pública, a educação, a justiça. O nome circuitando é por que. É circuitando em todos os movimentos, circuitando em casa, circuitando fora de casa, circuitando no sexo, no dinheiro, em tudo; em todo movimento mundial, sabe. Circuitando em tudo, querendo passar sobre tudo, viver situações que nunca ninguém viveu. Então é isso, há vários momentos pra circuitar. Dentro da minha infância eu circuitei muito, muito mesmo! E resumindo hoje, não se resume em nada; continua circuitando ainda por ai, jogada. Como se fosse uma garrafa pet, é assim que eu me acho. Eu vi uma cena tão bonita: um cachorro recolhendo uma garrafa pet. Então é isso! Eu acho que o ser humano tem que ter sensibilidade. O relaxamento, em especial a bolha, pra

mim era um tumor, assim negro, repaginando assim meu passado. É incrível como sempre o negro tá sempre presente. Quando se fala dessa questão de transgressão, de viagem ao passado, ao futuro, é sempre uma coisa preta; é sempre um negro. E medo de não acordar viva, medo de ser espancada, sei lá, de sofrer um ataque, não acorda feliz; não dizer assim, bom dia sol! Sempre é o momento, é sempre o medo. E não encontrei o andarilho! Eu acho que vou ter que passar por muitas experiências ainda pra encontrar. Que é o mais traumático, ficar sempre esperando algo; porque o dia, você não sabe como é que vai começar, como vai terminar, eu acho que é esse medo.

Na produção do seu retalho, a copesquisadora apontou algumas questões relacionadas às suas experiências enquanto Trans. O que nos permite pensar as condições de existência das pessoas Trans, os seus caminhos percorridos, obstáculos e potencialidades que constroem em suas vidas, seu modo de existir.

COPEQUISADORA ZANELY – IDENTIDADE DE GÊNERO

Figura 22: Identidade de Gênero



FONTE: Martins/2015

Aqui eu fiz um desenho no sentido da informação sobre o que é a identidade de gênero. E essa boneca eu desenhei como se fosse uma transexual. Aqui uma lousa, aqui algumas pessoas, como se fossem uma palestra e elas falando sobre o que era a identidade de gênero. E assim, eu acho que, depois do sentido da escola, vem a informação no âmbito da família.

Eu acho que é o lugar mais importante, que pesa mais. E assim, durante essa minha experiência que eu tive como educadora social, não só pra mim, mas para as outras pessoas também foi muito importante porque eu também aprendi muito, tanto no conhecimento pessoal, quanto no técnico também. Eu acho que uma das coisas que mais dificulta essa ligação assim da gente, com as pessoas, é a resistência. É o que torna mais dificultoso de se aproximarem da gente; ter assim um pouco mais de afeto, de sensibilidade. Eu acho que é basicamente isso. Para superar essa dificuldade a gente sempre tem que ir atrás dessas pessoas, a gente sabe que sempre tem pessoas que são leigas, mas justamente não querem saber e, por conta disso, continuam internalizando o preconceito. No relaxamento, eu quase dormi. Foi bastante interessante. Eu me senti bastante calma, tranquila. Acho que se eu pudesse criar alguma coisa, seria uma espécie de um livro, orientando de fato o que é e o que não é. E, sem dúvidas, várias campanhas informando a essas pessoas. Acho que seria algumas coisas que eu faria, no intuito de informação.

Essa Trans, em seu retalho, aponta questões referente à necessidade de educar sobre a identidade de gênero. E, também, aponta a família como um dos lugares imprescindíveis para a atuação de uma educação para o gênero, pois esta é a base de qualquer pessoa e é onde o respeito e a boa convivência diante das diferenças devem ser exercidas.

COPESQUISADORA MARIA LAURA

Figura 23: Cidadania



FONTE: Martins/2015

Bem, a minha exposição aqui retrata um pouco da luta que nós, Travestis e Transexuais, traçamos diariamente em busca de todas essas políticas públicas que aqui estão e dessa qualidade, de tudo que seja positivo; porque infelizmente a nossa população de Trans, ainda é muito estigmatizada, muito invisibilizada. A gente tem que todo dia tá traçando uma forma, uma estratégia de tá se sobressaindo em cima dessa situação toda, de exclusões que a gente

vivência. Não fazendo uma fala de vitimismo, porque muitas pessoas dizem: Ah! mas vocês se fazem muito de vítima, não é isso? A gente retrata uma realidade que a gente vivencia diariamente. Então, se a gente ainda é vítima dessa sociedade fazer o que, é um fato! A gente não pode tá mascarando essa realidade. Tem meninas que estão no mercado de trabalho, meninas que estão na universidade, tem sim, mas são muito poucas. A gente não quer toda vez que sair uma menina da universidade, sair no jornal; uma menina que faz um doutorado sair no jornal. A gente não quer mais isso, lógico que essa visibilidade é afirmativa. A gente quer muito mais meninas sendo doutoras, estando inseridas no mercado de trabalho; e que isso não seja mais notícia de jornal, que isso seja recorrente e que isso não precise ter todo esse alvoroço em cima de uma situação como essa. Então, a nossa luta diária é por isso. Eu elenquei aqui: em busca do respeito, a dignidade, a educação, da segurança, da justiça. E eu coloquei a palavra cidadania em destaque e nessas cores chamativas porque todos esses outros pontos que eu elenquei ao lado, somando todos eles, eles vão dá um resultado que é a cidadania, que é a busca. Todas as pessoas são cidadãs dentro da constituição, mas, infelizmente, isso fica muito na teoria, não sai do papel. Quando a gente vem pra prática, realmente, como já foi relatado aqui por outras meninas, em outros momentos, elas são negadas de estar nestes espaços; sempre elas buscam algum tipo de serviços desses aqui. Elas sempre têm alguns conflitos lá dentro; elas não são vistas de forma natural; elas não são vistas como cidadãs, como pessoas que estão ali para dividir aquele espaço em pé de igualdade com os que estão lá; elas sempre têm que travar um tipo de situação ou conflito em questão de nome social, de banheiro feminino, do respeito as suas identidades de gênero. Então, é uma busca diária, uma luta diária, tudo aqui que a gente faz é diariamente. Quando a gente sai de casa e quando a gente volta, a gente vai sabendo que a gente vai traçar alguns desafios em nosso caminho. Então a nossa luta é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais. É algo, infelizmente, árduo a gente lutar por isso. Mas a gente não se detém diante disso, jamais a gente vai se deter. Somos poucas, somos! Mas, pelo menos tem alguém fazendo alguma coisa, porque ruim era como estava anos atrás que não tinha ninguém, tendo voz para essa população que ainda é invisibilizada. Hoje em dia já rompemos essas amarras. Hoje em dia a gente está aqui fazendo todas as formas, colaborando com momentos como esse; com outros momentos de pesquisa que a gente colabora pra poder a gente, cada vez mais, tá adentrando estes espaços de conhecimento, de educação, de cidadania. E com uma nova geração reeducada, respeitando as pessoas como elas são, não como elas querem que elas sejam. A gente vai conseguir, sim, fazer desse espaço um espaço mais

igualitário, livre do preconceito, da discriminação, onde todas as pessoas respeitam umas às outras. Diante de toda essa realidade acerca do educar na relação com o gênero, o ideal é que tenha uma disciplina nas academias, voltadas especificamente para essa questão de gênero e todas as suas nuances, todas os seus recortes porque, quando se fala de gênero, se pensa muito só nas mulheres e suas demandas. Esquecem, assim um pouco, que a questão de gênero é bem mais ampla; que tem a identidade de gênero. As pessoas que se identificam com o gênero, masculino ou feminino, mesmo porque sempre quando se fala de gênero, parece que o gênero ele contempla apenas a população de mulheres. E não é isso! Gênero a gente tem que discutir é nessa amplitude mesmo, até onde vão as limitações masculinas, femininas. E o que a gente acredita é na educação. Que a educação, cada vez mais, esteja provocando essas aberturas dentro dos seus espaços de academia; sem esses temores, sem essas questões de preconceitos, de religião, seja lá o que for, pra que detenha esses impedimentos. Então, a gente acredita bastante que seja isso. E, pra fazer isso, a gente tem que ter abertura; a gente tem que ater esses espaços, dialogar com os seus gestores maiores pra gente poder fazer isso. Porque a gente só vai poder realmente efetivar algum tipo de política pública em parceria. Sozinhas, as Travestis não vão conseguir fazer isso. A gente precisa firmar parceria com esses poderes pra gente poder potencializar essa discussão mais amplamente. O relaxamento e o encontro com andarilho, pra mim é um pouco novo. Essa questão do psicológico, pedagógico, eu nunca passei por nenhum tipo de momentos como esse. Então pra mim foi bem inovador, uma sensação bastante agradável. Estou gostando! Participei da outra oficina, tô participando dessa hoje. Pra mim é algo novo! Espero poder continuar nas atividades que venham por aí e, pra mim, foi bastante enriquecedor pra me entender; pra entender sobre situações conflituosas, que estão no nosso caminho. Então, esses momentos de dinâmicas psicológicas são bastantes importantes porque a gente consegue se encontrar fora de um eixo que a gente não tem ele na nossa rotina, então a gente quebra um pouco a rotina e consegue nos visualizar de outra ótica e, dessa forma, a gente consegue relaxar um pouco e dar uma melhorada no ritmo do trabalho.

Em seu retalho, a copesquisadora em questão, problematizou a luta diária de Travestis e Transexuais em busca de sua cidadania, que advém de suas experiências, daquilo que vivem, das exclusões e violências que lutam contra. Ela, ademais, problematiza a visibilidade das Trans que alcançam um lugar ao sol ao dizer que, na maioria das vezes, isso acontece em virtude de sua diferença, sendo exotizadas por sua condição de existência. Dessa forma, a sociedade precisa ser reeducada e informada de que a identidade de gênero é ampla e multifacetada. E, deste modo, fazê-la compreender que é necessário promover uma cidadania ampliada, com base nos referenciais oriundos das vidas de pessoas Trans. E, assim, contribuir com políticas públicas que operem de fato sobre suas vidas de modo positivo, sem subjulgá-las, sem excluí-las, somente permitindo a elas o direito de existir.

COPESQUISADORA GUTA – O TEMPO

Figura 24: O tempo



FONTE: Martins/2015

Meu desenho é muito nítido, no sentido do que a gente está discutindo: o educar na relação com o gênero. Eu nomeio o meu desenho de “O tempo”. No sentido mais amplo da frase e das palavras, aqui eu quis trazer dois aspectos de tempo; como se fosse um tempo mais nebuloso, mais nublado e aqui um tempo mais ensolarado, mais luminoso. Assim, eles têm proporções diferentes, os dois espaços de tempo. O nebuloso, ele é maior, como se fosse uma

chuva negra. E o mais luminoso, ele é em menor quantidade. E aqui, tem esses pontos coloridos que representam pessoas de características, tamanhos, formas diferentes que somos nós como um todo e a sociedade, em seus diversos níveis, desde a que estamos inseridas a seu nível mundial. Aqui, ouvindo a discussão da companheira, o relato dela, a gente pode perceber que isso é uma coisa que não é atual. Eu não estou chamando a Dérika de mais madura que eu, não é isso, mas como ela tem um tempo de vida maior, ela traz uma experiência maior. E olhando pra realidade dessas experiências dela, essa discussão que a gente tem do educar para e com o gênero não é nova e ela é sempre como se tivesse essa coisa da gente sempre precisar discutir sobre isso. Eu vejo às vezes, como a Laura fala, tem muitas de nós Trans, LGBT’S, sobretudo as Trans, que às vezes se reportam a si, muitas vezes, usando adjetivos masculinos. A gente vê que essa educação para o gênero, ela é difícil pra nós que somos da população; quanto mais para a outra parte da sociedade, que não conhece esses termos, que não consegue ter um olhar, que vá além da nossa aparência. E não consegue ser solidária à nossa condição e nos respeitar como nós somos. Entender que acima do que nós vestimos, de nós termos “n” mudanças físicas, ou não, nós temos a nossa essência; aquilo que nos torna e reafirma aquilo que dizemos, que somos, femininas ou masculinas. A gente aprende, na oficina do projeto que a gente discute aqui, que ser feminina e ser masculino tem a ver com a nossa relação cultural e isso muda de acordo com a cultura e o lugar e a sociedade e o contexto em que a gente está inserida. Então, eu vejo que isso é uma discussão frequente que a gente tem que levar como educadora social e como pessoa; porque eu, por exemplo, eu enfrento muito isso no meu dia-a-dia. Todo mundo sabe que eu tenho nome social, as pessoas me conhecem a muito tempo, eu sou, digamos, um pouquinho popular na cidade onde eu moro, até por que não é uma cidade muito grande; então é muito difícil não saber quem sou eu lá. Só que existem pessoas lá, que me conhecem desde quando eu nasci, sabem meu nome civil e, ainda que eu tenha feito as mudanças que eu fiz pra me sentir mais confortável com a minha identidade de gênero, volta e meia eu encontro alguém que me desrespeita, às vezes porque não tem essa informação que a gente tá falando aqui, de educação para o gênero. Mas por vezes, é só pra ser desagradável mesmo, pra me contrariar; porque não concorda com meus valores, com aquilo que eu acredito, com as coisas que eu

escolhi pra mim. E a pessoa se sente no direito de me chamar pelo meu nome civil, de se referir a mim usando adjetivos masculinos. Então, a gente vê que isso é uma necessidade; tanto no nosso cotidiano, quanto para as outras pessoas; tanto porque elas não tem essas informações, quanto porque, por vezes, elas não têm essa facilidade de respeitar, a diversidade e as particularidades do outro, se colocando até no lugar dele. Isso não é só uma dificuldade do resto do mundo, dentro da nossa população a gente vê isso também. Eu sinto preconceitos de outras meninas, que já caminharam, fizeram avanços na sua vida, maiores do que eu, por exemplo; que se referem a nós, ainda, como se fossemos gays e até mesmo algumas que já tem essas melhorias feitas, que se referem a si como tal também. Então essa é uma coisa que a gente precisa discutir e levar pra os campos, onde se tenha um alicerce para viver: na família, na educação, e nos espaços acadêmicos, como a gente sempre fala, que não existe. Esses não são assuntos que são discutidos facilmente. Eu tenho amigas que estudam, que as professoras não respeitam. Outro dia, teve uma colega que estava dividindo comigo que ela foi usar o banheiro da escola e a professora queria tirar ela de lá. Disse que ela não era readequada sexualmente, ela não podia estar no banheiro feminino. Isso não é verdade! Então, eu só fui saber disso depois que eu fui pesquisar, estudar, que alguém me ensinou e isso falta também na nossa população; essa curiosidade de se apropriar também desses conhecimentos, o que deixa eles e elas mais distantes do seu entendimento, de como lutar por aquilo que nos é de direito e ter a nossa identidade de gênero afirmada e poder educar o nosso entorno pra essa afirmação de identidade. Diante destas dificuldades, enquanto educadora, eu acho que essas coisas que a gente discute aqui, nesses espaços, acho que elas poderiam ser divididas mais com pessoas da nossa população que realmente não tem conhecimento de jeito nenhum em torno disso. Eu acho que a gente precisa primeiro fortalecer a nós mesmas pra depois ser capaz de transmitir isso pra outras pessoas. E eu vejo, às vezes, um pouquinho, que dentro dos movimentos sociais, a coisa fica um pouco retida naquelas pessoas que têm interesse por frequentar esses espaços. E ai não amplia muito, até porque as outras já se falou em movimentos sociais; viram logo a cara, acham que é besteira, que não vai agregar em nada. Então acho que é isso! Já que eles não vêm até a gente, por “n” motivos. Se tivesse como a gente ir até eles, sei lá, estar nos espaços, lugares e momentos, em que eles e elas estão e poder tentar transmitir de uma forma, mais possível, com essas pessoas, esses assuntos. O relaxamento pra mim foi bom. Eu tentei vivenciar da melhor maneira, fazer a viagem conforme foi proposto e, mais ou menos, o relaxamento ele antecipa o que a gente colocou, o andarilho às vezes é realmente a gente. Outras são pessoas perdidas no meio das coisas e dos lugares. Eu entendi e vivenciei dessa maneira.

O retalho da Trans em questão denomina-se de “O tempo” que hora é nebuloso, hora é ensolarado. Isso mostra bem a singularidade da copesquisadora Guta que em alguns momentos de sua vida passa por situações de desrespeito, de violência devido sua diferença, sua aparência, seu jeito de ser. Mas, diante dos impasses existentes na sua realidade, a mesma se potencializa frente a essas aprendendo mais sobre sua condição de existência para informar aos/às desavisados/as.

COPESQUISADORA JOSEANE – AUTO AFIRMAÇÃO E DIVERSIDADE

Figura 25: Auto afirmação e diversidade



FONTE: Martins/2015

Em primeiro lugar, eu quis colocar aqui essa questão do desenho feminino, porque é a autoafirmação da identidade, da nossa identidade feminina e o respeito a essa identidade. Porque sabem que, quer queira ou não, ainda somos meio que barradas, em vários locais, por causa dessa autoafirmação da identidade, que ainda não é respeitada de forma conjunta, de forma que as outras pessoas não estejam nos olhando como cidadãos de direito, de fato. Eu fiz a questão da diversidade, das

cores; eu quis fazer uma bandeira, mas não deu certo, mas aqui é só pra ressaltar a questão da diversidade. O meu é bem rápido! Eu queria colocar a questão da diversidade, do respeito e da autoafirmação da identidade gênero, respeito às diversidades; porque a gente sabe que a sociedade é composta de vários seguimentos sociais, sejam eles negros, idosos, LGBT'S, pessoas com deficiência. Eu acho que temos que respeitar, temos que ser respeitadas e temos que também levar para quem não conhece, não tem conhecimento para esse respeito à diversidade, pra que a gente possa só assim construir uma sociedade mais justa pra tudo e pra todas. Porque, enquanto as pessoas não estão sabendo dos seus direitos, não estão fazendo seu papel dentro da sociedade, não vão ser respeitadas. Mas, eu consigo ter o respeito, a partir do momento em que eu souber aonde é que fica o meu direito. Então, eu acho que assim é mais fácil de conseguir o respeito da sociedade. Eu acho que, como todas as meninas e como todas as educadoras, o que podemos fazer é levar a toda a sociedade; seja ela hetero, homo ou bi; os conhecimentos sobre as várias formas de respeito, seja ela, como eu já falei, de identidade gênero, de igualdade racial, de religião também. A gente pode construir, através de oficinas, seminários, palestras e levar a todas pessoas da sociedade esse conhecimento. O relaxamento, acho que foi uma forma da gente fazer a reflexão, a autorreflexão de cada uma das participantes, pra que depois fizéssemos a exposição do que a gente, durante todo aquele de momento; depois soltasse, jogasse pra fora. E foi um momento bastante construtivo pra que a gente pudesse fazer essa autoexposição, como a autoafirmação, a autorreflexão que a gente faz de nós mesmos. E que a gente pudesse transpor, pra que vocês pudessem ter o conhecimento do que a gente sente e do que a gente estava sentindo no momento e foi uma forma dinâmica de expor os trabalhos, a situação e, também, nossos anseios e nossos desejos. Então, foi uma forma de estar, fazer com que a gente, de forma bem mais ampla, nos uníssemos umas com as outras. Eu acho que isso é também uma forma de união, pra que a gente possa entender também o lado da outra e do outro. É isso! Foi bem construtivo e dinâmico também.

A copesquisadora trouxe uma discussão em torno da autoafirmação da identidade feminina no que diz respeito à condição da Trans enquanto tal. A mesma

expressa esta autoafirmação aliada ao conceito de diversidade, onde todas as diferenças expressem-se da forma que são, sem entraves, sem bloqueios diante do preconceito e da indiferença do outro. Pois, será por meio da autoafirmação, enquanto estratégia de luta e de educação para o gênero, que se construirá uma sociedade justa a todas.

Posteriormente aos relatos das copesquisadoras, que expressaram seus sentimentos e sentidos acerca do “Educar na relação com o gênero”, solicitei que elas realizassem uma produção coletiva de modo a construírem o Estandarte do educar na relação com o gênero.

Figura 26: Produção do estandarte do educar na relação com o Gênero



FONTE: Martins/2015

Então, com o uso de agulhas, lãs e dos retalhos ilustrados, as educadoras em questão deram forma ao estandarte. Embora todas tenham participado da produção coletiva, apenas duas copesquisadoras costuraram os retalhos de lona ao suporte de madeira, pois as demais alegaram não saberem costurar. Desta forma, o grupo ao atravessar suas produções individuais, relataram, enquanto Flor Transformadora, a experiência da produção do estandarte do educar na relação com o gênero.

FLOR TRANSFORMADORA

Figura 27: Estandarte do educar na relação com o gênero



FONTE: Martins/2015

O estandarte do educar na relação com gênero tem que sair dessa coisa que morde e assopra. Tem que levar a sério mesmo essas ideias. Não ficar só na ideia, no papel. Tem que levar a fundo mesmo. Essa educação, que morde e assopra, na relação com o gênero, é não é pegar uma informação, repassar uma informação. Tem que ser levada a sério, à bairros, periferias, aonde o povo não tem acesso mesmo. Estou falando no coletivo geral, a educação no geral. Que às vezes tem gente que tem curiosidade, às vezes você acha que é ignorância e não é. Às vezes é informação mesmo de chegar e: como lidar com seu gênero? Eu acho que tinha que, até criar um aplicativo, a internet está tão válida aí pra todo mundo. Eu acho que a internet tem que fazer uma parceria, junto com as informações, assim, têm associações de cego, têm associações de rua, por que não querem levar a sério o movimento LGBT? Eu acho que deveria levar mais a sério mesmo. Eles não precisam só de sexo, eles querem respeito! Que a visão que a gente passa é só de sexo 24 horas. A gente não é um canal pornô, a gente tem sabonete, a gente tem supermercado, a gente tem faxina, a gente milhões, a gente tem a vida normal. As pessoas é que têm essa fantasia, que você tá ali, exposto, 24 horas. Eu acho que aqui, como eu já disse, só ressalta a importância das nossas junções. Junções estas que, fazem com que a gente a cada dia possa lutar por direitos iguais, direitos iguais dependendo da sua extensão, não que todo mundo seja a favor da igualdade. A gente sabe que tem a igualdade, mas que tem as desigualdades, nós não somos socialistas, eu não sou socialista, e nem todas as pessoas que estão aqui são socialistas. Eu acho que isso aqui é a junção destas lutas e destas vontades que a gente tem de expandir pra toda a sociedade, aqui só ressalta, a importância do nosso trabalho cotidiano, pra que a gente possa construir uma cidadania digna, um respeito à identidade de gênero, o respeito à diversidade, seja ela sexual, seja ela religiosa, seja ela dos mais diversos segmentos sociais. Então, eu acho que é isso! Basicamente o trabalho de Transexuais e Travestis do estado do Piauí e das educadoras sociais do projeto transformação e das meninas que estão vindo agora para contribuir pra esse projeto, pra que a gente possa construir esse mundo, o mundo das desigualdades sociais. Eu acho que a costura do estandarte é mais uma vez levantar essa bandeira que nós levantamos diariamente. Aqui tem todos os elementos positivos e negativos das nossas experiências, como pessoas e educadoras. E a gente tem que fazer isso, se apoiar umas nas outras e levantar este estandarte simbólico. Aqui é algo diariamente pra gente poder reafirmar tudo que a gente já sabe, tudo que a gente já discutiu, nossa identidade. Tornar isso público, para que o público possa, ainda não aceitando, respeitar nosso posicionamento diante desse mesmo público.

Por fim, ao término da costura do estandarte, realizamos um ritual onde cada educadora social deveria compor um movimento dançante, mostrando variadas performances do estandarte do educar na relação com o gênero.

Figura 28: Dança com o estandarte do educar na relação com o gênero



FONTE: Martins/2015

Figura 29: Dança com o estandarte do educar na relação com o gênero



FONTE: Martins/2015

4.3 Análise plástica, classificatórias e estudos transversais do estandarte do educar na relação com o gênero

Neste momento, descrevo os processos das produções plásticas e das narrativas oriundas da produção das experiências nas oficinas sociopoéticas com o interesse de que o leitor possa compreender como me envolvi com tais experiências produzidas neste

contexto; quais os caminhos segui para trabalhar as produções plásticas, os relatos orais e os demais atravessamentos para dar visibilidade à relação das educadoras Trans com o tema gerador desta pesquisa. Para que o leitor possa acompanhar meu percurso, traço diagrama com explicitação sintética do meu processo de análise:

1º ORGANIZAÇÃO DOS DADOS- Após as oficinas, onde são produzidas experiências que dão origem às narrativas e produções plásticas, o propositur da pesquisa organiza os mesmos para a análise. No caso desta pesquisa, este momento divide-se em duas etapas: análise plástica e análise classificatória/estudos transversais.

2º ANÁLISE PLÁSTICA: nessa etapa, de posse das produções plásticas, propositur da pesquisa, realiza uma análise das imagens ancoradas na sua intuição e nos afetos que lhe perpassam durante a análise. Vale ressaltar que este momento deve ser realizado antes da análise dos relatos orais. Logo após é produzido um texto com as percepções de quem analisou. Nesta dissertação, a partir das produções realizadas nas oficinas sociopoéticas, foi possível criar dois textos: **Geotransgrafia do tempo** e **Corpos que vagueiam**. Os mesmos serão utilizados na contra-análise referente a cada momento em questão.

3º ANÁLISE DAS NARRATIVAS: nessa etapa, de posse das narrativas, o propositur, realiza um mapeamento, tendo em vista classificar as categorias de análise. Após a classificação das categorias, o propositur irá organizar as ideias do grupo-pesquisador em sua respectiva categoria conforme numeração recebida (ver os anexos B, C, D e E desta dissertação). Após a organização das ideias realiza-se, o que neste procedimento de análise denomina-se de cruzamento entre as ideias, por meio de oposições, convergências, divergências e ambiguidades contidas nas categorias (ver p. 100 deste trabalho). No processo de cruzamento entre as ideias começam a emergir os confetos (conceitos+afetos) produzidos a partir dos conceitos, metáforas e afecções oriundos do grupo-pesquisador. Com uso destes confetos, produz-se os textos transversais, que são textos disparadores produzidos a partir dos relatos do grupo-pesquisador, em especial dos confetos. Para esta pesquisa foram produzidos dois textos transversais: **Com quantas questões se inventa uma Pedagogia Trans?: Flor Transformadora e o Bando Inventivo da Chapada do Corisco e Madame Charlot e o leque que respira: Performance-Manifesto dos Corpos na Escola**. Os mesmos serão utilizados na contra-análise referente a cada momento.

4º CONTRA-ANÁLISE: essa etapa, que acontece posterior às análises e produção do texto transversal, configura-se como o momento em que o propositur leva as análises (as plásticas e as dos relatos orais) para que o grupo-pesquisador possa referendar ou se contrapor às análises feitas pelo propositur da pesquisa. Após o encontro do grupo, transcreve-se o momento da contra-análise para posterior estudo, visto que este momento mais os confetos produzidos permitirão ao propositur da pesquisa apontar a linha de pensamento do grupo-pesquisador, que será trabalhado por meio de uma discussão teórica com autores especialistas acerca do tema em questão. .

4.3.1 Análise das produções plásticas dos retalhos do estandarte do educar na relação com o gênero

Um dos princípios que aprendi na sociopoética, no processo de produção das experiências, é pesquisar utilizando técnicas artísticas que permitam a criação, o (des)saber, a (des)formação na produção dos conhecimentos por meio dos dispositivos artísticos (ADAD, 2014). Este momento permitiu que as copesquisadoras, nas oficinas, dessem plasticidade às suas linguagens, desejos e questões.

Posterior ao momento das produções plásticas, com auxílio das cofacilitadoras, fotografei as produções e as organizamos para que em seguida fossem feitas as análises. Este processo não fluiu apenas de uma reflexão abstrata e solitária sobre o que foi produzido, mas de uma leitura intuitiva e coletiva, deste modo, “[...] uma percepção clara, direta, imediata e espontânea[...]” (ADAD, 2011, p. 254), que me permitia abrir o corpo todo, afetar-me, envolver-me e misturar-me com a força das produções plásticas criadas nas oficinas. Portanto as análises plásticas foram feitas de idas e vindas, de investidas permeadas de afetos sobre o que foi produzido pelas copesquisadoras, gerando a seguinte poesia:

GEOTRANSGRAFIA DO TEMPO

Tempo, tempo, tempo

És Geografia Trans

Percursos

Feitos de setas e marcas,

Ondulações e atravessamentos

Atalhos em ziguezagues

Que ligam as vidas de

Transexuais e Travestis

Seus saberes e sua cidadania

Quais os problemas de educar nesta geografia Trans?

Tempo, tempo, tempo

Compositor de muitos caminhos Trans

De experiências que levam a Encruzilhadas

Abrem portas e janelas

Tecem rendas

borram bordas

Como compor educações na Transgrafia?

Tempo, tempo, tempo

Vou te fazer um pedido

Fala de ti, de tuas línguas

De tua terra

Grafia Transviada

Deusa de muitos destinos

Traduz pra mim os teus enigmas
Quais os enigmas do corpo Trans?
Como o corpo Trans escreve seus enigmas nos lugares que percorrem?

Tempo, tempo, tempo
 Educar
 Que desatina muitos desejos
 Que descola grandes conceitos:
 Sexo, gênero, afeto, família, respeito
 Educar que desafina podres poderes.
Como é educar desafinando os poderes?

4.3.2. Resultados da contra-análise²⁶ das análises das produções plásticas do estandarte do educar na relação com o gênero

A contra-análise permite a partir de um novo encontro entre copesquisadoras e pesquisador (propositor da pesquisa), a dialogicidade, a produção de novos problemas e a emissão de polifonias acerca dos estudos feitos sobre as experiências produzidas nas oficinas. Portanto, é neste momento que o grupo-pesquisador opera sobre os estudos realizados de modo a confirmar, “[...] reexaminar e principalmente contrapor-se às compreensões do pesquisador oficial” (ADAD, 2011,p.256).

A contra – análise, seja ela da análise plástica ou da análise dos relatos orais, possui uma densidade política na pesquisa sociopoética, visto que possibilita ao grupo-pesquisador externar suas compreensões, seus contrapontos diante das análises realizadas pelo propositor da pesquisa. Desta forma, percebe-se relevância das copesquisadoras na produção de conhecimento sobre o tema gerador e ademais a liberdade de expressão das mesmas sobre o tema²⁷.

Desta vez, oficina sociopoética de contra-análise aconteceu durante a reunião do GPTRANS que estava reservada somente para este momento da pesquisa. Como de costume, cheguei cedo ao recinto junto com Thaysa (cofacilitadora da vez). Aguardei ansiosamente para iniciar os procedimentos da oficina.

A oficina teve início às 10h:30min, quando eu comecei a falar do objetivo deste

²⁶ A contra-análise desta técnica é dividida em dois momentos: o primeiro momento destinado à contra-análise da análise plástica e o segundo momento destinado à contra-análise da análise dos relatos orais. Vale ressaltar que a mesma ordem de contra-análise valerá para a segunda técnica de produção de dados intitulada de corpo do educar na relação com o gênero. Portanto, é importante frisar que algumas questões de cunho teórico acerca da contra-análise serão inibidas dos tópicos posteriores tendo em vistas que já serão tratadas neste. Desta forma, me deterei, posteriormente, às experiências e singularidade de cada contra-análise.

²⁷ Esta percepção do momento da contra-análise e sua inserção no corpo do texto em vez de estarem nos apêndices evidenciaram-se durante o momento da qualificação por meio das sugestões dos professores que compunham a banca.

momento para a pesquisa e também contextualizei às coringas²⁸ presentes sobre a proposta de pesquisa, em especial devido não estarem na pesquisa desde o começo.

Após a explicação, entreguei às copesquisadoras o poema **Geotransgrafia do Tempo** de minha autoria e, com base nos meus estudos das produções plásticas, para que primeiramente elas pudessem fazer uma leitura em dupla e em seguida partíssemos para a leitura coletiva conduzida por mim. Durante essa leitura, solicitei às copesquisadoras que se posicionassem, à medida que tivessem alguma colocação a fazer diante do texto, conforme explicitarei logo abaixo.

Durante a leitura, na primeira estrofe da poesia, que questiona quais os problemas do educar na geografia Trans, as copesquisadoras responderam,

Na verdade os problemas são vários! Acredita-se que um dos maiores é a resistência de algumas pessoas em relação a tá se mostrando, aparecendo nesses tipos de atividade, na questão do conhecimento e do saber, a resistência é um dos maiores problemas.

Ainda na primeira estrofe, acerca da **geografia Trans**, o grupo-pesquisador pontuou posicionamentos diversos,

A geografia Trans é mais em questão de se dizer onde ela está e para onde ela quer ir, ou seja, quais os caminhos que elas perpassam do início até o fim, que é por preconceito, por discriminação, pela liberdade de expressão que ela não tem; através dessas desigualdades, desses preconceitos e dessa discriminação ela consegue adentrar vários setores da sociedade, até que um dia ela chegue num alto patamar que seja o respeito e a igualdade, que é o que ela tanto almeja. Que é o que nós Transexuais e Travestis almejamos. Mas para conseguir conquistar essa tão sonhada igualdade de direitos e também um lugar no sol. È por ai que a gente começa e perpassa esses vários caminhos. Eu acho que, quando se fala nessa geografia, quer dizer isso, que não tem outro caminho. O caminho é esse.

O maior problema do educar dentro dessa geografia é mesmo a questão do entendimento da outra parte que não faz parte da nossa população em relação ao que nós somos. Isso independe de formação acadêmica e de status social. Há Trans que são extremamente bem sucedidas e outras que são de origem humilde e, tanto as bem sucedidas quanto as que não são vistas pela outra parte que não é informada com o mesmo olhar, que às vezes é um olhar de exclusão, de preconceito. Assim, às vezes não chega a ser um preconceito tão severo, mas é um preconceito que não entende. É justamente no sentido literal da palavra, é uma ideia pelo não conhecer e isso independe de formação acadêmica. Tem eu que tenho a formação, tem a minha amiga que tem outra formação acadêmica, mas a gente sente as mesmas coisas, se a gente estiver no mesmo espaço, tentando fazer esse mesmo processo educativo. Eu pelo menos entendo dessa forma, que quando a gente adentra o espaço, a princípio, a gente não é acolhida como uma pessoa natural. É como se a gente fosse um ser de outra atmosfera, de outro planeta, um E.T. É tipo isso: um

²⁸ É interessante ter um “coringa”, [...] dentro do grupo, uma ou duas pessoas que não tem nada a ver com o grupo, de um meio social completamente diferente, e que participem também. Isso vai permitir ao grupo ver o que eles têm em comum, que é obvio e ele nunca percebe. A não ser que outros cheguem e mostrem essa diferença [...] (GAUTHIER,2000).

E.T, independente da capacidade que a gente tem de estar lá. Minha amiga é pedagoga de formação, eu tenho outra formação acadêmica e ainda estou caminhando, mas é sempre isso. A gente sente sempre a mesma resistência, independente de que posição a gente esteja, seja rica, pobre, seja o que for, o olhar do outro para conosco é sempre a princípio de não aceitação.

A gente precisa realmente provar a cada dia que a gente é competente, quem trabalha nessa área da educação, porque eles olham pra gente com um “pré-conceito” realmente, de que a gente é oba-oba. Algumas profissões são taxativas, cabeleireiro e prostituição. Quando tem uma Trans, uma Travesti que vai realmente ministrar aula, por exemplo, a gente precisa provar todos os dias que a gente também é competente, tanto quanto eles, os outros que não são Trans. Então, o preconceito é um pré, realmente, conceito que eles fazem parte daí. Então, quando a Trans começa realmente a mostrar o trabalho dela, dentro da escola, dentro de outro âmbito, esse preconceito já não fica um pré, fica um conceito formado de que já não é bem assim, por que vai muito da Trans; como ela lida, como ela vai lidar com o processo de educação, seja na escola, seja na formação para policiais, outro campo de trabalho. O preconceito existe e não adianta a gente querer mascarar, já teve muita abertura, mas ainda existe resistência de que a gente não é competente, tanto quanto eles.

Tem-se que conquistar mais ainda. O grupo tem que se resolver mais, em busca desses detalhes, de um aprendizado e de tudo para poder a gente ter mais conquista, porque basta você mostrar e as pessoas já passam a compreender. A partir do momento que você mostra que é capaz as pessoas passam a lhe compreender, aí começa a vir o respeito. Então é isso que se deve fazer! As demais tem que ir em busca desses detalhes para ter um pouquinho de lugar ao sol.

Como está se vivendo uma era de muita informação, de muita internet sugere-se vídeos, para educar o povo associando gay ou travesti sentado na cadeira de roda, por que eles vêm como se a gente fosse paraplégico, deficiente. Eles acham que a gente só é Gay e pronto! Queria um vídeo rápido, entendeu? A Transformista, a Travesti sentada e o que ela é capaz. Ir rapidamente mostrando: professora, educadora, faxineira, qualquer coisa, e ficar em pé e olhar pra o povo e mostrar que a gente não é só Gay. Penso que deveria informar muito nessa era de internet. Tem que parar de ver que tudo é na base de uma varinha, de um pirimpimpim, entendeu? Que tem o antes e o depois do sofrimento mesmo, que é transformação.

Outra parte do poema, que chamou a atenção das educadoras Trans, perguntava sobre **os enigmas do corpo Trans**, provocou ao grupo-pesquisador responder da seguinte forma:

Essa questão dos enigmas do corpo, é uma questão que até mesmo nós ainda estamos conhecendo, por que na verdade é um conhecimento diário. Não é assim uma coisa que é Travesti, Transexual, pronto, já é. É um conhecimento diário na verdade. Você se descobre a cada dia, cada minuto.

A respeito de uma passagem do poema que versava sobre **educar desafiando os poderes**, as Trans operaram o seguinte discurso:

Acredita-se que se vive num constante processo. Então, tudo que se tem atualmente fez parte de um processo de construção. Nós, que vivenciamos a questão da identidade de gênero, temos um papel muito importante nessa construção. De se livrar dessas amarras e dizer para essas pessoas quem realmente nós somos, o que

nós queremos. Encontra-se resistência muitas vezes dentro de nós mesmas, de nos libertarmos dessa questão da identidade de gênero. Muitas Trans vivenciam aquela camuflagem durante o dia, muitas andam com o blusão escondendo seus corpos, com um cabelo dentro do boné, de algo que esconda. Então, esse processo é conjunto, enquanto nós não nos encararmos como nós somos, nós que eu falo é uma maioria, nem todas são assim. A maioria ainda tem essas dificuldades de sair durante o dia, de ir no supermercado, de vir aqui no centro, de resolver alguma coisa. Então se você não se percebeu ainda dentro dessa realidade, que você tem o poder de enfrentar isso, então fica muito difícil mais ainda para as pessoas. Se as Trans não se perceberem como são, não se empoderarem da sua identidade de gênero, as pessoas não vão ter também como nos respeitar dessa forma. Então, primeiramente, tem-se que se autoafirmar enquanto pessoa Trans. Saber o que nós queremos e assim discutir na família; porque tinham muito assuntos que eram tabus entre a família, como o sexo, como o casamento, como tudo isso. Então, hoje em dia tudo isso já é discutido em família, então por que não discutir também o que nós somos, o que nós queremos, dos que nós precisamos para ter esse respeito. Então, eu vejo que esse educar dentro desses poderes, eles tem que ser desafinados, começando por nós mesmas e amarrando aos poucos dentro do espaço familiar e nos demais espaços que nós ocupamos em nossas vidas.

4.4 O gaguejar da língua do facilitador²⁹: análise classificatória e estudos transversais entre as categorias classificadas

4.4.1 Análise classificatória

Jacques Gauthier(2012) considera o processo de análise das narrativas e produções plásticas, oriunda das experiências nas oficinas, o mais delicado e difícil durante uma pesquisa. Compartilho da ponderação do referido autor tendo em vista que a “[...] diversidade e complexidade dos dados criados geralmente superam muito aquilo que se encontra com técnicas mais convencionais (GAUTHIER, 2012, p.92)”. Não é possível aprender o método de pesquisa sociopoético em receituários ou manuais de pesquisa, pois o processo é vivencial, dá-se na imanência das relações constituídas no território, só se aprende na realidade da pesquisa.

No processo de análise das experiências produzidas neste contexto, aprender fazendo é de suma importância. Deste modo, vivenciei alguns desses momentos onde pude perceber a singularidade da análise na pesquisa sociopoética, sobretudo, quando se trata da pesquisa que constituímos junto com o grupo-pesquisador a situação é outra. É

²⁹ Vale referenciar que o gaguejar da língua vivenciado por mim na pesquisa sociopoética está na singularidade deste método que é diferente dos que já vivenciei. Deste modo gaguejei na minha linguagem instituída sobre como deveria pesquisar, desde o processo de produção das experiências até os estudos dos dados. E principalmente no processo de análise dos dados com análise classificatória, o cruzamento dos dados, a produção de confetos, a contra-análise todas estas configurações do método em questão, que eram novas para mim no encontro com este, me causaram estranhamento, me fizeram gaguejar.

inevitável não travar diante dos dados, desta forma, faz-se necessário emaranhar-se no coletivo de saberes sociopoético, com aqueles que já a vivenciaram, principalmente no procedimento em que questão, embora seja preciso também “[...] um estudo atento, rigoroso e preciso, na solidão de como se organizam [...]” as experiências originárias da pesquisa. (GAUTHIER, 2012, p.92)”.

Durante as análises, tive que emaranhar-me com minha orientadora Shara Jane, misturar-me com seus saberes e ainda mais tornar-me sociopoeta. Neste sentido, hospedei-me no castelo de Shara, em uma espécie de residência sociopoética para aprender os procedimentos do processo em questão, o qual precisava exercitar mais. Além disso, é muito comum fazermos mutirões analíticos, pois dois veem melhor do que um. Desta forma, explanarei como ocorre esse processo de estudo dos dados por meio da experiência que tive na minha residência sociopoética.

A partir de agora, deteremos nossa atenção para o procedimento de análise das narrativas oriundas da técnica Estandarte do Educar na relação com o gênero, a qual foi realizada por mim. Com as transcrições dos relatos das copesquisadoras em mãos o primeiro momento foi realizar a análise classificatória. Nessa etapa, fiz uma leitura densa e atenciosa dos relatos transcritos e mapeei as categorias selecionadas, enumerando-as à medida que se repetiam em cada relato e marcando-as de cores variadas, para separá-las entre si, conforme fragmento a seguir. As análises desta técnica encontram-se na íntegra no **APÊNDICE B**.

COPEQUISADORA MARIA LAURA

<p>Bem, é, a minha exposição aqui, retrata um pouco da luta que nós, travestis e transexuais traçamos diariamente, em busca de todas essas políticas públicas que aqui estão e dessa qualidade, de tudo que seja positivo(1), porque infelizmente a nossa população de Trans, ela ainda é muito estigmatizada, muito invisibilizada(2). E a gente tem que, todo dia, tá traçando uma forma, uma estratégia de tá se sobressaindo, em cima de toda essa situação de exclusões que a gente vivencia. Não fazendo uma fala de vitimismo, porque muitas pessoas dizem, ah! mas vocês se fazem muito de vítima. Não é isso! A gente retrata uma realidade que a gente vivencia diariamente. Então, se a gente ainda é vítima dessa sociedade, fazer o quê, é um fato. A gente não pode tá mascarando essa realidade. Tem meninas que tão no mercado de trabalho, meninas que tão na universidade, tem sim, mas são muito poucas (2). [...] Então, é uma busca diária, uma luta diária, tudo aqui que a gente, faz é diariamente(3). Quando a gente sai de casa e quando a gente volta, a gente sabe que vai traçar alguns desafios em nosso caminho. Então a nossa luta é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais. É algo, ainda, muito, infelizmente, árduo a gente lutar por isso. (3). [...] Pra mim é um pouco novo, essa questão do psicológico, pedagógico, eu nunca passei por nenhum tipo de momentos como esse. Então, pra mim foi bem inovador. Uma sensação bastante agradável! Tô gostando! Participei da outra oficina, tô participando dessa hoje. Pra mim é algo novo. Espero poder continuar nas atividades que venham por aí. E pra mim foi bastante enriquecedor pra me entender, pra entender sobre situações conflituosas que estão no nosso caminho. Então esses momentos de dinâmicas psicológicas são bastante importantes, porque a gente consegue se encontrar fora de um eixo que a gente não tem ele na nossa rotina. Então a gente quebra um pouco a rotina e consegue nos visualizar de outra ótica e, dessa forma, a gente consegue relaxar</p>

um pouco e dar uma melhorada no ritmo do trabalho(4).
--

Com todos os relatos orais foram realizados estes procedimentos que deram origem às seguintes categorias:

1. Sentidos e conceitos de formação e/ou de educar na relação com o gênero.
2. Problemas do educar na relação com o gênero.
3. O que pode o educar na relação com o gênero.
4. Sentidos e sentimentos sobre o relaxamento.
5. Práticas da pedagogia Trans.

Depois de todas as categorias mapeadas, organizei as ideias enumerando-as em sequência nas ordens das categorias. A partir deste momento as narrativas foram misturadas, de modo que as falas perdem identidade da autora de cada relato e passam a constituir-se enquanto ser coletivo, grupo-sujeito de seu devir. O pensamento do grupo, percorrido por caminhos diversos, ora contrários, ora convergentes começa a ganhar forma (GAUTHIER, 2012). Desde então, quando as ideias se atravessaram, comecei a perceber como o grupo-pesquisador se constituiu. Eis a magia da sociopoética!

Como exemplo, trago aqui uma categoria mapeada e organizada no processo de análise dos dados (o processo de mapeamento das categorias encontram-se completos no **APENDICE C**).

CATEGORIA: SENTIDOS E SENTIMENTOS SOBRE O RELAXAMENTO
--

43. Pra mim foi bom, eu tentei vivenciar da melhor maneira; fazer a viagem conforme foi proposto e, mais ou menos, o relaxamento ele antecipa o que a gente colocou: o andarilho às vezes é realmente a gente, outras são pessoas perdidas no meio das coisas e dos lugares (4).
44. Foi uma forma da gente poder fazer a reflexão, a autorreflexão, de cada uma das participantes, pra que depois como bem disse a companheira, fizéssemos a exposição do sentimento que durante todo aquele momento a gente depois soltasse, jogasse pra fora. E foi um momento bastante construtivo pra que a gente pudesse tá fazendo essa autoexposição, como a autoafirmação, a autorreflexão, que a gente faz de nós mesmos e que a gente pudesse transpor, pra que vocês pudessem ter o conhecimento do que a gente sente e do que a gente estava sentindo no momento. E foi uma forma dinâmica de tá expondo os trabalhos, de tá expondo a situação e, também, nossos anseios e nossos desejos. Então, foi uma forma de fazer com que nos uníssemos umas com as outras. Acho que isso é também uma forma de união, pra que a gente possa entender também o lado da outra e do outro. É isso! Foi bem construtivo e dinâmico também (4).
45. Pra mim é um pouco novo essa questão do psicológico, pedagógico. Eu nunca passei por nenhum tipo de momentos como esse. Então pra mim foi bem inovador, uma sensação bastante agradável. Estou gostando! Participei da outra oficina, estou participando dessa hoje, pra mim é algo novo. Espero poder continuar nas atividades

que venham. E pra mim foi bastante enriquecedor pra me entender, pra entender sobre situações conflituosas que estão no nosso caminho. Então esses momentos de dinâmicas psicológicas são bastante importantes, porque a gente consegue se encontrar fora de um eixo que a gente não tem ele na nossa rotina. Então a gente quebra um pouco a rotina e consegue nos visualizar de outra ótica e, dessa forma, a gente consegue relaxar um pouco e dar uma melhorada no ritmo do trabalho(4).

Organizadas e enumeradas sequencialmente, as ideias, em suas respectivas categorias, iniciei seus cruzamentos a partir de suas complementaridades (ideias que se completam por meio de suas semelhanças), divergências (ideias que embora pareçam ter uma semelhança possuem sentidos diferentes), oposições (quando as ideias são binárias) e ambiguidades (quando a mesma ideia possui simultaneamente o sentido oposto. Ela é e não é ao mesmo tempo), pois

[...] cada dado exhibe um contexto estrutural e o interessante é entender como esses contextos se relacionam entre si. É assim que pretendemos revelar algo do inconsciente desse grande cérebro coletivo que é o grupo-pesquisador, apontando relações invisíveis entre os conteúdos, os dados.(GAUTHIER, 2012, p. 93).

Deste modo, o grupo-pesquisador é máquina de guerra na produção dos conceitos em torno do tema gerador. Seu inconsciente não é representacional, nem estrutural, nem simbólico, mas real, produtivo e criativo (SILVA, 2012). Desta forma, o grupo não representa as realidades postas e colonizadas, mas apontam o interdito que resistem às relações que os oprimem.

Abaixo, segue o exemplo de como é feito esse cruzamento. Este processo, cruza as ideias presentes em cada categoria. (o processo de cruzamento entre as ideias encontram-se completos no **APENDICE D**)

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

As ideias **43, 44 e 45** são divergentes entre si:

Porque na ideia 43 coloca-se a questão de que o relaxamento antecipa o que as copesquisadoras colocaram no grupo e o andarilho são elas e outras pessoas perdidas no meio das coisas e dos lugares. Na ideia 44, surgiu a questão da autoafirmação, autoexposição, autorreflexão em que as trans puderam transpor o que sentem e o que estavam sentindo naquele momento: os seus anseios e desejos. Bem como unirem-se umas com as outras. Na ideia 45, o relaxamento propiciou à trans se entender e entender as situações conflituosas que estão no caminho e também saísse do eixo que não existe na sua rotina. Então quebra-se um pouco a rotina e consegue se visualizar de outra ótica, relaxando melhorando o ritmo do trabalho.

Após o cruzamento entre as ideias das categorias que surgiram no processo de análise dos dados, o pensamento das copesquisadoras Trans, deu-se vazão aos seguintes confetos:

1. Educar circuitando garrafa pet.
2. Formação com conflito.
3. Educar para a diversidade das cores da bandeira.
4. Pontos coloridos do educar na relação com o gênero.
5. Educar morde e assopra.
6. Educar para cidadania na relação com gênero.
7. Problemas bolha da viadagem.
8. Problemas canal pornô do educar.

De posse dos dados estudados, o pesquisador propositor da pesquisa elabora o Texto Transversal que permite a ligação do que foi separado e cruzado no processo de análise. Este texto produz uma imanência, um pensamento, sobre o tema gerador, os confetos e as questões que foram mobilizadas pelas copesquisadoras e foram levadas para a contra-análise.

4.4.2 Contra-análise do texto transversal: Com quantas questões se inventa uma Pedagogia Trans? Flor Transformadora e o Bando Inventivo da Chapada do Corisco

O verbete transversalizar nos permite conjurar outro modo de investigar que implica a inseparabilidade dos planos que constituem o próprio objeto. Portanto, transversalizar as experiências produzidas na pesquisa sociopoética, é considerar o plano em que a realidade toda se comunica (BARROS; PASSOS, 2012). Não se pretende separar as falas das copesquisadoras em blocos verticais ou horizontais, maiores ou menores, molares ou moleculares fechados em suas categorizações, mas produzir um eco, uma gagueira, “um desarranjo nos sistemas binários de definição/categorização do objeto de pesquisa, permitindo conectar devires minoritários que estão adjacentes ao objeto (BARROS; PASSOS, 2012, p. 241).

Desta forma, a partir do que compreendo pelo conceito de transversalidade e diante do pensamento do grupo, o qual já foi feita a análise classificatória, comecei a gestar o famoso texto Transversal para a contra-análise. Não é um texto fácil de redigir, visto que compreender o processo da produção de sentido entre as ideias do grupo, sejam elas convergentes, divergentes, opostas e ambíguas, não é tarefa fácil. Mas, foi possível criar, pois a sociopoética nos permite brincar com as palavras, com as ideias, dando forma a coisas novas. Embriagando-me e deixando-me delirar com a diversidade

de relatos, das metáforas e confetos produzidos pelo grupo-pesquisador, produzi o seguinte conto literário para a contra-análise

Com quantas questões se inventa uma Pedagogia Trans?: Flor Transformadora e o Bando Inventivo da Chapada do Corisco

Esta é a história dos caminhos percorridos por uma guerreira que se chama Flor Transformadora. Tal guerreira é valente, feliz, diversa, enigmática e possui outras características que fazem dela um corpo apto a abrir os caminhos, fossem eles retos, tortuosos, inclinados e montanhosos. Ela sempre estava disponível a atender as demandas relacionadas às diferenças das pessoas dos lugares por onde passava. Nesses lugares, esta flor provocava afetos. Para alguns era um corpo aconchegante, permitia o equilíbrio, a harmonia, reconhecimento e pertencimento. Para outros, causava estranhamento; levava à repulsa, ao afastamento. Mas como ela sempre diz: não é possível agradar todo mundo. E definitivamente agradar as pessoas não era a preocupação de nossa guerreira. Ela preocupava-se mais em mostrar-se como queria ser, na sua absoluta diferença, na sua multiplicidade, na sua metamorfose. Desta forma, Flor Transformadora por ter um corpo ambíguo, fragmentado e cambiante entendia que vida não se constituía de chegadas, mas dos caminhos que traçava, das viagens que a constituía. **Como é este corpo que agrada e não agrada, ao mesmo tempo, a todo mundo?** Em uma das suas trajetórias, Flor Transformadora sentiu-se levada pela magia do vento, que abria brechas do caminho e na sua curiosidade, a guerreira deixou-se seguir por estas brechas junto com o vento, pois adorava as demandas que surgiam ao acaso! Ao chegar ao destino, Flor Transformadora reconhece a figura que exigia sua presença, era a enigmática Senhora dos Raios. Esta senhora era feiticeira, conhecida sua das antigas que tinha o poder de controlar os raios, as tempestades e os ventos a depender do seu desejo. E isso deixou nossa viajante apreensiva, pois a enigmática senhora quando se chateava soltava raios e ventos potentes, até mesmo destruidores. Logo ao chegar, Flor transformadora percebe que no terreiro da casa de senhora dos raios encontrava-se um coletivo de mulheres Trans. Este coletivo denominava-se Bando Inventivo e era composto por Senhora dos Raios e suas amigas Trans. Este coletivo tinha como interesse inventar coisas e acontecimentos que problematizasse o desrespeito e o preconceito contra as pessoas Trans. Desta forma aglomerava Trans de toda ordem, dos mais diversos jeitos, de variadas cores. Cada corpo, que ali estava, tilintava um modo de ser diferente. Após Flor Transformadora ser apresentada ao Bando Inventivo na Chapada do Corisco, foi informada que, naquele lugar, havia uma problemática relacionada ao modo como as pessoas estavam lidando com a questão do gênero, que passou a ser mostrado e experimentado das mais diversas formas, de modo que expandiram seu sentido para além do homem/mulher heterossexual. Esta ação dava-se nas práticas das pessoas Trans, aquelas que transitavam entre e no próprio gênero, assim ensinando outros modos de existir na relação com este. E isto gerou uma grande violência e desrespeito para com estes outros modos de se exercer o gênero. Informada acerca da problemática, Flor Transformadora propõe uma conversação ao Bando Inventivo com o intuito de juntas elaborarem saídas para os problemas. Para iniciar a conversa, a convidada coloca que diante destes problemas oriundo das relações de gênero faz-se necessário promover uma educação em que as Trans sejam responsáveis por construir conhecimentos por meio de oficinas, seminários, várias campanhas, uma espécie de livro orientando de fato o que é e o que não é acerca do respeito à identidade, à igualdade racial, à religião. Levar estes conhecimentos às pessoas da sociedade, seja hetero, homo ou bi, no intuito de informação, de modo a ser possível aprender e ensinar que ser feminina e ser masculino tem a ver com a nossa relação cultural e isso muda de acordo com a cultura, o lugar, a sociedade, o contexto em que a gente está inserida. Então, vê-se que isso é uma discussão frequente que a Trans tem que levar como educadora social e como pessoa. Senhora dos raios, sempre questionadora diz: **Como as Educadoras Trans levam e produzem conhecimento nos espaços que atuam?** Ao ouvir sobre esta ideia, uma Trans integrante do Bando Inventivo diz que as coisas que se discute nos espaços que são pra nós importantes poderiam ser divididas com pessoas da nossa população que realmente não tem

conhecimento de jeito nenhum em torno disso. Mas antes é preciso primeiro fortalecer a nós mesmos para, depois, ser capaz de transmitir isso pra outras pessoas. Flor Transformadora concorda e diz que saber sobre a identidade de gênero aconteceu depois que foi pesquisar e estudar, depois que alguém a ensinou. E também na sua experiência enquanto educadora social foi importante, não só pra ela, mas para outras pessoas também porque aprendeu muito, tanto no conhecimento pessoal, quanto no técnico, também, as questões do educar na relação com o gênero. E isso falta também na população Trans, essa curiosidade de se apropriar também desses conhecimentos, de como lutar por aquilo que é de direito e ter a identidade de gênero afirmada e poder educar o entorno pra essa afirmação de identidade. Pois, só conseguimos ter o respeito a partir do momento em que soubermos aonde é que fica o nosso direito. Mas, é preciso ter cautela neste processo tendo em vista que dentro dos movimentos sociais, a informação fica um pouco retida naquelas pessoas que tem interesse por frequentar esses espaços e não amplia muito, até por que as outras pessoas quando se fala em movimentos sociais viram logo a cara, acham que é besteira, que não vai agregar em nada. E se as pessoas não vêm até a gente por “n” motivos, se tiver como ir até elas, estar nos lugares e momentos em que eles e elas estão para poder transmitir esses assuntos de uma forma possível para essas pessoas. Flor Transformadora assinala que não será um movimento fácil e que entraves paralelos a esta questão surgirão, a exemplo do **Problema canal pornô do educar** que é o problema de não se levar a sério o movimento LGBT tal qual levam a sério as associações de cego e de rua. Então, por que não querem levar a sério o movimento LGBT? Estas pessoas do movimento não precisam só de sexo, elas querem respeito. Normalmente, a visão é que os LGBT’s precisam só de sexo 24 horas, mas a gente não é um canal pornô. A gente tem sabonete, a gente tem supermercado, a gente tem faxina, tem milhões, ou seja, a gente tem vida normal. As pessoas têm essa fantasia, que você tá exposto 24 horas. Após os posicionamentos levantados a conversação continua, quando Flor Transformadora problematiza que, quando se fala de gênero, se pensa muito só nas mulheres e suas demandas, esquecem, assim um pouco, que a questão de gênero é bem mais ampla, que tem as identidades de gênero, as pessoas que se identificam com o gênero, masculino ou feminino mesmo, porque sempre ,quando se fala de gênero, parece que este contempla apenas a população de mulheres. E não é isso. Gênero tem-se que discutir é nessa amplitude mesmo, até onde vão as limitações masculinas, femininas. Ao fim destas indagações a convidada observa que se faz importante inventar uma educação que contemple esta forma ampliada de pensar o gênero e a identidade de gênero. **Que outras práticas educativas seriam estas?** Pensou! No calor da conversa Senhora dos Raios disse que há na Chapada os **Problemas do educar circuitando** que são ligados à frivolidade das batidas cardíacas por ser a Trans elétrica e dinâmica, sonhando ser feliz. E junto à felicidade há o medo e a adrenalina que são **marcas pontos pretos** ligados a raios, a pontos, a batida de pontos que vai e volta. Na trama deste problema, há o **Educar circuitando garrafa pet** que é a formação do jeito Trans, feita de escalas, de baixo, de cima, de degraus, de setas e de escadas. Neste educar se tem que saber a linguagem do corpo, do que se fala e das reações porque é o educar circuitando em todos os movimentos do corpo Trans: circuitando em casa, circuitando fora de casa, circuitando no sexo, no dinheiro, em tudo! Em todo movimento mundial, sabe. Circuitando em tudo, querendo passar sobre tudo, viver situações que ninguém viveu. Então há vários momentos pra circuitar: dentro da infância é o momento em que se circuita muito e se continua circuitando jogada como uma garrafa pet. Por exemplo, eu vi uma cena tão bonita, um cachorro recolhendo uma garrafa pet. Neste educar o ser humano tem que ter esta sensibilidade. **Que relação há entre este exemplo e o Educar Circuitando Garrafa Pet? Deixe clara esta relação!** À medida que Senhora dos Raios falava sobre os problemas da Chapada do Corisco, Flor Transformadora disse que essa educação para o gênero é difícil pra nós que somos da população LGBT’S, pois têm muitas de nós, Trans, LGBT’S, que se reportam a si mesma, muitas vezes, usando adjetivos masculinos, como é o caso de uma Trans Mulher. Imagina para a outra parte da sociedade, que não conhece esses termos, que não consegue ter um olhar que vá além da nossa aparência, e não consegue ser solidária à nossa condição e nos respeitar como nós somos. Entender que acima do que nós vestimos, de nós termos “n” mudanças físicas ou não, nós temos a nossa essência. Aquilo que nos torna e reafirma aquilo que dizemos, que somos femininas ou masculinas. Há na chapada do corisco, outra questão, os **Problemas bolha da viadagem** os quais falam que no início da

viadagem era muita felicidade no mercado porque se estava vendendo muito. Quando se chegava a algum lugar, se era feliz por isto. Mas se viu que era um mercado mentiroso, onde se encontrava muitas barreiras dentro de casa, na rua. Então, tinha-se medo de não saber como ia começar e terminar o dia, de não acordar viva; medo de ser espancada, de sofrer ataque, não acordar feliz, não dizer assim: bom dia sol! É sempre o medo. São **problemas** que a Trans passa. Acha-se que vai ter que passar por muitas experiências ainda, pra encontrar a felicidade. O que é o mais traumático é ficar sempre esperando algo. **O que pode o corpo Trans frente a este problema bolha da viadagem?** Ao entrar em contato com estes problemas, Flor Transformadora a partir de sua experiência traz a ideia de **Educar Circuitando**, que permite sobrepassar sobre a base: a família, a escola, a educação nos espaços acadêmicos, no dia-a-dia, na ação pública, na justiça os quais a gente sempre fala que não existe discussão, e que às vezes se tem a oportunidade e você não pode desenvolver porque existe muito bloqueio: já se foi massacrada, estuprada e negada. É todo um conflito que você poderia reverter, seria menos dolorido porque você não tem certeza de nada, mas a morte ela é certa. Então pra que sofrer tanto, se pode ser menos? Por isso tem-se que ir atrás dessas pessoas que são leigas e não querem saber e por conta disso continuam internalizando o preconceito. Diante deste problema, de um educar que busca sobrepassar às rejeições da sociedade acerca do gênero Trans, Senhora dos Raios vê que a necessidade de educar para o gênero tem sido uma necessidade tanto no cotidiano Trans, quanto para outras pessoas, tanto porque elas não têm essas informações, quanto porque, por vezes, elas não têm essa facilidade de respeitar a diversidade e as particularidades do outro, se colocando até no lugar dele. Senhora dos Raios diz, por exemplo, que as Trans enfrentam muito desrespeito no seu dia-a-dia. Aqui existe uma Trans que todo mundo sabe que ela têm nome social, as pessoas a conhece há muito tempo. Ela é popular na cidade onde mora, porque não é uma cidade grande. Então, é muito difícil não saber quem era ela. Só que existem pessoas que a conhecia desde quando nasceu, sabem seu nome civil e ,ainda que ela tenha feito as mudanças que fez para se sentir mais confortável com a sua identidade de gênero, volta e meia ela encontrava alguém que a desrespeitava, às vezes porque não tinha essa informação que se fala aqui, de educação para o gênero. Assim, esse desrespeito não é só uma dificuldade do resto do mundo, dentro da população Trans se vê isso também, se sente preconceitos de outras meninas Trans, que já caminharam, fizeram avanços na sua vida, maiores do que outras Trans. Por exemplo, que se referem às Trans ainda como se fossem gays e até mesmo algumas que já tem essas melhorias feitas que se referem a si mesma como tal. O que fazer diante destas situações? Flor Transformadora, diante de suas experiências e caminhadas – problemáticas similares às trazidas por Senhora dos Raios, disse que havia outra forma de desrespeitar o gênero Trans, onde as pessoas agem somente para ser desagradável mesmo, pra contrariar, por que não concorda com os valores das pessoas Trans, com aquilo que as Trans acreditam, com as coisas que elas escolhem. E a pessoa se sente no direito de chamar pelo nome civil, de se referir às mulheres Trans usando adjetivos masculinos. Por exemplo, ela tem amigas que estudam e que as professoras não respeitam a sua identidade de gênero. Outro dia, teve uma colega que estava dividindo com ela que foi usar o banheiro da escola e a professora queria tirar ela de lá e disse que ela não era readequada sexualmente e ela não podia estar no banheiro feminino. E isso não é verdade. Isso é uma das coisas que mais dificulta essa ligação das Trans com as pessoas, é a resistência, é o que torna mais dificultoso de se aproximarem das Trans, ter um pouco mais de afeto, de sensibilidade. Em seu exercício de pensamento acerca das problemáticas que eram trazidas por Senhora dos Raios, Flor Transformadora lembrou-se que em uma de suas viagens pelo tempo e pelo espaço conheceu os **Pontos coloridos do educar na relação com o gênero**, que são pessoas Trans de características, tamanhos, formas diferentes na sociedade e em seus diversos níveis, inseridas a nível mundial. Estes pontos exerciam uma educação em combate ao desrespeito ao gênero de Mulheres Trans por meio do **Educar com autoafirmação do feminino** que é a autoafirmação da identidade feminina Trans, e o respeito a essa identidade por que são barradas em vários locais por causa dessa autoafirmação da identidade, que não é respeitada de forma conjunta, de modo que as outras pessoas não olham as Trans como cidadãs de direito, de fato. E na trama desta forma de educar, há o **educar para a diversidade das cores da bandeira** que ressalta a questão da diversidade, do respeito e da autoafirmação da identidade de gênero, porque se sabe

que a sociedade é composta de vários segmentos sociais, sejam eles negros, idosos, LGBT'S, pessoas com deficiência. Para acalorar os processos inventivos das Trans reunidas naquele bando, a convidada de Senhora dos Raios questiona: **Que outras estratégias as pessoas pontos coloridos do educar na relação com o gênero criam diante do desrespeito contra as Trans nos espaços em que circuitam?** Os conceitos trazidos por Flor Transformadora provocaram profundamente a Senhora dos Raios que se pôs a pensar na condição de sua população Trans e colocou que elas ainda são muito estigmatizadas, muito invisibilizadas, por isso elas têm que todo dia traçar uma forma, uma estratégia para se sobressair, em cima de toda essa situação de exclusões que vivenciam. Não fazendo uma fala de vitimismo, porque muitas pessoas dizem: ah, elas se fazem muito de vítima! Não é isso, as Trans retratam uma realidade que vivenciam diariamente. Então, se ainda são vítimas dessa sociedade, fazer o que? Isto é um fato. Mas não podemos mascarar essa realidade, têm meninas que estão no mercado de trabalho, meninas que estão na universidade, têm sim, mas são muito poucas. Mas as Trans não querem que toda vez que uma menina entrar na universidade, sair no jornal; fizer doutorado, sair no jornal. Elas não querem mais isso. Lógico que essa visibilidade é afirmativa. Mas, elas querem muito mais meninas sendo doutoras e inseridas no mercado de trabalho e que isso não seja mais notícia de jornal, que isso seja recorrente e que não precise ter todo esse alvoroço em cima de uma situação como essa. **Que outras situações de visibilidade afirmam a identidade de gênero das Trans?** Flor Transformadora, enquanto ativista e educadora acerca de seus direitos na condição de pessoa Trans interfere, questionando: Mas a gente não se detém diante da invisibilidade, jamais a gente vai se deter. Somos poucas? Somos! Mas pelo menos têm alguém fazendo alguma coisa, porque ruim era como estava anos atrás, que não tinha ninguém, com voz para essa população que ainda é invisibilizada. Hoje em dia já rompemos essas amarras, hoje em dia a gente está aqui fazendo todas as formas, colaborando com momentos como esse, com outros momentos de pesquisa que a gente colabora, pra poder a gente, cada vez mais, adentrar estes espaços de conhecimento, de educação, de cidadania. Este é o trabalho das Transexuais e Travestis do estado do Piauí e das educadoras do Projeto Transformação e das meninas que estão vindo agora para contribuir pra esse projeto, pra que a gente possa construir esse o mundo das desigualdades sociais. O que é o mundo das desigualdades sociais? A militância de Flor Transformadora chama a atenção do Bando Inventivo a ponto de quererem saber mais do que poderia ser feito na Chapada do Corisco para lidar com os problemas de gênero que acontecia naquele lugar. Naquele momento Flor Transformadora, a partir memórias e marcas que traz consigo mostra que todas as questões do desrespeito e da invisibilidade encontra-se no problema de **Educar para cidadania na relação com gênero** que na prática é negado para a Trans, pois nos espaços em que buscam algum tipo de serviços tem conflitos. Não são vistas de forma natural como cidadãs, como pessoas que estão ali para dividir aquele espaço em pé de igualdade com os que estão lá. As Trans têm que travar um tipo de situação ou conflito, pois quando as Trans saem de casa e quando voltam, já sabem que traçarão alguns desafios em seus caminhos, por exemplo: na questão do uso do nome social, do uso do banheiro feminino, do respeito às suas identidades de gênero. Então a luta das Trans é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais. É algo ainda infelizmente árduo, as Trans lutarem por isso. Deste modo, ao ver de Flor Transformadora, uma forma de lidar com essas questões é o **Educar para cidadania na relação com gênero** que é a luta diária que Travestis e Transexuais traçam, diariamente, em busca de todas as políticas públicas de qualidade, e de tudo que seja positivo como respeito, dignidade, educação, segurança e justiça, somado todos estes pontos, o resultado é a cidadania – as pessoas são cidadãs dentro da constituição. Mas, isso fica na teoria, não sai do papel. No contraponto a este educar, ela mostra o **Educar morde e assopra** que é a autoafirmação da identidade feminina Trans, e o respeito a essa identidade que não é respeitada de forma conjunta, pois as outras pessoas não olham as Trans como cidadãs de direito, de fato. É o educar que leva a sério a relação com o gênero e não fica só na ideia, no papel; leva a fundo mesmo, pega uma informação e repassa. Uma pergunta ecoa na voz da provocante Flor Transformadora: **Que práticas educativas o educar morde e assopra realiza que potencializa a Educação Social Trans?** Flor Transformadora, na luta contra o desrespeito e o preconceito contra a identidade de gênero, aponta um conceito que advém de sua experiência. É um conceito encarnado em seu corpo chamado de **Educar flor transformadora** que é a junção das lutas e

vontades que a Trans expande pra toda a sociedade, ressaltando a importância do trabalho cotidiano deste grupo na construção da cidadania, da dignidade, do respeito à identidade de gênero, à diversidade, seja: sexual, religiosa e de diversos segmentos sociais. Este educar ressalta a importância destas junções na luta por direitos iguais a cada dia, não que todo mundo seja a favor da igualdade, pois há desigualdades entre nós. Há desigualdades entre as TRANS?! **Que desigualdades, entre as TRANS, o educar flor transformadora possibilita acontecer?** Para potencializar a discussão do gênero Trans na Chapada do Corisco, Flor Transformadora pondera que é necessário acreditar na educação de modo que esta, cada vez mais, esteja provocando uma nova geração reeducada, respeitando as pessoas como elas são, não como elas querem que elas sejam. Deste modo as Trans vão conseguir sim fazer desse espaço, um espaço mais igualitário, livre do preconceito, da discriminação, onde todas as pessoas respeitem umas às outras. O ideal é que se tenham aberturas nos espaços da academia com disciplinas voltadas especificamente para essa questão de gênero e todas as suas nuances e seus recortes, sem esses temores, sem essas questões de preconceitos, de religião, pra que detenha esses impedimentos. Então, acredita-se bastante que seja isso. E pra fazer isso as Trans têm que ter abertura; as Trans tem que ater nesses espaços, dialogar com os seus gestores maiores para puderem fazer isso. Por que elas só vão poder realmente efetivar algum tipo de política pública em parceria. Sozinhas, as Trans não vão conseguir fazer isso. Precisa-se firmar parceria com esses poderes para poder potencializar essa discussão mais amplamente. Feliz da sua contribuição, Flor Transformadora anuncia que precisa ir. A Senhora dos Raios lamenta a ida da sua querida convidada, pois a conversa foi uma maravilha. Mas entende que outras demandas surgem em outros territórios precisando da potente contribuição desta Educadora Trans que transpõe os espaços e tempos. Assim, aos poderes mágicos e felizes de Senhora dos Raios, a enigmática e corajosa Flor Transformadora é erguida suavemente por um tapete de raios que é levado pelos ventos-brisas que a dissolvem em meio ao bando inventivo TRANS.

4.4.3 Resultados da contra análise do texto transversal: Com quantas questões se inventa uma Pedagogia Trans? Flor Transformadora e o Bando Inventivo da Chapada do Corisco

O resultado desta contra-análise aconteceu no mesmo dia da contra-análise da análise plástica, pois ambas são referentes à técnica do “Estandarte do educar na relação com o gênero”. Havia preparado para este dia a contra-análise das duas oficinas de produção de experiências que realizei, mas percebi que não seria produtivo visto que iria desgastar o grupo, assim, interferindo na qualidade deste processo que é tão caro ao tipo de pesquisa em questão, pois, este procedimento deve ser cauteloso e cuidadoso para que possam emergir novidades no caminho da pesquisa.

Para este momento utilizei-me do conto “Com quantas questões se inventa uma Pedagogia Trans? Flor Transformadora e o Bando Inventivo da Chapada do Corisco”, do qual a princípio foi realizada leitura silenciosa em dupla. No início da leitura, o grupo-pesquisador achou o texto longo, o que, a meu ver, gerou certo desconforto. Mas, coloquei a elas, que o tamanho do texto não fora definido somente por mim, mas pela extensão dos relatos produzidos nas oficinas na relação com a minha intervenção, por meio da produção textual. Dessa forma, não poderia deixar de levar para a contra-análise a riqueza dos relatos produzidos nas oficinas por elas.

No fluxo da leitura, que foi bastante atenta e silenciosa, percebia em seus rostos, gestos faciais de aprovação, risos sobre o estavam lendo; às vezes se reconhecendo, às vezes estranhando as metáforas e confetos encontrados no texto. Em seguida, iniciamos a leitura coletiva, que fora conduzida por mim, para que pudéssemos discutir o texto a partir do que as Trans destacaram de sua leitura prévia. .

Durante a leitura, as copesquisadoras exigiram fala no segundo parágrafo, a partir da pergunta “**Como é este corpo que agrada e não agrada, ao mesmo tempo, a todo mundo?**”, o grupo copesquisador colocou:

É tipo um corpo dragão-sereia, eu agrado e desagrado, agrado a noite e desagrada de dia.

Dei continuidade à leitura e as copesquisadoras solicitaram parar no seguinte questionamento: **como as Educadoras Trans levam e produzem conhecimentos nos espaços onde atuam?** A partir do questionamento elas responderam,

É assim que a gente faz: quando a gente idealiza esses projetos, Agente transforma, Transformação. É no sentido de sensibilizar as pessoas, das vivencias das pessoas Trans que muitas pessoas não respeitam as questões da identidade de gênero porque elas não conhecem. Muitas Trans se remetem a si mesmas como gays, como homossexuais. E você sabe que ser Travesti ou Transexual é outra esfera. Não é porque eu sou Trans que necessariamente eu sou homossexual. Homossexual é uma orientação sexual a qual meu desejo me direciona, a identidade de gênero a qual eu vivencio, minha travestilidade, minha transexualidade é outra esfera, é outro patamar, é outra formação. E muitas pessoas não entendem isso. É por isso que as Trans são desrespeitadas na escola, pelo nome social, porque as pessoas pensam: ah! Mas os gays usam seu nome civil, mas as Trans não. Elas não se sentem representadas com o nome civil. Os gays usam o banheiro masculino, as Trans não, elas não se sentem bem usando o banheiro masculino. Então tem todas essas especificidades que nos diferenciam do que é ser homossexual e nosso trabalho é esse, é dizer que a gente está aqui pra ocupar esses espaços e que neles sejam respeitados nossa identidade de gênero. Então, o nosso trabalho como educadora é esse: sensibilizar as pessoas, conscientizar do que nós somos, para que só assim a gente possa colher estes frutos de respeito e cidadania.

Ao prosseguir com a leitura do texto, as Trans pediram a vez para falar acerca seguinte parágrafo:

Ao ouvir sobre esta ideia, uma Trans integrante do Bando Inventivo disse que as coisas que se discute nos espaços que são pra nós importantes poderiam ser divididas com pessoas da nossa população que realmente não têm conhecimento de jeito nenhum em torno disso. Mas antes é preciso primeiro fortalecer a nós mesmo para, depois, ser capaz de transmitir isso pra outras pessoas.

Sobre a questão do fortalecimento das educadoras Trans foram colocados os seguintes posicionamentos:

[...] da gente se fortalecer entre nós mesmo, porque às vezes é muito difícil eu participar de reuniões. Eu sempre coloco que é por conta do meu trabalho. Precisei

faltar hoje pra estar aqui. Assim, eu imagino que as outras também. A gente sempre depende de muitos trabalhos para que a gente possa manter as nossas contas em dia, vamos dizer assim e os nossos compromissos também. Então, quando há esses momentos aqui de fortalecimento que é muito importante, poucas aparecem. Imagino que todas são convidadas, mesmo que seja individualmente há um convite geral. Então poucas comparecem, por “n” motivos. Então se a gente não se fortalecer é muito difícil a gente mostrar esse fortalecimento para as outras pessoas. Eu vejo que essa parte do fortalecimento dentro do próprio grupo é importante também.

Eu acho também exatamente esse detalhe, tem que ter o fortalecimento, a participação das demais, para elas tomarem conhecimento. O conhecimento é interessante e a gente entre si, se torna mais forte através do conhecimento.

Após essas colocações, o grupo-pesquisador pediu uma nova pausa para discutir sobre os saberes que elas adquirem e produzem junto aos movimentos LGBT's. Sobre isto elas colocaram,

Não somos vistas como normais, sabe. Então eu acho que estes espaços tem ser vistos como uma mini sala de aula para se educar, saber os seus direitos, se capacitar, se informar, pra não ficar tão desinformada, tão desclassificada e desinformada com os “DES”. Eu acho que tem que ser vista como uma sala de aula esses espaços, essas oficinas. Poucas querem se educar, se empoderar, eu acho que eles deveriam se permitir, se inserir na cabeça que é educação, sem educação não adianta. Você se torna um ignorante no dia-a-dia.

É Muito importante gente, levar não só para o meio Trans, ao meio LGBT, de uma certa forma, mas para as escolas também, pra os âmbitos onde tem muitos jovens, as universidades, as faculdades, pra realmente fazer essa diferença. Eu até acredito que entre nós, tem algumas que não conseguem fazer essa diferença do que que é lésbica, do que que é gay, do que que é Trans, e o projeto foca nisso? Fazer essa diferença, mostrar o que que é realmente, cada um desses segmentos da sigla LGBT. Então, o projeto é de extrema importância, quando é nesse sentido, não só levar para o nosso meio que a gente já tem uma orientação, mas quem não tem, será que vão saber como tratar a gente, diferenciar, saber realmente como a gente se identifica?

Sinto essa necessidade de criar essa discussão com as pessoas como um todo, porque é muito fácil, é muito prático a gente trazer isso aqui pra nós, num número menor e só de pessoas interessadas. Mas a gente vê que no nosso meio já tem essa questão da desconstrução da nossa identidade, desses conceitos todos que já foram estudados, discutidos por organizações e instituições de extrema importância ,tanto de nível nacional quanto internacional. Que esses conceitos do que é ser Trans, do que é ser LGBT como um todo, sem especificar todas as letras da sigla, não somos nós que inventamos. Isso é fruto de muito estudo, de muita pesquisa, tem respaldo científico porque entra a Associação Nacional de Psicologia, a Organização Mundial da Saúde que reconhece esses conceitos. Mas é muito fácil pra nós que temos essa disponibilidade de tempo e interesse em estar aqui falando disso. E o resto da sociedade. E as nossas amigas, que por vezes desconstrói a nossa identidade, eu não tenho as mudanças físicas que a minha colega tem, mas eu poderia somar com ela por que eu sei desses conceitos e quero dividir com ela. Ela olha pra mim, como eu não tenho os mesmos melhoramentos que ela teve

fisicamente, ela acha que eu não sou da população dela, ela pega e me descontrói, me diminui e ainda me impossibilita de dividir com ela esse conhecimento que adquiro aqui. Não vem pra esses espaços pois acha que isso é besteira. E aí fica restrito, fica sempre as mesmas pessoas, discutindo as mesmas coisas, enquanto que as escolas estão cheia de jovens, de meninos e meninas LGBT's que estão lá e precisam saber disso. E eu acho que a gente tem que ter esse papel de levar isso pra lá, enquanto educadora e enquanto cidadã. Então, enquanto a gente pode fazer isso, a gente já faz individualmente, nosso trabalho de formiguinha. Mas será se não está na hora, dos órgãos, das ONG's fazerem mais essa discussão para um âmbito mais público, assim como se discute outras coisas, das campanhas nacionais pra tudo? Porque não se discute essas coisas? Como é que a gente vai ter essa abertura para educar se a gente não fala disso com naturalidade? Fala disso como se fosse coisas de outro mundo.

Acerca dos problemas atestados no texto transversal as copesquisadoras pausaram no **Problema canal pornô do educar** que versa sobre as pessoas não levarem a sério movimento LGBT,

Esse problema trazido pelo texto transversal operou nas Trans do seguinte modo:

Eu também faço prostituição, mas as pessoas veem aquilo como se fosse um horror, ave Maria! Está ali, pronto! Meu deus do céu, gente! Você só vive disso? A pessoa nem conversa direito, já vai lhe julgando: você só vive disso? E dá pra sobreviver? Na verdade não é bem assim, é muito além disso: a gente têm família, têm casa, vários outros tipos de obrigações e quando a gente começa a conversar a pessoa se depara e toma um susto. Ah! Nossa, você faz isso? Claro, a gente não vive só de sexo, a gente tem ocupações do dia-a-dia. E as pessoas só pensam que é aquilo e pronto. Aí quando vê a gente de dia toma um susto, vê você entrando no hospital, numa secretaria, como eu já me deparei várias vezes com essas pessoas que diz: Nossa! Vi uma foto de você num sei aonde, na secretaria sei aonde, você é envolvida. Aí eu digo sou! A pessoa se depara assim e toma um susto. Pois é! Eu não sou só aquilo ali né?

Outro problema chamou a atenção das educadoras Trans a ponto delas quererem se posicionar foi a seguinte pergunta,

No calor da conversa Senhora dos Raios disse que há na Chapada os **Problemas do educar circuitando** que são ligados à “frivacidade” das batidas cardíacas por ser a Trans elétrica e dinâmica, sonhando ser feliz. E junto à felicidade há o medo e a adrenalina que são **marcas pontos pretos** distinção ligada a raios, a pontos, a batida de pontos que vai e volta. Na trama deste problema, há o **Educar circuitando garrafa pet** que é a formação do jeito Trans, feita de escalas, de baixo, de cima, de degraus, de setas e de escadas. Neste educar se tem que saber a linguagem do corpo, do que se fala e das reações porque é o educar circuitando em todos os movimentos do corpo Trans: circuitando em casa, circuitando fora de casa, circuitando no sexo, no dinheiro, em tudo! Em todo movimento mundial. Circuitando em tudo, querendo passar sobre tudo, viver situações que ninguém viveu. Então há vários momentos pra circuitar: dentro da infância é o momento em que se circuita muito e se continua circuitando jogada como uma garrafa pet. Por exemplo, eu vi uma cena tão bonita, um cachorro recolhendo uma garrafa pet. Neste educar o ser humano tem que ter esta sensibilidade. **Que relação há entre este exemplo e o Educar Circuitando Garrafa Pet? Deixe clara esta relação**

Sobre este problema, as Trans trouxeram os seguintes posicionamentos,

Acho que é o instinto de educação, acessibilidade, que tem que ter dentro de você, pra você transmitir essa educação. É sobre a garrafa pet eu acho que é o mesmo instinto de uma mãe ter um filho e jogar na lixeira e o cachorro vai lá e recolher colocar em algum lugar para proteger. Eu acho que quem quer protege, seja fora de casa ou na escola, seja em qual for um espaço.

È quando você vê uma inimiga que vai lançar um raio, ai você já acessa também o seu raio. É raio contra raio. Eu acho que é isso que a gente vive com as pessoas que não aceitam e criticam a gente. Eu acho que a gente tem que lançar os raios para deter eles, superpoderes. Eu vejo assim essa questão de raios. Semana passada teve aquele raio em volta do sol. Muitas pessoas se questionaram o que é que vem pela frente? Se é saudável? O que era? É impressionante o ser humano, como a gente nunca tá preparado até pra receber uma visão, até da natureza mesmo, imagine do ser humano. A gente é cruel com a gente e mesma. Ontem eu tava na UPA, é incrível todo mundo entrou normalmente, quando eu entrei a UPA todinha, os funcionários, do faxineiro, ao médico, num sei quem mais, a UPA todinha veio me conferir. Eu tive que fazer a simpática, eu tava precisando. Então eu acho que vai demorar muito para essa senhora dos raios deixar de ser bruxa, para ser uma cidadã. Diante dessa situação eu já cansei de gritar, de espernear, fazer escândalo. Eu acho que eu tenho que mostrar realmente meu lado ser humano, reagir igual a eles, eu cansei de ir contra. Eu estou reagindo igualzinho eles, igual a falsidade deles. E são falsos 24 horas, não adianta. E eles veem a gente como: se você tem, se você não tem. E é porque eu me camufo de vários personagens, uma hora pobre, uma hora favelada, até drogada eu desenvolvi pra eu me sobressair numa rua pra passar. Então eu não sei mais o que inventar, eu acho que é uma experiência, tem gente que não passa por situações que eu passo. Mas assim, eu tenho que passar, é até divertido às vezes pra mim, mas eu continuo na luta, circuitando na cozinha, catando um arroz, descascando uma abóbora. Uma hora não temos lanche, lancho uma manga, vai atrás de uma manga na beira do rio.

No fluxo da leitura, o grupo pediu fala no trecho sobre a questão da desinformação do que é ser Trans. Sobre esta problematização as Trans colocaram que

A ideia que a gente tem de ser Trans, é um gay que se veste de mulher. Tem muitas pessoas que pensam isso. Que você ser Trans, é ser um homem biologicamente com comportamentos femininos, que usam roupas femininas, que se comportam de forma feminina; mas nunca vai ser uma mulher, vai ser sempre um gay, um homem que gosta de homem, essas coisas assim. Então a gente precisa avançar nessas discussões mais amplamente, porque tá muito ainda tímida a discussão, “tá muito dentro de nós mesmas”. Eu reforço que nem entre nós mesmas há essa discussão, imagine para os que estão lá fora, que não sabem nada sobre isso. É tumulto bastante, é muito conflito que existe sobre essas questões da identidade de gênero, por isso que a gente faz momentos específicos. Hoje em dia, pra as Trans, não tem aquela coisa mais LGBT porque Gays e Lésbicas já conseguiram criar uma autonomia. Tem gays inseridos em todos os espaços, desde o poder judiciário até lá o poder executivo. Já as Trans não, as Trans, poucas estão no poder executivo, mas com carguinhos comissionados, que a partir do momento que o acordo político dela termina ela não tá mais ali. Há poucas meninas que conseguem se concursar, mas é uma quantidade irrisória perto dos Gays e das Lésbicas que conseguem se sobressair dentro das suas profissões e dentro desses espaços. Porque, muitas vezes, eles podem vivenciar sua identidade, seu gênero, mas não podem viver a sua

orientação sexual de forma explícita porque, também, muitas vezes recai problemas dentro do seu trabalho. Mas eu vejo que eles conseguem mais espaços do que a gente. É muito difícil você ver as Trans inseridas nesses espaços de mercado de trabalho ou coisa do tipo, porque realmente ainda não tem muitos espaços. E uma das consequências maiores é essa de não se falar sobre o assunto e de como contornar essa situação pra que elas realmente consigam avançar nessas discussões e avançar na promoção da sua cidadania.

Mas tem outras que fazem questão, eu estava no supermercado, normalmente, aí o caixa perguntou se era pra incluir meu CPF, minha identidade, e eu disse, não moço é a vista mesmo. Eu percebi que teve um olhar de maldade de um pra o outro. Aí ele veio, virou as costas e disse: será se eles tem direito mesmo? Olha eu fiquei arrasada. Me senti tão humilhada, que eu voltei no outro dia. Eu sabia o horário dele, eu peguei na mão dele e comecei a espremer ele no cantinho, a câmera registrando tudo. Eu disse: olha, vai ser pior porque eu dou pra tudo ou nada. Eu vim só desabafar, Eu não vou ter um ataque cardíaco sobre o que você acha ou pensa. Quem é você? Eu disse assim: Olha, eu vou levar essa mercadoria até o caixa e você vai pagar pra mim ou ao contrário eu vou te deixar nu, nu, nu!. Que dê polícia! Cadeia! Eu não tô nem aí! Ele disse: - tá, tá bom. Eu tenho reações assim de louco mesmo. Eu tenho! Acho que até problema de tanto conflito diário. Então, eu acho que a minha velhice, se eu não melhorar mais, eu acho que eu vou piorar mais ainda. Acho que é capacitação mesmo, tanto pra empresa de grande, médio porte ou pequena. Acho que essas discussões tem que ir pra's empresas, eu fiquei sabendo essa semana que uma amiga minha ganhou dois processos no carvalho, ela entrou como primeiro emprego, excelente funcionária, ela é de cor negra. Depois eu fiquei sabendo que foi preconceito mesmo, de cor e de sexualidade. Ela entrou pré Travesti e quando já estava dentro mesmo do supermercado fazendo a função dela, ela virou Travesti. Aí as senhoras chegaram dia de domingo e chamaram o gerente pra falar sobre a sexualidade. que era feio pra uma família, aquele rapaz virando mulher, de sobancelha raspada e de peito.

Prosseguindo com as leituras as Trans solicitaram pausa na seguinte pergunta: **O que pode o corpo Trans frente a este problema bolha da viadagem?** Diante do questionamento elas arguíram que,

Assuntos que eles colocam que são sempre polêmicos, o gay, a Travesti, o Transexualismo. É incrível que esse assunto que agora sobre drogas é muito mais avançado do que a sexualidade. As pessoas tratam até normal atualmente sobre drogas do que sobre homossexualidade, é incrível. Eu acho que deveria ser uma parceria, se deveria discutir mais, mais e mais. Acho que a gente se fecha, as vezes quando vão perguntar. Eu não, pra mim não, eu rasgo mesmo, claro que depois eu me arrependo de algumas falas minhas, mas já foi. Eu vejo assim, que hoje a mãe de família ela procura entender o filho drogado e não o homossexual, é incrível. Eu acho impressionante, às vezes, que não tem uma informação, nem uma educação dentro de casa, mas vamos falar sobre o filho drogado: ah! Tudo bem vamos fazer o tratamento, mas quando se fala de homossexual, é outra coisa. Queira ou não, pra mim ainda continua, o tabu. Eu não sei se é por resistência ou é uma propaganda que tem que ficar fechada mesmo, pra não vender, acho que é isso o mercado. Eu vejo esse mercado assim

Na trajetória da contra-análise, ainda nas leituras do texto, outro ponto foi levantado pelas copesquisadoras ilustrado na seguinte questão: **Que outras situações de visibilidade afirmam a identidade de gênero das Trans?** Sobre isto foi articulado que,

O pessoal fica assim admirado quando uma Trans faz um doutorado, até uma graduação que hoje já é tão comum. O que a gente quer realmente é isso, que não seja essa admiração, porque parece que a gente é incompetente. E se conseguimos essa graduação, somos competentes ficamos em destaque. Então, não é assim que a gente quer que as meninas Trans, que estão no mercado de trabalho formal, estão numa graduação, num doutorado, sejam exemplo. Mas que sejam incentivo para que as outras possam também estudar e fazer isso também, porque o mercado é, infelizmente assim, nos empurra pra ter essa formação um pouco maior.

A questão dos modos de educar para a cidadania na relação com o gênero incitaram as copesquisadoras a se posicionarem a partir deste questionamento presente no texto: **Que práticas educativas o educar morde e assopra realiza que potencializa a Educação Trans?**

Onde vê uma situação de negação de direito, poder reproduzir aquilo que se aprendeu, então muitas vezes, como já aconteceu com a companheira Estafane, ela tinha muita dificuldade com essa questão de nome social, ela presta muito serviço de saúde e eu lembro que uma vez ela me relatou que ela foi num espaço, e uma pessoa que já tinha tido uma informação sobre a questão do nome social defendeu. Ela, já tão acostumada com essa questão, ela nem foi querer usar o nome social mais. Ela estava tão cansada de tá lutando contra isso, ai ela resolveu colocar o nome civil e justamente quando ela foi querer colocar o nome civil e dos profissionais foi e disse: não você tem que usar o nome social, não é assim que está falando na portaria. Então, essas situações, é advinda disso da multiplicação das informações. Então eu acredito que o mais, o que possa ter, pra poder tá fortalecendo essa política, é justamente isso, multiplicação da informação, que é só assim que a gente vai conseguir construir esse caminho árduo.

Ao final da leitura do texto transversal as copesquisadoras Trans atentaram par o questionamento a seguir **Que desigualdades, entre as TRANS, o educar flor transformadora possibilita acontecer?**

Por meio desta questão as Trans pontuaram o seguinte,

Eu acredito que não só entre as Trans que existe isso, mas, tem muita hipocrisia no modo de você ser, e eu acredito que se reforça no meio Trans por causa da vaidade, porque nós Trans, a maioria de nós tem isso muito aflorado essa questão da vaidade, de uma ser mais bonita que a outra, tipo assim beleza física mesmo, muitas vezes tem uma que não tem tantos atributos físicos mas é excelente pessoa, já tem outras que são bem plastificadas, tudo e não tem um bom caráter, são pessoas do mal. Então, é diferenciar essa questão do comportamental, do físico, muitas vezes não é porque você seja bela externamente que internamente você vai ser a mesma coisa.

A contra-análise deste momento da pesquisa me permitiu perceber a sua singularidade política frente às experiências produzidas nas oficinas, pois as

copesquisadoras ao se posicionarem convergindo, divergindo ou se opondo em relação às minhas análises estão expressando sua militância, seus saberes, suas singularidades que partem de sua experiência.

Acredito que a forma como as experiências foram trabalhadas aqui me permitiu gaguejar diante das formas institucionalizadas de se fazer pesquisa. Criar no processo de análise, é mais que separar e dissecar os dados, é indicar um plano de invenção num trajeto de produção de saber e de vida. E assim vida e saber não se separam, coloca-se a vida como princípio do saber. E neste sentido, gaguejo porque acredito que sempre há sempre um “[...] limite do saber, da razão, que é preciso habitar. Portanto, [...] é preciso traçar essa linha de não saber, de indizível do que nos convoca a pensar: a crise. É sempre em crise que gaguejamos” (BARROS; ZAMBONI, 2012, p. 123).

ATRAQUE V

ENTRE MONTAGENS E DESMONTAGENS: Corpos do educar na relação com o gênero



FONTE: Martins/2015

O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino.

Michel Foucault

5.1 Corpos do educar na relação com o gênero

O que pode o corpo? Eis uma pergunta que o corpo pontua como aquilo que questiona, que problematiza por meio de sua potência, dos afetos, das paixões, dos desejos e das lutas que este impõe ao pensamento engessado de modo a traçar sua existência na sua singularidade (ORLANDI,2004). No dia 20/06/2015 meu corpo encontrava-se em seu estado potência e posto a pesquisar e mobilizado diante dos afetos que seriam vetorizados na segunda oficina de produção das experiências da minha pesquisa.

A oficina dessa vez seria composta acerca do corpo e do que pudéssemos criar com este de modo a produzir experiências sociopoéticas. Para aquele momento da pesquisa, a princípio me veio o desejo de trabalhar junto com as Trans, pinturas de modo a produzirem uma rostidade Transfiguradas inspiradas na produção de Francis Bacon³⁰. Mas fazer uma técnica com pintura de rostos seria um pouco custosa, em termos financeiros. Então me veio a ideia de trabalhar com autorretrato, onde pensei em dar às Educadoras Trans espelhos quebrados, fragmentados, nos quais elas se olhariam envolvidas pela leitura de uma narrativa. Esta experiência foi pensada a partir do mito de origem africana: espelho de Olorum³¹, que também foi articulada com o conceito de monstruosidade. Após esta experiência as Trans pintariam um autorretrato em papel *canson* e tintas diversas.

Ao relatar a possível trajetória de oficina ao inventor da Sociopoética Jacques Gauthier, ele me alertou para as fragilidades da técnica em construção ao dizer que não via a necessidade de que o espelho em que as Trans se vissem fossem quebrados, isso seria uma enorme indução³². Elas deveriam quebrar caso quisessem fazer isso. Outra fragilidade vista pelo sociopoeta é de pedir para que as educadoras fizessem

³⁰ Esta inspiração surgiu da análise de Deleuze sobre as obras do pintor contemporâneo em questão, onde o autor aborda a questão da representação na leitura e também como pintar as sensações.

³¹ É um conto de origem africana que narra uma tradição oral de que no princípio havia uma única verdade no mundo. Entre o Orun (mundo invisível, espiritual) e o Aiyê (mundo natural) existia um grande espelho. Assim, tudo que estava no Orun se materializava no Aiyê. Este, era o espelho da verdade única. Nesse tempo vivia no Aiyê a jovem Mahura que um dia enquanto pilava arroz, inadvertidamente, quebrou o espelho em questão. Mahura, desesperadamente, foi pedir desculpas a Olorum (Deus Supremo) que, calmamente, disse a ela que com a quebra do espelho não haveria mais verdade única. E assim, cada pessoa, de qualquer parte do mundo que encontrar um pedaço do espelho, deverá saber que está encontrando apenas uma parte da verdade.

³² Desta forma, é pertinente pontuar que nas pesquisas sociopoéticas não é nosso objetivo induzir o grupo a fazer aquilo que pontuamos ser interessantes, à construir conceitos instituídos, mas disparar a produção de pensamento e produzir novos/outros modos de conceitos no grupo-pesquisador..

autorretratos nas condições que criei acima, pois poderiam parecer preconceituosas, mesmo que essa não fosse minha intenção, tendo em vista trabalhar com a ideia do monstro e de rostos desfigurados.

Jacques Gauthier me indicou trabalhar algo mais neutro, livre de minhas pistas para que elas não criassem algo representacional em cima daquilo que eu queria. Seria preciso deixar que o grupo se mostrasse na sua perspectiva, com suas lentes, na sua criação. Então ele me indicou uma técnica já utilizada por ele em outros momentos de pesquisa que denominava de silhueta. Nesta técnica o/a copesquisador/a contorna a silhueta de outro/a em um papel de metro e vice e versa. Ao termino do contorno aquele/a copesquisador/a contornado/a preencherá como se vê com o auxílio de materiais diversos, disponibilizados pelo/a pesquisador/a propositor. O professor Guathier disse que na experiência que teve com essa técnica vivenciou situações extremamente interessantes, onde viu meninas em situação de rua, bem negras, desenharem a Xuxa e bonecos/as educadores/as bem caóticos/as.

A partir desse contato, me encantei pela técnica e decidi trabalhar o corpo, não somente o rosto, como estava pensando desde o começo; pois, enxerguei a necessidade de evidenciar a relação que as Educadoras Trans do Projeto Trans Forma Ação fazem do seu corpo com seu agir educativo, pois estes são, também, instrumentos de sua educação.

Definida a técnica, elaborado o planejamento da oficina e adquirido os materiais para mesma, dia 22/06/2015, mais uma vez dirigi-me ansiosamente ao Centro de Referência LGBT Raimundo Pereira para mais uma oficina de produção das experiências. De forma ritualística, como sempre faço, organizei junto com a cofacilitadora da vez, Francisca Lima, o auditório para receber as copesquisadoras. Em seguida, fui em busca de saber se algumas das meninas já haviam chegado para já recepcioná-las. Mas, diante de suas possibilidades elas sempre começavam a chegar depois das nove horas da manhã.

Ao tempo em que as meninas iam chegando, fui solicitando que elas se acomodassem em cima das mantas que se encontravam estendidas no chão com o objetivo de acolhê-las. Como nunca chegavam todas ao mesmo tempo, ficávamos conversando para que a espera não se tornasse monótona. Depois que todas as copesquisadoras encontravam-se no auditório, fizemos uma roda de conversa acerca do que elas vinham vivenciando nas oficinas. Ademais, realizamos alongamentos no intuito de preparar o corpo para as atividades que viriam.

Em seguida iniciamos exercícios que comumente fazemos nas pesquisas sociopoéticas com a intenção de provocar sensações de estranhamentos no corpo e sensibilizar este para o processo de produção plástica e das narrativas. O primeiro exercício que trouxe para o território da pesquisa foi o qual denominei de *montagem e desmontagem do corpo*. Neste momento, pedi que as copesquisadoras andassem lentamente pela sala, experimentando e percebendo seus corpos na relação com o espaço, solicitei que começassem a acelerar seus passos, andando mais rápido, sem correr. No processo, alternando entre os movimentos rápidos e lentos, pedi que as copesquisadoras esticassem o corpo no seu limite, montando-se de forma vertical e deixassem o corpo se desmontar como se estivessem se desmanchando. Esse montar e desmontar aconteceram várias vezes.

Figura 30 e 31: Brincadeira da montagem e desmontagem do corpo



FONTE: Martins/2015

No segundo exercício, as copesquisadoras foram vendadas. Diante disso, solicitei que andassem pelo espaço do auditório sem medo e que confiasse nos seus facilitadores. Expliquei elas que elas seriam vampirizadas quando alguém a agarrasse por trás e no pescoço com as mãos. Ao serem tocadas uma vez seriam elas vampirizadas e soltariam um grito de horror e ao serem tocadas duas vezes seriam desvampirizadas e

teriam que soltar um grito de prazer. Para iniciar, mostrei como se vampirizava e se desvampirizava para que depois, de olhos vendados pudessem fazer isso entre elas.

Figuras 32 e 33: Brincadeira do vampiro



FONTE: Martins/2015

Ao terminarem o exercício do vampiro, pedi às copesquisadoras que se deitassem em cima da manta de modo que se sentissem acomodadas e as conduzi pelo seguinte relaxamento:

Nesse momento, feche os olhos e respire profundamente (três vezes pelo menos). Procure se concentrar. Respire. Imagine-se num lugar: **em que lugar você se imagina agora?** Você está caminhando com os pés descalços. Sinta este contato com o chão...respire o ar deste lugar... toque as coisas que você encontra neste lugar. Vá caminhando, distancie-se do ponto de partida e sinta todo o caminho por onde você passa. **O que você encontra nesse lugar?** Lhe pergunto: **O que é educar?** O que é educar na relação com o gênero? De longe você enxerga um objeto que reluz. Na curiosidade você segue e aproxima-se deste objeto. De repente você encontra-se frente a este objeto. É um espelho! Você percebe que o espelho lhe mostra algo: **O que você vê no espelho?** Em minutos, você se percebe sendo sugada pelo espelho. Ao ser sugada, você se percebe em outro lugar. E, por este lugar, você começa a caminhar e nota que está por dentro do espelho (Silêncio). O que você vê por dentro do espelho? Movendo-se por ele, você sente seu corpo desmanchando, como se estivesse saindo de você. Você sente seu corpo diferente. Seu corpo começa a se transformar. Seu corpo passa por uma metamorfose, por uma mudança. Seu corpo agora é outra coisa. **Como é seu corpo agora? Como ele se transformou? Agora, quais as características deste corpo? O que pode este novo corpo?** Seu corpo, agora transformado, passa por zonas diversas. Como são essas zonas? Você continua a se movimentar pelas encruzilhadas do espelho e de repente o espelho quebra, estilhaça-se e seu novo corpo, fragmenta-se, multiplica-se, torna-se vários. Pergunto-lhe: o que é o educar? Como educar na relação com o gênero? Como são estes corpos? Quais as zonas que estes corpos habitam? Respirando profundamente, os corpos multiplicados, em seus

variados modos de existir, juntam-se, formando um único corpo. Que corpo é esse? Qual a relação deste corpo com o educar? Com o educar na relação com o gênero? Respirando profundamente, o que esse novo corpo vê? O que ele sente? O que ele faz? Respirando profundamente, este novo corpo começa a retornar da viagem, mexendo os pés, as mãos. E abrindo, lentamente, Pergunto-lhe: o que é a educar? Qual a relação deste corpo com o educar? Com o educar na relação com o gênero?

Figura 34: Momento do relaxamento



FONTE: Martins/2015

Posterior ao relaxamento disponibilizei papel de metro e pedi que as copesquisadoras tirassem um pedaço que fosse do tamanho do seu corpo. Em seguida solicitei que elas, em duplas, desenhassem a sua silhueta no papel, uma com a ajuda da outra, tivessem os corpos contornados e desenhados no papel.

Figura 35 e 36: Produção Plástica do corpo do educar na relação com o gênero

FONTE: Martins/2015

Em seguida, com suas silhuetas no papel, as copesquisadoras teriam que intervir nos corpos com o uso de materiais diversos, quais sejam: papel de metro, hidrocor preto, tintas guache, pincéis, canetas hidrográficas de várias cores, botões de várias cores e tamanhos, retalhos de tecidos, fitas coloridas e novelos de lã coloridos. A produção plástica deu origem ao corpo do educar na relação com o gênero, tema gerador desta pesquisa.

Figura 37: Produção Plástica do corpo do educar na relação com o gênero

FONTE: Martins/2015

Após produzirem seus corpos do educar na relação com o gênero, as educadoras Trans fizeram a socialização destes de modo a dar voz às afecções, aos sentidos e problemáticas na relação com o tema que vieram a tona nesta produção, e que serão expostos nos relatos abaixo:

COPESQUISADORA GUTA – CORPO SABEDORIA

A silhueta da minha boneca, inclui todos elementos que já tem nela. Só fez reforçar o que a gente vêm discutindo nas oficinas anteriores, essa proposta de corpo do educar para o gênero. Então, eu quis começar pela cabeça. Eu usei as flores na cabeça, porque pra mim as flores tem essa proposta de desabrochar de coisas novas, de novas ideias. Eu acho que é o princípio de tudo. Então, eu trouxe no centro da boneca, nessa região do peitoral, que é onde fica o coração, uma diversidade de corações e, mais uma vez, usando a questão das bolas coloridas para representar as pessoas. É no coração

que estão as nossas emoções, nossos afetos e os sentimentos que a gente carrega. Por isso, que eu quis colocar as bolas coloridas junto com os corações na blusa da boneca, para que a gente tenha esse olhar para o outro, para o próximo que são essas bolas de uma forma mais afetiva. Eu quis usar a saia dela, fazendo de chita, esse colorido, por vários motivos. Primeiro porque eu achei que esse tecido é genuíno do nosso país, que é um país que têm muito esse colorido, que pra mim têm haver com diversidade. Eu acho também que eu optei pela saia colorida porque fica na região do genital, que pra mim está relacionada ao prazer, que eu acho que a gente enquanto educadora para o gênero têm que ter esse prazer em ser diversa e prazer em conviver com a diversidade do mundo como um todo. Então, por isso a saia veio nessa região. E os pés da boneca são pra mim o preto, representando escuro. Eu prefiro ver ele como uma cor que leva a sorte, como os pés que levam a gente pra “ns” caminhos. Além de todas essas cores a gente precisa de muita sorte. A gente tem que ter os pés calçados de sorte nesse processo de educação para o gênero, que não é só da gente com a gente, que é também da gente com a gente mesma. É da gente com o resto do mundo, da gente com os nossos semelhantes, daquele e daquelas que são do nosso gênero também. Até pra levar esse conhecimento, que eu não consigo sozinha, eu preciso da outra pra saber como aconteceu comigo; que antes eu não sabia de nada e hoje eu tenho uma amplitude de linguagens e conhecimentos que eu adquiri, quando eu quis ir buscar. Só que tem gente que não quer, a gente precisa proporcionar esse mesmo saber pra essas pessoas que não querem. Isso é uma coisa diária que precisa ser debatida todo dia. Por isso, eu acho que pra construir toda essa sabedoria, em meio de toda essa diversidade que se fazem no processo de educação, precisa-se, principalmente, de sorte pra que a gente vá por caminhos bons. O educar nesse sentido é exatamente isso, essa tarefa diária de busca de informação e multiplicação dessas informações, porque é meio invalido saber de algo e guardar. Isso pra mim, eu tenho que dividir, fazer isso que a gente faz aqui, sempre, desde que a gente chegou. Conversando umas com as outras, conversa eu com a Joseane, com a Dérika, assim todo mundo com todo mundo. Eu ouço a experiência da outra e aprendo com a vivencia dela, porque ela viveu coisas que eu não vivi. É isso que eu tento fazer com as outras pessoas também, é contar e passar o que aprendi, das coisas simples. Acho que isso é que é

Figura 38: Corpo sabedoria



FONTE: Martins/2015

educação. Se esse corpo estiver munido de todas essas coisas que a gente está discutindo aqui ele vai poder muitas coisas. Então, ele vai enfrentar muitos obstáculos porque o mundo às vezes não aceita esse corpo assim, com essa sabedoria, com esse conhecimento, com essa diversidade. Mas, tendo esses elementos ele vai poder muito. Ele vai se dar muito bem, ele vai poder proporcionar, uma melhoria pro mundo. Não é que ele seja de uma forma individual porque é só um corpo, tem vários outros que precisam formar com ele. Por isso, escolhi o nome do meu corpo de sabedoria porque todos esses elementos vão levar pra isso aqui. Em relação a viagem e ao relaxamento, fazer aquela viagem mental mais uma vez pra mim reforça a ideia que nós somos, que a vida é muito fluida, que a gente é muito precível, que a gente precisa ter essa característica de mudar sempre. Tipo quando você falando que o corpo da gente mudava de forma, eu me imaginei como se fosse água e a água tem três estados. A gente pode se imaginar sendo outra coisa; mas eu me senti assim porque o sólido ele fica, o líquido ele escorre e o vaporoso ele fica no ar, então ele está superior a tudo. Tem hora que a gente está, fica aquela coisa retida. Tem hora que a gente não consegue se integrar de tão espatifado que a gente está e tem horas que a gente está superior de tanta fluidez, de tanta leveza. A relação disso com o educar na relação com o gênero é que, realmente, é a mesma coisa. Tem que ter essa maleabilidade pra mudar e tentar se adaptar onde estiver, na situação que estiver, sabendo se adequar até no amanhã.

Cada narrativa provocou em mim uma forma de pensar o educar na relação com o gênero, a partir do relato das copesquisadoras. O corpo produzido por Guta, denominado de Sabedoria me leva a pensar que corpo do educar deve ser provocativo de modo a fazer desabrochar novos saberes e novas linguagens acerca de se educar para o gênero. É um corpo que possui uma educação prazerosa, que dialoga muito bem com sua singularidade, seu modo de ser, visto que tem prazer em ser diversa.

Também, este corpo, tem habilidade em mudar, em se adaptar nos caminhos em que se encontra; porém não como uma forma de se assujeitar, mas com o interesse de contribuir, de educar e possibilitar a construção de múltiplas aprendizagens nos encontros com o/a outro/a.

COPESQUISADORA DERIKA – CORPO MOMENTO BLACK

Figura 39: Corpo Momento Black

Pra mim foi mais uma experiência como se eu ganhasse mais uma identidade espiritual, uma coisa mais forte que me deixa mais preparada pra o dia. É mais um alimento pro dia, nem todo dia tenho. Na viagem me senti entrando dentro de um espelho que se quebra em pedacinho. Depois, eu desenho meu corpo todinho em outra fórmula, de outro espelho, mas com o meu corpo. Meu corpo é meu momento *black* e sempre vem quando eu saio de preto pra noite: o que é que vai? Como é que estou saindo? O quê que vai acontecer? Como é que eu chego? Como é que eu vou chegar em casa? Qual a experiência? O que é que



FONTE: Martins/2015

vou ter de passar com o meu momento que eu tô de preto? É sempre o imaginário, uma mistura da moda com a noite, músicas...É sempre isso que vem na minha cabeça. Eu tô sempre em movimento como num clipe da minha vida mesmo, eu mesma. O que é que passa com as pessoas? Com a maquiagem, estranha! O momento *black* do educar é sempre querendo passar a imagem para as pessoas que você pode viver um dia ou a noite, é de vários momentos, tanto dia como a noite. Que você pode mudar ser doce ou salgada, pois na noite você pode ser o que você quer ser mesmo e de dia você pode encarar normalmente como eles fazem: uma segunda-feira careta, uma semana de trabalho. Eu acho que é buscar isso, buscar sempre educar as pessoas: a noite ele estava assim, mas de dia ele não deixa porque o dia é sempre lembrar pras pessoas que existe profissionalismo de dia. A noite quem é que não tem seus bichos? Na noite vem sempre uma música da Fernandinha Abreu na minha mente, que ela fala “que a noite cai, que tá na hora de se levantar e se divertir, que todos os gatos são pardos”. Eu acho que é isso pra mim. A relação com o educar para o gênero é que eu posso modificar a qualquer momento; eu posso modificar, eu posso ficar depressiva, eu posso ser magra, gorda, eu posso ser feia, bonita, ser chamada de princesa, de *lacoste*, de dragão! Nem se usa mais esse termo dragão é da época que ela morava em Milão (se referindo a outra copesquisadora). Este corpo pode usar um salto de acrílico, usar um salto de ferro pra suportar o peso do mundo, do meu corpo; ele pode mudar de acordo com a moda, a moda é magra, antigamente diz que é gorda... é vários momentos. E a relação com o gênero, ele pode ser tranquila, ele pode ser eclética, ela pode ser feminina, masculina.

O corpo momento *black* do educar na relação com o gênero me provocou a pensá-lo enquanto questionador, mutante e polimorfo. Este corpo muda a qualquer

momento, mas, principalmente na noite, mostra-se na sua diversidade de personagens. A noite é o seu território de confluência, onde pode se misturar e ser várias coisas.

Este corpo é potente, pois com os adereços que o montam suportam o peso do mundo. Vejo, portanto, que seu educar está na sua existência, em se assumir, se mostrar; mas também se esconder para elaborar seus modos de educar no seu momento que sai de preto.

COPESQUISADORA JOSEANE- CORPO DIVERSIDADE

Meu desenho representa, como sempre, a mesma temática que é a questão da diversidade. Eu sempre multiplico as cores pra assim a gente poder manter todo esse conteúdo da diversidade. Então, meu foco é a diversidade e através da diversidade a gente inclui o gênero que trabalha um corpo feminino, um vestido, um look, um desenho feminino. Então eu acho que isso que resume muito bem. O meu desenho representa o meu corpo, representa a diversidade e o respeito ao gênero. Para esse corpo, educar é levar as pessoas a toda a sociedade seja ela qual for independente de orientação sexual, identidade de

gênero, religião, igualdade racial. Educar é levar a essas pessoas o conhecimento sobre as diversidades existentes na sociedade e o respeito à identidade de gênero, que como eu bem disse é um corpo feminino, um desenho feminino. Então a gente tem que respeitar, mesmo sabendo que a sociedade hoje respeita e já têm várias leis que compreendem as mulheres. Porém, a gente sabe que na efetividade não é assim, porque hoje as mulheres também ocupam o mesmo cargo que homens e recebem salários menores que os dos homens. Então a gente sabe que isso está sendo construído aos poucos, ainda. E que a gente tá tentando levar esses conhecimentos pra toda a sociedade. Então, pra mim isso é educar. O corpo pode levar, para o conhecimento da sociedade, sobre o que é educação. Educação essa que é respeito. A gente tá levando o respeito às diversidades e também a identidade de gênero. Esse corpo pode ser atrevida. Atrevida com o sentido de levar conhecimentos, atrevida no sentido de conseguir conquistar o seu lugar no espaço sem discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, atrevida no intuito de ir as escola, atrevida no intuito de procurar um bom trabalho e ser recebida, atrevida no intuito de colaborar com a sociedade pra construção da cidadania e dos direitos humanos da população. E vou dizer aqui, que não posso focar numa população específica da identidade de gênero feminina, então é no respeito a essas identidades. O relaxamento foi um momento rico onde a gente pode sair de nossos corpos mentalmente, psicologicamente, pra que a gente pudesse refletir: como estamos? E como andamos? Então, pra mim foi isso! O relaxamento nos trouxe essa desenvoltura umas com as outras e pudemos, também, visitar os espaços onde a gente não visita fisicamente. Então pra mim foi isso, muito rico nessa questão de conseguir adentrar outros espaços mesmo que só psicologicamente. Portanto, foi um momento rico. Um momento de ganho para o corpo humano, que eu pude relaxar; eu pude me conscientizar; pude fazer diversas atividades, enquanto o meu corpo estava relaxando, a minha mente estava viajando. Então foi um momento, um momento que a gente sempre deve levar em consideração porque a gente sabe que é pouco exercitado esse tipo de atividade. A gente têm que fazer mais e também interagir umas com as outras no intuito de

Figura 40: Corpo diversidade



FONTE: Martins/2015

fazer essas reflexões. E quando a gente fala atrevida, é nesse sentido levar à sociedade, porque a gente sabe que hoje muitas pessoas quando se identificam com o gênero feminino, muitas pessoas Trans, quando começam a querer respeito por sua identidade de gênero, elas são discriminadas e a gente fala atrevida no intuito de que ela possa adentrar sim, todos os setores da sociedade.

O corpo Diversidade do educar na relação com o gênero movimenta em seu corpo, em suas vestimentas dispositivos que problematizam o campo da diversidade, buscando o respeito a estas. É um corpo atrevido que transpõe as fronteiras no interesse de habitar outros territórios de modo a construir a cidadania e o direito à existência para as diversidades da sociedade.

COPESQUISADORA ZANELY – CORPO EDUCAÇÃO

Meu desenho é mesmo uma Travesti mostrando realmente o que você é, que você quer que as pessoas te conheçam, te respeitem. E ali eu fiz como se fosse uma Travesti na sua área de trabalho, sendo profissional do sexo, contudo divulgando. Eu fiz ali uns panfletinhos divulgando a Travesti e a Transexualidade. A gente sabe que tem muita pessoa que é leiga nesse assunto, principalmente, com as pessoas que fazem esse tipo de trabalho a noite, pessoas que vão atrás e às vezes perguntam. Então achei interessante colocar pra fazer um trabalho de informação sobre o sexo e das doenças. Para este corpo, educar é no sentido não só da vestimenta também; mas botar

mesmo sua cara a tapa, mostrar mesmo quem você é, que tem outros sentidos também sobre a Transexualidade e a Travestilidade. Esse corpo pode melhorar com tudo, no sentido mesmo de melhorar qualquer espaço que ele passar. Sempre deixar algo de bom, algo de produtivo por onde ele passar. E educar na relação com o gênero para este corpo é esse educar através não só do próprio corpo, mas também das formas com que se expressa, de uma forma bastante feminina. É como pessoa quer que ela seja reconhecida na sociedade. Quanto ao relaxamento, foi bom. Foi interessante o momento da viagem. Eu viajei não só por um lugar, mas por vários lugares no qual passei. Lembrei de alguns momentos ruins, momentos bons, mas que fizeram que eu me tornasse a pessoa que eu sou hoje. E faria tudo de novo, não me arrependo de nada do que eu fiz.

O corpo educação na relação com o gênero é uma Travesti profissional do sexo que educa a respeito da Travestilidade e Transexualidade. Sua potência não está apenas na sua vestimenta, mas em como se permite existir enquanto Travesti, enquanto mulher, enfrentando o desrespeito, colocando a cara a tapa para que seja reconhecida na sociedade.

Figura 41: Corpo educação



FONTE: Martins/2015

COPESQUISADORA LAURA – CORPO DÉRIKA

Então, eu tentei expressar nesse corpo o que ele passa pra mim. É uma mistura de sensual com o casual, é uma pessoa loira, mas não necessariamente branca. Mas, uma pessoa, um corpo que pra mim, no meu entendimento ele me tem essa mistura, de situações, de sensações, expressões e comportamentos. Então, ele expressa um comportamento meio que dúvida, ele tem duas identidades, ele não sabe se é vulgar ou se é comportado. A gente não sabe se ele é do bem ou do mal, mas, esse corpo, pra mim, representa que eu tenho, apesar de ser dúvida, uma sensação confortável de dialogar com ele. Sem nenhum tipo de



Figura 42: Corpo Dérika

FONTE: Martins/2015

situação ruim e negativa, que ele venha a fazer, com a minha vida. Então, pra mim foi mais esse retrato de uma pessoa, que não tem nada a ver comigo. Eu não quis me retratar, preferi retratar outra pessoa com qual, eu espero, que realmente eu tenha conseguido expressar o que essa pessoa repassa para mim. A relação deste corpo com o educar é de que as pessoas estão sempre aptas a mudança, que as pessoas aprendam com o tempo, alguns tipos de situações. Pois, as pessoas não nascem de uma forma e permanecem daquela forma nesta área da educação, elas estão sempre aptas a aprender a serem pessoas melhores dependendo da situação que se apresenta na vida dela. É essa a relação que eu faço, que as pessoas estão sempre aptas a aprender com a educação. E sempre se possível para o melhor, para o bem, para o crescimento pessoal e intelectual dessa pessoa. Essa questão de educar para o gênero ela é meio complexa, porque você tem que reeducar toda sua mente, tudo que você aprendeu desde criança, o que é ser feminino e o que é ser masculino. Então, é importante quando você esclarece esse diálogo pra si mesmo e para o meio, porque dessa forma você consegue discutir algo que até então é padronizado, não é discutido. Então se você força as situações e se você tenta incluir de alguma forma essa situação na discussão do dia-a-dia, você consegue de alguma forma colocar isso. Você consegue de alguma forma levar uma situação que é muito vetada, tem muita resistência nos espaços de educação. E este corpo pode ser ousado, ele pode ser educador, ele pode ser colaborador para a educação das pessoas, para que elas aprendam dessa forma iniciar uma discussão trabalhada no respeito por esse recorte da questão do gênero. No que diz respeito ao relaxamento é sempre bom a gente fazer umas dinâmicas para poder quebrar com a formalidade

de qualquer tipo de processo, qualquer tipo de responsabilidade que a gente venha assumindo. Então esse processo de dinâmica incluindo o relaxamento é sempre bom, sempre é produtivo para que a gente entre em contato com algo que a gente muitas vezes deixa adormecido dentro da gente.

O corpo Dérika do educar na relação com o gênero é um corpo que mistura o sensual com o casual. Sua identidade é dúbia, metamórfica e nesta característica consegue dialogar com as outras formas de existir. Este corpo compreende o educar para o gênero como algo complexo, pois é preciso reeducar toda a estrutura a qual se aprende desde quando nasce. É preciso desta forma provocar, questionar e fraturar uma educação que já se encontra calcada na heteronormatividade.

Após os relatos orais, que possibilitaram relações de sentidos entre a produção do corpo e o educar na relação com o gênero, tanto para as copesquisadoras, quanto para mim como expus acima, solicitei que as Educadoras Trans se organizassem com um movimento junto dos corpos que produziram para que eu as fotografasse. Fizeram muita algazarra para encontrar o movimento que queriam fazer com seus corpos, mas logo acomodaram-se junto destes para a fotografia.

Figura 43: Movimento dos corpos do Educar



FONTE: Martins/2015

5.2. Análise plástica, classificatórias e estudos transversais do corpo do educar na relação com o gênero

5.2.1 - Análise das produções plásticas dos corpos do educar na relação com o gênero³³

Como já mencionei anteriormente o processo de estudo das produções plásticas, a ser realizado pelo propositor da pesquisa acontece permeado por sensibilidade e afetos que surgem a partir do olhar sobre o que foi produzido. Desta vez, eu me encontrava junto de vários corpos produzidos pelas educadoras Trans e em alguns momentos me perguntei: o que, em mim, estes corpos disparam? Ao olhar para estes corpos, a cada minuto, inquietações me mobilizavam a escrever palavras soltas em um pedaço de papel de modo a começar a análise daquelas produções.

Entretanto, não fui o único a estabelecer encontro com estas imagens, naquele momento envolvi minha mãe, minha sobrinha e duas colegas de orientação, visto que olhares distanciados das experiências da pesquisa são importantes; visto que mostram o imperceptível aos olhos do pesquisador propositor, pois o mesmo já se encontra íntimo do processo em questão. Promover este encontro com outras pessoas que não participaram diretamente das oficinas sociopoéticas, permitiu-me dialogar com aquilo que as imagens mobilizaram nelas e em mim. Desta forma, inspirado por estas questões e por um conto de Caio Fernando Abreu (1998) ‘A dama da Noite’, produzi o seguinte texto literário para o processo de contra-análise referente às análises plásticas.

Corpos que vagueiam

18 horas, hora ambígua. O limiar entre o dia e a noite. Os corpos pavoneiam pelas ruas da cidade as dificuldades de ser. **Quais as dificuldades de ser desses corpos educadores no educar na relação com o gênero ?** Nesta hora, onde os corpos rareiam, dançam as Damas da noite. Com suas roupas esvoaçantes mostram a ligeireza dos corpos que ziguezagueiam a fugir de linhas retas da padronização. No embalo da dança, crianças, adultos, idosos e bichos mostram-se a vontade. Já as Damas da Noite Transfiguram seus corpos dando margem para outros corpos, tempos, espaços e afetos. Elas mobilizam o furor das existências seladas e excitam esses corpos a mostrarem suas diferenças. **Como as damas da noite, na sua prática educativa, transfigura a padronização ?** A noite se expande adiante da hora ambígua, e os corpos contentes e saltitantes das damas da noite se ouriçam, sentem seus desejos, prazeres, fluídos e excrementos entre a multidão dos corpos. **Como estes corpos educam nos espaços onde saltitam?** Rastros, pegadas e marcas são deixadas pelas damas que vagueiam na noite disparando suas existências, seus modos, seus dançares. Elas se mostram nas suas dificuldades de ser, com seus corpos desmedidos, incontornáveis que disparam contrastes. **Como podem as**

³³ Neste subitem não me deterei a explicar os norteadores conceituais do processo de estudo das produções plásticas, pois já o explico no Atrache anterior. Aqui me deterei em descrever a prática deste estudo e as produções oriundas destes.

damas da noite educarem na relação com o gênero? A cada momento a hora ambígua se desfaz rumo a hora retilínea: os corpos lentamente pavoneiam exaustos da intensa experiência, alguns lançam-se no movimento morto da esteira da vida, outros preferem viver o fluxo dos corpos insurgentes. E as damas da noite? Ah! As damas da noite! Elas abrem uma fenda no tempo e seguem para outros destinos, pois para elas a hora ambígua nunca termina! **Quais saberes são possíveis para além da hora ambígua da noite, no seu exercício de TRANSFORMAÇÃO?**

5.2.2 Resultados da contra-análise das análises das produções plásticas dos corpos do educar na relação com o gênero

Conforme combinado anteriormente, este momento aconteceu no dia 02/12/2015 com o objetivo de realizarmos a contra-análise da análise plástica referente a técnica corpo do educar na relação com o gênero. O disparador para este momento tão rico na pesquisa sociopoética foi o texto **Corpos que vagueiam**.

Após a leitura individual do texto, pelas copesquisadoras, reiterei com minha leitura e expliquei às educadoras Trans que poderiam colocar seus posicionamentos durante o processo de leitura à medida que desejassem.

Realizei toda a leitura do texto e somente ao final o grupo-pesquisador se pronunciou ao dizer que,

A dama da noite tem que usar vários artifícios dentro da sua energia positiva e negativa com todo o problema que têm. Porquê? É Sempre o porquê? Porque não ser hétero? Porque não ter uma formação acadêmica? Porque não o trabalho, do mercado de trabalho? Porque não contribuir com uma sociedade como faz diariamente? Acha que a gente não produz, que a gente não tem responsabilidade. É sempre aquela dúvida quando você tem de exercer uma profissão: será que é capaz? Será que vale a pena dá oportunidade? E coloca a sua imagem em milhões de questões, duvidas! Ah não, não dá! É muito afeminada, é muito depravado. Se pelo menos fosse menos agressivo poderia ser. Então coloca a Travesti, a Transexual em vários conflitos mentais. E é sempre aquele problema. Será que eu poderia me dar o melhor? Será que fiz o melhor ou fiz o pior? Então é isso, para ir pra noite você passa por esse procedimento, que poucas pessoas imaginam o que é você montar o personagem para ir para noite.

A educação tem que vir da infância, ela tem que ser bem educada, com calma, sem atropelo. Porque, quando se fala de educar o ser humano, é muito complicado ou você é educado ou isso volta contra você.

Após esta análise geral do texto de análise plásticas o grupo-pesquisador chamou atenção para a seguinte pergunta presente no texto: **Como a dama da noite na sua prática educativa transfigura a padronização?**

A gente tenta de alguma forma sensibilizar não só as pessoas que tem contato com o público Trans. O trabalho das educadoras sociais é justamente isso, ela tem essa missão de atingir até o público Trans também, muitas vezes, chegam as demandas até elas. Isso

foi muito discutido em relação à identidade delas próprias. Então nossa missão é fazer com que, elas compreendam o que é identidade de gênero, o que é a vivência do gênero feminino e o masculino. Porque a vivência das Trans não é a vivência de um gay, de uma lésbica. É bem mais complexo. Muitas vezes, a gente tem que enfrentar preconceitos específicos do público Trans, como a questão da negação do acesso ao banheiro feminino, como a questão do nome social. Tem muitas meninas que não sabem que não tem lei que proíbe que elas usem o banheiro feminino, como tem a lei do nome social. Então, o nosso projeto de educadora social é atingir o público geral, não só as pessoas tidas intolerantes e insensíveis. Muitas vezes, até o nosso público LBGT desconhece essas realidades. E chegando nas meninas que trabalham na noite, que aqui nós temos, a Mauriely, a Zanely, a Dérika, a Dandara, elas podem estar multiplicando isso nesses espaços, onde a gente não consegue chegar enquanto política pública, mas enquanto educadora dos movimentos sociais elas conseguem multiplicar nos espaços delas. Então nossa missão, enquanto educadora social, é isso. É multiplicar as nossas demandas, nossos conhecimentos e cada vez mais fortalecer a nossa luta pela garantia de direitos.

5.3 O gaguejar na língua do facilitador II: análise classificatória e estudos transversais dos relatos orais

5.3.1 Análise classificatória³⁴

A partir do estudo classificatório das experiências mapeei as seguintes categorias de análise (**ANEXO E**)

1. Sentidos e conceitos de formação e/ou de educar na relação com o gênero;
2. Problemas do educar na relação com o gênero;
3. O que pode o educar na relação com o gênero;
4. Sentidos e sentimentos sobre o relaxamento;
5. Práticas de pedagogia Trans.

Posterior ao mapeamento das categorias cruzamos as narrativas s entre as categorias o que permitiu o levantamento dos seguintes confetos (**ANEXO F**),

1. Educar saia de chita para a diversidade na relação de gênero;
2. Educar travesti na relação com o gênero;
3. Educadora corpo Trans saia de chita;
4. Educadora Trans Água;
5. Momento black do corpo Trans;
6. Corpo Educação Travesti;
7. Educadora Trans calçada de sorte

Após a categorização das narrativas e cruzamentos dos mesmas para dar origem aos confetos encaminhei-me para a produção do texto transversal que será exposto a seguir.

³⁴ O procedimento de estudos dos dados estará em conformidade ao apresentado no item 4.3.1 do Atrache IV.

5.3.2 Contra-análise do texto transversal: Madame Charlot e o leque que respira: Performance-Manifesto dos Corpos na Escola

Neste momento, assim como na contra-análise da técnica do Atrique IV, transversalizamos os confetos produzidos a partir da técnica em questão o que deu origem ao seguinte texto transversal,

Madame Charlot e o leque que respira: Performance-Manifesto dos Corpos na Escola

Na escola transitava um murmurinho de que viria uma mulher para falar sobre o corpo. O estado de curiosidade se instaurava naquele lugar. O dia tão esperado pelos/as Alunos/as, professores/as, diretora e os moradores/as da comunidade finalmente chegou, todos e todas esperavam ansiosamente para ver a tal mulher. As pessoas se perguntavam:

- o que essa mulher tem a nos dizer?

O cenário estava montado: uma cortina, na qual resplandecia uma luz fluorescente forte, escondia a tão esperada mulher. As pessoas fitavam olhares rumo ao cenário, pois não queriam perder nenhum movimento daquela situação. Repentinamente caem as cortinas e os olhos das pessoas arregalaram-se rumo ao lugar, ao qual encontrava-se o corpo da mulher coberto por um grande leque. Com o seu rosto visível a mulher misteriosamente começou a falar:

- Chamo-me Madame Charlot e irei fazer aqui uma performance-manifesto para pensarmos sobre corpo. Este leque, atrás do qual me escondo, tem o poder de fazer meu corpo mudar a cada movimento, a cada respirada. Prepare-se para o encantamento...

Vráaaa! O leque dispara em Madame Charlot o corpo do **Educar saia de chita para a diversidade na relação com gênero**. Este é o educar tecido colorido genuíno do nosso país que tem a ver com diversidade. É multiplicar as cores pra manter o conteúdo desta diversidade que é foco da Trans. É levar às pessoas da sociedade independente de orientação sexual, identidade de gênero, religião e raça o conhecimento sobre as diversidades existentes na sociedade. E através da diversidade a Trans inclui o gênero e o respeito à identidade de gênero ao trabalhar o corpo feminino, um vestido, um look, um desenho feminino. Desta forma, é preciso ser uma **Educadora corpo trans saia de chita** que traz a diversidade, o respeito ao gênero e o prazer em ser diversa e em conviver com a diversidade do mundo. Em oposição a este corpo, Madame Charlot enfatiza que há o **Educar travesti na relação com o gênero** em que o respeito à identidade de gênero e ao corpo feminino não acontece somente no trabalhar a vestimenta, o look. É preciso que se bote a cara a tapa, mostre quem você é e outros sentidos sobre a Transexualidade e a Travestilidades. **Educar saia de chita para a diversidade na relação com gênero** ou **Educar travesti na relação com o gênero, eis a questão!** As mãos ágeis de Madame Charlot movimentam o leque e ela se metamorfoseia no **educar Dérika calçado de sorte na relação com o gênero** que é a educação que acontece nas pessoas que não sabiam de nada antes e é complexo porque tem que reeducar o que se aprendeu desde criança: o que é ser feminino e masculino. Quando se esclarece essa questão, se consegue discutir algo que até então era padronizado, não era discutido. E, hoje, tem uma amplitude de linguagens e conhecimentos que se adquiriu porque quis buscar, embora haja gente que não queira. Este educar inclui a discussão no dia-a-dia e se consegue levar uma situação que era muito vetada, que tem muita resistência nos espaços de educação. Esta educadora calçada de sorte, no processo de educação, precisa proporcionar o saber calçado de sorte para as pessoas que não querem, isso é uma coisa diária que precisa ser debatida todo dia. Por isso, eu acho que pra construir toda essa sabedoria

em meio de toda essa diversidade que se fazem no processo de educação precisa, principalmente, de sorte pra que a gente vá por caminhos bons. **Como criar modos de educar que amplie as linguagens e os conhecimentos que as pessoas possuem sobre o gênero?** Nos fluxos da performance, o leque trouxe à tona o **Corpo Dérika do educar Trans**, um corpo atrevido por ir às escolas, por procurar um bom trabalho e ser recebida. Este corpo pode ser educadora e colaboradora para que as pessoas aprendam a iniciar uma discussão trabalhada no respeito pelo recorte da questão de gênero, na construção da cidadania e dos direitos humanos, pois se sabe que pessoas Trans quando se identificam com o gênero feminino e começam a querer respeito por sua identidade de gênero são discriminadas. Portanto, pode ser atrevida por levar conhecimentos e está conquistando o seu lugar no espaço sem discriminação por orientação sexual e identidade de Gênero. Mas, a construção da cidadania e dos direitos humanos não pode focar apenas em uma população específica da identidade de gênero, tem que ter um foco mais amplo no respeito às identidades, às populações. Desse jeito, para ser atrevida precisa-se está munido de sorte, de sabedoria, da partilha, da experiência, de todas essas coisas, assim vai poder enfrentar muitos obstáculos, porque o mundo não aceita esse corpo com essa sabedoria, com esse conhecimento, com essa diversidade. Mas, tendo esses elementos, ele vai se dar muito bem, vai poder proporcionar uma melhoria para o mundo não de forma individual, mas para vários outros corpos que precisam se formar com ele. **Quais saberes atrevidos são produzidos diante dos obstáculos do educar na relação com o gênero?** Uma nevoa toma conta do espaço e neste momento percebe-se o corpo de Madame Charlot pelos vultos que este dá. O Soprar do leque nos mostra o **Momento black do educar** que provoca educar as pessoas, passar a imagem de que se pode viver no dia ou na noite vários momentos, podendo mudar, ser doce ou salgada. Na noite você pode ser o que quer ser. De dia pode encarar, como eles fazem: uma segunda-feira careta, uma semana de trabalho, porque de dia é sempre lembrar para as pessoas que existe profissionalismo. De noite, quem não tem seus bichos? Como a música da Fernandinha Abreu que fala “que a noite cai, que tá na hora de se levantar e se divertir, que todos os gatos são pardos”. O leque, junto com pensamento da Madame Charlot, traz consigo imediatamente a manifestação da **Educadora Trans Água**, vida fluída, perecível, tem característica de mudar sempre de forma e pode se imaginar sendo outra coisa; como se fosse água nos três estados: no estado sólido fica; no líquido escorre e no vaporoso fica no ar e é superior a tudo. Tem hora que se está, fica aquela coisa retida; tem hora que não consegue se integrar de tão espatifado que a gente está e tem horas que a gente está superior de tanta fluidez, de tanta leveza. Portanto, o **Educar trans-água na relação com gênero** tem maleabilidade pra mudar e se adaptar onde estiver, na situação que estiver, sabendo se adequar até no amanhã. As pessoas encontravam-se emudecidas diante de tantas formas de ver o corpo dentro da escola. Ao sentir que as pessoas expressavam em seus corpos mais curiosidade. Charlot dispara incisivamente um movimento que refere-se aos **Poderes do corpo trans no momento black do educar** onde a Trans pode se modificar a qualquer momento. Pode ficar depressiva, pode ser magra, gorda, ser feia, bonita, ser chamada de princesa, de *lacoste*, de dragão, de la corsa. Pode usar um salto de acrílico, um salto de ferro pra suportar o peso do mundo, do seu corpo. Pode mudar de acordo com a moda: ser magra, ou como antigamente ser gorda. O gênero Trans pode ter vários momentos: ela pode ser tranquila, ser eclética, ser feminina, ser masculina. Desta forma, as pessoas do educar na relação com o gênero estão aptas a mudanças, a aprender com o tempo, com as situações. As pessoas nascem de uma forma, mas não permanecem daquela forma na área da educação, elas estão aptas a serem pessoas melhores, para o bem, para seu crescimento pessoal e intelectual. Com o uso do seu inseparável leque, Madame Charlot sabiamente mostrou para os/as expectadores/as as **Pessoas-bolas-coloridas do educar na relação com o gênero** que com os corações na frente do corpo são mais afetuosas porque têm

esse olhar para o outro. Essas pessoas possuem o **Centro do corpo da sabedoria - região do peitoral** é o educar onde fica a diversidade de corações das **pessoas-bolas-coloridas**: suas emoções, os afetos e os sentimentos que carregam na relação com o gênero. Elas se vestem com a **Saia colorida do educar na relação de gênero**, pois, neste caso, o educar que fica na região do genital, está relacionado ao prazer. **A Educação Trans tem como centralidade a região do genital, o que pensar sobre isto?!** Para finalizar o manifesto performático dos corpos na escola, a emblemática madame, mostra-se no **Corpo Educação Travesti**, este corpo na área de trabalho, sendo profissional do sexo, distribui panfletinhos divulgando Travestis e transexualidade para pessoas que vão atrás, pois tem muita pessoa que é leiga nesse assunto, principalmente, com as pessoas que fazem esse tipo de trabalho a noite. Ela mostra o que é e o que quer que as pessoas conheçam e respeitem sobre ela, de modo que na relação com o gênero o corpo travesti pode melhorar tudo, qualquer espaço e deixar algo de bom, algo de produtivo por onde passa como fazer trabalho de informação sobre o sexo, sobre as doenças. Por fim ao respirar do seu leque Madame Charlot, deixa o seguinte enunciado:

-quais são os corpos possíveis na escola? Vocês não precisam responder, apenas pensem sobre os outros corpos.

Ao fim do manifesto, o leque gira, respira, se movimenta e através de um *boom* caótico os corpos de Madame Charlot, desaparecem no espaço deixando mais uma pergunta: **quais os lugares do educar no corpo Trans na relação com o gênero?**

5.3.3 Resultados da contra análise do texto transversal: Madame Charlot e o leque que respira: Performance-Manifesto dos Corpos na Escola

Para este momento, utilizei o texto transversal intitulado de **Madame Charlot e o leque que respira: Performance-Manifesto dos Corpos na Escola**. Conforme a contra-análise contida no Atrache IV socializei o texto para leitura junto com as copesquisadoras, onde inicialmente realizamos um leitura individual e depois um leitura coletiva conduzida por mim para que juntos/as pudessemos discutir, contrapor e compreender as experiências produzidas na pesquisa à medida que o grupo desejasse se manifestar.

Durante a leitura do texto as copesquisadoras detiveram sua atenção para um trecho que versa sobre a necessidade de se reeducar o que se aprendeu desde criança acerca do gênero apontado no seguinte relato,

Na verdade, a gente já tocou bastante nesta questão do âmbito escolar. Nós enquanto GPTRANS, a gente já fez um trabalho bastante prolongado, nas escolas, nas universidades em relação a esse ponto. Mas, ainda é uma coisa que a gente vem enfrentando hoje em dia, porque na verdade se uma transexual vai fazer uma matrícula na escola, a primeira resistência já é aí nesse ponto, na hora da matrícula. Se ela consegue ser matriculada, ela consegue enfrentar a resistência desde o porteiro até o resto da escola todinho. Essa resistência na escola é uma coisa que a gente ainda continua lutando muito, na verdade, é um espaço em que a Trans não pudesse pisar e acaba sendo jogada na rua ou qualquer outro meio.

Educar o ser humano é muito complicado. Até quando os educadores vão se profissionalizar pra esperar essa demanda de Transexuais e Travestis? Por que de leis nós já estamos ricas, muitas leis, mas ação a gente vê muito poucas; seja em qualquer segmento para a gente.

No processo de contra-análise, o grupo copesquisador desejou falar sobre como criar os modos de educar que amplie as linguagens e os conhecimentos que as pessoas possuem sobre o gênero.

Eu acho que a si próprio educando para poder passar o conhecimento para as outras que vem. Não adianta você querer educar uma pessoa se você próprio não é educado.

As educadoras do projeto Transformação, elas foram escolhidas mediante seu desenvolvimento, porque não adianta você contemplar uma menina porque elas fazem parte do grupo. Tem muitas meninas que fazem parte do grupo, mas ela não têm aquela esperteza da oratória, da interação com o público. A gente optou em dar oportunidade para meninas assim. No caso, quando a gente fez o convite para as educadoras, eram pessoas que tinham essa capacidade de absorção e de multiplicação. A gente fez a formação para elas, temos as oficinas de formação dentro do próprio GPTRANS ao qual teve esse momento e o momento de interlocução com esses gestores, de levar as oficinas para os espaços de educação, de assistência e de saúde. Então, tudo isso a gente fez através de conversação, de muita comunicação. A gente teve muito retorno positivo em relação a isso e nossa intenção é fazer que isso se torne permanente, não seja algo pontual, que a gente fez ali um momento, porque estamos executando um projeto. Mas, que se torne contínuo. E firmar cada vez mais parceria como a gente firmou com a segurança pública. Hoje em dia a gente faz várias formações advindo dos projetos que a gente idealizou, com a justiça. Agora mesmo a gente teve o caso de uma trans que foi transferida da penitenciária masculina para a feminina por causa destas questões, destas interlocuções, de resoluções e que não era aplicado porque muitas vezes não se sabia; porque quando é algo para LGBT tudo é muito difícil, nada é aplicado por causa do preconceito institucional que é muito forte ainda. Mas, se a gente conseguir sensibilizar o gestor, conscientizar ele de que é necessário, é preciso respeitar a identidade de gênero nestes espaços, então a gente consegue avançar. Então, o nosso método pra avançar é cada vez mais firmar essas parcerias que já tem, continuar com elas e cada vez mais idealizar esses novos rumos, novas estratégias de promoção de cidadania. Essas estratégias acontecem por reuniões, a gente senta em reuniões, vê o que tem que melhorar pra acolhimento, nome social, acesso ao espaço feminino, respeito à identidade de gênero; pois elas tem que ser respeitadas como mulher nos espaços públicos pelos servidores da justiça, da assistência, da saúde. Então é a gente conversando e traçando metas, formação, né? A gente acredita muito nessa questão da educação, da formação mesmo, da gente poder levar a demanda. Porque muitas vezes as pessoas por falta de conhecimento também, a gente já conseguiu diagnosticar isso que, muitas vezes, os profissionais discriminam o grupo de Trans por que eles não tem conhecimento do que é Transexualidade, Travestilidades, de como tratá-las. Então se a gente assumir pra gente essa missão, de tá formando essas pessoas em parcerias de mobilização com os gestores, a gente vai conseguir avançar bastante. A meta é essa, formação continuada para os profissionais, que sempre estão se reiventando, sempre mudando uma equipe ou outra. E também para as faculdades, universidades que são os públicos que no futuro vão receber essas demandas para eles.

No processo de leitura e discussão das experiências contidas no texto transversal as copesquisadoras pontuaram a necessidade de falar sobre o fato do mundo que não aceita a existência Trans com sua sabedoria, seu conhecimento e sua diversidade.

Eu acho que na verdade a gente já é agressiva de certa forma por natureza, não no termo pejorativo. Mas com conhecimento e sabedoria a população fica ainda com mais ódio. Não no termo de violência, porque quando chega uma Transexual e Travesti em algum determinado espaço as pessoas subestimam muito a gente. E, na verdade, quando você começa a conversar, começa a falar, as pessoas já ficam mais acanhada.

Baseado nisso, agora mesmo eu realizei uma pequena fantasia minha de ir ao circo de bairro, próximo em casa, na periferia. Não no meu bairro, mas assim meio distante, tem um circo e eu acabei me sentindo contagiada. E eu vou, hoje eu vou ao circo, entro caladinha e eu sei que sou a atração principal. Mas assim, eu fico caladinha, eles esperam eu fazer um show e aquela multidão fica incomodada. Mas, eu estou indo sem baixaria, só para ver a reação de cada um. Antes eu era agressiva, não podia me olhar, eu já gritava, já fazia barulho. Hoje não, hoje eu procuro ver o que eles tem em mente sobre essa questão, porque queira ou não para eles é uma coisa estranha. Perguntavam até se eu ia fazer show dentro do circo.

Eu tenho uma colocação, mas na área da educação, tipo faculdade, universidade, algumas meninas estão rompendo essas barreiras, porque muitas vezes elas nem passavam do ensino fundamental, chegava lá pela oitava série quando começava a se hormonizar, criar formas femininas, já se evadiam da escola por causa da discriminação que tinha, do mau tratamento. Hoje em dia elas conseguem concluir o ensino médio, na grande maioria. Mas poucas conseguem se inserir no ensino superior, e atualmente nós temos muitas meninas, cada vez mais. Agora mesmo eu conheci uma menina da federal que está concluindo o curso de moda, muito bonita, muito feminina. Muitas vezes elas estão nestes espaços e a gente nem percebe. Muitas vezes a gente internalizou tanto o preconceito, que a gente não vê elas lá e nem vai procurar se elas estão lá ou não. E no caso tem várias, a gente vê que elas estão abrindo esses espaços. Então a mensagem que elas deixam é de resistência, que não é por causa do preconceito; que elas relataram que, por mais feminina que elas sejam, em uma situação ou outra elas enfrentam preconceito, como o silêncio quando elas passam, quando as pessoas deixam de conversar quando elas passam e tem todo aqueles preconceitos que elas sentem, mas que nem por causa disso elas deixam de ater esses espaços. Então as mensagens que elas deixam é essa, que não é por causa do preconceito que elas vão deixar de viver a vida delas, de acreditarem nos sonhos delas, de serem o que querem ser e não o que os outros querem que elas sejam. Então eu vejo isso como algo bem positivo atualmente. Que nós estamos realmente resistindo, realmente não deixando que o preconceito faça com que a gente segregue em profissões como cabeleireiras, ou profissionais do sexo, ou cozinheira, a gente está indo bem além destas profissões que por longos anos onde gente se segregou. Então as meninas passam essas mensagens, não só as educadoras do GPTRANS, como no caso a Joseane que já vai se formar em serviço social; eu que sou formada em logística e Guta também tá em serviço social. Então a gente vê que essas meninas conseguem realmente e a gente tenta, com isso, incentivar que as outras continuem. Como agora no ENEM teve várias meninas que fizeram o ENEM com o nome social e a gente vê que tudo isso é resistência, tudo isso é incentivo, se as meninas estão fazendo, nós vamos atrás fazer também. Que eu lembro que eu fiz universidade por causa do incentivo da Fabia Dourado, que ela botava muito em minha cabeça que eu tinha que

me formar e achei muito bonito também quando eu fui pra formatura dela e vi que ela foi chamada pelo nome social dela e aquilo tudo me incentivou, porque se a Fabia conseguiu não é porque é loira, rica que ela conseguiu. Eu também preta, pobre, eu posso conseguir estar nestes espaços. Então, eu fui à luta e realmente vi que muitas vezes o preconceito a gente internaliza pra gente, que quando a gente chega no lado de lá, não é tanto assim. É só você chegar, conversar e tentar se entender, eu expliquei: quero ser tratada pelo nome social, estar nos espaços femininos, com professores, com alunos, com diretoria, com funcionários mesmos. Então, essas meninas que passam por isso, nas universidades, elas sempre relatam isso, que muitas vezes, elas são bem acolhidas por uma parte, mas como a gente internalizou tudo isso que o preconceito está lá, porque que eu vou pra um espaço onde o preconceito está? Eu não sou obrigada a fazer. Mas a resistência faz com que a gente quebre todas essas barreiras e vá adiante.

Eu queria fazer uma provocação! Às vezes, eu sempre enfatizo que a questão desse movimento Trans, ele só abrange a região desta sala. O que eu quero é que o movimento se abranja para outros locais, como a zona sul que é altamente carente de tudo. Tem a questão da Aurora que é uma das meninas que ficam com a gente lá no fórum. E o sonho dela é ser mulher, pra todo lugar que ela vai. Ela tá deixando até o cabelo crescer. Ela só vai de mulher. Ela foi pra escola vestida de mulher, os meninos puxaram a peruca dela, rasgaram a roupa dela, saíram arrastando ela pela escola. Aí cadê o movimento, cadê o GPTRANS que não vai na escola conversar com os diretores. A diretora chegou na cara dela e disse assim: - amanhã você só vai entrar na escola se você vier de homem. Isso é coisa que uma diretora diga? Eu falo tipo assim: foi dar uma palestra na faculdade tal, na escola tal, e cadê o pessoal que não vai para a zona sul? Escolhe quatro colégios que tem mais população mesmo, que tem mais aluno, porque a zona sul é carente sim. Não adianta dizer que não é, porque é. É daqui da sala para o bairro Mocambinho, daqui da sala para o balão do bairro São Cristovão, daqui da sala para o centro, e cadê a zona sul? Teve um tempo que não estavam entregando camisinha de jeito nenhum na loja Mapil. Diz assim: ah! não vi as bichas, se não viu as bichas marca um dia, pergunta pra elas qual o dia que elas vão, qual o dia que vocês estão aqui frequentemente? Que não adianta você ir na segunda e na terça que não tem Travesti porque todas sabemos que a noite é penosa. Então procura um dia que elas já estão lá. A questão da educação, onde que fica? Chegava ali no fórum, onde é o colégio de vocês meninas, vocês estão na escola? Ai no caso, como é que uma pessoa deixa de estudar nos seus 15 anos? Qual a formação que essa pessoa vai ter? Só esquina? Porque ela não vai mais para o colégio, porque só vai pra o colégio se for de mulher e a diretora não aceita. E os alunos saem arrastando ela pela escola

Eu acho que tem que escolher onde tem mais esse tipo de demanda. Eu acho que a gente tem que começar por ai em 2016.

Então, a gente trabalha com demandas. A gente provoca as políticas públicas que são leis, órgãos como esse aqui (centro de referência LGBT). Então, a gente provoca esses espaços que é para as pessoas, pra o público. As demandas tem que vir pra gente poder atuar. Até então a gente não estava recebendo demanda.

Quando a Dérika tem uma demanda ela traz pra gente, ela é o vínculo. Quando a Zanelly tem uma demanda, ela é o vínculo. Na zona sul a gente não tinha vinculo, até então era a Leona, mas ela não trabalhava como profissional do sexo. Ela foi eventualmente umas vezes ou outra, mas ela não trazia essas demandas pra gente, de que lá tinha prostituição de menor, que lá tinha drogadição, que lá tinha isso e aquilo. O que a gente sabia que tinha lá era muita violência, por parte das próprias travesti com os clientes. Eu não ia chegar lá com a viatura da polícia para prender as próprias Travestis. A gente não faz esse trabalho de delação premiada, digamos assim. Então o

que a gente sabia da zona sul era isso. Sempre que a gente ouvia alguma situação da zona sul era de que as Travestis que roubavam clientes, eram as travestis envolvidas em violência com elas mesmas. Quando você trouxe a realidade que lá tem menor se prostituindo, menor vendendo drogas, é outro olhar. Ai sim, nós, movimentos sociais podemos investir, mas eu não vou entrar num conflito onde as Trans são as rés. Porque, por questões de ética, nosso grupo não vai se meter nisso. Então o que eu quis pontuar foi isso, que as demandas pra nós não tinham chegado até então, neste sentido de a gente poder ajudar vocês.

Ao continuarmos a leitura do texto transversal, outra questão que mobilizou o grupo-pesquisador foi a respeito da Educação Trans ter como centralidade a região do genital. Sobre isto, elas divergiram a dizer que:

Antes de educar, as pessoas querem saber o que você tem entre as pernas. Eu acho que eles tem que esquecer essa parte. Acho que tem que lembrar que é educação, não é sexual.

Toda vez quando eu me visto de mulher as pessoas perguntam, Dandara por que é que tu não te aquenda? Aquendar na gíria das Travestis e Transexuais é colocar (o pênis) lá pra debaixo. Porque que tu não te aquenda? Porque eu não gosto, gosto de andar é assim. E outra coisa, o que eles procuram na noite é isso. E aí eu não vou ganhar o dinheiro que eu quero. Mas todo homem, toda mulher, todo hétero, até outra Travesti, a primeira coisa quando vê uma Travesti. Eles não olham para cabelo, não olham para o rosto, para o peito, para as pernas, eles não olham para lugar nenhum, eles só olham para o órgão genital.

Neste sentido, é porque as pessoas, elas tendem muito a sexualizar umas às outras, então a nossa luta enquanto reconhecimento da identidade de gênero quebra justamente isso, a gente vai bem além da genitália. Então, a gente não se reconhece dentro apenas da genitália. Então, eu posso nem ter usufruído da minha genitália, mas mesmo assim me perceber feminina. Então, você usar a genitália como um marcador social é muito machista. Então, nós lutamos contra esse machismo, que nos impõe a ser pênis ou vagina. Então, nós estamos aqui desconstruindo essa ideia de que pra você ser homem ou mulher, você precisa ter uma vagina ou um pênis. As Trans vem justamente para isso para desconstruir todo esse entendimento. Então a gente não pode estar reconhecendo aqui a região como algo que nos é referente dentro dessa questão da educação. Nós temos que reeducar as pessoas e dizer que nós vamos bem além desse genital.

Outro ponto importante, que despertou a vontade de falar no grupo-pesquisador, diz respeito aos lugares do educar no corpo Trans na relação com o gênero. A esse respeito disseram:

Acho que no corpo todo. Na verdade é uma transformação, é todo um processo de autoconhecimento até chegar onde você quer.

Essa questão do corpo é algo bem polêmico e que divide muito ainda a população Trans. Você pode ver mesmo no grupo das Trans, se você tiver a oportunidade de conviver, que aquelas que são mais bem feita de corpo elas andam mais no grupo delas; aquelas que não tem plástica nenhuma andam mais nos seus grupos. Porque a gente vê essas diferenças, essa aceitação dentro do próprio grupo das Trans. E isso é um pouco discriminatório. Eu vejo por esse lado. A gente sofre discriminação muitas

vezes dentro da própria população Trans por não seguir estes estereótipos. Tipo eu' sou gordinha, baixinha, não tenho prótese, nem nada; e a minha galera são poucas meninas. As meninas que se identificam comigo são poucas. Porque a maioria das meninas aqui, felizmente, elas têm um padrão de beleza. Então, as meninas que se achegam a mim, são mais as meninas do GPTRANS, são de lutas mesmo. Mas, no meu dia-a-dia de amizades, poucas meninas Trans são minhas amigas. Mas, fora esse ciclo de convívio tanto da militância e de algumas vezes pessoal, é difícil a gente se inserir nesse meio. Então a gente tem que lutar até mesmo dentro desses estereótipos, dentro da nossa população mesmo. Não é porque eu não tenho peito, não tenho bunda, não tenho cintura fina, que isso vá me deslegitimar enquanto travesti ou transexual; porque minha identidade quem sabe é eu. Só eu tenho autonomia para dizer quem eu sou. No caso da Dandara ela disse que a identidade dela é Travesti, embora ela não tenha conseguido internalizar que ela pode sair de casa 24 horas com sua identidade de gênero. Pra ela, por enquanto, dessa forma que ela está vivendo essas duas identidades está bem; mas a identidade dela é Travesti, que ela já falou que se identifica com a vivencia, com as meninas e agora está vindo para a luta no segmento das Trans, pois antes ela militava no segmento dos Gays. Então é importante a gente fazer essas autoavaliações dentro da gente mesmo. Aonde a gente tem que melhorar enquanto pessoa, pra gente se inserir nestes tipo de conhecimento, de reconhecimento da identidade; porque muitas vezes as meninas que já são plastificadas, elas tratam bem, com educação. Mas a gente sabe que é uma coisa momentânea, que ela não vai lhe chamar para casa dela, que ela não vai querer um convívio de amizade com ela. No entendimento dela, você não está na altura do convívio de amizade com ela.

As experiências produzidas neste ataque permitiram dar visibilidade ao corpo trans que educa. Desta forma, nos processos de produção, análise e contra-análise das experiências as copesquisadoras problematizaram o lugar de seus corpos na educação, produzindo novos modos de pensa-los. Portanto, estas experiências anunciam formas de pensar uma pedagogia do corpo travesti e transexual que será anunciada no próximo ataque.

ATRAQUE VI

O FIO DA VACUIDADE: fluxos e intensidades da pedagogia trans



FONTE: Martins, 2015

*Ele faz valer um furor contra a medida, uma
celebridade contra a gravidade, um secreto
contra o público, uma potência contra a
soberania, uma máquina contra o aparelho.*

Gilles Deleuze

*A vaicuidade não é o vazio.
É a ausência de existência em si dos
fenômenos, ou seja, sua
impermanência e interdependência.*

Jacques Gauthier

Após intensa experiência produzida durante a imanência desta pesquisa, em especial nas oficinas, nas leituras densas (ora prazerosas, ora exaustivas) realizadas coletivamente e munido dos múltiplos confetos produzidos; a partir da pesquisa em questão, junto das copesquisadoras, realizei, neste momento, a sistematização das problematizações e invenções produzidas no fluxo desta experiência.

Neste sentido, intenciono mostrar as fricções, as fissuras do que se encontra dado acerca do tema gerador da pesquisa: **o educar na relação com o gênero**. E também a produção de novos modos de pensar, de novas formas de existir, novos movimentos desterritorializantes no âmbito da educação (ADAD, 2011).

Deste modo, destaco o exercício de pensamento que emerge dos confetos produzidos pelo grupo-pesquisador. Pensar desta forma, é concebido com a manifestação de “[...] um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado das coisas (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 47)”. Portanto, o pensamento vem da experiência, da problematização desta, e a partir dela, se transforma.

Assim, este momento opera como uma sistematização dos fluxos e das intensidades produzidas nas experiências com as educadoras Trans, por meio da elaboração de outros conceitos. São conceitos produzidos no encontro transcultural, onde o dito e não-dito se misturam, entram em curto-circuito produzindo outras formas de pensar. Jacques Gauthier (2012), compreende esse momento como oco, vazio, pois

são conceitos não permanentes e interdependentes que buscam um fundo sem forma que torna todas as formas possíveis.

A partir disto, vale ressaltar que problematizar uma pedagogia Trans emergiu a partir da seguinte questão disparadora: o que pensam as educadoras Trans do projeto TRANS FORMA AÇÃO sobre suas experiências educativas? E partir desta e outras questões, dos encontros, das produções de experiências, dentre as amplas linhas de pensamento do grupo-pesquisador mapeadas, optei apenas por uma linha: **A Pedagogia Trans do educar na relação com o gênero**, pois esta provoca à problematização da existência do gênero Travesti e Transexual no contexto da educação, no contexto de suas práticas, enquanto educadoras. A partir das experiências das educadoras do Projeto Trans Forma Ação penso a Pedagogia Trans, seus tipos de educadoras, seus problemas e suas táticas-dispositivos.

6. 1 Linha de Pensamento - A Pedagogia Trans: Tipos de educadora, Problemas e Táticas-dispositivos

Os voos, os mergulhos e sobrevoos estabelecidos na relação com as experiências produzidas na pesquisa, durante os estudos das narrativas e produções plásticas, me fizeram encontrar várias linhas de pensamento que friccionavam minhas concepções sobre o educar na relação com o gênero. Essas linhas travessaram meu corpo como flechas disparadas em minha direção. E, quando percebi, não era mais o mesmo. Cada vez mais me transformava na relação com o tempo e o espaço no que diz respeito às práticas das educadoras aqui em questão. A transformação, a partir desta experiência, é inevitável. E o desejo de mostrar tudo que se aprende numa pesquisa sociopoética, também. Portanto, escolher o que dizer foi imprescindível, tendo em vista a multiplicidade de linhas produzidas.

Dentre tantas linhas escolhi como agenciadora de fricções nas estruturas da educação a linha que trata de uma Pedagogia Trans, visto que se repetia intensivamente na dimensão do pensamento das educadoras. Mas por que esta pedagogia? Mas por que esta pedagogia? Porque modos de educar que tomem gênero como questão são primordiais? No caso desta pesquisa, em especial para as educadoras trans, essa temática na relação com a educação torna-se primordial em virtude das opressões, exclusões, desrespeitos e assassinatos realizados em torno das questões de gênero, principalmente na trama das travestilidades e transexualidades. Portanto, nas vivências das educadoras do projeto TRANS FORMA AÇÃO, discutir o gênero e suas questões é de suma importância. E isso deve-se porque os espaços da educação,

Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora, as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as formulas são inoperantes.[...]. Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocação normalizadora da educação vê-se ameaçada (LOURO, 2004, p. 28).

Noto que a educação ainda não concebeu a necessidade de uma Pedagogia Trans. Seu desconhecimento e seu sentimento de ameaça evidenciam a importância de se ter um discurso pedagógico Trans que atravesse, caotize e friccione os discursos estabelecidos da educação, no que diz respeito ao gênero. Desta forma, esta pedagogia, não se constrói fora, separada da experiência; mas entre as experiências, no calor das

intensidades, dos fluxos no rasgar das epidermes é que ela faz emergir suas práticas.

Desta feita, o grupo-pesquisador pensa que a Pedagogia Trans

[...] tenta de alguma forma sensibilizar não só as pessoas que tem contato com o público Trans. O trabalho das educadoras sociais é justamente isso, ela tem essa missão de atingir até o público Trans também. Muitas vezes chegam as demandas até elas e isso foi muito discutido em relação à identidade delas próprias. Então nossa missão é fazer com que, elas compreendam o que é identidade de gênero, o que é a vivência do gênero feminino e o masculino. Porque a vivência das Trans não é a vivência de um gay, de uma lésbica, é bem mais complexo, muitas vezes a gente tem que enfrentar preconceitos específicos do público Trans, como a questão da negação do acesso ao banheiro feminino, como a questão do nome social. Tem muitas meninas que não sabem que não tem lei que proíbe que elas usem o banheiro feminino, como tem a lei do nome social. Então, o nosso projeto de educadora social é atingir o público geral, não só as pessoas tidas intolerantes e insensíveis. Muitas vezes até o nosso público LBGT desconhece essas realidades. E chegando nas meninas que trabalham na noite, que aqui nós temos, a Mauriely, a Zanely, a Dérika, a Dandara, elas podem estar multiplicando isso nesses espaços, onde a gente não consegue chegar enquanto política pública, mas enquanto educadora dos movimentos sociais elas conseguem multiplicar nos espaços delas. Então nossa missão, enquanto educadora social é isso, é multiplicar as nossas demandas, nossos conhecimentos e cada vez mais fortalecer a nossa luta pela garantia de direitos.

Como é notório na filosofia das educadoras Trans, há uma ação educativa, uma educabilidade das pessoas, no que diz respeito à sensibilização destas para as questões que as Trans passam; seja na relação com as pessoas tidas intolerantes e insensíveis a estas questões, seja no próprio contexto das pessoas Trans. Entretanto, a educabilidade que emerge aqui não se trata daquela que opera sobre o indivíduo no intuito de assujeitá-lo à lógica dominante de educação, na disciplinarização de seus corpos e modos de existência, selando suas diferenças, seus excessos, sua diversidade. Esta forma do educabilidade do homem é “compreendida como processo inicial do esclarecimento da razão, que culmina, obrigando o homem a ver-se como humanidade (PINHEIRO, 2007, p.13)”. Esta concepção desconsidera o sujeito que não atua dentro desta racionalidade.

Na contramão desta forma de pensar a educação, a Pedagogia Trans prioriza as diferenças dos sujeitos, as formas de existências que rompem com hegemônico. Destarte, ela é uma Pedagogia menor que subverte os fluxos instituídos da educação e agencia as resistências gerando conexões sempre novas (GALLO, 2003). Posto isto, uma Pedagogia Trans, em seu devir minoritário,

[...] cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez

exercem efeitos sobre as macro-relações sociais. Não trata, aqui, de buscar as grandes políticas que nortearão os atos cotidianos, mas sim de empenhar-se nos atos cotidianos (GALLO, 2003, p. 82).

A Pedagogia em questão advém das experiências das Trans, elas educam aquilo que vivem, aquilo que as tocam, que as atravessam, visto que suas vidas, seus cotidianos são elementos para seus modos de educar (BONDIA, 2002). Especificamente pontuando, estes modos de educar estão na trama da produção de um conhecimento interminável, permitindo pensar a [...] “ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas além disso, sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação (LOURO, 2004, p. 47)”.

Nos fluxos da pedagogia em questão, iremos pensar a respeito do que constitui uma pedagogia Trans. Portanto, a partir de agora nos deteremos a três aspectos desta pedagogia: Os tipos de educadoras que são as praticantes desta educação, os problemas que justificam estes modos de educar e as táticas-dispositivos que operam frente aos problemas.

6.1.1 Tipos de educadora

Falar de uma pedagogia nos leva a falar dos sujeitos e de seu processo. Dentre os vários sujeitos que compõe esse conceito, nos deteremos ao sujeito educador/a. Este é um sujeito que opera como estrutura óssea para o campo da pedagogia, visto que é o sustentáculo de suas demandas. Numa concepção tradicional, o educador/a faz a pedagogia acontecer. Ele/a cria condições para sua existência. Será? Se pensarmos o campo da educação como hierárquico, neutro e asséptico, certamente o/a educador/a será o aparador/a de todas as demandas. Entretanto, os tipos de educadora Trans – vias que pretendemos seguir – estão além destas determinações de educador/a com qualidade essencial, a qual todos deveriam “[...] submeter-se ou esforçar-se para dessa categoria se aproximar como cópias bem ou mal assemelhadas (CORAZZA, 2013, p. 22)”.

Por meio das experiências produzidas nas oficinas sociopoéticas, as educadoras Trans problematizaram este conceito sólido, transcendente de educador/a rumo aos fluxos da produção deste sujeito, de modo a perceber as emergências, os devires, as micropolíticas que foram produzidos nas experiências da pesquisa, juntamente com as Trans. De início, afirmamos que as noções de educadoras aqui postas pelas filólogas Trans fogem ao convencional, às cópias más ou bem assemelhadas.

Em contraponto à lógica do/a educador/a primordial e na mistura com os educadores/as simulacro³⁵, penso estas educadoras Trans como devir, pois não param de se deter no jogo da sua própria proliferação. Esta mistura é composta por devires-simulacros que não repetem o mesmo, mas a cada repetição produzem diferença pura (CORAZZA, 2013) a exemplo da problematização do conceito uno de educadora no confeto **Dérika-do-Educar** que

[...] é uma mistura do sensual com o casual. Uma mistura de sensações, expressões e comportamentos dúbios. Ela tem duas identidades, não sabe se é vulgar ou comportada, se é do bem ou do mal. Mas apesar de ser dúbia passa uma sensação confortável ao permitir um diálogo sem nenhum tipo de receio, sem nenhum tipo de situação ruim e negativa, que venha a fazer com a vida Trans.

O confeto **Derika-do-educar** problematiza que para educar não é preciso despir-se de suas diferenças. O diálogo é possível no campo das diferenças, porque se aceita e mostra-se como tal. É uma educadora que torna-se porosa, deixando-se atravessar pelos múltiplos devires que introduz a sua singularização e a abertura para outras criações de si. Assim, esta concepção de educadora foge ao problema obsessivo de encontrar, formular e reconhecer em si um perfil, uma identidade, uma função, que criem um/uma educador/a verdadeiro/a, essencial e universal (CORAZZA, 2013).

Para este tipo de educadora é essencial, “[...] não se bloquear, poder experimentar-se ultrapassando os limites” (GIL, 2000, p. 177). Deste modo, esta educadora torna-se atrevida

[...] por ir às escolas, por procurar um bom trabalho e ser recebida. Este corpo pode ser educadora e colaboradora para que as pessoas aprendam a iniciar uma discussão trabalhada no respeito pelo recorte da questão de gênero, na construção da cidadania e dos direitos humanos, pois se sabe que pessoas Trans quando se identificam com o gênero feminino e começam a querer respeito por sua identidade de gênero são discriminadas. Portanto, pode ser atrevida por levar conhecimentos e está conquistando o seu lugar no espaço sem discriminação por orientação sexual e identidade de Gênero.

E para desconstruir estes preconceitos contra as diversidades, contra as outras formas de existir. Para potencializar a educadora do tipo atrevida coloca-se o confeto **Educadora-Trans-Saia-de-Chita** que é um tipo de educadora que se constitui por meio da

diversidade e respeito ao gênero, por isso têm que ter prazer em ser diversa e conviver com a diversidade do mundo.

³⁵ Os simulacros são considerados estranhos, primitivos, selvagens, desviados, divergentes e perigosos subversivos das hierarquias estabelecidas, verdadeiros casos perdidos que Platão detestava e recomendava que todos fossem jogados fora, nos abismos dos oceanos mais profundos ou abandonado nos mais recôndito das florestas, visto negarem tanto o original, quanto a cópia (CORAZZA, 2013, p. 23)

Esta noção implica que, enquanto educadores/as, deve-se ter uma abertura para a diversidade do mundo que transita nos espaços de educação. Desta feita, é necessário ser uma educadora Inter-transcultural que acompanha os flutuantes dos contextos e sem lugar estabelecido se transforma, mistura os saberes e produz novos conhecimentos a partir do encontro com o outro (GAUTHIER, 2012).

A inter-transcultural **Educadora-Trans-Saia-de-Chita**

[...] trabalha com as diferenças e com as semelhanças culturais. Ela visa a todo tipo de inclusão e às aproximações, às interações e interconexões de experiências educacionais, individuais e coletivas, objetivas, subjetivas e intersubjetivas, que acontecem na localidade e no planeta em que vivemos (PADILHA, 2013, p. 8).

Esta concepção problematiza as formas engessadas e enraizadas de se conceber o outro, dentro de uma perspectiva normativa, no que diz respeito à educação, principalmente na prática do educador/a. Esta educadora cria deslocamentos, pontes dobráveis que permitem articulações, trocas e construções de novos saberes que emergem claramente nas entrelinhas, no intervalo temporal entre o passado e o presente (BHABHA, 1998).

Ainda, sobre a questão da diversidade, do encontro com o outro, cita-se a **Educadora-trans-calçada-de-sorte** que,

Leva o conhecimento para a sociedade sobre o que é educação e o respeito às diversidades e também a identidade de gênero. Mesmo sabendo que a sociedade, hoje já respeita e tem várias leis que compreendem as mulheres. Porém, a gente sabe que na efetividade não é assim, está sendo construído aos poucos, porque as mulheres ocupam o mesmo cargo que homens e recebem menores salários. Neste processo de educação, esta educadora precisa de pés calçados de sorte para levar este conhecimento de gênero, que não é só dela com as outras Trans, é também da gente com a gente mesmo, é da gente com o resto do mundo, é da gente com os nossos semelhantes, daqueles e daquelas que são do nosso gênero também, porque não se consegue sozinha, precisa-se da outra pra saber como aconteceu consigo.

Este devir-educadora calçada de sorte, questiona as formas instituídas de se conceber o conceito de mulher na sociedade. Pois, embora haja uma discussão atual que verse sobre o lugar da mulher no contemporâneo, essas ainda são subestimadas e negligenciadas diante do machismo enraizado, recalcado nos discursos dominantes sobre a questão do gênero. Diante disto, é preciso que as educadoras Trans, além de seus conhecimentos, estejam envolvidas por sorte para educar neste sistema de gênero engessado, capturados pelo discurso heteronormativo e machista, que regula, controla as

sexualidades rumo ao que se considera por sujeitos legítimos e normalizados (MISKOLCI, 2009).

Ademais, **a Educadora-trans-calçada-de-sorte** opera uma educação que se dá através do encontro entre as singularidades e com o outro que é diferente dela mesma. Esta mediatiza uma educação que lança

convites aos outros; mas o que cada um fará – e se fará- com estes convites, foge ao controle daquele que educa. Para educar portanto, é necessário ter o desprendimento daquele que não deseja discípulos, que mostra caminhos, mas que não espera e muito menos contra os caminhos que os outros seguem. E mais: que tenha ainda a humildade de mudar seus próprios caminhos por aquilo que também recebe dos outros (GALLO, 2008, p. 15).

Dentre os tipos de educadoras trazidas pela filosofia do grupo-pesquisador, há a **Educadora-Trans-Água**

vida fluida, perecível, tem característica de mudar sempre de forma e pode se imaginar sendo outra coisa, como se fosse água nos três estados: a gente no estado sólido fica; no líquido escorre e no vaporoso fica no ar e é superior a tudo. Tem hora que a gente está, fica aquela coisa retida; têm hora que a gente não consegue se integrar de tão espatifado que a gente está e tem horas que a gente está superior de tanta fluidez, de tanta leveza.

Este conceito permeado de afeto da educadora Trans mostra as metamorfoses de sua existência. Isto infere que para educar não é preciso estar, mas escorrer e flutuar, ou seja mudar, metamorfosear no fluxo dos encontros ocorridos no contexto da educação; visto que ser educadora no contemporâneo é acompanhar os fluxos, as mudanças, as incertezas que não dialogam com a concepção moderna de educação. Esta metamorfose diz “[...] respeito aos corpos enquanto conjunto de mutações sensoriais, perceptivas e mentais produzidas pela experimentação no mundo da vida dentro de novos ambientes maquínicos e da produção desterritorializada” (PEIXOTO JUNIOR, 2008, p.186). À medida que esta educadora transforma-se, desloca-se, desterritorializa-se, potencializa-se e cria-se de outro modo.

Isto faz-se necessário, pois, no pensamento do grupo filósofo:

Acredita-se que se vive num constante processo. Então, tudo que se tem atualmente, fez parte de um processo de construção. Nós que vivenciamos a questão da identidade de gênero, temos um papel muito importante nessa construção de se livrar dessas amarras e dizer para essas pessoas quem realmente nós somos, o que nós queremos. Encontra-se resistência muitas vezes dentro de nós mesmas, de nos libertarmos dessa questão da identidade de gênero, muitas Trans vivenciam aquela camuflagem durante o dia, muitas andam com o blusão escondendo seus corpos, com um cabelo dentro do boné, de algo que esconda. Então, esse processo é conjunto, enquanto nós não nos encarmos de frente como

nós somos, nós que eu falo é uma maioria, nem todas são assim, a maioria ainda se vê que elas têm essas dificuldades de sair durante o dia, de ir no supermercado, de vir aqui no centro, de resolver alguma coisa. Então, se você não se percebeu ainda dentro dessa realidade, que você tem o poder de enfrentar isso, então fica muito difícil ainda para as pessoas. Se as Trans não se perceberem como são, não se empoderarem da sua identidade de gênero, as pessoas não vão ter também como nos respeitar dessa forma.

Não à toa, que o grupo-pesquisador cria o confeto **Corpo-Educação-Travesti** que é a travesti que divulga o trabalho da Trans, pois

[...]na área de trabalho, sendo profissional do sexo, distribuí panfletinhos divulgando travestis e transexualidade para pessoas que vão atrás, pois tem muita pessoa que é leiga nesse assunto, principalmente, com as pessoas que fazem esse tipo de trabalho a noite. Ela mostra o que é, o que quer que as pessoas conheçam e respeitem sobre ela, de modo que na relação com o gênero o corpo travesti pode melhorar tudo, qualquer espaço e deixar algo de bom, algo de produtivo por onde passa como fazer trabalho de informação sobre o sexo, sobre as doenças.

A potência, deste **Corpo-educação-Travesti** é a capacidade de educar no seu cotidiano sobre as questões do gênero de Travestis e Transexuais, pois contrariando ao controle excessivo exercido sobre as sexualidades desviantes presente em práticas e discursos heteronormativos, compreende a necessidade de educar os leigos através de uma educação pela diferença (GALLO, 2008).

Portanto, estes tipos de educadora – criados na imanência da criação filosófica da pesquisa sociopoética – exercem educação que aposta na fricção, na ambiguidade frente a práticas da heteronormatividade compulsória. Ademais, as práticas educativas destas educadoras nos provocam a descentralizar a noção de educador essencial e nos fazer perceber as multiplicidades identitárias dos/as educadores/as.

6.1.2 Os problemas da Pedagogia Trans

Deleuze e Guattari dizem que “todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido” (1992, p.27). Posto isto, pensar sobre a Pedagogia Trans emergente das experiências produzidas pelo grupo-pesquisador desta pesquisa, faz necessário nos perguntarmos: quais os problemas desta pedagogia? Uma pedagogia nunca surge do nada, ele surge, às vezes, de uma necessidade de normalizar o outro. Em outros casos, busca a problematização e a produção do novo. O certo é que “não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e

não seriam nada sem a assinatura daqueles que o criam” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13).

O que problematizam as educadoras Trans? Quais os problemas de sua pedagogia? Como já foi dito anteriormente, ela problematiza o modo como a sociedade concebe as existências Trans dentro de uma estrutura que as veem enquanto sujeito fora do movimento da vida, despreendida da linguagem dos outros (ABREU, 1988). Sobre isso, Barros Junior diz,

A vida dos que vivem fora da roda, as suas experiências, pensamentos, os seus códigos, acabam sendo ignorados pelos que estão nela enquadrados. Circulando nos limites dos seus confortos, desconhecem as dores e as delicias dos que estão excluídos (2008, p. 42).

As Trans dialogam com esta questão:

É como se tivesse da gente sempre precisar discutir sobre isso. A gente vê que essa educação para o gênero, ela é difícil pra nós que somos para a população LGBT'S, pois têm muitas de nós, Trans, LGBT'S, que se reportam a si mesmo, muitas vezes, usando adjetivos masculinos, como é o caso de uma Trans Mulher. Imagina para a outra parte da sociedade, que não conhece esses termos, que não consegue ter um olhar que vá além da nossa aparência, e não consegue ser solidária à nossa condição e nos respeitar como nós somos. Entender que acima do que nós vestimos, de nós termos “n” mudanças físicas ou não, nós temos a nossa essência. Aquilo que nos torna, e reafirma aquilo que dizemos, que somos femininas ou masculinas.

Deste modo, concebo a necessidade de uma pedagogia Trans, visto que a sociedade, capturada por uma concepção moralista-cristã-heteronormativa do sujeito, desconsidera a Trans enquanto parte da sociedade, segregando-a por constituir uma existência desviante. Isso manifesta-se em virtude de que,

Desrespeitar a identidade de gênero é uma necessidade tanto no nosso cotidiano, quanto para outras pessoas, tanto por que elas não têm essas informações, quanto porque, por vezes, elas não têm essa facilidade de respeitar, a diversidade, e as particularidades do outro, se colocando até no lugar dele. Por exemplo, enfrento muito desrespeito no meu dia-a-dia, todo mundo sabe que eu tenho nome social, as pessoas me conhecem há muito tempo. E eu sou popular na cidade onde eu moro, por que não é uma cidade grande. Então, é muito difícil não saber quem sou eu lá. Só que existem pessoas, que me conhecem desde quando eu nasci, sabem meu nome civil, e ainda que eu tenha feito as mudanças que eu fiz pra me sentir mais confortável com a minha identidade de gênero, volta e meia eu encontro alguém que me desrespeita, as vezes por que não tem essa informação que a gente tá falando aqui, de educação para o gênero. Assim, esse desrespeito não é só uma dificuldade do resto do mundo, dentro da nossa população a gente vê isso também, eu sinto preconceitos de outras meninas trans, que já caminharam, fizeram avanços na sua vida maiores do que eu. Por exemplo, que se referem a nós ainda, como se fossemos gays e até mesmo algumas que já tem essas melhorias feitas, que se referem a si mesma como tal também.

O desrespeito às Trans é um problema disparador para criação de uma Pedagogia Trans. A questão aqui tratada posiciona que esta pedagogia não tem como alvo apenas as pessoas heterossexuais que excluem aqueles que são diferentes às suas práticas, mas, também tem como alvo as próprias Trans, que por desconhecerem a dinâmica social, cultural e política de sua realidade reproduzem os discursos instituídos sobre elas mesmas, fruto de um modelo hétero-reprodutivo (MISKOLCI, 2012).

Diante desta realidade de desrespeito o grupo-pesquisador problematiza com confeto **Problemas-Bolha-do-Educar**:

No início, era muita felicidade no mercado, se estava vendendo muito. Quando se chegava a algum lugar se era feliz por isto. Mas se viu que era um mercado mentiroso, onde se encontrava muitas barreiras dentro de casa, na rua. Então, tem-se medo de não saber como vai começar e terminar o dia, de não acordar viva; medo de ser espancada, de sofrer ataque, não acordar feliz, não dizer assim: bom dia sol! É sempre o medo. São problemas que a Trans passa. Eu acho que vamos ter que passar por muitas experiências ainda, pra encontrar a felicidade. O que é o mais traumático é ficar sempre esperando algo

Este confeto, evidencia o estado de tensão em que vivem as Trans diante das violências que sofrem. Este sentimento advém da Transfobia, que define-se pelos “preconceitos e discriminações sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral. Muito ainda tem de ser enfrentado para se chegar a um mínimo de dignidade e respeito à identidade das pessoas transexuais e travestis, para além dos estereótipos” (JESUS, 2012, p.17).

Sobre esta construção estigmatizante das Trans, Goffman teoriza que,

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (1988, p.6).

Diante dos conformismos de uma sociedade heteronormativa a construção negativa dos discursos, das práticas e existências Trans torna-se inevitável. Estas, pelo simples gesto de seus corpos, de suas falas, de seus adereços são condenadas ao estigma, ao preconceito; ou seja, ao julgamento do outro diferente delas.

De modo complementar, o confeto **Problemas canal pornô do educar** traz também questões dos estigmas e estereótipos construídos em torno da existência Trans e aponta que as pessoas que são contrárias a esta forma de existir,

Não levam a sério o movimento LGBT assim como as associações de cego e de rua. Então, por que não querem levar a sério o movimento LGBT? Eles não precisam só de sexo, eles querem respeito, que a visão que a gente passa é só de sexo 24 horas, mas a gente não é um canal pornô, a gente tem sabonete, a gente tem supermercado, a gente tem faxina, tem milhões, a gente tem vida normal. As pessoas têm essa fantasia, que você tá exposto 24 horas.

As Trans são concebidas, deste modo, por meio da genitalização de sua condição de existência. Seu cotidiano, suas performances, para um olhar enquadrado, identificado dentro de um discurso uno sobre o gênero e a sexualidade, reduzem-se à genitália ou ao ato sexual em si. Portanto, elas são genitalizadas. Suas relações, seus compromissos reduzem-nas “[...] às zonas erógenas, em função de uma distribuição assimétrica do poder entre os gêneros (BENTO, 2014, p.249)”. Neste sentido, os **Problemas-canal-pornô-do-educar** realçam que:

As pessoas tendem a sexualizar umas às outras. Então a nossa luta enquanto reconhecimento da identidade de gênero quebra justamente isso, a gente vai bem além da genitália. Então a gente não se reconhece dentro, apenas, da genitália. Então, eu posso nem ter usufruído da minha genitália, mas mesmo assim me perceber feminina. Pois, usar a genitália como um marcador social é muito machista. Nós lutamos contra esse machismo, que nos impõe a ser pênis ou vagina. Então nós estamos aqui desconstruindo essa ideia. De que pra você ser homem ou mulher, você precisa ter uma vagina ou um pênis. As Trans vêm justamente para isso para desconstruir todo esse entendimento. Então a gente não pode está reconhecendo aqui a região como algo que nos é referente dentro dessa questão da educação. Nós temos reeducar as pessoas e dizer que nós vamos bem além desse genital.

Diante da demasiada violência exercida sobre a população Trans e de todo o estigma e invisibilidade direcionada a elas,

é preciso todo dia, traçar uma forma, uma estratégia para se sobressair, em cima de toda essa situação de exclusões que a gente vivência. Não fazendo uma fala de vitimismo, porque muitas pessoas dizem, ah! mas vocês se fazem muito de vítima. Não é isso, a gente retrata uma realidade que a gente vivencia diariamente. Então, se a gente ainda é vítima dessa sociedade, fazer o que, é um fato. Então não podemos mascarar essa realidade, tem meninas que estão no mercado de trabalho, meninas que estão na universidade, tem sim, mas são muito poucas. Mas, a gente não quer que, toda vez que uma menina Trans entrar na universidade, ela sair no jornal, fizer doutorado sair no jornal, a gente não quer mais isso, lógico que essa visibilidade é afirmativa. Mas gente quer, muito mais meninas sendo doutoras e inseridas no mercado de trabalho, e que isso não seja mais notícia de jornal, que isso seja recorrente e que isso não precise ter todo esse alvoroço em cima de uma situação como essa.

É sintomático para a população Trans que, até mesmo, quando há a intenção de “incluir-las”. Quando deseja-se dá-la visibilidade enquanto diversidade, estabelece-se uma linha divisória entre o normal e o anormal. Pois a inclusão, a visibilidade sempre terá como referência a sua diferença. Será sempre o sentimento de surpresa, de espanto diante do sucesso e do destaque da Trans. Isto nos mostra, o quanto existe uma noção de inclusão que as concebem como incapazes. E esta discussão ancora seu discurso no sentido de tolerar o diferente, de acolhê-lo, de inclui-lo e tutelá-lo (GALLO, 2008; MISKOLCI, 2012).

Assim, as questões culturais, sociais, históricas e políticas no que diz respeito à simples liberdade de existir das Trans são ampliadas no confeto **Educar para cidadania na relação com gênero** que é o educar que,

na prática é negado para a Trans, pois nos espaços em que buscam algum tipo de serviços tem conflitos. Pois, não são vistas de forma natural e como cidadãs, como pessoas que estão ali para dividir aquele espaço em pé de igualdade com os que estão lá. As Trans têm que travar um tipo de situação ou conflito, pois quando a gente sai de casa e quando a gente volta, gente vai sabendo que a gente traça alguns desafios em nosso caminho, por exemplo: na questão do uso do nome social, do uso do banheiro feminino, do respeito as suas identidades de gênero. Então a nossa luta é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais. È algo, ainda, infelizmente, árduo a gente lutar por isso.

Portanto, embora existam mecanismos legais que amparem as Trans em torno da construção de sua cidadania, estas têm que travar seus confrontos, pois suas políticas públicas não são acionadas por elas, a partir de suas experiências e de suas militâncias, mas por macropolíticas, que sempre visam o conformismo e que na grande maioria são geridas por uma lógica descontextualizada da realidade das Trans.

6.1.3 Táticas - dispositivos³⁶ da Pedagogia Trans no educar na relação com o gênero

Por que táticas do educar na relação com o gênero? Por que não falar em método? Em estratégias? Diante dos modos de educar na Pedagogia Trans, do contexto de suas práticas, dos encontros com os sujeitos desta. Falar em método e em estratégias seria contraditório. Geralmente, no discurso da educação, os métodos e as estratégias

³⁶ Trabalho com a categoria dispositivo visto que estes confetos foram construídos na imanência da pesquisa sociopoética, a partir das experiências estéticas como disparadores para se pensar novos modos de educar. Portanto, o conceito de dispositivo que atravessa as táticas do grupo-pesquisador é o mesmo cunhado por Deleuze(1990) como aquilo que dispara, que produz. Este conceito, já foi trabalhado no Atrache I desta pesquisa.

atuam no assujeitamento dos indivíduos e operam sobre seus corpos e suas subjetividades um objetivo a ser alcançado, que geralmente está calcado em um conceito de currículo, na maioria das vezes hegemônico.

Ao contrário dos conceitos citados, as táticas dialogam com a ação das educadoras Trans, posto que

é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para manter a si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de edar a si mesma um projeto global, nem de totalizar o adversário, num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe, por golpe, lance, por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar nos voos as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Ai vai caçar. Cria ai surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. (CERTEAU, 2014, p. 94-95)

As táticas do educar na relação com o gênero ganham forma no confeto **Educar saia-de-chita para a diversidade na relação com o gênero** que,

é o educar tecido colorido genuíno do nosso país que têm a ver com diversidade. É multiplicar as cores pra manter o conteúdo desta diversidade que é foco da trans. É levar às pessoas da sociedade independente de orientação sexual, identidade de gênero, religião e raça o conhecimento sobre as diversidades existentes na sociedade. E através da diversidade, a trans inclui o gênero e o respeito à identidade de gênero ao trabalhar o corpo feminino seja um vestido, um *look*, um desenho feminino.

Desta forma, em suas práticas cotidianas, nos seus modos de existência, nos seus gestos, nas suas linguagens, as educadoras Trans operam táticas do educar na relação com o gênero que resistem aos poderes heteronormativos. Ao se pensar sobre a existência Trans, seu movimento, sua sabedoria e conhecimento nos espaços cotidianos, o grupo filósofo apontou a seguinte experiência,

Acho que na verdade a gente já é agressiva de certa forma por natureza, não no termo pejorativo. Mas com conhecimento e sabedoria a população fica ainda com mais ódio. Não no termo de violência, porque quando chega uma Transexual e Travesti em algum determinado espaço as pessoas subestimam muito a gente, e na verdade quando você começa a conversar, começa a falar, as pessoas já ficam mais acanhada.

A existência Trans provoca, fricciona e desestabiliza a base moralista que intenciona normatizá-la dentro de seus preceitos. Pois, sabe-se que há um terrorismo cultural que busca difundir uma heterossexualidade normativa que age violentamente sobre as existências à margem desta lógica imposta (MISKOLCI, 2012). Diante disto, as educadoras Trans precisam jogar contra estes poderes utilizando as mais variadas táticas para educarem. Não basta apenas existir é preciso rasgar as estruturas homogêneas que cerceiam o direito de existir das Trans. Isto seria o **Educar-travesti-na-relação-com-o-gênero!** Educação que não

acontece somente no próprio corpo no sentido da vestimenta *Trans*, mas em botar a cara a tapa, mostrar quem você é, nas formas como se expressa o feminino e outros sentidos sobre a transexualidade e a travestilidade que é como a Trans quer ser reconhecida na sociedade.

O **Educar-travesti-na-relação-com-o-gênero** é uma tática que rasga as fronteiras e constitui trincheiras para educar, para existir como se é na sociedade. Portanto, é resistir, por a cara a tapa para que a educação para o gênero aconteça. São resistências operadas pelas táticas da pedagogia Trans. Não à toa, o grupo-filósofo relata a seguinte vivência como forma de educar, resistir e problematizar a questão do Trans:

Agora mesmo eu realizei uma pequena fantasia minha de ir ao circo de bairro, próximo de casa, na periferia. Não no meu bairro, mas assim meio distante, tem um circo e eu acabei me sentindo contagiada. Hoje vou ao circo, entro caladinha e eu sei que sou a atração principal. Mas assim, eu fico caladinha, eles esperam eu fazer um show, aquela multidão fica incomodada. Mas, estou indo sem baixaria, só para ver a reação de cada um. Antes eu era agressiva, não podiam me olhar, eu já gritava, fazia barulho. Hoje não, hoje eu procuro ver o que eles tem em mente sobre essa questão, porque queira ou não para eles é uma coisa estranha. Perguntavam até se eu ia fazer show dentro do circo.

Não existem manuais com táticas pré-elaboradas na experiência educativa Trans, mas existe um processo emergente que se organiza na experiência e de múltiplos modos. O objetivo desta educação, se é que se pode anunciar objetivo a esta, não é assujeitar as pessoas a serem sujeitos Trans; mas, sobretudo, se inserir no território do outro e criar um plano de forças para a problematização das existências conformadas, a diluição das fronteiras e das formas instituídas.

Neste caso, o campo das formas e o campo movente das forças chocam-se e transformam o instituído, produz outras experiências. Este encontro ativa a dimensão movente da realidade e afeta “[...] as condições de gênese dos objetos, e assim pode intervir e faz derivar, num processo de diferenciação, novas formas ainda não atualizadas (ESCÓSSIA & TEDESCO, 2010, p. 99.)”.

Por sua vez a tática **educar-circuitando-garrafa-pet**:

é a formação do jeito Trans, feita de escalas, de baixo, de cima, de degraus, de setas e de escadas. Neste educar se tem que saber a linguagem do corpo, do que se fala e das reações porque é o educar circuitando em todos os movimentos do corpo Trans: circuitando em casa, circuitando fora de casa, circuitando no sexo, no dinheiro, em tudo! Em todo movimento mundial, sabe. Circuitando em tudo, querendo passar sobre tudo, viver situações que ninguém viveu. Então há vários momentos pra circuitar: dentro da infância é o momento em que se circuita muito e se continua circuitando jogada como uma garrafa pet. Por exemplo, eu vi uma cena tão bonita, um cachorro recolhendo uma garrafa pet. Neste educar o ser humano tem que ter esta sensibilidade.

O educar aqui ocorre através dos movimentos circuitados pelas Trans na percepção daquilo que a atravessa na relação com os outros e o espaço por onde passam. O **educar-circuitando-garrafa-pet** é “[...] um andar atoa, um não se aquietar, uma busca continua de significação territorial revelada nos choques corporais bruscos, frenéticos e intensos, bem como nos deslocamentos frequentes (ADAD, 2011, p. 85)”. Este educar frenético produz uma educação errante, que se faz nos fluxos e anunciação das intensidades nas experiências.

Dentre os modos de educar das Trans, houve a emergência do confeto **Educar para cidadania na relação com gênero**. Esta tática evidencia,

a luta diária que Travestis e Transexuais traçam diariamente, em busca de todas as políticas públicas de qualidade, e de tudo que seja positivo como respeito, dignidade, educação, segurança e justiça, somado todos estes pontos, o resultado é a cidadania – as pessoas são cidadãs dentro da constituição. Mas, isso fica na teoria, não sai do papel.

Transversal aos demais confetos tratados anteriormente, **Educar para cidadania na relação com gênero** sintetiza as contribuições do educar para o gênero, que no caso das Trans está relacionado à construção de sua cidadania, do seu lugar na sociedade. Mas que cidadania elas querem construir? Uma cidadania que afirme suas diferentes formas de existir, que rompem com as “[...] estratégias predominantes de organização política dos setores populares, caracterizadas pelas relações de favor, pelo clientelismo e pela tutela e subordinação (DAGNINO, 2000, p.83)”. Estas estratégias são subsidiadas por uma cultura autoritária dominante que ao tempo que é confrontada pelo movimento das diferenças, criam sistemas de exclusão e de hierarquias para estas. No enfrentamento a essa lógica de cidadania, as filosofas Trans, por meio de suas táticas e dispositivos do educar na relação com o gênero, há uma exigência de cidadania que deve ser implementada por meio de uma:

[...] estratégia de construção democrática, de transformação social, que impõe um laço constitutivo entre cultura e política. Incorporando características de sociedades contemporâneas, tais como o papel das subjetividades, o surgimento de sujeitos sociais de um novo tipo e de direitos também de novo tipo, bem como a ampliação do espaço da política, essa estratégia reconhece e enfatiza o caráter intrínseco da transformação cultural com respeito à construção da cidadania (DAGNINO, 2000, p. 85).

Certamente, esta forma de lutar pela direito de ser, pela cidadania, remete a um funcionamento molar/molecular (intensamente atravessados um no outro). E isso nos mostra que o movimento Trans não está separado das macropolíticas, mas está atravessando-a, rasgando-a, criando políticas a partir de suas singularidades. Ora deixando-se capturar pela representatividade, ora convulsionando-a com seu caos. Pois esta, esta é,

[...] única garantia de que não transformem seus processos de singularização em bandeira(o que iria contra a própria realidade desses processos) é tentar preservar a função de autonomia. É exatamente aí que todo trabalho pode ser desenvolvido: nos pontos de coexistência desses “n” níveis, cuja relação não obedece a uma lógica binária de falso/verdadeiro & cia. (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 131-132

Deste modo, os confetos deste ataque operam enquanto táticas-dispositivos propiciando a cidadania Trans, no sentido do direito a terem direito, em busca da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, dentre outros. Assim, sendo viabilizado pelo educar das Trans. Portanto, nos referimos aqui às táticas e os dispositivos, que possibilitam uma dupla captura para que as Trans empenhem-se rumo ao seu direito de existir, de serem ativas nos espaços sociais, políticos e culturais que circulam. Livres das amarras cis- heteronormativas. E neste cenário, a sociedade aprende “[...] a viver em termos diferentes com esses cidadãos emergentes que se recusam a permanecer nos lugares definidos social e culturalmente para eles (DAGNINO, 2000, p. 89)”.

ATRAQUES FINAIS: DESAQUENDANDO³⁷ PARA OUTRAS ENTRADAS

*De costas voltadas não se vê o futuro, nem o
rumo da bala, nem a falha do muro, e
alguém me gritava com voz de profeta, que o
caminho se faz entre o alvo e a seta.*
Pedro Abrunhosa

*Quando eu recito ou quando eu escrevo uma
palavra, um mundo poluído explode comigo e logo
os estilhaços desse corpo arreventado, retalhado em
lascas de corte e fogo e morte [...], espalham
imprevisíveis significados ao redor de mim. [...] uma
palavra é mais que uma palavra, além de uma
cilada. Agora não se fala nada e tudo é transparente
em cada forma; qualquer palavra é um gesto e em
sua orla os pássaros de sempre cantam apenas uma
espécie de caos no interior tenebroso da semântica.
[...] Escrevo, leio, rasgo, toco fogo e vou ao
cinema."*
Torquato Neto

Certa vez, minha orientadora disse que a escrita das considerações finais da dissertação deveria ser algo bem livre, algo que venha de mim, de dentro de mim. Encontro-me agora despido, livre da inevitável couraça que construí enquanto aluno da pós-graduação. Livre dos academicismos e vivendo as experiências da pesquisa com uma fina camada de pele, pronta para ser rasgada e mostrar os saberes advindos no caminho nesta.

Desta forma, neste ataque falo das palavras que espalharam imprevisíveis significados em mim durante a pesquisa. Falo, portanto, dos meus aprendizados, os saberes que produzi junto às potentes educadoras Trans, que desde o primeiro encontro me ensinaram com seus gestos, suas linguagens e suas experiências.

As pessoas acham que cursar e ter um mestrado te torna um especialista naquilo que se propõe a estudar. Ledo engano! Nunca fui e nem sou um especialista naquilo que faço e me proponho a fazer. Pois, os saberes que tinha foram diluídos e desconstruídos no encontro com outros saberes alvo desta pesquisa. Portanto, cito aqui os bons encontros que tive enquanto pesquisador e que felizmente não me transformaram em um

³⁷ Na vocabulário LGBT significar cair fora, deixar o lugar.

especialista, mas alertaram-me para a necessidade de que sempre precisamos aprender para não endurecermos.

Menciono, também, alguns disparadores que serviram de pistas para que eu aprendesse neste rizoma. A primeira pista, diz respeito à sociopoética, método que utilizei para compor meus passos nesta aprendizagem. Posso conferir que este método foi um grande aliado para compreender as transformações ocorridas no processo em questão; pois, por meio dele, aprendi que a pesquisa é um território imanente, sem amarras, sem respostas prontas. A segunda, diz respeito em aprender com a multidão, com o coletivo que se manifestava nas organizações e execuções das oficinas e nos mutirões analíticos (processo coletivo de análise das narrativas da pesquisa). Assim, a empatia, o compartilhamento de experiências e o cuidado com o outro nos coletivos de pesquisadores/as sociopoetas são ferramentas necessárias para o fortalecimento da pesquisa.

Esta forma libertária de fazer pesquisa me permitiu compreender as emergências da pesquisa como linhas de fugas, o vôo da bruxa diante dos saberes instituídos e colonizados. Foram, portanto, criações que se deram no processo e que merecem visibilidade no campo da pesquisa como manifestação descolonizadora do pensamento. Neste sentido, a sociopoética me ensinou a ser rebelde, incomodado e desconfiado diante de todo e qualquer conformismo.

Para além dos saberes contidos nos livros dos especialistas, aprendi, com um organismo vivo, com as vidas Trans! Aprendi com as educadoras Trans, eis outro disparador que merece atenção aqui. No encontro com as Travestis e Transexuais, educadoras do projeto TRANS FORMA AÇÃO, produzi estranhamentos e encantamentos. Meu corpo e minha existência eram pura fusão, afetação e intensidade que a cada dia desejava, mais e mais, pesquisar e aprender com as Trans. Aprendia todas as vezes que me encontrava com elas, com seus saberes, suas linguagens, seus desejos, seus corpos, seus medos e conflitos. Toda composição do tempo, do espaço e das pessoas ali envolvidas não eram descartadas da pesquisa, pelo contrário, elas constituíam este território de vidas diversas.

Envolvido por este modo de compreender a pesquisa acadêmica e instrumentalizado pela sociopoética, eu e as Trans, produzimos vários saberes que desterritorializaram o que eu compreendia por pedagogia, especialmente, por educação. Elas deram possibilidade a novos conceitos e a novas formas de praticarmos uma educação com/pela diferença. Desta forma, permeadas pelos saberes que produzimos

na pesquisa, criamos a **Pedagogia Trans**, que é um disparador que transversaliza as comunicações entre os diferentes, pois é despida de hierarquias e permite que os saberes tornem-se mestiços, de modo que não há um saber mais, nem um saber menos, há uma bricolagem de saberes que se interconectam, se comunicam e se multiplicam rizomaticamente.

Nesta pedagogia, há, por exemplo, a educadora **Dérika-do-Educar**, que problematiza as formas de ser como algo dado e unitário. Esta educadora atravessa os limites de um sujeito ontológico e imutável. Ela diluiu todas as representações que me constituíam no campo da educação, enquanto aluno e professor, ao pensar um/a educador/a enquanto sujeito asséptico, sem marcas de um singular modo de ser.

Assim, as educadoras desta pesquisa, trabalham questões relacionadas às suas existências, que não estão nos livros e manuais, mas em seu corpo, seus gestos, seu gênero, de forma que potencializam uma educação que não sela ou silencia suas diferenças. Trouxe este confeto para frisar que minhas aprendizagens, no que diz respeito aos tipos de educadora da Pedagogia Trans me fizeram perceber, que não há uma fôrma ou máquina que produz educadores/as em série e padronizáveis. Há, na verdade, sujeitos educadores/as fabricados/as e inventados/as na trama de suas experiências como nos mostraram os confetos **Educadora-Trans-Saia-de-Chita**, **Educadora-trans-calçada-de-sorte**, **Educadora-Trans-Água**, **Corpo-Educação-Travesti**

Compreendi, nas experiências com o grupo-pesquisador, que estes modos de ser dão-se no encontro com os problemas que as criam. Ser **Educadora-Trans-Saia-de-Chita** diante do **Problemas-Bolha-do-Educar** opera no sentido de que é preciso ter sorte para lidar com um contexto cheio de violência, descaso e desrespeito diante da existência Trans. Portanto, nunca se sabe o que há no amanhã, por isso, é necessária a sorte para agir diante do imprevisível e do urgente. Esta experiência Trans, me ensina no sentido de que, enquanto educadores/as, devemos compreender os processos emergentes, as imprevisibilidades e o caos. E dessa forma, não sucumbir diante destes problemas. Mas, potencializar-se, procurar saídas e produzir o novo, como acontece nas práticas da Pedagogia Trans. Além do problema citado acima, vários são os problemas que permeiam a realidade Trans, estes estão relacionados à questão da cidadania, sobretudo, no que diz respeito à sua sexualização, do desrespeito e violência sofrida que dispararam os modos de educar, táticas e dispositivos da pedagogia Trans. O **Educar saia-de-chita para a diversidade na relação com o gênero**, por exemplo, tática-

dispositivo que diz respeito às diversidades, às multiplicidades de existências que não devem ser escondidas no contexto da educação. É preciso disseminar a diferença, permitir que as existências em suas mais variadas formas circulem, façam-se existir.

Outro confeto que merece destaque neste cenário, por sua dimensão política e probematizadora é o **canal pornô do educar** que desconstrói ideias naturalizadas de que existências trans só pensam em sexo, desenraiza as justificativas da sociedade cis-heteronormativa que desrespeitam e violam os direitos das TRANS. Esse confeto problematiza e vai de encontro a essa concepção do senso comum e mostra as possibilidades e potencialidades de ser Trans.

Diante das discussões aqui tecidas, no que diz respeito à Pedagogia Trans, vale ressaltar que a nossa sociedade está permeada de uma educação para o gênero. Sobretudo, essa educação baseia-se na heterossexualidade compulsória onde as intervenções que nos educam para o gênero normatizado são investidas desde quando ainda somos fetos. Ainda, no útero de nossas mães temos nosso gênero instituído, azul para menino e rosa para menina; carrinho para menino e boneca para menina. Na contramão desta forma de pensar, as investidas de uma Pedagogia Trans dão-se na intenção de colaborar para o gênero como uma construção livre, histórica e social. Desta feita, cabe ao sujeito a construção e criação de seu gênero.

Poderia escrever aqui páginas e paginas sobre a pedagogia em questão, sobre como esta se desloca, se movimenta e desloca e movimenta minha formação pedagógica. Neste trabalho, não me despi do pedagogo que sou, mas permiti me transformar diante do que me ensinaram as Trans. Assim, confesso estar imensamente esgotado, cansado, sem saber para onde ir; sem mapa, sem palavras para continuar além e sem gestos para mostrar a quem. Pois vivi, me envolvi, desaprendi, enquanto errante em meio à pedagogia trans. Mas este cansaço me revigora e me potencializa a continuar com novas questões, com novas pistas acerca da seguinte questão disparadora: como podemos criar uma escola para/com/pelas diferenças?

Por fim, me sinto potencializado não ter me tornado uma especialista vaidoso nesta questão. Ao contrário, me alegro de reconhecer em mim capacidade de desaprender, de ser *oco, do oco do sem fim do mundo* como canta Maria Bethania.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco princípios. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa. et al. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

_____. **Corpos de rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar do desejo dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>. Acesso em: 10 mar. de 2015.

AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer. In:_____. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG 2010.

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Escutar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci (Orgs). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira. (Org.). **Homossexualidades e gerações**. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; ZAMBONI, Jésio. Gaguejar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci (Orgs). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência, 2002**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2015.

CASTELO BRANCO, Guilherme. **Michel Foucault**: filosofia e biopolítica. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alvez. 21. Ed. Petropolis-RJ:Vozes, 2014.

CLAUS, Marta. Arthur Bispo do Rosário: a criação artística como reorganização de mundo. “**Existência e Arte**”–**Revista Eletrônica do Grupo PET–Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei**, 2 (2), Jan./ Dez., 2006. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal->

repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/2_Edicao/ARTHUR%20BISPO%20DO%20R
OSARIO%20A%20CRIACAO%20ARTISTICA%20COMO%20REORGANIZACAO
%20DE%20MUNDO%20%20Marta%20Claus.pdf. Acesso em: 15 Jan.2016.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?**. Porto Alegre – RS: UFRGS; Doisa, 2013.

DAGNINO, Evelina. Cultura, cidade e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: ALVEZ, Sônia E; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Asturo (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 61-102.

DEACON, Roger; PARKER, Ben. Educação como sujeição e como recusa. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Que é um dispositivo? In: **Michel Foucault, Filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. Disponível em: <http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>. Acesso em: 03. jan. 2014.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

ECO, Umberto. Monstros e Portentos. In:_____. **A história da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.107-125.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 92-108.

FERRE, Nara P. de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **O que são as luzes?** In: _____. Arqueologia das ciências e história os sistemas de pensamento; Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Os anormais:** curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Microfísica do Poder.** 21º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Disciplina. In: _____. **Vigiar e punir:** o nascimento das prisões. 41. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. p. 131-216.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. O sujeito e o poder (apêndice da primeira edição – 1982) In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO:** diálogos sobre diálogos. 2008. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/GalloEuOutroOutros.pdf>. Acesso em: 05 jan.2016.

GAUTHIER, Jacques et al. **Pesquisa em enfermagem – novas metodologias aplicadas.** Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1998.

_____. A metáfora e conceito em pesquisas qualitativas. **Atualidades Revista de Enfermagem.** Rio de Janeiro, n. 11, 2003. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v11n3/v11n3a11.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2015.

_____. **Notícias do rodapé do nascimento da sociopoética.** Mimeografado, 2003.

_____. **O oco do vento:** Metodologia de pesquisa sociopoéticas e estudos transculturais. Curitiba, PR: CRV, 2012.

_____. Entrevista [29 de Abril, 2000]. **Sociopoética.** Entrevista concedida a Agostinho Gósson.

GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros:** os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é Esclarecimento? . In: _____. **Immanuel Kant**: Textos seletos. Tradução de Raimundo Vier; Floriano Sousa Fernandes; Emmanuel Carneiro Leão. 2º ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1985.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITE JUNIOR, Jorge. “**Nossos corpos também mudam**”: sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história**: Pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Pedagogias da Sexualidade. LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

LUI, Lizandro. Uma genealogia da categoria monstro. **Primeiros estudos**, São Paulo, n. 5, p. 21-38, 2013.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: FOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

_____. **A teoria queer e a sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 11, v. 1, n. 29, 2009.

_____. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Rev. Estudos Feministas**, vol. 14, nº 3, Florianópolis, set-dez, 2006.

NASCIMENTO, Romário Ráwlison. **Descolonizando sexualidades e currículo na escola**: confetos produzidos por jovens da ilha. 2014. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.

ORLANDI, Luiz B. L. Corporeidades em minidesfile. In: FONSECA, Tânia Maria Galli; ENGELMAN, Selda (Org.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004, pp. 65-87.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PADILHA, Paulo Roberto. Por uma Pedagogia Intertranscultural. **Cuaderno de Formação da Educação Cidadã**, v. 2, 2009. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/paulo-artigo21.pdf>. Acesso em 13/01/2016.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Sobre corpos e monstros: algumas reflexões contemporâneas a partir da filosofia da diferença. **Psicol. estud.**, 15 (1), Maringá, Jan./Mar., 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000100019. Acesso em: 04 de jan. 2016.

PETIT, Sandra. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa. et al. **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

PEDRINI, Mateus Dias; RODRIGUES, Alexsandro; ROCON, Pablo Cardoso. Artes do fazer trans: corpos em narrativas e seus processos educacionais. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (Org.). **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Vitória: EDUFES, 2015.

PINHEIRO, Celso de Moraes. **Kant e a Educação: reflexões filosóficas**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

PRADO FILHO, Kleber. A política das identidades como pastorado contemporâneo. In: CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de. **Foucault e o Cristianismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2015.

_____. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Rev. Estudos Feministas**. vol.19, nº 1, Florianópolis, Jan./Abr., 2011.

_____. **Quem defende a criança queer?** 2013. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:qFVnLLZbSvUJ:https://we.riseup.net/assets/123532/Preciado,%2BBeatriz%2BQuem%2Bdefende%2Ba%2Bcrian%25C3%25A7a%2Bqueer%253F.pdf+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 05 jan. 2016.

RONILK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SABINO, Fernando. **O menino no espelho**. 64. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. Corpos de Passagem? formas de se fazer travesti em Campos dos Goytacazes/RJ In: **Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010. Disponível em:

http://fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278033969_ARQUIVO_CORPOSDEP ASSAGEMFORMASDESEFAZERTRAVESTIEMCAMPOS DOSGOYTACAZESRJ.pdf. Acesso em: 05 de jan. 2016.

SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. **Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento**. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.

SKLIAR, Carlos; DUSCHATZKY, Silva. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Verônica Guimarães Brandão da. **Estética da monstruosidade: o imaginário e teratogonia contemporânea**. 2013. 270f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013.

SILVA, André Eirado. Maquinar. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci (Orgs). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria Queer**. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Fontes e documentos consultados

Corpo de travesti é encontrado em rua do Distrito Industrial de Teresina. G1 (Piauí). Notícia publicada em 18 de Julho de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2014/07/corpo-de-travesti-e-encontrado-em-rua-do-distrito-industrial-de-teresina.html>. Acesso em: 10/01/2016.

DANTAS, Carolina. **Bispos divulgam nota contra uso de imagens religiosas na Parada Gay**. G1 (São Paulo). Notícia publicada em 11 de Junho de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/bispos-divulgam-nota-contra-uso-de-imagens-religiosas-na-parada-gay.html>. Acesso em: 20/01/2016.

VIEIRA, Helena. **Verônica Bolina: o espetáculo da violência e do descaso**. Portal Fórum. Notícia publicada em 19 de Abril de 2015. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/04/19/veronica-bolina-o-espetaculo-da-violencia/>. Acesso em 13/01/2016.

PROJETO TRANS FORMA AÇÃO. Projeto submetido ao Fundo Brasil de Direitos Humanos para criação do TRANS FORMA AÇÃO. Teresina, 2012. (Grupo Piauiense de Travestis e Transexuais).

QUINTO LIVRO DAS ORDENAÇÕES FILIPINAS. 1603. Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/15ind.htm> acesso em: 15 Jun. 2015.

SALVADORE FILHO, Fausto. **Colégio demite transexual após assumir gênero feminino**. Caros Amigos. Notícia publicada em 22 de Julho de 2015. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/cotidiano/5178-colegio-demite-transexual-apos-assumir-genero-feminino>. Acesso em: 19/01/2016.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
Coordenadoria Geral de Pesquisa – CGP

Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bloco 06 – Bairro Ininga
Cep: 64049-550 – Teresina-PI – Brasil – Fone (86) 215-5564 – Fone/Fax (86) 215-5560

E-mail: pesquisa@ufpi.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRACQUES: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMAÇÃO

Pesquisadora Responsável: Lucivando Ribeiro Martins

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Centro de Ciências da Educação – CCE / Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI).

Telefone para contato: (86) 9995-7839

Pesquisadora Participante: Shara Jane Holanda Costa Adad

Telefones para contato: (86) 9482-6561

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser **esclarecido/a** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado/a de forma alguma.

Com os/as participantes desta pesquisa, serão desenvolvidas oficinas de técnicas sociopoética, envolvendo a temática da Experiências Educativas de Educadoras Sociais Trans, buscando analisar o pensamento das educadoras sociais Trans, por meio dos confetos produzidos, sobre suas experiências educativas *queer* no projeto social TRANS FORMAÇÃO na cidade de Teresina-PI. A proposta de estudar as experiências de educadoras sociais Trans justifica-se relevante, visto o ineditismo de se pensar uma educação atuada por pessoas que, por muitas vezes foram alijadas das instituições públicas e privadas, por sua estética e modo de subjetividade. Desta feita, este trabalho justifica-se, no sentido de que ecoará como um dispositivo de resistência contra os preconceitos, violências físicas e simbólicas contra Trans. Também permitirá que travestis e transexuais sejam vistas como vidas possíveis, como potência diante de seus limites e possibilidades nos espaços institucionais. Ademais, será um trabalho que

permitirá que pensemos as educadoras sociais Trans como disparadores/agenciadores de pensamentos que mobilizam novos modos de educar na contemporaneidade.

Posto isto, esta pesquisa, permitirá problematizações de uma educação para/com/pelas diferenças. Ademais, você será submetido/a a técnicas artísticas e de relaxamento, visando colher informações para análises filosóficas, os dados obtidos serão registrados para posterior estudo e publicação em relatórios.

Assim, ao participar desta pesquisa, em nenhuma hipótese sua vida será exposta publicamente e nem sua privacidade será invadida. Ainda cabe relatar, você estará exposto aos seguintes riscos:

- Envolvimento em acontecimentos inesperados junto às/aos participantes da pesquisa que poderão emergir da convivência em grupo nas oficinas sociopoética;
- Constrangimentos às/aos participantes, caso tenham timidez no momento das oficinas sociopoéticas.
- Dificuldades de comunicação entre pesquisador e praticante, o que poderá acarretar na rejeição da pesquisa.

E para contornar estes riscos faz-se necessário:

- Pedido de desculpas às/aos participantes da pesquisa diante de fatos inesperados, além de replanejar as vivências sociopoéticas junto às Trans da pesquisa, quando porventura houver atraso por qualquer motivo.
- Propiciar nas relações estabelecidas entre pesquisador/a e as participantes um clima de confiança e respeito mútuo de modo a superar situações constrangedoras;
- Caso haja rejeição da pesquisa por parte das/dos participantes desta pesquisa por dificuldades de comunicação ou timidez no momento da produção dos relatos, tomarei a iniciativa de conversar e dirimir essas dificuldades, deixando-os à vontade caso não desejem falar.

Ademais, neste termo **peço solicitação do uso de suas imagens para estudo, reflexão e desenvolvimento desta pesquisa, garantindo sigilo das informações que aqui surgirem, sendo utilizadas única e exclusivamente para desenvolvimento deste projeto.** As informações somente poderão ser exibidas de forma anônima, de modo a não expor nenhum dos participantes a quaisquer constrangimentos, sendo guardados todos os vídeos, fotos e gravações das oficinas sociopoéticas no acervo das pesquisadoras por até cinco anos, logo depois, sendo absolutamente destruídos.

Ao participarem desta pesquisa, as Educadoras Sociais Trans, serão beneficiadas com a apropriação da prática da Sociopoética – abordagem filosófica que trabalha com o corpo todo, utilizando a arte e em grupo para favorecer a produção de confetos (conceitos + afetos) sobre um tema-gerador. Assim, as Trans que participarem da pesquisa poderão torna-se multiplicadoras da Sociopoética, utilizando sempre que se fizer necessário o conhecimento, em um grupo, de determinada problemática.

Ao participar desta pesquisa, você estará isento/a de custos, ou seja, não haverá responsabilidade com gastos e caso haja algum custo de sua parte você será devidamente ressarcido/a.

Caso julgue que alguma pergunta ou procedimento possa causar-lhe constrangimento, você pode negar-se a participar. Em qualquer etapa do estudo, você

terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFPI e o Comitê de Ética desta Instituição poderão intervir na referida pesquisa.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, RG _____
CPF _____, concordo de livre e espontânea vontade participar da pesquisa intitulada de “**ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRACQUES**: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMA AÇÃO”.

Fui suficientemente informado/a a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo este estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também a participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos dados da pesquisa de campo e aos seus resultados. Autorizo voluntariamente a participação neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Teresina(PI), _____ de _____ de 2015.

Assinatura do/a participante da pesquisa

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

_____ RG: _____ Assinatura: _____

_____ Nome: _____

_____ RG: _____

Assinatura: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Teresina(PI), _____ de _____ de 2015.

Assinatura da pesquisadora responsável

Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
- Bairro Ininga.

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga.

Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ.

CEP: 64.049-550 - Teresina - PI. **Telefone:** 86 3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.br

Web.: www.ufpi.br/cep

APÊNDICE B - ESTUDO DOS DADOS: ESTANDARTE DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO

Primeiro procedimento de estudos dos dados na pesquisa sociocopoética. Neste momento a partir de uma leitura densa dos dados, classificam-se as categorias de análise.

COPESQUISADORA DERIKA

Eu fui criada na ignorância, mas sempre tive bom gosto, e isso a gente não encontra já nasce com o bom gosto. Você pode ter milhões, mas se tiver um péssimo gosto, se não tiver um coração de artista... Sempre minha vida foi ligada a uma tela artística, eu sempre adorei um bom quadro, um bom acervo cultural (1). Problemas do educar circuitando são ligados a frivolidade das batidas cardíacas por ser a trans elétrica e dinâmica, sonhando ser feliz. E junto a felicidade há o medo e a adrenalidade que são marcas pontos pretos ligadas a raios, a pontos, a batida de pontos que vai e volta(2). Problemas da viadagem é que no início era muita felicidade no mercado, se estava vendendo muito, quando se chegava a algum lugar se era feliz por isto. Mas se viu que era um mercado mentiroso, onde se encontra muitas barreiras dentro de casa, na rua. São problemas escuridão que a trans passa. (2) Educar circuitando é a formação do jeito trans, feito de escalas, de baixo, de cima, degraus, setas, de setas, de escada. É a formação com conflito que tem que ser muito discutida ainda, as vezes o que um quadro representa pra um é solução, pra outros é um problema. Neste educar se tem que saber a linguagem do corpo, do que se fala, das reações, então é tudo isso (1). que pode o educar circuitando na relação com o gênero é sobrepassar sobre a base, a família, a escola, por que às vezes tem a oportunidade e você não pode desenvolver porque existe muito bloqueio, já se foi massacrada, estuprada e negada. É todo um conflito que você poderia reverter, seria menos dolorido. Por que você não tem certeza de nada, mas a morte ela é certa, então pra que sofrer tanto, se pode ser menos? Para reverter teria que ser no dia-a-dia na ação pública, na educação, na justiça. (3) Educar na relação com o gênero é o educar circuitando em todos os movimentos, circuitando em casa, circuitando fora de casa, circuitando no sexo, no dinheiro, em tudo! Em todo movimento, mundial, sabe. Circuitando em tudo, querendo passar sobre tudo, viver situações que ninguém viveu. Então há vários momentos pra circuitar: dentro da infância momento em que se circuita muito e se continua circuitando ainda por ai, jogada como uma garrafa pet. Neste educar o o ser humano tem que ter sensibilidade. (1) Bolha tumor-negro é o medo de não saber como vai começar e terminar o dia e não acordar viva; medo de ser espancada, de sofrer ataque, não acordar feliz, não dizer assim: bom dia sol! É sempre o medo. Eu acho que vou ter que passar por muitas experiências ainda, pra encontrar a felicidade. O que é o mais traumático é ficar sempre esperando algo. (2)

COPESQUISADORA GUTA

O Tempo do Educar na relação com o gênero é o educar que possui dois espaços de tempo: 1. Tempo nebuloso é nublado, é uma chuva negra, e é em maior quantidade; 2- Tempo ensolarado é luminoso, é em menor quantidade. (1) Pontos coloridos do educar na relação com o gênero são pessoas de características, tamanhos, formas diferentes que somos nós a sociedade em seus diversos níveis, inseridas a nível mundial. (1) Aqui ouvindo a discussão da companheira, o relato dela, a gente pode perceber que isso é uma coisa que não é atual, eu não estou chamando a Dérika, de mais madura que eu, não é isso, mas como ela tem um tempo de vida maior, ela traz uma experiência maior, e olhando pra realidade dessas

experiências delas, que **A discussão do educar para e com o gênero não é nova e é como se tivesse da gente sempre precisar discutir sobre isso. A gente vê que essa educação para o gênero, ela é difícil pra nós que somos para a população LGBT'S, pois tem muitas de nós, Trans, LGBT'S, que se reportam a si mesmo, muitas vezes, usando adjetivos masculinos, como é o caso de uma Trans Mulher, imagina para a outra parte da sociedade, que não conhece esses termos, que não consegue ter um olhar que vá além da nossa aparência, e não consegue ser solidária à nossa condição e nos respeitar como nós somos. Entender que acima do que nós vestimos, de nós termos "n" mudanças físicas ou não, nós temos a nossa essência. Aquilo que nos torna, e reafirma aquilo que dizemos, que somos femininas ou masculinas (2). A gente aprende na oficina do projeto que ser feminina e ser masculino tem a ver com a nossa relação cultural e isso muda de acordo com a cultura, e o lugar e a sociedade e o contexto em que a gente está inserida. Então, eu vejo que isso é uma discussão frequente que a gente tem que levar como educadora social e como pessoa (5).**

Por que eu, por exemplo, **na identidade de gênero enfrento muito desrespeito no meu dia-a-dia, todo mundo sabe que eu tenho nome social, as pessoas me conhecem há muito tempo. E eu sou popular na cidade onde eu moro, por que não é uma cidade grande. Então, é muito difícil não saber quem sou eu lá. Só que existem pessoas, que me conhecem desde quando eu nasci, sabem meu nome civil, e ainda que eu tenha feito as mudanças que eu fiz pra me sentir mais confortável com a minha identidade de gênero, volta e meia eu encontro alguém que me desrespeita, as vezes por que não tem essa informação que a gente tá falando aqui, de educação para o gênero (2). Mas por vezes, desrespeitar a identidade de gênero trans só pra ser desagradável mesmo, pra me contrariar, por que não concorda com meus valores, com aquilo que eu acredito, com as coisas que eu escolhi pra mim. E a pessoa se sente no direito de me chamar pelo meu nome civil, de se referir a mim usando adjetivos masculinos. (2) Então a gente vê que desrespeitar a identidade de gênero é uma necessidade tanto no nosso cotidiano, quanto pra's outras pessoas, tanto por que elas não têm essas informações, quanto porque, por vezes, elas não têm essa facilidade de respeitar, a diversidade, e as particularidades do outro, se colocando até no lugar dele. Isso não é só uma dificuldade do resto do mundo, dentro da nossa população a gente vê isso também, eu sinto preconceitos de outras meninas, que já caminharam, fizeram avanços na sua vida maiores do que eu. Por exemplo, que se referem a nós ainda, como se fossemos gays e até mesmo algumas que já tem essas melhorias feitas, que se referem a si mesma como tal também (2). Então criar diante dos problemas do educar na relação com o gênero é discutir e levar pra os campos onde se tenha um alicerce, pra viver na família, na educação e nos espaços acadêmicos os quais a gente sempre fala que não existe discussão, isso não são assuntos que são discutidos facilmente (3). Eu tenho amigas que estudam e que as professoras não respeitam a sua identidade de gênero. Outro dia, teve uma colega que estava dividindo comigo que ela foi usar o banheiro da escola, e a professora queria tirar ela de lá disse que ela não era readequada sexualmente e ela não podia estar no banheiro feminino, e isso não é verdade (2). Então, eu só fui saber sobre a identidade de gênero depois que eu fui pesquisar, estudar, que alguém me ensinou e isso falta também na nossa população, essa curiosidade de se apropriar também desses conhecimentos, o que deixa eles e elas mais distantes do seu entendimento, de como lutar por aquilo que nos é de direito, e ter a nossa identidade de gênero afirmada, e poder educar o nosso entorno pra essa afirmação de identidade(3). Eu acho que as coisas que a gente discute nos espaços que são pra nós importantes poderiam ser divididas com pessoas da nossa população que realmente não tem conhecimento de jeito nenhum em torno disso. Eu acho que precisa primeiro fortalecer a nós mesmas para, depois, ser capaz de transmitir isso pra outras pessoas (5).**

E eu vejo, as vezes, um pouquinho que **dentro dos movimentos sociais, a coisa fica um pouco retida naquelas pessoas que tem interesse por frequentar esses espaços, e aí não amplia muito, até por que as outras, quando se fala em movimentos sociais, viram logo a cara, acho que é besteira, que não vai agregar em nada (2)**. Então acho que é isso, **se as pessoas não vem até a gente, por “n” motivos, se tivesse como a gente vai até elas, estar nos espaços, lugares e momentos, em que eles e elas estão. E poder, tentar transmitir de uma forma, mais, digamos, possível para essas pessoas. Pra mim foi bom, eu tentei vivenciar da melhor maneira, fazer a viagem conforme foi proposto, e mais ou menos o relaxamento ele antecipa o que a gente colocou, o andarilho as vezes é realmente a gente, outras são pessoas perdidas no meio das coisas e dos lugares(4)**.

COPESQUISADORA ZANELLY

Aqui eu **fiz um desenho no sentido da informação sobre o que é a identidade de gênero, e essa boneca eu desenhei como se fosse uma transexual, aqui uma lousa, aqui algumas pessoas, como se fossem, uma palestra e elas falando sobre o que era a identidade de gênero. E assim, eu acho que, depois do sentido da escola, vem a informação no âmbito da família, acho que é o lugar mais importante, que pesa mais(1)**. E assim, durante essa **minha experiência** que eu tive **como educadora social**, não só **pra mim**, mas **pra’s** outras pessoas também, **foi muito importante, por que eu também aprendi muito, tanto no conhecimento pessoal, quanto no técnico também. E, eu acho que uma das coisas que mais dificulta essa ligação assim da gente com as pessoas é a resistência, é o que torna mais dificultador de se aproximarem da gente, ter um pouco mais de afeto, de sensibilidade(2)**. Eu acho que é basicamente é isso. É como a guta falou, **a gente sempre tem que ir atrás dessa pessoa, a gente sabe que sempre tem pessoas que são leigas, mas justamente não querem saber e por conta disso, continuam internalizando o preconceito (3)**. **Na verdade eu quase dormi, foi bastante interessante, eu me senti bastante calma, tranquila (4)**. Acho que se eu pudesse **criar** alguma coisa, seria **uma espécie de um livro, orientando de fato o que é, e o que não é. E sem duvidas várias campanhas informando a essas pessoas[são], acho que seria algumas coisas que eu faria, no intuito de informação(3)**.

COPESQUISADORA JOSEANE

Em primeiro lugar **eu quis colocar aqui essa questão do desenho o feminino, porque é a autoafirmação da identidade, da nossa identidade feminina, e o respeito a essa identidade(1)**, por que sabem que quer queira ou não, **ainda somos barradas, em vários locais, por causa dessa autoafirmação da identidade, que ainda não é respeitada de forma conjunta, de forma que as outras pessoas não estejam nos olhando como cidadãs de direito, de fato(2)**. **Eu fiz a questão da diversidade, das cores, eu quis fazer uma bandeira, mas não deu certo. Mas aqui, é só pra ressaltar a questão da diversidade, do respeito e da autoafirmação da identidade gênero, porque a gente sabe que a sociedade é composta de vários seguimentos sociais, sejam eles negros, idosos, LGBT’S, pessoas com deficiência(1)**, e é isso, eu acho que **temos que respeitar, temos que ser respeitadas, e temos que também, levar para quem não conhece, não tem o conhecimento, esse respeito à diversidade, pra que a gente possa, só assim construir uma sociedade mais justa pra tudo e pra todas. Porque. enquanto as pessoas não estão sabendo dos seus direitos, não estão, fazendo seu papel dentro da sociedade, estas não vão ser respeitadas. Eu consigo ter o respeito, a partir do momento em que eu souber aonde é que fica o meu direito. Então, acho que assim é mais fácil de conseguir o respeito da sociedade na identidade de gênero e a autoafirmação(3)**. Eu acho que, como todas as meninas e como todas as educadoras, podemos fazer, é levar **a toda a sociedade, seja ela hetero, homo ou bi, os conhecimentos sobre as várias formas de respeito à identidade, à igualdade racial, à**

religião. A gente pode, construir isso através de oficina, seminários, palestras e levar a todas as pessoas, da sociedade esse conhecimento(3). O relaxamento foi uma forma da gente poder fazer a reflexão, a auto reflexão, de cada uma das participantes, pra que depois como bem disse a companheira, fizéssemos a exposição do sentimento, que durante todo aquele momento a gente depois soltasse, jogasse pra fora. E foi um momento bastante construtivo pra que a gente pudesse tá fazendo essa autoexposição, como a autoafirmação, a autorreflexão, que a gente faz de nós mesmos, e que a gente pudesse transpor, pra que vocês pudessem ter o conhecimento, do que a gente sente e do que a gente estava sentindo no momento, e foi uma forma dinâmica de tá expondo os trabalhos, de tá expondo a situação, e também nossos anseios e nossos desejos. Então, foi uma forma de tá fazendo com que nos uníssemos umas com as outras, acho que isso é também uma forma de união, pra que a gente possa entender também o lado da outra e do outro, é isso, foi bem construtivo e dinâmico também (4).

COPESQUISADORA MARIA LAURA

Bem, é, a minha exposição aqui, retrata um pouco da luta que nós, travestis e transexuais traçamos diariamente, em busca de todas essas políticas públicas que aqui estão e dessa qualidade, de tudo que seja positivo(1), porque infelizmente a nossa população de Trans, ela ainda é muito estigmatizada, muito invisibilizada(2). E a gente, tem que todo dia, tá traçando uma forma, uma estratégia de tá se sobressaindo, em cima de toda essa situação de exclusões que a gente vivência. Não fazendo uma fala de vitimismo, porque muitas pessoas dizem, ah! mas vocês se fazem muito de vitima. Não é isso, a gente retrata uma realidade que a gente vivencia diariamente Então, se a gente ainda é vitima dessa sociedade, fazer o que, é um fato. A gente não pode tá mascarando essa realidade, tem meninas que tão no mercado de trabalho, meninas que tão na universidade, tem sim, mas são muito poucas (2). A gente não quer toda vez que sai uma menina da universidade sair no jornal, uma menina que faz um doutorado sair no jornal, a gente não quer mais isso, lógico que essa visibilidade é afirmativa. A gente quer, muito mais meninas sendo doutoras, estando inseridas no mercado de trabalho, e que isso não seja mais noticia de jornal, que isso seja recorrente e que isso não precise ter todo esse alvoroço em cima de uma situação como essa(2). Então a nossa luta diária é por isso, eu elenquei aqui: em busca do respeito, a dignidade, a educação, da segurança, da justiça, E eu coloquei a palavra cidadania em destaque e nessas cores chamativas por que todos esses outros pontos que eu elenquei ao lado, somando todos eles, eles vão dá um resultado que é a cidadania, todas as pessoas são cidadãs dentro da constituição Mas, infelizmente isso fica muito na teoria, não sai do papel(1). Quando a gente vem pra prática, como já foi relatado aqui por outras meninas, em outros momentos, elas são negadas de estar nestes espaços, elas sempre buscam algum tipo de serviços desses aqui, elas sempre tem algum conflitos, elas não são vistas de forma natural, elas não vistas como cidadãs, como pessoas que estão ali para dividir aquele espaço em pé de igualdade com os que estão lá, elas sempre tem que travar um tipo de situação ou conflito em questão de nome social, de banheiro feminino, do respeito as suas identidades de gênero(2). Então, é uma busca diária, uma luta diária, tudo aqui que a gente, faz é diariamente(3). Quando a gente sai de casa e quando a gente volta, gente vai sabendo que a gente traçar alguns desafios em nosso caminho. Então a nossa luta é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais. É algo, ainda, muito, infelizmente, árduo a gente lutar por isso. (3). Mas a gente não se detém diante disso, jamais gente vai se deter. Somos poucas? Somos! Mas pelo menos tem alguém fazendo alguma coisa, porque ruim, era como tava anos atrás, que não tinha ninguém, tendo voz para essa população que ainda é invisibilizada. Hoje em dia já rompemos essas amarras, hoje em dia a gente está aqui fazendo todas as formas, colaborando com momentos como esse, com outros momentos de pesquisa que a gente colabora, pra poder a gente, cada vez

mais, tá adentrando estes espaços, né, de conhecimento, de educação, de cidadania(3).

Ai sim, com uma nova geração reeducada, respeitando as pessoas como elas são, não como elas querem que ela sejam a gente vai conseguir sim, fazer desse espaço, um espaço mais igualitário, livre do preconceito, da discriminação, onde todas as pessoas respeitam umas as outras(3). O ideal é que tenha uma disciplina nas academias, voltadas especificamente para essa questão de gênero, e todas as suas nuances, todas os seus recortes(3) ...por que quando se fala de gênero, pensa muito só nas mulheres e suas demandas, esquecem, assim um pouco, que a questão de gênero é bem mais ampla, que tem as identidade de gênero, as pessoas que se identificam com o gênero, masculino ou feminino mesmo, por que sempre quando se fala de gênero, parece que o gênero ele contempla apenas a população de mulheres. E não é isso, gênero a gente tem que discutir é nessa amplitude mesmo, até onde vai as limitações masculinas, feminina(2). E o que a gente acredita é na educação, que a educação cada vez mais esteja provocando essas aberturas dentro dos seus espaços de academia, sem esses temores, sem essas questões de preconceitos, de religião, pra que detenha esses impedimentos. Então, a gente acredita bastante que seja isso, e pra fazer isso a gente tem que ter abertura, a gente tem que ater esses espaços, dialogar com os seus gestores maiores pra gente poder tá fazendo isso. Por que a gente só vai poder realmente efetivar algum tipo de política pública em parceria, sozinha as travestis não vão conseguir fazer isso, a gente precisa tá firmando parceria com esses poderes pra gente poder, tá potencializando essa discussão mais amplamente(3). Pra mim é um pouco novo, essa questão do psicológico, pedagógico, eu nunca passei por nenhum tipo de momentos como esse. Então pra mim foi bem inovador, uma sensação bastante agradável, tô gostando, participei da outra oficina, tô participando dessa hoje, pra mim é algo novo, espero poder continuar nas atividades que venham por ai. E pra mim foi bastante enriquecedor pra me entender, pra entender sobre situações conflituosas que estão no nosso caminho. Então esses momentos de dinâmicas psicológicas são bastantes importantes, porque a gente consegue se encontrar fora de um eixo que a gente não tem ele na nossa rotina, então a gente quebra um pouco a rotina e consegue nos visualizar de outra ótica, e dessa forma a gente consegue relaxar um pouco e dar uma melhorada no ritmo do trabalho(4).

FLOR TRANSFORMADORA

O que é o estandarte do educar na relação com gênero? Eu acho o seguinte, que tem que sair dessa coisa que morde e assopra. Tem que levar a sério mesmo essas ideias. Não ficar só na ideia, no papel. Tem que levar a fundo mesmo. **Como é essa educação, que morde e assopra, na relação com o gênero?** Pega uma informação, repassa uma informação. Tem que ser levada a sério, a bairros, periferias, aonde o povo não tem acesso mesmo, estou falando no coletivo geral, a educação no geral. Que as vezes tem gente que tem curiosidade, as vezes você acha que é ignorância e não é. As vezes é informação mesmo, de chegar e, como lidar com seu gênero? Eu acho que tinha que, sei lá, até criar um aplicativo, a internet está tão valida ai pra todo mundo. Eu acho que a internet tem que fazer uma parceria, junto com as informações. Assim, tem associações de cego, tem associações de rua, por que não querem levar a sério o movimento LGBT? Eu acho que deveria levar mais a sério mesmo. Eles não precisam só de sexo, eles querem respeito, que a visão que a gente passa, é só de sexo 24 horas, a gente não é um canal pornô, a gente tem sabonete, a gente tem supermercado, a gente tem faxina, a gente milhões, a gente tem vida normal. As pessoas tem essa fantasia, que você tá ali, exposto, 24 horas. Eu acho que aqui, como eu já disse só ressalta a importância das nossas junções, junções estas que, faz com que a gente a cada dia possa lutar por direitos iguais, direitos iguais dependendo da sua extensão, não que todo mundo seja a favor da igualdade, a gente sabe que tem a igualdade, mas que tem as desigualdades, nós não somos socialistas, eu não sou socialista, e nem todas as pessoas que estão aqui são socialistas. Eu acho que isso aqui é a

junção destas lutas e destas vontades que a gente tem de expandir pra toda a sociedade, aqui só ressalta a importância do nosso trabalho cotidiano, pra que a gente possa construir uma cidadania digna, um respeito à identidade de gênero, o respeito à diversidade, seja ela sexual, seja ela religiosa, seja ela dos mais diversos segmentos sociais. Então eu acho que é isso, basicamente o trabalho de Transexuais e Travestis do estado do Piauí e das educadoras sociais do projeto transformação e das meninas que estão vindo agora para contribuir pra esse projeto, pra que a gente possa construir esse mundo, o mundo das desigualdades sociais. **Como vocês se sentiram construindo esse estandarte?** Eu acho que a costura do estandarte é mais uma vez levantar essa bandeira que nós levantamos diariamente, aqui tem todos os elementos positivos e negativos das nossas experiências, como pessoas e educadoras e a gente tem que fazer isso, se apoiar umas nas outras e levantar este estandarte simbólico. Aqui é algo pra gente poder reafirmar diariamente tudo que a gente já sabe, tudo que a gente já discutiu, nossa identidade, tornar isso público, para que o público possa, ainda não aceitando, respeitar nosso posicionamento, diante desse mesmo público.

APÊNDICE C - ESTUDO DOS DADOS: ESTANDARTE DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO

Segundo procedimento de estudo dos dados na pesquisa sociocopoética. Neste momento é realizado o cruzamento entre as ideias dentro de cada categoria de análise.

SENTIDOS E CONCEITOS DE FORMAÇÃO E/OU DE EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO

1. **Educar tela artística na relação de gênero** é o educar que as pessoas tem coração artista porque mesmo sendo criada na ignorância, se tem bom gosto e isso a gente não encontra, já se nasce com o bom gosto. Você pode ter milhões, mas se tiver um péssimo gosto, se não tiver um coração de artista... (1)
2. **Educar circuitando** é a formação do jeito trans, feita de escalas, de baixo, de cima, de degraus, de setas e de escadas. Neste educar se tem que saber a linguagem do corpo, do que se fala e das reações.
3. **Formação com conflito** é a formação que tem que ser muito discutida ainda porque às vezes o que um quadro representa pra um é solução, pra outros é um problema. (1)
4. **Educar garrafa pet na relação com o gênero** é o educar circuitando em todos os movimentos, circuitando em casa, circuitando fora de casa, circuitando no sexo, no dinheiro, em tudo! Em todo movimento mundial, sabe. Circuitando em tudo, querendo passar sobre tudo, viver situações que ninguém viveu. Então há vários momentos pra circuitar: dentro da infância momento em que se circuita muito e se continua circuitando jogada como uma garrafa pet. Por exemplo, eu vi uma cena tão bonita, um cachorro recolhendo uma garrafa pet. Neste educar o ser humano tem que ter esta sensibilidade. (1)
5. **Tempo do Educar na relação com o gênero** é o educar que possui dois espaços de tempo: 1. Tempo nebuloso é nublado, é uma chuva negra, e é em maior quantidade; 2. Tempo ensolarado é luminoso, é em menor quantidade. (1)
6. **Pontos coloridos do educar na relação com o gênero** são pessoas de características, tamanhos, formas diferentes que somos nós a sociedade em seus diversos níveis, inseridas a nível mundial. (1)
7. **Educar com autoafirmação do feminino** é a autoafirmação da identidade feminina trans, e o respeito a essa identidade por que somos barradas em vários locais por causa dessa autoafirmação da identidade, que não é respeitada de forma conjunta, de modo que as outras pessoas não nos olham como cidadãs de direito, de fato (1).
8. **Educar para a diversidade das cores da bandeira** é ressaltar a questão da diversidade, do respeito e da autoafirmação da identidade de gênero, porque a gente sabe que a sociedade é composta de vários segmentos sociais, sejam eles negros, idosos, LGBT'S, pessoas com deficiência (1).
9. **Educar para cidadania na relação com gênero** é a luta que nós, travestis e

transexuais traçamos diariamente, em busca de todas essas políticas públicas de qualidade, e de tudo que seja positivo (1).

10. **Educar para cidadania na relação com gênero** é a luta diária das trans em busca do respeito, a dignidade, a educação, da segurança e da justiça e somando todos estes pontos vão dá um resultado que é a cidadania – as pessoas são cidadãs dentro da constituição. Mas, isso fica na teoria, não sai do papel (1).
11. **Educação morde e assopra** é o educar que leva a sério a relação com o gênero e não fica só na ideia, no papel, leva a fundo mesmo, pega uma informação e repassa. (1)
12. **Educar flor transformadora** é a junção das lutas e vontades que a trans **expande** pra toda a sociedade ressaltando a importância do trabalho cotidiano deste grupo na construção da cidadania digna, do respeito à identidade de gênero, à diversidade, seja ela sexual, seja ela religiosa, seja ela dos mais diversos segmentos sociais. Este educar ressalta a importância destas junções na luta por direitos iguais a cada dia, não que todo mundo seja a favor da igualdade, pois há desigualdades entre nós, por exemplo, eu não sou socialista, e nem todas as pessoas que estão aqui são socialistas. (1)

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES:

As ideias **2 e 4** são complementares:

Educar circuitando garrafa pet é a formação do jeito trans, feita de escalas, de baixo, de cima, de degraus, de setas e de escadas. Neste educar se tem que saber a linguagem do corpo, do que se fala e das reações porque é o educar circuitando em todos os movimentos do corpo trans: circuitando em casa, circuitando fora de casa, circuitando no sexo, no dinheiro, em tudo! Em todo movimento mundial, sabe. Circuitando em tudo, querendo passar sobre tudo, viver situações que ninguém viveu. Então há vários momentos pra circuitar: dentro da infância é o momento em que se circuita muito e se continua circuitando jogada como uma garrafa pet. Por exemplo, eu vi uma cena tão bonita, um cachorro recolhendo uma garrafa pet. Neste educar o ser humano tem que ter esta sensibilidade.

As ideias **6 e 8** são complementares por que na primeira ideia é o educar e na segunda ideia são as pessoas deste educar:

O confeto **6 Educar para a diversidade das cores da bandeira** ressalta a questão da diversidade, do respeito e da autoafirmação da identidade de gênero, porque a gente sabe que a sociedade é composta de vários segmentos sociais, sejam eles negros, idosos, LGBT'S, pessoas com deficiência que são os **Pontos coloridos do educar na relação com o gênero**, ou seja, são as pessoas de características, tamanhos, formas diferentes que somos nós a sociedade em seus diversos níveis, inseridas a nível mundial. (1)

As ideias **7 e 11** são complementares:

Educar morde e assopra é a autoafirmação da identidade feminina trans, e o respeito a essa identidade por que somos barradas em vários locais por causa dessa autoafirmação da identidade, que não é respeitada de forma conjunta, de modo que as outras pessoas não nos olham como cidadãs de direito, de fato. É o educar que leva a sério a relação com o gênero e não fica só na ideia, no papel, leva a fundo mesmo, pega uma informação e repassa.

As ideias **9 e 10** são complementares:

Educar para cidadania na relação com gênero é a luta diária que travestis e transexuais traçam diariamente, em busca de todas as políticas públicas de qualidade, e de tudo que seja positivo como respeito, dignidade, educação, segurança e justiça, somado todos estes pontos, o resultado é a cidadania – as pessoas são cidadãs dentro da constituição. Mas, isso fica na teoria, não sai do papel.

IDEIA DIVERGENTE:

As ideias **7 e 11; 9 e 10; 12** são divergentes entre si porque falam de lutas Trans de modo diferente. Nas ideias **7 e 11** as lutas envolvem a autoafirmação da identidade feminina trans e são levadas a sério, não fica só na ideia, no papel; as ideias **9 e 10** a luta diária de travesti e transexual traçam diariamente a busca por políticas públicas de igualdade mas elas não saem do papel, fica na teoria. E na ideia **12** é a junção de todas as lutas que trans expande para toda a sociedade.

IDEIAS OPOSTAS:

As ideias **7 e 11** são opostas às ideias **9 e 10** porque nas primeiras ideias o educar leva sério a relação com o gênero e não fica só no papel. Já as ideias **9 e 10** o educar fica só na teoria, não sai do papel.

PROBLEMAS DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO

13. **Problemas do educar circuitando** são ligados a frivolidade das batidas cardíacas por ser a trans elétrica e dinâmica, sonhando ser feliz. E junto a felicidade há o medo e a adrenalina que são **marcas pontos pretos** ligadas a raios, a pontos, a batida de pontos que vai e volta (2).
14. **Problemas da viadagem** é que no início era muita felicidade no mercado, se estava vendendo muito, quando se chegava a algum lugar se era feliz por isto. Mas se viu que era um mercado mentiroso, onde se encontra muitas barreiras dentro de casa, na rua. São **problemas escuridão** que a trans passa. (2)
15. **Bolha tumor-negro** é o medo de não saber como vai começar e terminar o dia e não acordar viva; medo de ser espancada, de sofrer ataque, não acordar feliz, não dizer assim: bom dia sol! É sempre o medo. Eu acho que vou ter que passar por muitas experiências ainda, pra encontrar a felicidade. O que é o mais traumático é ficar sempre esperando algo. (2)
16. A discussão dos problemas de educar para e com o gênero não é nova e é como se tivesse da gente sempre precisar discutir sobre isso. A gente vê que essa educação para o gênero, ela é difícil pra nós que somos para a população LGBT'S, pois têm muitas de nós, Trans, LGBT'S, que se reportam a si mesmo, muitas vezes, usando adjetivos masculinos, como é o caso de uma Trans Mulher. Imagina para a outra parte da sociedade, que não conhece esses termos, que não consegue ter um olhar que vá além da nossa aparência, e não consegue ser solidária à nossa condição e nos respeitar como nós somos. Entender que acima do que nós vestimos, de nós termos "n" mudanças físicas ou não, nós temos a nossa essência. Aquilo que nos torna, e reafirma aquilo que dizemos, que somos femininas ou masculinas (2).

17. No problema da identidade de gênero enfrento muito desrespeito no meu dia-a-dia, todo mundo sabe que eu tenho nome social, as pessoas me conhecem há muito tempo. E eu sou popular na cidade onde eu moro, por que não é uma cidade grande. Então, é muito difícil não saber quem sou eu lá. Só que existem pessoas, que me conhecem desde quando eu nasci, sabem meu nome civil, e ainda que eu tenha feito as mudanças que eu fiz pra me sentir mais confortável com a minha identidade de gênero, volta e meia eu encontro alguém que me desrespeita, as vezes por que não tem essa informação que a gente tá falando aqui, de educação para o gênero (2).
18. desrespeitar a identidade de gênero trans só pra ser desagradável mesmo, pra me contrariar, por que não concorda com meus valores, com aquilo que eu acredito, com as coisas que eu escolhi pra mim. E a pessoa se sente no direito de me chamar pelo meu nome civil, de se referir a mim usando adjetivos masculinos. (2)
19. desrespeitar a identidade de gênero é uma necessidade tanto no nosso cotidiano, quanto pra's outras pessoas, tanto por que elas não têm essas informações, quanto porque, por vezes, elas não têm essa facilidade de respeitar, a diversidade, e as particularidades do outro, se colocando até no lugar dele. Isso não é só uma dificuldade do resto do mundo, dentro da nossa população a gente vê isso também, eu sinto preconceitos de outras meninas, que já caminharam, fizeram avanços na sua vida maiores do que eu. Por exemplo, que se referem a nós ainda, como se fossemos gays e até mesmo algumas que já tem essas melhorias feitas, que se referem a si mesma como tal também (2).
20. Eu tenho amigas que estudam e que as professoras não respeitam a sua identidade de gênero. Outro dia, teve uma colega que estava dividindo comigo que ela foi usar o banheiro da escola, e a professora queria tirar ela de lá disse que ela não era readequada sexualmente e ela não podia estar no banheiro feminino, e isso não é verdade (2).
21. dentro dos movimentos sociais, a informação fica um pouco retida naquelas pessoas que tem interesse por frequentar esses espaços, e aí não amplia muito, até por que as outras pessoas quando se fala em movimentos sociais viram logo a cara, acham que é besteira, que não vai agregar em nada (2).
22. uma das coisas que mais dificulta essa ligação assim da gente com as pessoas é a resistência, é o que torna mais dificultoso de se aproximarem da gente, ter um pouco mais de afeto, de sensibilidade (2).
23. a nossa população de Trans, ela ainda é muito estigmatizada, muito invisibilizada (2).
24. E a gente, tem que todo dia, tá traçando uma forma, uma estratégia de tá se sobressaindo, em cima de toda essa situação de exclusões que a gente vivência. Não fazendo uma fala de vitimismo, porque muitas pessoas dizem, ah! mas vocês se fazem muito de vitima. Não é isso, a gente retrata uma realidade que a gente vivencia diariamente Então, se a gente ainda é vitima dessa sociedade, fazer o que, é um fato. A gente não pode tá mascarando essa realidade, tem meninas que tão no mercado de trabalho, meninas que tão na universidade, tem sim, mas são muito poucas (2).
25. A gente não quer toda vez que sai uma menina da universidade sair no jornal, uma

menina que faz um doutorado sair no jornal, a gente não quer mais isso, lógico que essa visibilidade é afirmativa. A gente quer, muito mais meninas sendo doutoras, estando inseridas no mercado de trabalho, e que isso não seja mais notícia de jornal, que isso seja recorrente e que isso não precise ter todo esse alvoroço em cima de uma situação como essa (2).

26. Educar para cidadania na relação com gênero na prática é negado para a Trans, pois nos espaços em que buscam algum tipo de serviços tem conflitos, não são vistas de forma natural como cidadãs, como pessoas que estão ali para dividir aquele espaço em pé de igualdade com os que estão lá. As trans têm que travar um tipo de situação ou conflito, por exemplo, na questão do uso do nome social, do uso do banheiro feminino, do respeito as suas identidades de gênero (2).
27. Quando a gente sai de casa e quando a gente volta, gente vai sabendo que a gente traçar alguns desafios em nosso caminho. Então a nossa luta é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais. É algo, ainda, muito, infelizmente, árduo a gente lutar por isso. (2).
28. por que quando se fala de gênero, pensa muito só nas mulheres e suas demandas, esquecem, assim um pouco, que a questão de gênero é bem mais ampla, que tem as identidade de gênero, as pessoas que se identificam com o gênero, masculino ou feminino mesmo, por que sempre quando se fala de gênero, parece que o gênero ele contempla apenas a população de mulheres. E não é isso, gênero a gente tem que discutir é nessa amplitude mesmo, até onde vai as limitações masculinas, feminina(2).
29. **Problemas canal pornô do educar** não leva a sério o movimento LGBT assim como as associações de cego e de rua. Então, por que não querem levar a sério o movimento LGBT? Eles não precisam só de sexo, eles querem respeito, que a visão que a gente passa é só de sexo 24 horas, mas a gente não é um canal pornô, a gente tem sabonete, a gente tem supermercado, a gente tem faxina, tem milhões, a gente tem vida normal. As pessoas têm essa fantasia, que você tá exposto 24 horas.

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias **14 e 15** são complementares:

Problemas bolha tumor-negro da viadagem é que no início era muita felicidade no mercado, se estava vendendo muito, quando se chegava a algum lugar se era feliz por isto. Mas se viu que era um mercado mentiroso, onde se encontrava muitas barreiras dentro de casa, na rua. Então, tem-se medo de não saber como vai começar e terminar o dia, de não acordar viva; medo de ser espancada, de sofrer ataque, não acordar feliz, não dizer assim: bom dia sol! É sempre o medo. São **problemas escuridão** que a trans passa. Eu acho que vou ter que passar por muitas experiências ainda, pra encontrar a felicidade. O que é o mais traumático é ficar sempre esperando algo

As ideias **17 e 19** são complementares:

Desrespeitar a identidade de gênero é uma necessidade tanto no nosso cotidiano, quanto para outras pessoas, tanto por que elas não têm essas informações, quanto porque, por vezes, elas não têm essa facilidade de respeitar, a diversidade, e as particularidades do outro, se colocando até no lugar dele. Por exemplo, enfrento muito desrespeito no meu dia-a-dia, todo mundo sabe que eu tenho nome social, as pessoas me conhecem há muito tempo. E eu sou popular na cidade onde eu moro, por que não é uma cidade grande. Então, é muito difícil não saber quem sou eu lá. Só que existem pessoas, que me conhecem desde quando eu nasci, sabem meu nome civil, e ainda que eu tenha feito as mudanças que eu fiz pra me sentir mais confortável com a minha identidade de gênero, volta e meia eu encontro alguém que me desrespeita, as vezes por que não tem essa informação que a gente tá falando aqui, de educação para o gênero. Assim, esse desrespeito não é só uma dificuldade do resto do mundo, dentro da nossa população a gente vê isso também, eu sinto preconceitos de outras meninas trans, que já caminharam, fizeram avanços na sua vida maiores do que eu. Por exemplo, que se referem a nós ainda, como se fossemos gays e até mesmo algumas que já tem essas melhorias feitas, que se referem a si mesma como tal também (2).

As ideias **23, 24 e 25** são complementares

A população Trans é ainda muito estigmatizada, muito invisibilizada, por isso a gente, tem que todo dia, traçar uma forma, uma estratégia para se sobressair, em cima de toda essa situação de exclusões que a gente vivência. Não fazendo uma fala de vitimismo, porque muitas pessoas dizem, ah! mas vocês se fazem muito de vitima. Não é isso, a gente retrata uma realidade que a gente vivencia diariamente Então, se a gente ainda é vitima dessa sociedade, fazer o que, é um fato. Então não podemos mascarar essa realidade, tem meninas que estão no mercado de trabalho, meninas que estão na universidade, tem sim, mas são muito poucas. Mas, a gente não quer que toda vez que uma menina trans entrar na universidade sair no jornal, fizer doutorado sair no jornal, a gente não quer mais isso, lógico que essa visibilidade é afirmativa. Mas gente quer, muito mais meninas sendo doutoras e inseridas no mercado de trabalho, e que isso não seja mais noticia de jornal, que isso seja recorrente e que isso não precise ter todo esse alvoroço em cima de uma situação como essa.

As ideias 26 e 27 são complementares:

Educar para cidadania na relação com gênero na prática é negado para a Trans, pois nos espaços em que buscam algum tipo de serviços tem conflitos, não são vistas de forma natural como cidadãs, como pessoas que estão ali para dividir aquele espaço em pé de igualdade com os que estão lá. As Trans têm que travar um tipo de situação ou conflito, pois quando a gente sai de casa e quando a gente volta, gente vai sabendo que a gente traça alguns desafios em nosso caminho, por exemplo: na questão do uso do nome social, do uso do banheiro feminino, do respeito as suas identidades de gênero. Então a nossa luta é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais. É algo, ainda, infelizmente, árduo a gente lutar por isso.

IDEIAS DIVERGENTES

A ideia **16** diverge das ideias **26 e 27**:

Porque na primeira ideia a dificuldade do educar na relação com o gênero reside no fato de

que há uma dificuldade das pessoas LGBT's respeitarem a identidade de gênero trans. E nas ideias 26 e 27 **Educar para cidadania na relação com gênero** na prática é negado às Trans nos espaços em que buscam algum tipo de serviço junto às pessoas não-LGBT's, pois a trans sempre tem que travar um conflito: na questão do uso do nome social, do uso do banheiro feminino, do respeito as suas identidades de gênero. Então nossa luta é por respeito, por cidadania das Travestis e Transexuais.

As ideias **18** diverge das 17 e **19**:

Porque **na ideia 18** a identidade de gênero trans é desrespeitada somente porque as pessoas, no intuito serem desagradáveis, querem contrariar a trans, seus valores, aquilo que ela acredita. Na ideia **17 e 19** o desrespeito à identidade de gênero é uma necessidade tanto do nosso cotidiano, quanto para as outras pessoas, tendo em vista que o nosso cotidiano e as pessoas que estão nele não terem as informações e a facilidade necessárias para o respeito à identidade de gênero, a diversidade. Isso não é só uma dificuldade do resto do mundo, dentro da nossa população a gente vê isso também, há preconceitos por parte de outras meninas trans, que já caminharam, fizeram avanços na sua vida maiores do que eu.

O QUE PODE O EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO

30. O que pode o **educar circuitando na relação com o gênero** é sobrepassar sobre a base, a família, a escola, por que às vezes tem a oportunidade e você não pode desenvolver porque existe muito bloqueio, já se foi massacrada, estuprada e negada. É todo um conflito que você poderia reverter, seria menos dolorido. Por que você não tem certeza de nada, mas a morte ela é certa, então pra que sofrer tanto, se pode ser menos? Para reverter teria que ser no dia-a-dia na ação pública, na educação, na justiça. (3)
31. criar diante dos problemas do educar na relação com o gênero é discutir e levar pra os campos onde se tenha um alicerce, pra viver na família, na educação e nos espaços acadêmicos os quais a gente sempre fala que não existe discussão, isso não são assuntos que são discutidos facilmente (3).
32. eu só fui saber sobre a identidade de gênero depois que eu fui pesquisar, estudar, que alguém me ensinou e isso falta também na nossa população, essa curiosidade de se apropriar também desses conhecimentos, o que deixa eles e elas mais distantes do seu entendimento, de como lutar por aquilo que nos é de direito, e ter a nossa identidade de gênero afirmada, e poder educar o nosso entorno pra essa afirmação de identidade. (3)
33. minha experiência que eu tive como educadora social, não só pra mim, mas pra's outras pessoas também, foi muito importante, por que eu também aprendi muito, tanto no conhecimento pessoal, quanto no técnico também. (3)
34. a gente sempre tem que ir atrás dessa pessoa, a gente sabe que sempre tem pessoas que são leigas, mas justamente não querem saber e por conta disso, continuam internalizando o preconceito (3).
35. criar alguma coisa, seria uma espécie de um livro, orientando de fato o que é, e o que não é. E sem duvidas [criar] várias campanhas informando a essas pessoas [são], acho que seria algumas coisas que eu faria, no intuito de informação. (3)

36. No educar na relação com gênero é mais fácil conseguir o respeito da sociedade na identidade de gênero e na autoafirmação quando temos que respeitar e ser respeitadas e também levar para quem não conhece esse respeito à diversidade, pra que a gente possa construir uma sociedade mais justa pra tudo e pra todas. Porque enquanto as pessoas não estão sabendo dos seus direitos, não estão fazendo seu papel dentro da sociedade, estas não vão ser respeitadas. Eu consigo ter o respeito a partir do momento em que eu souber aonde é que fica o meu direito. (3).
37. As educadoras trans podem construir os conhecimentos através de oficina, seminários, palestras sobre as várias formas de respeito à identidade, à igualdade racial, à religião e levar estes conhecimentos às pessoas da sociedade seja hetero, homo ou bi.
38. é uma busca diária, uma luta diária, tudo aqui que a gente, faz é diariamente (3).
39. uma nova geração reeducada, respeitando as pessoas como elas são, não como elas querem que ela seja a gente vai conseguir sim, fazer desse espaço, um espaço mais igualitário, livre do preconceito, da discriminação, onde todas as pessoas respeitam umas as outras (3).
40. O ideal é que tenha uma disciplina nas academias, voltadas especificamente para essa questão de gênero, e todas as suas nuances, todos os seus recortes. (3)
41. E o que a gente acredita é na educação, que a educação cada vez mais esteja provocando essas aberturas dentro dos seus espaços de academia, sem esses temores, sem essas questões de preconceitos, de religião, pra que detenha esses impedimentos. Então, a gente acredita bastante que seja isso, e pra fazer isso a gente tem que ter abertura, a gente tem que ater esses espaços, dialogar com os seus gestores maiores pra gente poder tá fazendo isso. Por que a gente só vai poder realmente efetivar algum tipo de política pública em parceria, sozinha as travestis não vão conseguir fazer isso, a gente precisa tá firmando parceria com esses poderes pra gente poder, tá potencializando essa discussão mais amplamente(3).
42. Tem gente que tem curiosidade, acha-se que é ignorância, mas não é, a pessoa quer é informação de como lidar com seu gênero. Acho que se tem que criar um aplicativo, pois a internet é válida pra todo mundo. A internet tem que fazer uma parceria com as informações. (3)

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias **30, 31 e 34** são complementares:

O que pode o **educar circuitando na relação com o gênero** é sobrepassar sobre a base: a família, a escola, a educação nos espaços acadêmicos, no dia-a-dia na ação pública, na justiça os quais a gente sempre fala que não existe discussão, e que as vezes se tem a oportunidade e você não pode desenvolver porque existe muito bloqueio: já se foi massacrada, estuprada e negada. É todo um conflito que você poderia reverter, seria menos

dolorido. Por que você não tem certeza de nada, mas a morte ela é certa, então pra que sofrer tanto, se pode ser menos? Por isso tem-se que ir atrás dessas pessoas que são leigas e não querem saber e por conta disso continuam internalizando o preconceito.

As ideias **32, 33 e 36** são complementares:

No educar na relação com gênero é mais fácil conseguir o respeito da sociedade na identidade de gênero e na autoafirmação quando temos que respeitar e ser respeitadas e também levar para quem não conhece esse respeito à diversidade, pra que a gente possa construir uma sociedade mais justa pra tudo e pra todas. Porque enquanto as Trans não sabem dos seus direitos, não fazem seu papel dentro da sociedade, estas não vão ser respeitadas. Eu consigo ter o respeito a partir do momento em que eu souber aonde é que fica o meu direito. Por exemplo, só fui saber sobre a identidade de gênero depois que eu fui pesquisar, estudar, que alguém me ensinou. E também na minha experiência enquanto educadora social não só pra mim, mas para outras pessoas também, foi muito importante, por que eu também aprendi muito, tanto no conhecimento pessoal, quanto no técnico também as questões do educar na relação com o gênero. E isso falta também na nossa população, essa curiosidade de se apropriar também desses conhecimentos, o que deixa eles e elas mais distantes do seu entendimento, de como lutar por aquilo que nos é de direito, e ter a nossa identidade de gênero afirmada, e poder educar o nosso entorno pra essa afirmação de identidade. Eu consigo ter o respeito a partir do momento em que eu souber aonde é que fica o meu direito.

As ideias **35 e 37** são complementares:

As educadoras trans podem construir os conhecimentos através de oficina, seminários, várias campanhas, uma espécie de livro orientando de fato o que é, e o que não é acerca do respeito à identidade, à igualdade racial, à religião e levar estes conhecimentos às pessoas da sociedade, seja hetero, homo ou bi, no intuito de informação.

As ideias **40 e 41** são complementares:

E o que a gente acredita é na educação, que a educação cada vez mais esteja provocando essas aberturas dentro dos seus espaços de academia, sem esses temores, sem essas questões de preconceitos, de religião, pra que detenha esses impedimentos. O ideal é que tenha uma disciplina nas academias, voltadas especificamente para essa questão de gênero, e todas as suas nuances, todos os seus recortes. Então, a gente acredita bastante que seja isso, e pra fazer isso a gente tem que ter abertura, a gente tem que ater esses espaços, dialogar com os seus gestores maiores pra gente poder tá fazendo isso. Por que a gente só vai poder realmente efetivar algum tipo de política pública em parceria, sozinha as trans não vão conseguir fazer isso, a gente precisa firmar parceria com esses poderes pra gente poder, potencializar essa discussão mais amplamente.

As ideias **38 e 39** são complementares:

Tudo aqui se faz diariamente, é uma luta diária, uma busca diária por uma nova geração reeducada, respeitando as pessoas como elas são, não como elas querem que ela seja a gente vai conseguir sim, fazer desse espaço, um espaço mais igualitário, livre do preconceito, da

discriminação, onde todas as pessoas respeitam umas as outras.

SENTIDOS E SENTIMENTOS SOBRE O RELAXAMENTO

43. Pra mim foi bom, eu tentei vivenciar da melhor maneira, fazer a viagem conforme foi proposto, e mais ou menos o relaxamento ele antecipa o que a gente colocou, o andarilho as vezes é realmente a gente, outras são pessoas perdidas no meio das coisas e dos lugares (4).
44. foi uma forma da gente poder fazer a reflexão, a auto reflexão, de cada um das participantes, pra que depois como bem disse a companheira, fizéssemos a exposição do sentimento, que durante todo aquele momento a gente depois soltasse, jogasse pra fora. E foi um momento bastante construtivo pra que a gente pudesse tá fazendo essa autoexposição, como a autoafirmação, a autorreflexão, que a gente faz de nós mesmos, e que a gente pudesse transpor, pra que vocês pudessem ter o conhecimento, do que a gente sente e do que a gente estava sentindo no momento, e foi uma forma dinâmica de tá expondo os trabalhos, de tá expondo a situação, e também nossos anseios e nossos desejos. Então, foi uma forma de tá fazer com que nos uníssemos umas com as outras, acho que isso é também uma forma de união, pra que a gente possa entender também o lado da outra e do outro, é isso, foi bem construtivo e dinâmico também (4).
45. Pra mim é um pouco novo, essa questão do psicológico, pedagógico, eu nunca passei por nenhum tipo de momentos como esse. Então pra mim foi bem inovador, uma sensação bastante agradável, estou gostando, participei da outra oficina, estou participando dessa hoje, pra mim é algo novo, espero poder continuar nas atividades que venham. E pra mim foi bastante enriquecedor pra me entender, pra entender sobre situações conflituosas que estão no nosso caminho. Então esses momentos de dinâmicas psicológicas são bastantes importantes, porque a gente consegue se encontrar fora de um eixo que a gente não tem ele na nossa rotina, então a gente quebra um pouco a rotina e consegue nos visualizar de outra ótica, e dessa forma a gente consegue relaxar um pouco e dar uma melhorada no ritmo do trabalho(4).

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

As ideias **43, 44 e 45** são divergentes entre si:

Porque na ideia 43 coloca-se a questão de que o relaxamento antecipa o que as copesquisadoras colocaram no grupo e o andarilho são elas e outras pessoas perdidas no meio das coisas e dos lugares. Na ideia 44 surgiu a questão da autoafirmação, autoexposição, autorreflexão em que as trans puderam transpor o que sentem e o que estavam sentindo naquele momento: os seus anseios e desejos. Bem como unir-se umas com as outras. Na ideia 45 o relaxamento propiciou o trans se entender e entender as situações conflituosas que estão no caminho e também saísse do eixo que não existe na sua rotina. Então quebra-se um pouco a rotina e consegue se visualizar de outra ótica, relaxando melhorando o ritmo do trabalho

PRÁTICAS DA PEDAGOGIA SOCIAL TRANS

46. A gente aprende na oficina do projeto que ser feminina e ser masculino tem a ver com a nossa relação cultural e isso muda de acordo com a cultura, e o lugar e a sociedade e o contexto em que a gente está inserida. Então, eu vejo que isso é uma discussão frequente que a gente tem que levar como educadora social e como pessoa (5)

47. Eu acho que as coisas que a gente discute nos espaços que são pra nós importantes poderiam ser divididas com pessoas da nossa população que realmente não tem conhecimento de jeito nenhum em torno disso. Eu acho que precisa primeiro fortalecer a nós mesmas para, depois, ser capaz de transmitir isso pra outras pessoas (5).
48. se as pessoas não vêm até a gente por “n” motivos, se tivesse como a gente ir até elas, sei lá, estar nos espaços, lugares e momentos, em que eles e elas estão. E poder, tentar transmitir esses assuntos de uma forma, mais possível para essas pessoas (5).
49. A informação sobre o que é a identidade de gênero é dada usando uma lousa por uma transexual numa palestra para algumas pessoas da escola, e depois no âmbito da família, que é o lugar mais importante, aquele que pesa mais (5).
50. Mas a gente não se detém diante disso, jamais gente vai se deter. Somos poucas? Somos! Mas pelo menos tem alguém fazendo alguma coisa, porque ruim, era como tava anos atrás, que não tinha ninguém, tendo voz para essa população que ainda é invisibilizada. Hoje em dia já rompemos essas amarras, hoje em dia a gente está aqui fazendo todas as formas, colaborando com momentos como esse, com outros momentos de pesquisa que a gente colabora, pra poder a gente, cada vez mais, tá adentrando estes espaços, de conhecimento, de educação, de cidadania (5).
51. O trabalho de Transexuais e Travestis do estado do Piauí e das educadoras sociais do projeto transformação e das meninas que estão vindo agora para contribuir pra esse projeto, pra que a gente possa construir esse mundo, o mundo das desigualdades sociais. (5)

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

COMPLEMENTARES

As ideias 50 e 51 são complementares:

Mas a gente não se detém diante da invisibilidade, jamais gente vai se deter. Somos poucas? Somos! Mas pelo menos tem alguém fazendo alguma coisa, porque ruim, era como tava anos atrás, que não tinha ninguém, tendo voz para essa população que ainda é invisibilizada. Hoje em dia já rompemos essas amarras, hoje em dia a gente está aqui fazendo todas as formas, colaborando com momentos como esse, com outros momentos de pesquisa que a gente colabora, pra poder a gente, cada vez mais, tá adentrando estes espaços, de conhecimento, de educação, de cidadania. Este é o trabalho das Transexuais e Travestis do estado do Piauí e das educadoras sociais do projeto transformação e das meninas que estão vindo agora para contribuir pra esse projeto, pra que a gente possa construir esse mundo, o mundo das desigualdades sociais. (5)

IDEIAS DIVERGENTES

A ideia 47 diverge da ideia 49:

Porque na primeira ideia a informação sobre a identidade de gênero é exercida por uma Trans utilizando uma lousa, numa palestra às pessoas da escola e da família. Na ideia 49 As coisas que as trans discutem nos espaços, enquanto educadora sociais, devem ser divididas com as pessoas da população trans que ainda não tem esse conhecimento.

APÊNDICE D - ESTUDO DOS DADOS: CORPO DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO

Primeiro procedimento de estudos dos dados na pesquisa sociocopoética. Neste momento a partir de uma leitura densa dos dados, classificam-se as categorias de análise.

GUTA

Eu vou tentar ser breve, por que, assim **a silhueta da boneca**, da minha boneca, **inclui todos os elementos que já tem nela**, só fez reforçar o que a gente vêm discutindo nas oficinas anteriores, essa proposta de **corpo sabedoria** deve ser o **educar para o gênero**, né? Né isso? Então, eu quis pra começo, **começar pela cabeça**, eu usei as flores na cabeça, porque pra mim as flores tem essa proposta de desabrochar, de coisas novas, de novas ideias eu acho que é o princípio de tudo (1). **Então, eu trouxe o centro da boneca, nessa região do peitoral, que é onde fica o coração, corações uma diversidade de corações e mais uma vez usando a questão das bolas coloridas para representar as pessoas é no coração que está as nossas emoções, também, os nossos afetos, ah e os sentimentos que a gente carrega(2)**, por isso que eu quis colocar as **bolas coloridas junto com os corações na blusa da boneca, para que a gente tenha esse olhar para o outro, o próximo que são essas bolas de uma forma mais afetuosa(3)**, digamos. Ai eu quis usar a **saia** dela fazendo **de chita [do educar na relação de gênero]**, esse colorido por vários motivos primeiro porque eu achei que esse tecido é genuíno do nosso país que é um país que têm muito esse colorido, que pra mim **têm a ver com diversidade(1)** e eu acho também que eu optei pela **saia colorida [do educar na relação de gênero]**, porque **fica na região do genital, que pra mim está relacionada ao prazer (1)**, que eu acho que a gente enquanto **educadora [saia de chita] para o gênero têm que ter esse prazer em ser diversa e prazer em conviver com a diversidade do mundo(4)** como um todo, então por isso a saia veio nessa região. **E os pés da boneca são, pra mim o preto ele representando escuro [...]** eu prefiro ver ele como uma cor que leva a sorte, então como são os pés que levam a gente pra “Ns” caminhos, além de todas essas cores a gente precisa de muita sorte(1), **a gente tem que ter os pés calçados de sorte para que nesse processo de educação para o gênero que não é só da gente com a gente, que é também da gente com a gente mesmo, é da gente com o resto do mundo, é da gente com os nossos semelhantes, daquele e daquelas que são do nosso gênero também até pra levar esse conhecimento, que eu não consigo sozinha, eu preciso da outra pra saber como aconteceu comigo (4)**, que antes eu não sabia de nada e hoje eu tenho uma amplitude de linguagens e conhecimentos que eu adquiri, quando eu quis ir buscar, só que tem gente que não quer(1), **a gente precisa proporcionar esse mesmo saber pra essas pessoas que não querem, isso é uma coisa diária que precisa ser debatida todo dia, por isso eu acho que pra construir toda essa sabedoria em meio de toda essa diversidade que se fazem no processo de educação precisa, principalmente, de sorte pra que a gente vá por caminhos bons(4). Educar na experiência de construção do corpo da sabedoria é exatamente isso, essa tarefa diária de busca de informação e multiplicação dessas informações, por que é meio invalido saber de algo e guardar isso pra mim, eu tenho que dividir, fazer isso que a gente faz aqui, simples... até desde que a gente chegou, a gente conversando umas com as outras, conversa eu com a Giovana, eu com a Derika, assim todo mundo com todo mundo e eu ouço a experiência da outra e aprendo com a vivencia dela,**

porque ela viveu coisas que eu não vivi e é isso que eu tento fazer com as outras pessoas também é contar é passar o que aprendi, das coisas simples, acho que isso é que é educação(1). O que o corpo da Trans pode muitas coisas quando está munido de todas essas coisas, então, vai enfrentar muitos obstáculos porque o mundo às vezes não a aceita esse corpo assim, com essa sabedoria, com esse conhecimento, com essa diversidade, mas tendo esses elementos ele vai poder muito, ele vai se dá muito, ele vai poder proporcionar, sei lá, uma melhoria pro mundo, num é que ele seja de uma forma individual porque é só um corpo, tem vários outros que precisam formar com ele, por isso, escolhi o nome do meu corpo de sabedoria porque todos esses elementos vão levar pra isso aqui(5). Então, é como eu disse lá no papel, fazer aquela viagem mental mais uma vez pra mim reforça a ideia que nós somos... que a vida é muito fluida, assim de que a gente é muito perecível, que a gente precisa ter essa característica de mudar sempre, tipo quando você falando que o corpo da gente mudava de forma que... eu me imaginei como se fosse água e a água tem três estados, a gente pode se imaginar sendo outra coisa, mas eu me senti assim porque o solido ele fica, o liquido ele escorre e o vaporoso ele fica no ar, então ele está superior a tudo. Então eu imaginei assim tem hora que a gente estar, fica aquela coisa retida têm hora que a gente não consegue se integrar de tão espatifado que a gente está e tem horas que a gente está superior de tanta fluidez de tanta leveza, digamos (4). E qual a relação que você faz disso do educar na relação com gênero? Essa da dinâmica com o educar? Eu acho que, realmente, é a mesma coisa, tem que ter essa maleabilidade pra mudar e tentar se adaptar onde estiver, na situação que estiver, sabendo se adequar até no amanhã, é isso (1).

DERIKA – CORPO MOMENTO BLACK

Pode fazer as perguntas para mim ficar mais a vontade. **Como foi para você a experiência do relaxamento?** Pra mim foi mais uma **experiência** como se... se eu ganhasse mais uma **identidade espiritual**, uma coisa mais forte que **me deixa mais preparada pro dia**. É mais um **alimento pro dia**, nem todo dia tenho(6). **E aquela viagem imaginaria, como foi a viagem imaginaria?** A viagem me senti é... entrando dentro de um espelho e esse espelho se quebra em pedacinho, depois eu me desenho meu corpo todinho em outra formula, de outro espelho, mas com o meu corpo (6). **E você quer falar sobre o corpo?** Quero é...meu **momento black** é... sempre vem quando eu saio de preto pra noite, o que é que vai? **Como é que estou saindo? O que vai acontecer? Como é que eu chego, como é que eu vou chegar em casa? Qual a experiência? Do que é que vou ter de passar com o meu momento que eu tô de preto? É sempre o imaginário, uma mistura da moda com a noite, músicas, é sempre isso que vêm na minha cabeça.** Eu tô sempre em movimento como a um clipe, né? Da minha vida mesmo, eu mesma, o que é que passa com as pessoas? Como a maquiagem, estranha(4)... **a relação Momento black com o educar, ... é... sempre querendo passar a imagem das pessoas que você pode viver um dia ou a noite, é de vários momentos, tanto dia como a noite... que você pode mudar se doce ou salgada(1), na noite você pode ser... o que você quer ser mesmo e de dia você pode encarar normalmente, como eles fazem, uma segunda-feira careta, uma semana de trabalho, eu acho que é buscar isso, buscar sempre educar as pessoas... também oh mulher...a noite ele tava assim, mas de dia ele não.. deixa...porque o dia...é sempre lembrar pras pessoas que existe profissionalismo, de dia. Que a noite quem é que não tem seus bicho? Na noite, ai vêm sempre uma música da Fernandinha Abreu na minha mente, que ela fala “que a noite cai, que tá na hora de se levantar e se divertir, que todos os gatos são pardos”, eu acho que é isso pra mim. (1) **Qual a****

relação que você faz desse corpo, no momento *black*? Com o gênero, no educar... Que eu posso modificar a qualquer momento... eu posso modificar, eu posso ficar depressiva, eu posso ser magra, gorda, eu posso ser feia, bonita, ser chamada de princesa, de lacoste, de dragã... de la corsa, porque ela é corça, né? Nem se usa mais esse termo dragão é da época que ela morava em Milão... LAURA: Novo Unido (risos). Novo Unido, então é isso o meu momento de lacoste, também. LAURA: Lacoste, jacaré. (5)

E o que pode esse corpo no momento *black*, quais são os poderes dele? Ele pode... ele pode é... usar um salto de acrílico, usar um salto de ferro pra suportar o peso do mundo, do meu corpo, ele pode mudar de acordo com a moda, a moda é magra antigamente diz que é magra, gorda... é vários momentos. E a relação com o gênero, o que ele pode? Com o gênero? Ele pode ser tranquilo, ele pode ser eclética, ela pode ser feminina, masculina... acho que é isso!(5) Obrigada.

JOSIANE

Bem, meu desenho representa como sempre, assim como a Dulce falou, eu sempre trago a mesma temática que é a questão da diversidade, eu sempre multiplico as cores pra assim a gente poder tá mantendo todo esse conteúdo da diversidade. Então, meu trabalho, meu foco é a diversidade e através da diversidade a gente inclui o gênero que trabalho um corpo feminino, um vestido, então é um look, um desenho feminino, então eu acho que é isso que resume muito bem, o meu representa, o meu desenho, o meu corpo representa a diversidade e o respeito ao gênero (4). Então, é isso. **E pra esse corpo o que é educar?** Pra esse corpo educar é levar as pessoas, a toda a sociedade seja ela qual for independente de orientação sexual, identidade de gênero, religião, é... igualdade racial, é... educar é tá levando a essas pessoas o conhecimento sobre as diversidades existentes na sociedade e o respeito a identidade de gênero, que como eu bem disse é um corpo feminino, um desenho feminino(1), **O Corpo Diversidade do Educar na relação com o gênero leva conhecimento para a sociedade sobre o respeito às diversidade, à identidade de gênero. Sabe-se que a sociedade hoje já respeita a diversidade e a identidade de gênero, pois tem várias leis que compreendem as mulheres, por exemplo. Mas, isso está sendo construído aos poucos, pois sabe-se que na efetividade não é assim, as mulheres ocupam os mesmos cargos que os homens, mas recebem menos salários que eles(5). O que pode esse corpo?** Ah! Esse corpo pode ser atrevida, atrevida com o sentido de tá levando conhecimentos, atrevida no sentido de tá conseguindo conquistar o seu lugar no espaço sem discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, atrevida no intuito de ir as escola, atrevida no intuito de procurar um bom trabalho e ser recebida, atrevida no intuito de colaborar com a sociedade pra construção da cidadania e dos direitos humanos das... da população é... eu vou dizer aqui, eu não posso dizer, focar numa população específica mais da identidade de gênero feminina, então é no respeito a essas identidades ...é... quando a gente fala atrevida é nesse sentido de tá mesmo levando a sociedade, porque a gente sabe que hoje muitas pessoas quando se identificam com o gênero feminino, muitas pessoas trans, quando começam a querer respeito por sua identidade de gênero elas são discriminadas e a gente fala atrevida no intuito de que ela possa adentrar sim, todos os setores da sociedade.(5) Então é isso e obrigada. **E como foi o relaxamento? Como eu já relatei, o relaxamento foi um momento rico onde a gente pode tá saindo de nossos corpos mentalmente, psicologicamente, pra que a gente pudesse refletir: como estamos? E como andamos? Então pra mim foi isso, o relaxamento nos trouxe esse... essa desenvoltura umas com as outras e pudemos, também, é... tá visitando os espaços onde a gente não visita fisicamente.**

Então pra mim foi isso, muito rico nessa questão de tá conseguindo adentrar outros espaços mesmo que só psicologicamente, mas foi um momento rico, um momento de ganho pro corpo humano, do nosso corpo, que eu pude relaxar, eu pude é... me conscientizar, eu pude tá fazendo diversas atividades enquanto o meu corpo estava relaxando, a minha mente estava viajando, então esse momento... esse foi um momento rico, um momento que a gente sempre é... deve tá levando em consideração porque a gente sabe que é pouco exercitado esse tipo de atividade, a gente têm que fazer mais e também tá interagindo uma com a outra no, intuito de tá fazendo essas reflexões.(6) Não, então é isso é. **O nome dela?** O nome dela é diversidade.

ZANELLY

É bem, meu desenho eu fiz voltado é mesmo o travesti, o travesti... mostrando realmente o que você é, que você quer que as pessoas te conheçam, te respeitem (4) e ali eu fiz como se fosse uma travesti na sua área de trabalho, sendo profissional do sexo, mas assim contudo divulgando, né? Eu fiz ali uns panfletinhos divulgando a travestis e a transexualidade, que a gente sabe, né? Que tem muita pessoa que é leiga nesse assunto, principalmente, com as pessoas que fazem esse tipo de trabalho a noite, pessoas que vão atrás né? E as vezes perguntando, então achei interessante colocar pra fazer um trabalho de informação sobre o sexo, né? **Das doenças, basicamente isso (4).** Educar eu acho que no sentido, não só... no caso da vestimenta também né [...] mas botar mesmo sua cara a tapa, mostrar mesmo quem você é, mas tem outros sentidos também sobre a transesualidade e a travestilidades (1). O Corpo Educação Travesti na relação com o gênero pode melhorar tudo, qualquer espaço e deixar algo de bom, algo de produtivo por onde passa(4). **Esse educar através não só do próprio corpo, mas também das formas com que ele se expressa, da forma mesmo... de uma forma bastante feminina e como pessoa quer que ela seja reconhecida na sociedade (1).** **O relaxamento:Foi bom, foi interessante o momento da viagem, eu viajei não só por um lugar, mas por vários lugares na qual passei, lembrei de alguns momentos ruins, momentos bons, mas que fizeram que eu me tornasse a pessoa que eu sou hoje, e faria tudo de novo, não me arrependo de nada do que eu fiz, e é isso. Nem botei... é corpo... educação, educação.**

LAURA

Eu vou falar sobre o meu corpo. **É falar sobre o seu corpo.** Falar sobre o que ele expressa? Assim, eu não sou uma pessoa muito criativa, né? (risos) Então, eu tentei fazer o máximo assim, né... eu até tenho um pouco, sentindo inveja das pessoas que tem esse dom da criação, por exemplo que sabe desenhar roupa, sabe fazer aqueles estilos, eu acho bem interessante, eu acho que é um dom, a pessoa já nasce com ele, esse dom da criação, da criatividade. Então, eu tentei expressar nesse corpo, eu acho que... **o que ele passa pra mim é assim... é uma mistura de sensual com o casual, é uma pessoa loira, mas não necessariamente branca, né? Mas uma pessoa... um corpo que pra mim, no meu entendimento ele me tem nessa mistura, né? De situações, de sensações, expressões e comportamentos. Então, ele expressa um comportamento meio que dubio, ele tem duas identidades, ele não sabe se ele é vulgar ou se ele é comportado, a gente não sabe se ele é do bem ou do mal, né, mas, ele, esse corpo pra mim representa é... algo que eu possa, que eu tenho, apesar de ser dubio, que eu tenho uma sensação confortável de tá dialogando com ele, né? Sem nenhum tipo de receio, sem nenhum tipo de situação ruim e negativa, que ele venha a fazer, com a minha vida.** Então pra mim foi mais esse retrato, né! De uma pessoa, **não tem nada a ver comigo (3)**, eu não quis me retratar, preferi retratar outra pessoa com qual... eu espero, né? Que realmente eu tenha conseguido alcançar é...expressar é o que essa

pessoa repassa para mim. **E qual a relação que você faz desse corpo com o educar? Que as pessoas estão sempre é.. aptas a mudança, que as pessoas elas aprendem com o tempo, alguns tipos de situações, as pessoas não estão... nascem de uma forma é... e permanecem daquela forma nesta área da educação, elas estão sempre aptas a aprender a ser pessoas melhores, né.. dependendo da situação que se apresenta na vida dela, e é essa a relação que eu faço, que as pessoas estão sempre aptas a aprender com a educação, né! E sempre se possível para o melhor, para o bem, para o crescimento pessoal e intelectual dessa pessoa (3). Certo, e como você pensa esse corpo para uma educação para o gênero? É assim... Porque essa questão de educar para o gênero ela é meio complexa, porque você tem que reeducar toda sua mente tudo que você aprendeu desde criança, o que é ser feminino e o que é ser masculino. Então, é importante quando você esclarece esse dialogo pra si mesmo e ai pra o meio, porque dessa forma você consegue discutir algo que até então é padronizado, não é discutido. Então se você força, digamos assim, as situações se você tenta inclui de alguma forma essa situação na discussão do dia-a-dia, você consegue de alguma forma tá colocando isso, você consegue de alguma tá levantando uma situação que é muito vetada tem muita resistência nos espaços de educação(1). **E o que pode esse corpo? Ele pode ser ousador, ele pode ser educador, ele pode ser colaborador, né.. para a educação das pessoas pra que elas aprendam dessa forma iniciar uma discussão trabalhada no respeito por esse recorte da questão do gênero(5). E você quer falar sobre o relaxamento, as brincadeiras? É sempre bom a gente está fazendo uma dinâmicas para poder esta quebrando a formalidade de qualquer tipo de processo, qualquer tipo de responsabilidade que a gente venha assumindo. Então esse processo de dinâmica incluindo o relaxamento é sempre bom, sempre é produtivo para que a gente entre em contato com algo que a gente muitas vezes deixa adormecido dentro da gente. (6)****

APÊNDICE E – ESTUDO DOS DADOS: CORPO DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO

Segundo procedimento de estudo dos dados na pesquisa sociocopoética. Neste momento é realizado o cruzamento entre as ideias dentro de cada categoria de análise.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	
CONFETOS DO EDUCAR NA RELAÇÃO COM O GÊNERO	
1.	Corpo sabedoria-flores do educar é o princípio de tudo na relação de gênero porque é o educar que começa com flores na cabeça que significa o desabrochar de coisas novas, de novas ideias. Este princípio inclui os elementos que tem no educar, reforçando a discussão do corpo educar para o gênero (1).
2.	Saia de chita do educar na relação de gênero é o educar tecido colorido genuíno do nosso país que têm a ver com diversidade. (1)
3.	Pés pretos da Sabedoria são o educar na relação de gênero escuro como cor que leva a sorte e leva a Trans pra “Ns” caminhos, pois além das cores, se precisa de muita sorte. (1)
4.	Educar calçado de sorte é a educação que acontece nas pessoas que, antes, não sabia de nada e, hoje, tem uma amplitude de linguagens e conhecimentos que adquiriu porque quis buscar, embora haja gente que não queira. (1)
5.	Educar na experiência é a tarefa diária de busca de informação e multiplicação dessas informações, por que é inválido saber de algo e guardar, tem que se dividir, fazer como se faz aqui no GPTRANS desde que a gente chegou, conversando umas com as outras, todo mundo com todo mundo, ouvindo a experiência da outra e aprendendo com a vivencia dela, porque ela viveu coisas que eu não vivi e é isso que eu tento fazer com as outras pessoas também é contar é passar o que aprendi, das coisas simples, acho que isso é que é educação. (1)
6.	Educar trans-água na relação com gênero é ter maleabilidade pra mudar e se adaptar onde estiver, na situação que estiver, sabendo se adequar até no amanhã.(1)
7.	Momento black do educar é educar as pessoas, querer passar a imagem de que se pode viver no dia ou na noite vários momentos, podendo mudar, ser doce ou salgada. Na noite você pode ser o que quer ser. De dia pode encarar, como eles fazem, uma segunda-feira careta, uma semana de trabalho, porque de dia é sempre lembrar pras pessoas que existe profissionalismo. De noite, quem não tem seus bichos? Como a música da Fernandinha Abreu que fala “que a noite cai, que tá na hora de se levantar e se divertir, que todos os gatos são pardos”. (1)
8.	Educar para a diversidade é multiplicar as cores pra manter o conteúdo da diversidade que é foco da trans. E através da diversidade, a trans inclui o gênero ao trabalhar o corpo feminino seja um vestido, um look, um desenho feminino. (1)
9.	Educar é levar às pessoas da sociedade independente de orientação sexual, identidade de gênero, religião, raça o conhecimento sobre as diversidades

existentes na sociedade e o respeito a identidade de gênero, ao corpo feminino (1).

10. **Educar na relação com o gênero** é a educação que não acontece somente no sentido da vestimenta *Trans*, mas em botar a cara a tapa, mostrar quem você é e outros sentidos sobre a transexualidade e a travestilidades (1).
11. **A educação travesti** na relação com o gênero é o educar que não se dá apenas no próprio corpo, mas também nas formas como se expressa o feminino, que é como a *Trans* quer ser reconhecida na sociedade(1).
12. **O educar Dérika na relação com o gênero** é complexo porque tem que reeducar o que você aprendeu desde criança: o que é ser feminino e masculino. Quando se esclarece essa questão, se consegue discutir algo que até então era padronizado, não era discutido. Mas se incluir a discussão no dia-a-dia, se consegue levar uma situação que era muito vetada, que tem muita resistência nos espaços de educação (1).
13. **Centro do corpo da sabedoria - região do peitoral** é o educar onde fica a diversidade de corações das **pessoas-bolas-coloridas**: suas emoções, os afetos e os sentimentos que carregam na relação com o gênero (1).
14. **Saia colorida do educar na relação de gênero** é o educar que fica na região do genital, que está relacionada ao prazer (1).

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

2, 8 e 9 são complementares:

Educar saia de chita para a diversidade na relação de gênero é o educar tecido colorido genuíno do nosso país que têm a ver com diversidade. É multiplicar as cores pra manter o conteúdo desta diversidade que é foco da *trans*. É levar às pessoas da sociedade independente de orientação sexual, identidade de gênero, religião e raça o conhecimento sobre as diversidades existentes na sociedade. E através da diversidade, a *trans* inclui o gênero e o respeito à identidade de gênero ao trabalhar o corpo feminino seja um vestido, um *look*, um desenho feminino.

As ideias **10 e 11** são complementares:

Educar travesti na relação com o gênero é a educação que não acontece somente no próprio corpo no sentido da vestimenta *Trans*, mas em botar a cara a tapa, mostrar quem você é, nas formas como se expressa o feminino e outros sentidos sobre a transexualidade e a travestilidade que é como a *Trans* quer ser reconhecida na sociedade.

As ideias **4 e 12** são complementares:

Educar Dérika calçado de sorte na relação com o gênero é a educação que acontece nas pessoas que não sabia de nada antes e é complexo porque tem que reeducar o que se aprendeu desde criança: o que é ser feminino e masculino. Quando se esclarece essa questão, se consegue discutir algo que até então era padronizado, não era discutido. E, hoje, tem uma amplitude de linguagens e conhecimentos que se adquiriu porque quis buscar, embora **haja gente que não queira**. Este educar inclui a discussão no dia-a-dia e se consegue levar uma situação que era muito vetada, que tem muita resistência nos espaços de educação (1).

IDEIAS DIVERGENTES

A **ideia 5** é divergente das **ideias 4 e 12** por que são práticas educativas que ocorrem diariamente com intuito diferente:

Porque na **ideia 5** a prática educativa passa pela experiência das outras trans, o que se faz no GPTRANS. É passar o conhecimento conversando umas com as outras. Nas **ideias 4 e 12** é a prática educativa que ocorre com pessoas que não sabem de nada e que tem que ser reeducada na questão de gênero.

IDEIAS OPOSTAS

As **ideias 10 e 11** são opostas as **ideias 2, 8 e 9**:

Educar travesti na relação com o gênero não é unânime na questão de que o respeito a identidade de gênero e ao corpo feminino não acontece somente no trabalhar a vestimenta, o *look*... É preciso diz nas **ideias 10 e 11** que se bote a cara a tapa, mostre quem você é e outros sentidos sobre a transexualidade e a travestilidades (1).

CONCEITOS DE PESSOAS DO EDUCAR

15. **Pessoas-bolas-coloridas do educar na relação com o gênero** com os corações na frente do corpo são mais afetuosas porque tem esse olhar para o outro (3).
16. **Derika do Educar** é uma pessoa, é uma mistura do sensual com o casual. Uma mistura de sensações, expressões e comportamentos dúbios. Ela tem duas identidades, não sabe se é vulgar ou comportada, se é do bem ou do mal. Mas apesar de ser dúbia passa uma sensação confortável ao permitir um diálogo sem nenhum tipo de receio, sem nenhum tipo de situação ruim e negativa, que venha a fazer com a vida Trans (3).
17. As pessoas do educar na relação com o gênero estão aptas a mudanças, a aprender com o tempo, com as situações. As pessoas nascem de uma forma mas não permanecem daquela forma na área da educação, elas estão aptas a serem pessoas melhores, para o bem, para seu crescimento pessoal e intelectual (3).

CRUZAMENTO DE IDEIAS

15, 16 e 17 são divergentes entre si porque na **ideia 15** a pessoa é mais afetuosas e tem o olhar para o outro; na **16** a pessoa possui duas identidades, uma mistura do sensual com o casual e comportamento dúbio; na **17** as pessoas estão aptas para a aprender com o tempo e com as situações.

SENTIDOS PARA O CORPO TRANS

18. **O corpo trans** leva o conhecimento para a sociedade sobre o que é educação e o respeito às diversidades e também a identidade de gênero, mesmo sabendo que a sociedade, hoje, já respeita, têm várias leis que compreendem as mulheres. Porém, a gente sabe que na efetividade não é assim, está sendo construído aos poucos, porque as mulheres ocupam mesmo cargo que homens e recebem menores salários. (4)

19. **Educadora saia de chita para o gênero** têm que ter prazer em ser diversa e em conviver com a diversidade do mundo.(4)
20. **Educadora calçada de sorte** é a educadora que, no processo de educação, precisa de pés calçados de sorte para levar conhecimento de gênero, que não é só dela com as outras trans, é também da gente com a gente mesmo, é da gente com o resto do mundo, é da gente com os nossos semelhantes, daquele e daquelas que são do nosso gênero também porque não se consegue sozinha, precisa-se da outra pra saber como aconteceu consigo. (4)
21. **Educadora Trans calçada de sorte** precisa proporcionar o saber calçado de sorte pra as pessoas que não querem, isso é uma coisa diária que precisa ser debatida todo dia, por isso eu acho que pra construir toda essa sabedoria em meio de toda essa diversidade que se fazem no processo de educação precisa, principalmente, de sorte pra que a gente vá por caminhos bons. (4)
22. **Educadora Trans Água** é vida fluida, perecível, tem característica de mudar sempre de forma e pode se imaginar sendo outra coisa, como se fosse água nos três estados: a gente no estado sólido fica; no líquido escorre e no vaporoso fica no ar e é superior a tudo. Eu imaginei que tem hora que a gente estar, fica aquela coisa retida; têm hora que a gente não consegue se integrar de tão espatifado que a gente está e tem horas que a gente está superior de tanta fluidez, de tanta leveza. (4)
23. **Momento black do corpo trans** é quando a trans sai de preto pra noite e ela se pergunta: O que é que vai? Como é que estou saindo? O quê que vai acontecer? Como é que eu vou chegar em casa? Qual a experiência? Do que é que vou ter de passar com o meu momento que eu tô de preto? O que é que passa com as pessoas? Como será a maquiagem, estranha? É sempre o imaginário, uma mistura da moda com a noite, com as músicas. Neste momento a trans está sempre em movimento como um clipe da sua vida. (4)
24. A travesti mostra o que é, o que quer que as pessoas conheçam e respeitem sobre ela (4)
25. **Educadora travesti profissional do sexo**, na sua área de trabalho, distribui panfletinhos divulgando travestis e a transexualidade para pessoas que vão atrás, pois tem muita pessoa que é leiga nesse assunto, principalmente, com as pessoas que fazem esse tipo de trabalho a noite. Então, achei interessante fazer um trabalho de informação sobre o sexo, sobre as doenças.(4)
26. O **Corpo Educação Travesti** na relação com o gênero pode melhorar tudo, qualquer espaço e deixar algo de bom, algo de produtivo por onde passa (4).
27. O **corpo trans** é a diversidade e o respeito ao gênero (4)

19 e 27 são complementares:

Educadora corpo trans saia de chita é diversidade e respeito ao gênero por isso têm que ter prazer em ser diversa e em conviver com a diversidade do mundo.

22 e 23 são complementares:

Educadora Trans Água é vida fluida, precível, tem característica de mudar sempre de forma e pode se imaginar sendo outra coisa, como se fosse água nos três estados: a gente no estado sólido fica; no líquido escorre e no vaporoso fica no ar e é superior a tudo. Eu imaginei que tem hora que a gente estar, fica aquela coisa retida; têm hora que a gente não consegue se integrar de tão espatifado que a gente está e tem horas que a gente está superior de tanta fluidez, de tanta leveza. Por exemplo, no **Momento black do corpo trans** é quando a trans sai de preto pra noite e ela se pergunta: O que é que vai? Como é que estou saindo? O quê que vai acontecer? Como é que eu vou chegar em casa? Qual a experiência? Do que é que vou ter de passar com o meu momento que eu tô de preto? O que é que passa com as pessoas? Como será a maquiagem, estranha? É sempre o imaginário, uma mistura da moda com a noite, com as músicas. Neste momento a trans está sempre em movimento como um clipe da sua vida.

24, 25 e 26 são complementares:

Corpo Educação Travesti na área de trabalho, sendo profissional do sexo, distribui panfletinhos divulgando travestis e transexualidade para pessoas que vão atrás, pois tem muita pessoa que é leiga nesse assunto, principalmente, com as pessoas que fazem esse tipo de trabalho a noite. Ela mostra o que é, o que quer que as pessoas conheçam e respeitem sobre ela, de modo que na relação com o gênero o corpo travesti pode melhorar tudo, qualquer espaço e deixar algo de bom, algo de produtivo por onde passa como fazer trabalho de informação sobre o sexo, sobre as doenças.

As ideias **18 e 20** são complementares:

Educadora trans calçada de sorte leva o conhecimento para a sociedade sobre o que é educação e o respeito às diversidades e também a identidade de gênero, mesmo sabendo que a sociedade, hoje, já respeita, tem várias leis que compreendem as mulheres. Porém, a gente sabe que na efetividade não é assim, está sendo construído aos poucos, porque as mulheres ocupam o mesmo cargo que homens e recebem menores salários. Neste processo de educação, esta educadora precisa de pés calçados de sorte para levar este conhecimento de gênero, que não é só dela com as outras trans, é também da gente com a gente mesmo, é da gente com o resto do mundo, é da gente com os nossos semelhantes, daquele e daquelas que são do nosso gênero também porque não se consegue sozinha, precisa-se da outra pra saber como aconteceu consigo.

IDEIAS DIVERGENTES

As ideias **18 e 20** divergem das ideias **24, 25 e 26**:

Porque levam o conhecimento trans de modo diferente. Nas primeiras ideias a o corpo da travesti leva o conhecimento para as pessoas na sua área de trabalho especialmente a noite. Ela mostra o que é e o quer as trans para os leigos. E nas

ideias **24, 25 e 26** as educadoras trans levam o conhecimento para toda a sociedade e precisa de sorte para isto tendo vista que este conhecimento não é só delas com as outras trans, é também da gente com a gente mesmo, é da gente com o resto do mundo, é da gente com os nossos semelhantes, daquele e daquelas que são do nosso gênero também porque não se consegue sozinha, precisa-se da outra pra saber como aconteceu consigo.

O QUE PODE O CORPO

28. O **corpo da Trans Sabedoria** pode muitas coisas quando está munido de sorte, de sabedoria, da partilha, da experiência, de todas essas coisas e vai poder enfrentar muitos obstáculos, porque o mundo não aceita esse corpo com essa sabedoria, com esse conhecimento, com essa diversidade. Mas, tendo esses elementos, ele vai se dá muito bem, vai poder proporcionar uma melhoria pro mundo não de forma individual, mas para vários outros corpos que precisam se formar com ele. Por isso, escolhi o nome do meu corpo de sabedoria porque todos esses elementos vão levar pra isso aqui. (5)
29. O **momento black do educar** na relação com o gênero trans pode se modificar a qualquer momento. Pode ficar depressiva, pode ser magra, gorda, ser feia, bonita, ser chamada de princesa, de lacoste, de dragão, de la corsa. (5)
30. **Os poderes do corpo trans momento black:** 1. pode usar um salto de acrílico, um salto de ferro pra suportar o peso do mundo, do seu corpo. 2. pode mudar de acordo com a moda: ser magra, ou como antigamente ser gorda. Ter vários momentos. Na relação com o gênero, ela pode ser tranquila, ser eclética, ser feminina, ser masculina.(5).
31. O **corpo educadora trans** pode ser atrevida por levar conhecimentos e está conquistando o seu lugar no espaço sem discriminação por orientação sexual e identidade de Gênero. Pode ser atrevida por ir às escolas, por procurar um bom trabalho e ser recebida, por colaborar para a construção da cidadania e dos direitos humanos, pois se sabe que pessoas Trans quando se identificam com o gênero feminino e começam a querer respeito por sua identidade de gênero são discriminadas. Mas não se pode focar apenas em uma população específica da identidade de gênero, é no respeito às identidades, às populações (5)
32. O **corpo Dérika do educar** pode ser ousado, educador, colaborador para educar as pessoas pra que elas aprendam a iniciar uma discussão trabalhada no respeito pelo recorte da questão do gênero (5).

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias **29 e 30** são complementares:

Poderes do corpo trans no momento *black* do educar na relação com o gênero a

trans pode se modificar a qualquer momento. Pode ficar depressiva, pode ser magra, gorda, ser feia, bonita, ser chamada de princesa, de lacoste, de dragão, de la corsa. Pode usar um salto de acrílico, um salto de ferro pra suportar o peso do mundo, do seu corpo. Pode mudar de acordo com a moda: ser magra, ou como antigamente ser gorda. O gênero trans pode ter vários momentos: ela pode ser tranquila, ser eclética, ser feminina, ser masculina.

As ideias **31 e 32** são complementares:

O **corpo Dérika do educar trans** pode ser atrevida por ir às escolas, por procurar um bom trabalho e ser recebida. Pode ser educadora e colaboradora para que as pessoas aprendam a iniciar uma discussão trabalhada no respeito pelo recorte da questão de gênero, na construção da cidadania e dos direitos humanos, pois se sabe que pessoas Trans quando se identificam com o gênero feminino e começam a querer respeito por sua identidade de gênero são discriminadas. Portanto, pode ser atrevida por levar conhecimentos e está conquistando o seu lugar no espaço sem discriminação por orientação sexual e identidade de Gênero. Mas a construção da cidadania e dos direitos humanos não pode focar apenas em uma população específica da identidade de gênero, tem que ter um foco mais amplo no respeito às identidades, às populações.

IDEIAS OPOSTAS :

A ideia **28** é oposta às ideias **31 e 32**:

Porque na **ideia 28 Corpo trans sabedoria** pode muitas coisas quando se tem sorte, sabedoria, partilha de experiências, pois, com todas essas coisas pode-se enfrentar muitos obstáculos do mundo que não aceita a Trans.

E nas ideias 31 e 32 Corpo Dérika trans do educar pode-se ir às escolas, a um bom trabalho e ser recebida. Pode-se ser educadora e colaboradora para que as pessoas aprendam a questão do gênero, da cidadania e dos direitos humanos. Pois, a Trans está conquistando o seu lugar no espaço sem discriminação de gênero e orientação sexual.

SENTIDOS E SENTIMENTOS DO RELAXAMENTO

33. A experiência do relaxamento foi um alimento pro dia que nem todo dia a trans tem. Experiência que fez com que a trans ganhasse identidade espiritual, uma coisa forte que a deixou mais preparada pra o dia. (6)
34. Na viagem imaginaria, me senti entrando dentro de um espelho e esse espelho se quebra em pedacinho, depois eu desenho meu corpo todinho em outra formula, de outro espelho, mas com o meu corpo (6)
35. O relaxamento foi um momento rico onde a gente pode tá saindo de nossos corpos mentalmente, psicologicamente, pra que a gente pudesse refletir: como estamos? E como andamos? Nos trouxe desenvoltura umas com as outras e pudemos tá visitando os espaços onde a gente não visita fisicamente, conseguindo adentrar outros espaços mesmo que só psicologicamente. Foi um momento rico, de ganho pro nosso corpo que pode relaxar, se conscientizar, viajar. A gente sabe que é pouco exercitado para esse tipo de atividade, têm que fazer mais e interagir uma

com as outra no intuito de está fazendo essas reflexões.(6)

36. No relaxamento foi interessante, pois viajei não só por um lugar, mas por vários lugares na qual passei. Lembrei de momentos ruins e bons, que fizeram com que me tornasse a pessoa que eu sou hoje. Faria tudo de novo, não me arrependo de nada do que eu fiz. (6)

37. Sobre o relaxamento, as brincadeiras é sempre bom a gente está fazendo para poder quebrar a formalidade de qualquer tipo de processo, qualquer tipo de responsabilidade que a gente tenha assumindo. Então esse processo de dinâmica incluindo o relaxamento é sempre bom, sempre é produtivo para que a gente entre em contato com algo que a gente muitas vezes deixa adormecido dentro da gente. (6)

CRUZAMENTO ENTRE AS IDEIAS

As ideias **35 e 37** são complementares:

O relaxamento foi um momento rico onde a gente pôde sair de nossos corpos mentalmente, psicologicamente, pra que a gente pudesse refletir: como estamos? E como andamos? Trouxe-nos desenvoltura umas com as outras e pudemos visitar os espaços onde a gente não visita fisicamente, conseguindo adentrar outros espaços mesmo que só psicologicamente. Foi um momento rico, de ganho pro nosso corpo que pôde relaxar, se conscientizar, viajar. É sempre bom a gente está fazendo para poder quebrar a formalidade de qualquer tipo de processo, qualquer tipo de responsabilidade que a gente tenha assumindo. Então esse processo de dinâmica incluindo o relaxamento é bom, é produtivo para que a gente entre em contato com algo que a gente muitas vezes deixa adormecido dentro da gente. A gente sabe que é pouco exercitado para esse tipo de atividade, têm que fazer mais e interagir uma com as outra no intuito de está fazendo essas reflexões.

A ideia 36 é ambígua por que lembra de momentos ruins e bons ao mesmo tempo.

No relaxamento foi interessante, pois viajei não só por um lugar, mas por vários lugares na qual passei. Lembrei de momentos ruins e bons, que fizeram com que me tornasse a pessoa que eu sou hoje. Faria tudo de novo, não me arrependo de nada do que eu fiz.” (6)

APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE DOS PESQUISADORES

Declarações dos(s) Pesquisador(es)

Ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade Federal do Piauí

Eu (nós), LUCIVANDO RIBEIRO MARTINS e SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD, pesquisador(es) responsável(is) pela pesquisa intitulada “**ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRACQUES**: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMA AÇÃO”, declaro (amos) que:

- Assumo (imos) o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 466/12, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).
- Assumo (imos) o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade da **Profª Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad** da área de **Fundamentos da Educação da UFPI**; que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa.
- não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
- os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- o CEP-UFPI será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- o CEP-UFPI será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Teresina, ___ de _____ de 20__

Lucivando Ribeiro Martins - 032.919.773-86.

Pesquisador responsável (assinatura, nome e CPF)

Shara Jane Holanda Costa Adad - 240.296.703-00

Demais pesquisadores (assinatura, nome e CPF)

APÊNDICE G - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Grupo Piauiense de Transexuais e Travestis – GPTRANS é uma entidade representativa das pessoas Transexuais e Travesti do Estado do Piauí, que atua na luta pelos direitos humanos, pela inclusão social e educação comportamental de mudanças de comportamento frente ao uso de drogas e infecção pelo vírus HIV/AIDS.

Como presidente responsável pelo GRUPO PIAUIENSE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – GPTRANS, estou de pleno acordo que este grupo seja COPARTICIPANTE da pesquisa: “ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRACQUES: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMA AÇÃO” de responsabilidade do Mestrando Lucivando Ribeiro Martins, tendo como pesquisadora participante, a Profª Dra Shara Jane Holanda Costa Adad, e que tem como objetivo geral: Analisar o pensamento das educadoras sociais Trans, por meio dos confetos produzidos, sobre suas experiências educativas *queer* no projeto social TRANS FORMA AÇÃO na cidade de Teresina-PI. A pesquisa contará com 5 participantes Travestis e Transexuais, educadores sociais do projeto TRANS FORMA AÇÃO. Caso contrário, a qualquer momento, esta autorização poderá ser revogada, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo à instituição, ou ainda, que não recebemos qualquer pagamento por esta situação, assim como os participantes também não o receberão.

Teresina, 05 de Maio de 2015;


Atenciosamente,

Joseane Borges
Josias Gomes Santos Borges
CPF 004.907.493-80
Presidente

CNPJ: 15.167.784/0001-14

Rua: 19 de Novembro nº 4158 Bairro: Real Copagre – Teresina/PI CEP: 64002-540

Email: presidencia.gptrans@gmail.com

Fones: (86) 8819-3268/8827-0664/9446-4313/9967-3810

APÊNDICE H - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR MARIANO DA SILVA NETO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)- SALA N° 416
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA – ININGACEP 64.049-550 – TERESINA-
 PIAUÍ
 TELEFONES:(86) 3215-5820 – FoneFAX: (86) 3237-1277. E-MAIL: educmest@ufpi.br

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRACQUES: a produção de confetes sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMA AÇÃO

Pesquisador responsável: Lucivando Ribeiro Martins

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí/Programa de Pós-Graduação em Educação

Telefone para contato: (86) 9995-7839

Local da coleta de dados: Grupo Piauiense de Travestis e Transexuais

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados, por meio de gravações, filmagens e oficinas de produção de dados com as Educadoras Sociais (Travestis e Transexuais) do Grupo Piauiense de Travestis e Transexuais – GPTRANS. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no (a) Universidade Federal do Piauí/Observatório de Juventudes e Violência nas Escolas por um período de seis meses sob a responsabilidade do (a) Sr. (a) Shara Jane Holanda Costa Adad .Após este período, os dados serão destruídos.

Teresina, 09 de julho de 2015

Lucivando Ribeiro Martins

Lucivando Ribeiro Martins

RG:2.777.961 SSP/PI

CPF:032;919.773.86

APÊNDICE H - CARTA DE ENCAMINHAMENTO

Teresina, 09 / 06 / 2015

Ilma Sra.
Prof.^a MSc^a Adrianna de Alencar Setubal Santos.
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI

Cara Prof.^a,

Estou enviando o projeto de pesquisa intitulado: **“ENTRE OCÓS, TRUQUES E ATRACQUES: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMA AÇÃO”**, para a apreciação por este comitê.

Confirmando que todos os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa realizaram a leitura e estão cientes do conteúdo da resolução 466/12 do CNS e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004).

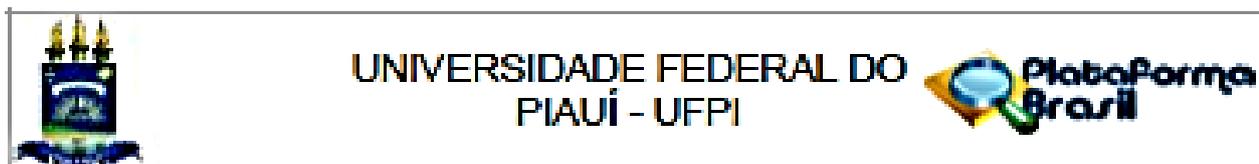
Confirmando também:

- 1- que esta pesquisa ainda não foi iniciada,
- 2- que não há participação estrangeira nesta pesquisa,
- 3- que comunicarei ao CEP-UFPI os eventuais eventos adversos ocorridos com o voluntário,
- 4- que apresentarei relatório anual e final desta pesquisa ao CEP-UFPI,
- 5- que retirarei por minha própria conta os pareceres e o certificado junto à secretaria do CEP-UFPI.

Atenciosamente,

Assinatura: *Lucivando Ribeiro Martins*
Nome: Lucivando Ribeiro Martins
CPF: 032.919.773-86
Instituição: Universidade Federal do Piauí
Área: EDUCAÇÃO
Departamento: Programa de Pós-Graduação em Educação

APÊNDICE I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRE OCÔS, TRUQUES E ATRACQUES: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMA AÇÃO

Pesquisador: LUCIVANDO RIBEIRO MARTINS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 46281315.2.0000.5214

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.144.296

Data da Relatoria: 08/07/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto apresenta uma proposta de pesquisa de mestrado, intitulada: "ENTRE OCÔS, TRUQUES E ATRACQUES: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais Trans no projeto TRANS FORMA AÇÃO". Justifica a relevância do estudo pelo fato que este ecoará como um dispositivo de resistência contra aos preconceitos, violências físicas e simbólicas praticadas contra Trans. Também permitirá que travestis e transexuais sejam vistas como vidas possíveis, como potencia diante de seus limites e possibilidades nos espaços institucionais. Ademais, será um trabalho que permitirá que pensemos as educadoras sociais Trans como disparadores/agenciadores de pensamentos que mobilizam novos modos de educar na contemporaneidade. Portanto permitirá problematizações de uma educação para/com/pelas diferenças.

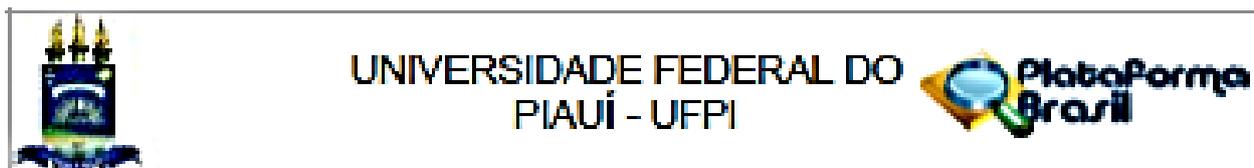
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar o pensamento das educadoras sociais Trans, por meio dos confetos produzidos, sobre suas experiências educativas queer no projeto social TRANS FORMA AÇÃO na cidade de Teresina-PI.

Objetivo Secundário:

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2932 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Pincar: 1.144.268

- Identificar o que se faz problema nas experiências educativas queer das Trans enquanto educadoras sociais do Grupo de Travestis e Transexuais do Piauí em Teresina-PI;
- Identificar que dispositivos pedagógicos criam as educadoras sociais Trans ao produzirem pensamento sobre suas experiências educativas queer nos espaços onde atuam;
- Possibilitar outras formas de pensar os processos sexopolíticos Trans no encontro com as formar Instituídas de pensar esta sexualidade;
- Mapear os saberes elaborados pelas TRANS sobre suas experiências educativas queer de educadoras sociais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos e a forma de contamá-los estão descritos no TCLE

Benefícios:

O principal impacto desta pesquisa está na dimensão política que valorizará a fala das Trans em seus espaços de sociabilidade de modo a priorizar seus saberes sobre as problemáticas que envolvem o seu modo de existência. Outro impacto importante será a socialização dos dados produzidos entre as Trans da pesquisa, centros de referência, escolas e comunidade acadêmica. Além disso, com esta pesquisa espera-se possibilitar às/aos

envolvidos a apropriação da prática da Sociopoética – abordagem filosófica que trabalha com o corpo todo, utilizando a arte e em grupo para favorecer a produção de conceitos (conceitos + afetos) sobre um tema-gerador. Assim, as Trans que participarem da pesquisa poderão torna-se multiplicadores da Sociopoética, utilizando sempre que se fizer necessário o conhecimento, em um grupo, de determinada problemática. No âmbito

do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação, Gênero e Cidadania - NEPEGECI espera-se fortalecer os debates acerca das Travestilidades e Transexualidades, no âmbito da educação, favorecendo assim sua inserção nas práticas educativas na escola e fora destas, visto que esta pesquisa nos permite pensar sobre isso.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa baseada no método sociopoético visto que é um novo método de construção coletiva do conhecimento que tem como pressupostos básicos que todos os saberes são iguais em direito e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento político. A sociopoética acontece, por meio de oficinas de produção de dados, que devem ser permeadas pelos cinco princípios, quais sejam: pesquisar entre as pessoas de um grupo; pesquisar com as culturas de resistência, das categorias e dos conceitos que produzem; pesquisar

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUI - UFPI



Continuação do Parecer: 1.144.298

com o corpo todo; pesquisar utilizando técnicas

artísticas e a importância da responsabilidade ética, noética e espiritual do grupo-pesquisador no momento do processo de pesquisa. A pesquisa será realizada junto ao Grupo Piaulense de Travestis e Transexuais - GPTRANS em particular, o projeto TRANS FORMAÇÃO. O universo populacional será constituído por Educadoras Sociais Trans(Travestis e Transexuais) da cidade de Teresina. Dentre esse universo serão selecionadas 5

Educadoras Sociais Trans(Travestis e Transexuais). Define como critérios de inclusão serem Educadoras Sociais Trans(Travestis e Transexuais). Os dados serão coletados por meio de oficinas junto às copesquisadoras Trans onde o/a facilitador/a fará uso de dispositivos artísticos pensados para agenciar a produção de confetos nos procedimentos das oficinas. Posterior às oficinas, acontecerá a análise dos dados pelas copesquisadoras. Em seguida, haverá o momento destinado ao estudos dos mesmos pelo ou pela facilitador/a que comumente nas pesquisas tradicionais é chamado de análise dos dados. Em seguida, realizar-se-á a oficina de contra-análise, momento em que o grupo pesquisador estuda criticamente as hipóteses dos facilitadores sobre o seu pensamento (sobre o Inconsciente do seu pensamento!) (GAUTHIER, 2012, p. 77)*.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A proposta apresenta os componentes básicos exigidos por uma pesquisa acadêmica, referencial teórico que dará sustentação ao estudo, bem como os aspectos éticos do estudo, cronograma e orçamento afirmando ser financiada com recursos próprios, ainda que nas informações básicas a referência ao risco seja a indicação de que estão descritos do TCLE. Os objetivos estão coerentes com a proposta de estudo. O coordenador é docente da UFPI com experiência na temática evidenciada e se compromete cumprir os termos da Resolução CNS nº 466/12 - e zelar pela privacidade e confidencialidade dos dados.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CIEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUI - UFPI



Continuação do Parecer: 1.144.288

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP aguarda o envio dos relatórios parciais e final da pesquisa.

TERESINA, 09 de Julho de 2015

Assinado por:
Adrianna de Alencar Setubal Santos
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.040-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (88)3237-2332 Fax: (88)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br